

JOÃO RAFAEL MORAES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL:
o percurso historiográfico de Warren Dean**

**ASSIS
2013**

JOÃO RAFAEL MORAES DE OLIVEIRA

**HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL:
o percurso historiográfico de Warren Dean**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – UNESP - Universidade Estadual Paulista,
para a obtenção do título de Doutor em História
(Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Paulo Henrique Martinez

**ASSIS
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

O48h Oliveira, João Rafael Moraes de
História ambiental no Brasil: o percurso historiográfico de
Warren Dean / João Rafael Moraes de Oliveira. Assis, 2013
281 f. : il.

Tese de Doutorado – Faculdade de Ciências e Letras de
Assis – Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Paulo Henrique Martinez

1. Dean, Warren, 1932- 2. Amazônia – Aspectos ambientais. 3. Historiografia. 4. Literatura ambiental – História e crítica. 5. Mata atlântica. 6. Política ambiental - Brasil.

I.Título

CDD 333.7

JOÃO RAFAEL MORAES DE OLIVEIRA

HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL: o percurso historiográfico de
Warren Dean

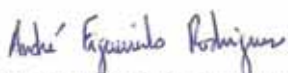
Tese apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para
obtenção do título de Doutor em
História. (Área de Conhecimento:
História e Sociedade)

Data da Aprovação: 13/08/2013

COMISSÃO EXAMINADORA



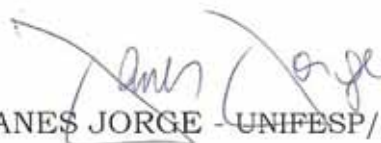
Presidente: PROF. DR. PAULO HENRIQUE MARTINEZ - UNESP/Assis



Membros: PROF. DR. ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES - UNESP/Assis



PROFA. DRA. CÉLIA REIS CAMARGO - UNESP/Assis



PROF. DR. JANES JORGE - UNIFESP/São Paulo



PROFA. DRA. DORA SHELLARD CORRÊA - UNIFIEO/Osasco

Dedico este trabalho a meus familiares e aos 10 anos do
LABHIMA - *Laboratório de História e Meio Ambiente*,
Departamento de História / Unesp-Assis

AGRADECIMENTOS

Ao final de um longo período de trabalho de elaboração de uma tese de doutorado, a primeira conclusão a que cheguei foi que não seria possível empreendê-la sem a ajuda inestimável de muitas pessoas e instituições; sem as inúmeras demonstrações de carinho e amizade. São para elas os meus mais sinceros agradecimentos.

Ao meu orientador Paulo Henrique Martinez, por sua motivação, dedicação e disponibilidade, um amigo que me deu o prazer e o privilégio de sua orientação desde a iniciação científica.

À minha família, que sofreu comigo as angústias e incertezas desse percurso, dando força e incentivo. Ainda de modo especial agradeço a Viviane do Amaral Ferini Oliveira, companheira que não deixou faltar ânimo e a coragem necessária para concluir essa empreitada. Ela foi, além de tudo, uma fundamental “assistente de pesquisa” em Nova York. Este trabalho também é dedicado a ela.

Aos amigos que me acompanharam nessa jornada, pela experiência de vida, idéias, conselhos e críticas. Janes Jorge, Carlos Alberto Menarin, Roger Colácios, Marcio Bertazi, Amilson Barbosa Henriques e Paulo Divino, foram os mais próximos, companheiros do grupo de estudos do *Laboratório de História e Meio Ambiente* da UNESP/Assis.

Às pessoas que foram extremamente gentis e prestimosas durante o meu estágio de pesquisa em Nova York, em janeiro de 2012: Kirsten Schulz, Bárbara Weinstein, Scott Mori, Ralph Della Cava, Roberta Delson, Elizabeth Dean, Judith Dean e Thomas Dean. A Karin Burrell e Marie Long, em nome de quem agradeço, respectivamente, aos funcionários do *King Juan Carlos Center* da *New York University* e *The LuEsther T. Mertz Library* do *New York Botanical Garden*, os quais me acolheram com carinho e não mediram esforços para juntar documentos e informações a respeito de Warren Dean.

Agradeço também aos diversos colaboradores que me atenderam e responderam gentilmente meus questionários, dúvidas e inquietações, em entrevistas, e-mails e conversas. A lista é realmente longa para caber neste curto espaço e eu não me atreveria a cometer injustiças. Espero que as citações no corpo do texto e o *quadro de entrevistas* no apêndice deste trabalho façam jus à lembrança de todos.

Aos professores José Luis Bendicho Beired e Janes Jorge pelos questionamentos, correções e apontamentos no exame de qualificação.

Às instituições que me permitiram desenvolver o trabalho: à Faculdade de Ciência e Letras – UNESP/Assis e todos os funcionários e professores que de uma maneira ou de outra

contribuíram para minha formação e deram suporte necessário; aos profissionais da Biblioteca da UNESP de Botucatu/Lageado, que ajudaram a fazer deste espaço público de estudos um lugar confortável e aconchegante durante a fase de conclusão da tese; sem as bolsas de estudo não seria possível desenvolver a pesquisa, por isso agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida no primeiro ano do curso e, sobretudo à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) que financiou o período restante, o que permitiu a minha viagem aos Estados Unidos.

A todas e todos, um grande e fraternal abraço.

“A primeira regra de uma intromissão inteligente é preservar todas as peças”.

(Atribuído a Aldo Leopold)

“You mustn't do something irreversible unless you've thought about it very carefully”.

(Warren Dean, 1990)

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. *História Ambiental no Brasil: o percurso historiográfico de Warren Dean*. 2013. 281f. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2013.

Resumo

A história ambiental no Brasil é nova e diversifica. Carece, ainda, de pesquisas pormenorizadas, que dêem atenção ao específico, que particularizem as contribuições de cada autor para o estabelecimento do campo. Enfrentou-se, neste trabalho, o desafio de lançar luz sobre a trajetória e a obra de história ambiental de Warren Dean (1932-1994), a partir de um exame crítico de material bibliográfico diverso e fontes orais. Ao incorporar as variáveis ambientais em seus estudos, buscando compreender as relações históricas entre a sociedade brasileira e o meio ambiente, esse brasilianista norte-americano produziu trabalhos inovadores sobre a produção de borracha na Amazônia e o desflorestamento da Mata Atlântica, muito mencionados, porém pouco estudados. Ofereceu uma interpretação do passado, refletindo sobre os problemas colocados pelo presente, com base nos temas do “desenvolvimento econômico” e da “degradação ambiental”. No plano analítico, empregou a “fórmula” *from the origins to the present*, denotando certo sentido “pragmático” e “presentista”. O rigor objetivista dá lugar a uma intencionalidade, a uma vontade de transformação da realidade. A história ambiental assume um caráter utilitário, de servir para atenuar o impacto na sociedade no futuro. Em termos de escala, o internacionalismo propiciado pela questão ecológica forçou um deslocando no eixo focal de Warren Dean, do domínio do regional/nacional para o internacional/global. Implícita, neste deslocamento, está a defesa de uma ética ecológico-global, apontando-se na direção de uma cooperação internacional, no contexto de Guerra-Fria e de tendências nacionalistas. Já no âmbito metodológico, a sua história ambiental caracterizou-se, fundamentalmente, pelo amplo diálogo com as ciências naturais, agrárias e com a geografia, e pelo trabalho de campo, baseado em observações e entrevistas. Legou uma obra precursora, lição de pesquisa e engajamento. Com ela consagrou seu nome na historiografia ambiental brasileira, para a qual contribuiu de forma inovadora.

Palavras-chave: História Ambiental, Warren Dean, Brazilianismo, Mata Atlântica, Amazônia.

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. *Environmental History in Brazil: Warren Dean's historiographical journey*. 2013. 281f. Thesis (Ph.D in History). – Faculty of Sciences and Languages of UNESP, Assis, 2013.

Abstract

Environmental history is new in Brazil and diversifies. In this field, it is still missing detailed research that brings particular attention to the specific, to the contributions of each author to the establishment of the field. In this work, we emphasized Warren Dean's life journey (1932-1994) and mainly his work on environmental history, performing a critical examination of bibliographic material and diverse oral sources. By incorporating environmental variables in his studies, seeking to understand the historical relations between Brazilian society and the environment, this American Brazilianist produced innovative work on rubber production in the Amazon and on deforestation of the Atlantic Forest, both subjects much mentioned but little studied. Offered an interpretation of the past, reflecting problems brought by it, based on themes as "economic development" and "environmental degradation." At the analytical level, he used the "formula" *from the origins to the present*, showing a "pragmatic" and "present" sense. The objective rigor opens to an intention, a desire of changing reality. Environmental history assumes a utility trace, serving to mitigate the impact on society in the future. In terms of scale, international character provided by ecological issues forced a modification on the focal analysis of Warren Dean, from the regional / national to the international / global field. The defense of a global ecological ethic is implicit in this alteration, indicating to an international cooperation in the context of the Cold War and to nationalist tendencies. In the methodological framework, Warren Dean's environmental history was characterized primarily by the broad dialogue with the natural sciences, agricultural and geography, and by the field work, based on observations and interviews. The author left an innovative work, lesson of research and engagement. He consecrated his name in Brazilian environmental historiography, contributing to an innovative direction.

Key-words: Environmental History, Warren Dean, Brazilianism, Brazilian Atlantic Forest, Amazon.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quantidade de publicações de Warren Dean por tipologia.....	60
Quadro 2: Editoras e outros canais de publicação.....	61
Quadro 3: Áreas e tópicos que compõem o conjunto da obra de Warren Dean.....	63
Quadro 4: Tópicos de cursos de Warren Dean na New York University (1970-1994).....	76
Quadro 5: Aulas do curso oferecido por Warren Dean em Assis, em 1975.....	79
Quadro 6: Cursos do NYBG nos quais Warren Dean foi matriculado (1981-1989).....	108
Quadro 7: Relação de entrevistas realizadas por Warren Dean entre 1981 a 1992.....	147
Quadro 8: Publicações das seções que compuseram o livro <i>With Broadax and Firebrand</i> ..	155

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Produção bibliográfica de Warren Dean por áreas.....	64
Gráfico 2: Produção bibliográfica classificada como História Econômica	65
Gráfico 3: Produção bibliográfica classificada como História Ambiental	65
Gráfico 4: Produção bibliográfica classificada como Metodologia	65
Gráfico 5: Quantidade e porcentagem de documentos por tipologia	117
Gráfico 6: Quantidade de documento por período	117
Gráfico 7: Quantidade de documentos por temática.....	118
Gráfico 8: Quantidade e porcentagem de documentos por idioma.....	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	23
A trajetória de Warren Dean e a revolução ambiental	23
1.1 – Aspectos biográficos	24
1.2 – A formação acadêmica de Warren Dean, os movimentos sociais e as perspectivas da América Latina na década de 1960	31
1.3 – Em Nova York: novos problemas, velhos temas, novas abordagens	55
CAPÍTULO 2	83
O “ciclo da borracha” sob o olhar histórico ecológico de Warren Dean	83
2.1 – Aproximando-se da <i>Environmental History</i>	84
2.2 – Contribuindo com a <i>Environmental History</i> : a borracha com enfoque ecológico... ..	92
2.3 – Considerações finais acerca do capítulo	122
CAPÍTULO 3	127
O modelo de história ambiental de <i>A ferro e fogo</i>	127
3.1 – Ajustando o foco e definindo o modelo de história ambiental	128
3.2 – O plano da obra, temas, fontes, método e abordagens	144
3.3 – O uso do conceito de “Mata Atlântica”	163
CONSIDERAÇÕES FINAIS	172

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	176
Fontes:	176
Arquivísticas.....	176
Livros e opúsculos escritos por Warren Dean.....	179
Entrevistas de Warren Dean.....	186
Entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa.....	187
Outras fontes.....	188
Sobre Warren Dean e sua obra.....	189
Obituários de Warren Dean.....	192
Referências Bibliográficas	192
Capítulos, artigos de revistas e coletâneas, dissertações e teses.....	192
Livro	200
APÊNDICE A – Quadro de Entrevistas e Consultas feitas no âmbito desta pesquisa.....	209
APÊNDICE B – Entrevistas transcritas	214
APÊNDICE C - Cronologia biobibliográfica de Warren Dean e do universo acadêmico dos EUA e Brasil, além dos cenários político e ambiental nacional e internacional.....	243
ANEXO A – Cursos oferecidos por Warren Dean no Departamento de História da New York University, no período de 1973 a 1994.....	274
ANEXO B – Curso interdepartamental oferecido na New York University.....	281

INTRODUÇÃO

As questões ambientais ganharam, no âmbito internacional, maior destaque no debate intelectual e político sobre os destinos da sociedade a partir das décadas de 1960-1970. Os países desenvolvidos, sobretudo, estavam diante da crescente percepção de uma crise ecológica planetária. Como resultado prático dessas preocupações, a Organização das Nações Unidas (ONU) preparou conferências para abordar os temas ecológicos; em vários países foi implementada uma série de medidas para atenuar os efeitos nocivos ao ambiente humano; no meio acadêmico, muitos pesquisadores, de forma sistemática ou esparsa, passaram a investigar as relações *sociedade-natureza*, ressaltando a necessidade de planejamento de outro padrão de desenvolvimento, diferente daquele engendrado pelo capitalismo industrial.

À medida que crescia a relevância da crise ecológica e do ideário ambientalista, a historiografia no ocidente, principalmente no hemisfério norte, passava a ressoar “os gritos que vinham das ruas”¹. A prestigiada revista francesa *Annales* publicou, em 1974, sob coordenação de Emmanuel Le Roy Ladurie, um dossiê especial tratando da temática ambiental². Já nos Estados Unidos, os historiadores mostraram-se ainda mais sensíveis a essa demanda e criaram, em 1977, a *American Society for Environmental History*, uma associação voltada à investigação das relações entre a sociedade humana e o mundo natural numa perspectiva histórica. Embora significasse um esforço em encarar o desafio imposto pelo “presente”, esse movimento traduzia, em parte, uma marcha interna da própria historiografia no sentido de alargar suas fronteiras disciplinares para enfrentar novos objetos e novas problemáticas. Buscava-se, nas palavras de Donald Worster, uma “ampliação da perspectiva da história”, ressaltando o papel do ambiente na vida humana, tornando a história, deste modo, “mais inclusiva”³.

Essa discussão, de certo modo, ficou alheia ao debate intelectual que se fazia na América Latina naquela conjuntura. Autores das teses da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) e adeptos da Teoria da Dependência, de modo geral, atentavam principalmente para as causas do subdesenvolvimento e de como superá-lo. No entanto, alguns desses estudiosos abandonaram a hipótese de um espaço exterior ilimitado, assumindo como premissa, conforme afirmou Celso Furtado em texto publicado em 1975: “que o

¹ PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*. v. 24, n. 68, 2010, p. 81.

² Cf. *Annales ESC*. Paris, 29 (3), 1974.

³ WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n.8, 1991, p. 199.

processo de civilização, e mais particularmente a variante desse processo engendrada pela revolução industrial, ter um caráter predatório agudo”⁴. Para esses críticos, os fatores ambientais tornavam-se, ao lado de tópicos sociais e econômicos, essenciais no debate sobre o futuro dos países latino-americanos⁵.

No Brasil, as ciências sociais já produziram, no passado, diversos trabalhos cujo enfoque recaiu sobre os fatores naturais, exemplificados por clássicos como *Monções* (1946) e *Caminhos e Fronteiras* (1957) de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil contemporâneo* (1942), de Caio Prado Junior, para citar alguns⁶. Paulo Henrique Martinez caracterizou esses trabalhos como parte de uma “tradição intelectual que atentou para as formas de exploração da natureza”⁷. Não obstante, foi apenas a partir da década de 90 que vários fatores – como a pressão internacional sobre os índices de degradação dos biomas brasileiros, por exemplo – fizeram surgir elementos novos, revelando a importância da reflexão constante sobre as bases da exploração econômica e do desenvolvimento sócio-ambiental do país. Estimulados por esses novos desafios, estudiosos no Brasil passaram a produzir teses inovadoras⁸.

O longo processo de degradação ambiental que marcou a história do Brasil foi baseado na exploração exaustiva dos recursos naturais, que alguns pesquisadores denominaram “economia de pilhagem”⁹. Essa característica, que não é única de nosso país, também

⁴ FURTADO, Celso. Meio ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento na teoria econômica e no planejamento. In: ANDRADE, Manuel Correia et al. *Meio Ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1975, p. 71.

⁵ Os trabalhos de Ignacy Sachs sobre o ecodesenvolvimento como estratégia para os países do chamado Terceiro Mundo tornaram-se referência obrigatória. Ver, dentre outros, SACHS, Ignacy. *A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. _____ *Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento*. São Paulo: Cortez, 2007. _____ *Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir*. Tradução Eneida Araújo. São Paulo: Vértice, 1986.

⁶ Ver ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano. Ciências Sociais e Meio Ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico. *BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*, ANPOCS. n. 53, p. 35-78, 1º. sem., 2002.

⁷ MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 49. Ver também do mesmo autor: “Existe uma Historiografia Ambiental Brasileira?”. Texto integrante dos *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SPUNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

⁸ Alguns trabalhos apresentaram um mapeado do campo da história ambiental brasileira, elaborando importantes interpretações generalizantes, podendo-se citar, por exemplo, os artigos de José Augusto Drummond, “A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa” (*Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991) e “Por que estudar a história ambiental no Brasil? Ensaio temático” (*Varia História*. Belo Horizonte, n. 26, p. 13-32, Jan., 2002.); Regina Horta Duarte, “Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil” (*Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin, v. 41, n. 2, p. 144-161, 2005); e, por fim, o livro de Paulo Henrique Martinez, *História Ambiental no Brasil: pesquisa e ensino*. op. cit., 2006.

⁹ O conceito de “economia de pilhagem” (*raubwirtschaft*, em alemão) foi amplamente utilizado em estudos que entrelaçam ecologia e economia, assim como para descrever práticas colonialistas. O termo surgiu na academia Alemã e Francesa de geografia por volta de 1870 e 1920 e tem sido utilizado por estudiosos das ciências sociais, inclusive historiadores ambientais. Ver a esse respeito o artigo de Jussi Raumolin, “L’homme

produziu um terreno fértil para o desenvolvimento de uma história ambiental brasileira. Neste sentido, as florestas amazônica e atlântica ganharam centralidade¹⁰. A Mata Atlântica, que primeiramente acolheu os europeus e daria lugar, mais tarde, aos grandes centros urbanos e industriais do país, tornara-se um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo; a Amazônia despertava ainda mais atenção do público ambientalista internacional, pois era a maior floresta tropical preservada e que, a partir da década de 1970, receberia numerosos projetos do governo militar brasileiro visando a integração da região à economia nacional. A propósito desta discussão, muitos conservacionistas, em diversas partes do mundo, realizaram congressos, conferências e debates, advertindo, segundo registrou o geógrafo Edmon Nimer, “sobre os graves riscos que corremos se a exploração econômica da região amazônica se fizer sem um planejamento regional no qual os itens da Conservação da Natureza, baseados no equilíbrio natural, estejam presentes”¹¹.

O estabelecimento da história ambiental por aqui, então, não é a história de uma derrocada, pelo contrário, sua produção tem crescido significativamente nos últimos anos. Este campo de pesquisa está bem consolidado e já conta com um bom número de pesquisadores engajados em pesquisas nessa área, além de cursos em diversas universidades. Apesar de jovem, a história ambiental no Brasil é bastante diversificada, tanto em termos temáticos quanto metodológicos.

A despeito deste crescimento e diversificação desses trabalhos, o que nos motivou na elaboração do projeto de pesquisa em princípios de 2009 foi a carência de estudos pormenorizados, atentos ao domínio do específico. Ainda estava por se fazer, por exemplo, a tarefa de identificar as raízes epistemológicas que embasaram a constituição e evolução desse campo de pesquisa no país a partir de um exame crítico de seus principais autores. Constatou-se, naquele momento, que os resultados e contribuições dos historiadores ambientais ainda precisavam ser conhecidos e avaliados mais profundamente, no intuito de subsidiar o próprio fazer historiográfico. Estávamos de acordo com José Carlos Reis, que escreveu em apresentação à 36ª edição da Revista *Varia História*:

et la destruction des ressources naturelles: la *Raubwirtschaft* au tournant du siècle”, *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 39, n. 4, p. 798-819, 1984.

¹⁰ Podemos citar como referência os seguintes trabalhos: HEYNEMANN, Cláudia. *Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de Janeiro – século XIX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995; DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro: os parques nacionais do estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Eduf, 1997; SOFFIATI, Arthur. *O nativo e o exótico: perspectivas para a história ambiental na ecorregião Norte-Noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996; LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Ed. UnB; Paralelo 15, 1999.

¹¹ NIMER, Edmon. A conservação da natureza ante a exploração econômica da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, 1975, p. 64.

Toda pesquisa histórica só ganha o seu sentido quando historicizada pela história da história, *i.e.*, quando posta em seu horizonte temporal. A história da história mostra aos historiadores do presente que a sua atividade já era praticada no passado de formas diferentes e explica porque ela foi feita antes assim e porque é feita, hoje, assim, denunciando os que pensam que a forma atual é a única e a mais verdadeira. É perigoso que o presente se iluda com o seu pensamento sobre a história como o mais perfeito, porque se conhecimento histórico se tornar incontestável é a vida que se conserva, congelada¹².

Diante da necessidade de uma reflexão constante sobre as produções historiográficas, a fim de avaliar seu sentido e sua validade analítica e interpretativa, entendemos que a história ambiental tornou-se um problema epistemológico que deveria ser enfrentado pelos pesquisadores brasileiros. Assumimos, então, o desafio de examinar o percurso historiográfico do brasilianista norte-americano Warren Dean, que escreveu e publicou trabalhos inovadores de história ambiental do Brasil¹³.

Warren Dean tornou-se conhecido dos brasileiros, inicialmente, pelos seus trabalhos de história econômico-social, sobre a industrialização em São Paulo (1969) e o sistema de *plantation* em Rio Claro (1976). À medida que sua carreira avançava e se estabilizava, a partir da década de 1980, o autor passou a dedicar-se, sistematicamente, à história ecológica, realizando pesquisas e publicando livros nessa área, sobre a Amazônia (1987) e a Mata Atlântica (1995).

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender em sua multiplicidade a história ambiental desenvolvida por Warren Dean; entender como ele analisou a relação da sociedade brasileira com o meio ambiente numa perspectiva histórica, a partir dos temas do desenvolvimento econômico e da degradação ambiental. A ênfase da pesquisa recaiu sobre os marcos cronológicos situados entre os anos de 1972, quando da publicação de seu primeiro artigo sobre a temática ecológica, e 1992, ano em que foi concluída a pesquisa que resultou no seu último livro¹⁴. Este período confunde-se com as duas primeiras grandes conferências

¹² REIS, José Carlos, Apresentação. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 36, jul./dez., 2006, p. 254.

¹³ John R. McNeill destacou os trabalhos de Warren Dean (1987 e 1995) como sendo pioneiros na historiografia brasileira, afirmando que, dentre outros pesquisadores, “Dean was arguably the region’s most accomplished environmental historian”. McNEILL, John R. Observations on the Nature and Culture of Environmental History. *History and Theory*, v. 42, n. 4, 2003, p. 24. Já José Augusto Drummond escreveu em 1991 que Warren Dean “produziu o único livro de história ambiental que conheço sobre o Brasil”, referindo-se ao *Brazil and the struggle for rubber*, publicado em 1987. DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*. op. cit., 1991, p 191.

¹⁴ “Economic development and environmental deterioration”. *Studies in Comparative International Development (SCID)*, New York, v. 7, n. 3, 1972 e *With Broadax and Firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic Forest*. Berkeley: University of California Press, 1995.

organizadas pela ONU sobre o desenvolvimento econômico e o meio ambiente, respectivamente, em Estocolmo (1972) e no Rio de Janeiro (1992).

É verdade que muitas resenhas, comentários, estudos comparativos, foram publicados a respeito dos trabalhos de Warren Dean, no Brasil e nos Estados Unidos. Coligir e examinar esse material foi um dos objetivos iniciais deste trabalho¹⁵. Descobriu-se, no entanto, uma lacuna importante: nenhum estudioso ainda havia se debruçado e pesquisado mais a fundo o conjunto da obra de Warren Dean para compreender a forma como ele fez história ambiental. Seu percurso historiográfico carecia de uma apreciação que fosse capaz de revelar a influência das suas experiências biográficas e do contexto de sua formação acadêmica, o despertar de interesses intelectuais, a cristalização de idéias, suas orientações teóricas e metodológicas, as dificuldades na pesquisa e as mudanças e as permanências em suas reflexões. Ressalte-se que a proposta desta pesquisa não foi simplesmente a de coligir e registrar as idéias de Warren Dean. Tratava-se de situá-las e analisá-las no momento histórico de sua gestação, acompanhando os aspectos definidores que caracterizaram o conjunto de seus trabalhos de história ambiental.

Por seu interesse e potencial, algumas obras historiográficas forneceram procedimentos para a análise do objeto, compondo o conjunto de técnicas que são comuns nas abordagens da “História da História”, da “História das idéias”, “História Oral” e “Estudos Biobibliográficos”, entre outros. Esta seleção teve a finalidade de delimitar o instrumental metodológico da pesquisa, demarcando alguns caminhos possíveis de interpretação, servindo-nos de referencial. Além do livro de Teresa Malatian, *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*, baseamo-nos em algumas obras que compõem a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, as quais ofereceram elementos norteadores sobre o estudo de vida e obra de autores consagrados da historiografia. Desse modo, tomamos como base as introduções críticas e biobibliográficas das coletâneas produzidas sobre Karl Marx e Frederic Engels, Lucien Febvre e Caio Prado Junior¹⁶. Incontornável no trabalho de compreender o autor e sua obra, o livro *Martinho Lutero - um destino*, de Lucien Febvre também se tornou uma referência essencial. Nele o historiador francês apontou o problema das relações entre o indivíduo e a colectividade, entre a iniciativa pessoal e a necessidade social, na perspectiva de uma história social das idéias, levando em consideração as mentalidades coletivas e o imaginário político.

¹⁵ A lista desses materiais encontra-se no item **Fontes**.

¹⁶ MALATIAN, Teresa, *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru/SP: Edusc, 2001; FERNANDES, Florestan (Org.). *Marx & Engels: história*. São Paulo: Ática, 1983; MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Lucien Febvre: história*. São Paulo, Ática, 1978; IGLÉSIAS, Francisco (Org.). *Caio Prado Junior: história*. São Paulo, Ática, 1982.

Analisando aspectos do *indivíduo* Martinho Lutero, Febvre não deixou de dissociá-lo do coletivo ao qual estava inserido, ou seja, a situação sócio-política da Alemanha do século XVI.

A construção analítica de José Carlos Reis na introdução do livro *Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC* nos serviu como suporte investigativo do percurso historiográfico de Warren Dean e da apreensão do caráter inovador de sua obra de história ambiental brasileira. O autor apontou para dois fatores que, conjugados, funcionariam como propulsores da mudança do conhecimento histórico.

Em primeiro lugar, destaca-se a relevância do fator externo à própria disciplina, a força que o tempo presente exerce sobre a atribuição de sentido, pelo historiador, ao passado. De acordo com Reis:

O presente exige a reinterpretação do passado para se representar, se localizar e projetar o seu futuro. Cada presente seleciona um passado que deseja e lhe interessa conhecer. A história é necessariamente escrita e reescrita a partir das posições do presente, lugar da problemática da pesquisa e do sujeito que a realiza. (...) Um novo olhar sobre o passado e o futuro se elabora sob as pressões do presente vivido. A partir do presente, a visão do passado se altera e age sobre a visão e a produção do futuro¹⁷.

Nesta perspectiva, procuramos compreender o diálogo de Warren Dean com o seu tempo presente e, mais que isto, a sua vontade de transformar a realidade a partir da construção de conhecimento histórico. Assim foi possível identificar características em sua obra historiográfica com forte sentido “presentista” e “utilitário”.

O segundo fator sublinhado por Reis é a transformação inerente ao próprio processo histórico da disciplina história. Neste sentido, segundo o autor, “novas fontes, novas técnicas, novos conceitos e teorias, novos pontos de vista levam a reavaliação do passado e das suas interpretações estabelecidas”. É nessa “evolução” da disciplina que “aparecem novos historiadores (...) que formulam novas questões ou reformulam questões clássicas, oferecendo-lhes respostas surpreendentes, que influenciarão a representação que a sociedade em que vivem tem dela própria e do seu passado”. Esses novos historiadores “reinterpretam a história segundo as suas necessidades e a sua forma particular de relacionar o passado e o futuro”¹⁸.

Com base neste aspecto *endógeno*, optamos por examinar o percurso historiográfico de Warren Dean sob dois pontos de vista principais: o temático e o metodológico. No plano

¹⁷ REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006, p. 9.

¹⁸ Id. *Ibid.*, p. 9-10.

temático, enfocamos a sua transição de uma história econômica *tout court* para a história ambiental, ressaltando o processo contínuo de inovação, característica intrínseca desse intelectual. No plano metodológico, indagamos como Warren Dean adequou os critérios tradicionais da história, forjando novos caminhos para incluir nos estudos históricos as variáveis ambientais, em um novo campo de pesquisa, caracteristicamente interdisciplinar.

Nossa atenção, num primeiro momento, concentrou-se no aprofundamento dos aspectos biobibliográficos de Warren Dean. Isso provocou a necessidade de superação da busca sistemática de dados com o objetivo de produzir um relato biográfico pormenorizado. Este esforço inicial constituiu-se no primeiro pólo de atração dos nossos questionamentos, que visou apreender as experiências existências de Warren Dean e como ele se tornou um *brasilianista* preocupado com as questões ambientais.

Dirigimos a atenção para o recolhimento e ordenamento de informações com a intenção de recuperar e identificar os momentos definidores das opções intelectuais e ideológicas do autor, complementando dados e impressões que escapavam à documentação escrita por meio de entrevistas (gravadas ou não) e consultas (por e-mail ou conversas)¹⁹. Inicialmente planejado como sondagem, esse instrumento de trabalho revelou-se extremamente eficaz na coleta de informações sobre a biobibliografia de Warren Dean, ajudando a recompor o quadro histórico/contextual no qual desenrolou a sua trajetória.

Neste trabalho, buscamos selecionar colaboradores que estiveram diretamente ligados à formação intelectual de Warren Dean, como seus familiares, os interlocutores de seus trabalhos, seus orientandos em cursos de pós-graduação, ex-alunos e especialistas em historiografia brasileira e história ambiental. O objetivo do trabalho com as entrevistas foi, em parte, fazer com que cada um dos entrevistados revelasse aspectos que a leitura dos textos de Warren Dean e a documentação escrita não nos revelaram; estimulá-los a explicitar aquilo que estava oculto ou inacessível em outras fontes. Visamos descobrir a pessoa por trás do historiador, dando oportunidade para que fossem expostas ideias e sentimentos que o rigor do texto mais acadêmico geralmente impede. As entrevistas constituíram-se, portanto, num recurso a mais da pesquisa.

Esta atividade de reunir informações de entrevistas e depoimentos esteve amparada na experiência de outros trabalhos: *Conversas com historiadores brasileiros*, organizado por José Geraldo Vinci de Moraes e José Marcio Reis, *As muitas faces da história: nove entrevistas* de Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, além do livro *Historiadores do nosso*

¹⁹ Apêndices A e B deste trabalho.

tempo, organizado por Marcos Antonio Lopes e Sidnei J. Munhoz. Os trabalhos *Manual de história Oral* de José Carlos Sebe Bom Meihy e *Usos & Abusos da história oral*, coletânea de artigos organizada por Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira forneceram dados para uma reflexão teórica e metodológica sobre a história oral.

As entrevistas foram dirigidas por um roteiro previamente definido de acordo com o tipo de relação do colaborador com Warren Dean e da necessidade de levantamento de determinadas informações. As gravações foram transcritas e o texto submetido aos respectivos entrevistados para eventuais correções²⁰.

Para ajudar no mapeamento da trajetória de Warren Dean em seu contexto, também elaboramos uma cronologia biobibliográfica, que reúne dados da vida e da obra do autor analisado e de marcos conjunturais que julgamos, de acordo com a bibliografia especializada, essenciais²¹. Este instrumento metodológico auxiliou na organização das informações e elaboração de gráficos e tabelas que, por sua vez, permitiram precisar quando e em quais circunstâncias Warren Dean começou a se interessar e a publicar trabalhos sobre a temática ambiental. As fontes consultadas para esta compilação são bastante diversificadas, compreendem material bibliográfico, programas de cursos, obituários, comentários, entrevistas, documentos pessoais, relatórios, anais, atas²².

Além da análise do aspecto epistemológico, atentamos ainda para um outro plano da obra de Warren Dean, o de suas vinculações com o universo acadêmico norte-americano, como historiador dedicado ao estudo do Brasil. Examinar a sua trajetória, necessariamente, sujeitou-nos a estudar a historiografia que abrigou a sua obra. Nesta tarefa, fizemos uso da chave-analítica do “brasilianismo”. Dois trabalhos de José Carlos Sebe Bom Meihy foram selecionados por se tratarem de obras de referência metodológica e de pesquisa empírica para o estudo desse tema. São eles: *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas* (1984) e *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica* (1990)²³.

²⁰ O resultado dessas transcrições compõe o apêndice B deste trabalho.

²¹ Apêndice C.

²² No Anexo A encontram-se os cursos oferecidos por Warren Dean no Departamento de História da New York University, no período de 1973 a 1994. Diversos trabalhos foram mobilizados para compor o quadro contextual do período estudado, com destaque para o livro *Era dos extremos: o breve século XX do historiador inglês Eric Hobsbawm. A respeito do universo acadêmico norte-americano e brasilianista* os trabalhos de Rubens Antonio Barbosa e Marshall C. Eakin, José Carlos Sebe Bom Meihy, Sérgio Miceli e Juliana do Couto Ghisolfi são referências fundamentais.

²³ Outro livro de referência foi organizado por Rubens Antonio Barbosa e Marshall C. Eakin: *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. A respeito da história da palavra e conceito “brasilianista” ver: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 85-98.

O segundo conjunto de questões examinadas diz respeito à aproximação de Warren Dean com a *Environmental History* nos Estados Unidos. Tratava-se de compreender a fase de sua preparação como um pesquisador da história ecológica, a partir de um exame da sua primeira contribuição para a história ambiental brasileira, isto é, o seu livro *Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history*, publicado em 1987 (edição brasileira de 1989, *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*).

Especial atenção foi dirigida aos estudos empreendidos por Warren Dean no *New York Botanical Garden* (NYBG), onde efetivamente se preparou para a história ecológica, adquirindo conhecimento das ciências naturais, por meio dos diversos cursos que participou na instituição durante a década de 1980. É possível definir essa experiência como a abertura de uma nova fase em sua trajetória, como pesquisador e historiador dedicado às questões ambientais.

O foco do nosso terceiro eixo de análise foi o seu livro *With Broadax and Firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic Forest*, publicado postumamente em 1995 (no Brasil, em 1996, como *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*), que se tornou a sua maior contribuição à história ambiental brasileira. Essa obra, que começou a ser delineada em princípios da década de 1980, sintetizaria a história ambiental de Warren Dean, e coroaria uma carreira intelectual de um profissional bem estabelecido no universo acadêmico norte-americano, pesquisador maduro e um historiador sério. *With Broadax and Firebrand* foi o resultado de cerca de quinze anos de pesquisa empírica em arquivos e no trabalho de campo, com base em entrevistas e observações *in loco*; de reflexões sobre a conjuntura política brasileira, marcada pelo processo de redemocratização e pela crescente participação dos movimentos ambientalistas no cenário político. A Mata Atlântica tornou-se o grande símbolo deste movimento e a sua degradação um exemplo de descaso do país com a preservação das suas florestas. Servia de alerta, portanto, para o que poderia ocorrer com a floresta amazônica.

Esse período de trabalho de Warren Dean foi entremeado pela publicação de artigos e capítulos que viriam a compor sua obra. Esta particularidade respondeu à própria metodologia empregada pelo autor na elaboração da monografia, qual seja, a investigação por seções temáticas e de acordo com a cronologia pré-estabelecida. Por esse motivo, o enfoque de nossa análise recaiu sobre todo o processo, desde a idealização e desenvolvimento da pesquisa até o seu resultado final. Esse procedimento permitiu acompanhar em detalhes o ofício do historiador ambiental *pari passu* com o contexto histórico mais amplo.

Enquanto objeto desta pesquisa, a história ambiental na obra de Warren Dean emerge no horizonte de uma carreira intelectual, das inquietações de um homem do seu tempo, de um pesquisador norte-americano dedicado aos estudos latino-americanos, particularmente ao Brasil e de um emaranhado de contextos nos quais a questão ambiental era central nos debates sobre o futuro da sociedade.

CAPÍTULO 1

A trajetória de Warren Dean e a revolução ambiental

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente legadas e transmitidas pelo passado.

Karl Marx

Por ocasião da morte de Warren Dean, em 21 de maio de 1994, em Santiago do Chile, uma série de textos sobre a sua vida e obra foi publicada nos Estados Unidos e no Brasil, inclusive, dois eventos foram organizados em sua homenagem²⁴. Em conjunto com as entrevistas concedidas por ele ainda em vida e aquelas realizadas no âmbito desta pesquisa, todo esse rico material constituiu-se em fonte fundamental para a construção de uma visão ampla do historiador e sua obra, assim como do homem, suas características pessoais e posições políticas.

A síntese pretendida na figura do *historiador ambiental brasilianista* nos remete ainda ao quadro histórico-cultural no qual se desenrolou a sua trajetória de vida pessoal e intelectual. As experiências biográficas, inserções acadêmicas e inquietações são aqui interpretadas em relação dinâmica com o contexto que lhe deu origem. A percepção do universo mais amplo nos permite apreender a relação entre o indivíduo e a necessidade social, que é, talvez, no dizer de Lucien Febvre, o problema capital da história²⁵.

Devido a essa opção metodológica, as análises, num primeiro momento, conservaram uma distância inicial do objeto da pesquisa. Objetivamos conhecer as circunstâncias da

²⁴ Merecem destaque: a sessão de homenagem realizada no dia 19 de outubro de 1994, no Departamento de História da Universidade de São Paulo, que resultou no “dossiê” publicado na *Revista de História*, n. 133, de 1995; e o evento que deu origem à coletânea *Warren Dean (1932-1994): An Appreciation*, com comentários de vários autores sobre a obra de Warren Dean, publicada no *Occasional Papers*, n. 48, 1996. Outros itens do *corpus documental* estão arrolados nas *Fontes* e parte das entrevistas realizadas durante esta pesquisa encontra-se nos *Apêndices*. Warren Dean faleceu em decorrência de um vazamento na tubulação de gás do quarto em que estava hospedado em Santiago.

²⁵ FEBVRE, Lucien. Prefácio da primeira edição. In: _____. *Martín Lutero: un destino*. Tradução Tomás Segovia. México: Fondo de Cultura Económica, 1969. p. 9.

formação da “visão de mundo” do autor²⁶; examinar a sua tomada de posição frente ao contexto de profundas transformações nas sociedades estadunidense e brasileira no período pós Segunda Guerra Mundial, e nas relações de poder e econômicas no âmbito da Guerra-Fria, estimulado pelas suas experiências biográficas e, especialmente, pela problemática ecológica que emergiu nessa conjuntura.

Montar o cenário de possibilidades e tomadas de decisões, captar aquilo que provocou a imaginação, crítica e ação de Warren Dean no momento de sua formação intelectual e acadêmica consistiu, portanto, no objetivo primordial deste capítulo.

1.1 – Aspectos biográficos

Warren Kempton Dean nasceu no dia 17 de outubro de 1932 na cidade de Passaic, no estado de Nova Jersey, no seio de uma parentela de enérgicos protestantes da Nova Inglaterra, por parte de pai, e de imigrantes húngaros católicos, pelo lado materno. Essa situação de “mestiço” étnico e religioso, como ele próprio se autodefiniria posteriormente, o alienou, de certa forma, de sua família²⁷. Em decorrência disso tornou-se avesso aos nacionalismos, incapaz de participar com exclusividade de uma só cultura, um “cidadão do mundo” nas palavras de José Carlos Sebe Meihy²⁸.

As circunstâncias que forjaram a personalidade e a intelectualidade de Warren Dean guardam relação com as situações vivenciadas na sua infância e juventude. Filho único, ainda criança seus pais se divorciaram. Mudou-se com sua mãe, Gabrielle Roykavich, para Jersey City, onde teve apoio de outros familiares. Além desse trauma psicológico pela separação dos seus pais, lembraria desses anos iniciais de um tempo de profundas transformações porque passou a região onde nasceu e viveu até a adolescência, reflexo de um cenário mundial afetado pelo *Crack* da Bolsa de 1929. A cidade de Passaic, que tinha sua principal fonte de

²⁶ O conceito de “visão de mundo” foi aqui empregado na perspectiva de Nilo Odália, na análise que empreendeu da obra de Francisco Adolfo de Varnhagen. Esse conceito mostrou-se um recurso de análise útil a uma história do pensamento, pois, como ele mesmo afirmou: “nos permite compreender e explicar um autor, uma obra, através de um processo de abertura, pois o essencial não é compreender a obra como um universo fechado, mas, ao contrário, explicá-la por suas vinculações com a comunidade, com o grupo social do qual é parte”, ver: ODÁLIA, Nilo (Org.). *Varnhagen: história*. São Paulo, Ática, 1979, p. 16.

²⁷ Warren Dean em MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990. p. 271.

²⁸ MEIHY, José Carlos S. B. Warren Dean: Um Brasilianista acima de qualquer suspeita. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, 1994, p. 206. A este respeito é interessante ainda notar o que disse Ana Verônica Mautner, uma amiga próxima de Warren Dean: “Nós não o sentíamos como estrangeiro. Ele não era estrangeiro em Nova York; não era estrangeiro no Texas. Como será? Como se faz um homem para que ele não seja estrangeiro?!”. Em entrevista ao autor.

trabalho centrada na indústria têxtil, representava muito bem a maior crise econômica da história do capitalismo, despertada pelo que mais tarde foi chamado de “Grande Depressão”.

A experiência daqueles tempos de recessão econômica imprimiria marcas profundas na forma como o intelectual Warren Dean analisaria, posteriormente, os temas do desenvolvimento econômico e seus efeitos na sociedade e no ambiente natural. Conforme relatou em entrevista à Maria Luisa Nabinger de Almeida, em 1985:

Nasci em uma cidade altamente industrial, no Estado de New Jersey, à sombra de várias fábricas. O problema da poluição é, assim, uma coisa que está na minha genética. Em 1932, quando eu nasci, a época da depressão marcou a minha vida, mas permitiu, inclusive, que eu conhecesse a questão do desenvolvimento econômico também²⁹.

Revelaria mais tarde a José Carlos Meihy, que esse período inicial de sua vida também o forjou como “alguém que sempre teria dificuldades em aceitar a prosperidade fácil e o consumismo do pós-guerra e nunca deixaria de questionar as fontes e os limites de tanto esbanjamento”³⁰.

A década de 1930 nos Estados Unidos registrou as políticas elaboradas com o fim de reerguer o país diante do quadro de desolação e miséria e restaurar a confiança na economia. Retomando propostas reformistas do período anterior à crise, o governo federal programou intervenções em todas as áreas da economia e sociedade. O processo de recuperação que se seguiu ao *New Deal*, série de programas implementados entre 1933 e 1937 no governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recobrar as forças da economia norte-americana, fez com que Warren Dean aprendesse a refletir sobre o impacto da industrialização, da experiência urbana e dos programas do Estado aplicados à sociedade³¹.

Ressalte-se ainda que na primeira metade do século XX, o tema da *conservation*, um traço cultural distintivo da sociedade americana, já era uma preocupação tanto do Estado quanto das famílias, na educação das crianças estadunidenses³². Essa ideologia também fez

²⁹ ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. Homenagem ao Historiador Warren Dean. *O Estado do Maranhão*, São Luis/MA, 16 out., 1994, p. 26.

³⁰ Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 271.

³¹ MEIHY, José Carlos S. B. Warren Dean: Um Brasilianista acima de qualquer suspeita. *Revista Brasileira de História*, op. cit., 1994. p. 206.

³² Sobre o tema do “conservacionismo” na cultura norte-americana, ver: NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1982; PURSELL, Carroll (Ed.). *From Conservation to Ecology: The Development of Environmental Concern*. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1973; MCCORMICK, John. *Rumo ao Paraíso: a história do movimento ambientalista*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha; Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Relume-Dumarã, 1992. Para um estudo historiográfico

parte do *menu* educacional de Warren Dean naquele momento. Conforme nos informou o brasileiro John Henry Schulz:

Quando criança, Warren Dean seguramente ouviu muito o termo *Conservation*. Isso era preocupação dos Estados Unidos na década de 30. Parte do *New Deal* foi direcionado para *Conservation*, como o *Civilian Conservation Corp*, por exemplo. Assim, nós que fomos formados no imediato Pós-Guerra, ouvimos isso desde “criancinha”. Com certeza esta era uma preocupação do Warren³³.

Em 1946, a sua mãe casou-se novamente, desta vez com Russel Bach, um padrasto que embora enérgico, cuidou de Warren Dean como a um filho. Mudou-se com sua família para Miami, na Flórida, terra de Russel, iniciando uma nova e complicada fase de sua vida. No decorrer desse período de suas experiências existenciais no sul do país, Warren Dean aprenderia ainda outras lições importantes, sobretudo relacionadas à política e à sociedade, que sugerem um impacto mais significativo em sua trajetória intelectual.

A região era marcada pela forte presença da cultura caribenha. Para uma pessoa que migrasse do norte, como lembrou mais tarde, “era mesmo quase como imigrar para outro país”³⁴. Miami, por exemplo, abrigava uma grande comunidade de cubanos exilados, muitos dos quais foram vizinhos e conviveram com Warren Dean.

Além disso, a cultura escravista predominava nos estados sulistas, impedindo que a população negra desfrutasse de igualdade social³⁵. Como em vários estados americanos do sul, a Flórida era altamente segregacionista, sujeita que estava às leis de *Jim Crow*³⁶. As leis mais importantes exigiam que a maioria dos locais públicos, incluindo-se as escolas, tivesse instalações separadas para brancos e negros. Até a década de 1950 a Flórida não permitia que estudantes brancos e afro-americanos estudassem em uma mesma escola. E mesmo após o Supremo Tribunal Federal ter editado as leis anti-segregacionistas, os negros encontravam dificuldades para serem admitidos na universidade. O processo de integração educacional foi muito lento, terminando apenas no começo da década de 1970. A população negra segregada,

dessa temática, ver RAKESTRAW, Lawrence. *Conservation Historiography: an assessment*. *Pacific Historical Review*, v. 41, n. 3, p. 271-288, Aug., 1972.

³³ SCHULZ, John. Entrevista realizada em 09 de setembro de 2011, em São Paulo. Vale lembrar que a história do conservacionismo no Brasil foi tema de alguns cursos de Warren Dean, como o que ele ofereceu na USP, em 1985, cujo tema foi “História e Ecologia: história do conservacionismo no Brasil” e de um artigo publicado naquele mesmo ano, “Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955”, publicado em *Environmental Review: ER*, v. 9, n. 1, p. 54-69, spring, 1985.

³⁴ Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasileiro: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 272.

³⁵ TOTA, Antonio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 193.

³⁶ Leis decretadas nos estados do sul que afetaram duramente as minorias, principalmente os afro-americanos.

todavia, não foi vítima passiva. Organizou diversos movimentos em massa, construindo, assim, um dos mais importantes movimentos sociais na história dos Estados Unidos, o “movimento por direitos civis”.

Tendo realizado parte de sua educação primária em Nova Jersey, no ambiente do *New Deal*, e ao se deparar com aquele novo contexto de intolerância, Warren Dean percebeu que os valores democráticos, como “a injustiça da escravidão e a nobreza da cruzada de Lincoln”, o marcariam para sempre³⁷. E não se omitiria diante das contradições da sociedade americana. Mais tarde, em 1962, já como estudante de pós-graduação em Gainesville, na Flórida, Warren lideraria um grupo que se propusera a eliminar as barreiras impostas aos negros para o ingresso na universidade, recebendo, inclusive, o apoio de Martin Luther King Jr., que trabalhava na Flórida naqueles dias³⁸.

Na família de Warren Dean havia um histórico de luta pelos direitos da minoria e contra injustiças sociais e políticas do qual se orgulhava profundamente. Os parentes do ramo materno aderiram com entusiasmo ao espírito do reformismo democrático do *New Deal*. Do lado paterno, Sidney Dean (1818-1901), um antepassado do qual Warren fazia questão de recordar, foi um *minister* da Igreja Metodista Episcopal (1843-1853) e editor de um jornal abolicionista. Como congressista em Rhode Island, Sidney assumiu, por exemplo, o projeto que dava o direito de voto aos imigrantes, mas renunciou ao seu mandato em protesto contra a corrupção de seus colegas³⁹. Como lembraria mais tarde Warren Dean: “tenho certeza de que a experiência e a insatisfação desses antepassados de alguma forma foi transmitida para mim”⁴⁰.

A participação efetiva nesse movimento por direitos civis, sem dúvida mostrou a Warren Dean o poder do protesto de massas e das técnicas empregadas na confrontação pacífica com o *status quo*. Como professor, seus cursos sempre estiveram relacionados a

³⁷ Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 271. Warren Dean concluiu o ensino básico em junho de 1950, na *Miami Edison High School*.

³⁸ Judith Dean, sua esposa na época, lembra das dificuldades e dos perigos que viveram naquele momento devido a esse engajamento. Inclusive, numa determinada ocasião, quando Warren militava no estado da Geórgia, terra de Luther King, deparou-se com integrantes da Klu Klux Klan. Em entrevista ao autor.

³⁹ *Biographical Directory of the United States Congress, 1774-present*. Consultamos ainda: The Providence Press Establishment. *Ours illustrated*, Providence, R.I, sep., 1871, p. 7. Uma cópia desse jornal foi gentilmente cedida por Elizabeth Dean, viúva de Warren.

⁴⁰ Warren Dena. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 271. Um relato do historiador Sidney Chaloub ajuda a entender melhor esse impacto. Chaloub conta que em sua banca de doutoramento, enfrentou a crítica divertida e irônica de Warren Dean, que estranhou a falta dos nomes dos advogados abolicionistas no texto. Segundo Chaloub, esta era uma questão pessoal para Dean, “porque ele sempre se orgulhara de um antepassado seu, chamado Sidney (!) Dean, que havia sido um abolicionista nos Estados Unidos. Ou seja, sempre irônico, concluía que a ênfase toda do meu texto na atuação dos escravos abalara a sua confiança no valor desse seu galhardo antepassado abolicionista”. In: CHALHOUB, Sidney. “2º Ciclo de perguntas aos Historiadores (Sidney Chaloub)”, novembro de 2008.

questões públicas importantes. A “mania” de colecionador de recortes de jornais e revistas ajudava nessa tarefa de manter-se sempre atualizado.

A imagem “senso-comum” dos Estados Unidos nos anos 1950 é a da prosperidade econômica, conforto material e estabilidade familiar; havia na época, ainda, de acordo com esse imaginário, emprego estável e ampla oportunidade de mobilidade social. Tal quadro capta aspectos da realidade: “os Estados Unidos produziam e consumiam mais de um terço dos bens e serviços do mundo”⁴¹, o PIB saltou 250% no curto período de tempo do final da guerra até os anos 1960; havia acesso da classe trabalhadora à economia de consumo de massa e houve conquistas sindicais, como aumento dos salários e a expansão de benefícios. Já no final dos anos 1950, todavia, a satisfação e o conformismo da sociedade de consumo eram visivelmente superficiais. Na realidade havia um descontentamento profundo e latente, principalmente entre os jovens, e que logo se converteria em uma onda de ativismo que varreria o país.

A condição social de Warren Dean não combinava com aquele quadro de afluência, pelo contrário. Enquanto parte da sociedade americana experimentava a chamada “era da prosperidade”, a vida de Warren Dean refletia as dificuldades de muitas famílias pobres. Desde cedo sentiu-se compelido ao trabalho a fim de complementar a renda familiar. Em Miami, auxiliou Russel na fabricação e instalação de um tipo de cortinas, um negócio que não prosperou. Foi ainda entregador de jornais e trabalhou na biblioteca de um colégio. Quando resolveu estudar, matriculou-se na Universidade de Miami, no seu campus principal, na cidade de Coral Gables, região metropolitana de Miami. Contou com o auxílio de uma bolsa de estudos fornecida por um engarrafador da Pepsi-Cola por três anos, período em que trabalhava, paralelamente, outras quarenta horas por semana.

Concluiu a graduação em agosto de 1953, obtendo o grau de *Bachelors of Art*, com ênfase em Ciências Políticas e Psicologia, com *Magna Cum Laude*⁴². Política era o núcleo de seu interesse naquele momento, para entender como as pessoas envolviam-se e participavam dos processos decisórios. Daí que estudar a psicologia, o comportamento e a atitude das pessoas, também lhe parecia conveniente para compor a sua análise daquilo que julgava importante na vida política do seu país e do mundo.

Já formado, ainda na década de 1950 mudou-se para Nova York, que considerava “de longe a mais interessante cidade dos Estados Unidos”. Como ele mesmo confessou: “Nova

⁴¹ TOTA, Antonio Pedro. *Os Americanos*. op. cit., 2009. p. 190.

⁴² Cf. *Curriculum Vitae* e Histórico escolar de Warren Dean da Universidade de Miami.

York era realmente meu lar, meu chão, minha terra natal”⁴³. Inicialmente, pretendia começar um curso de pós-graduação, mesmo que ainda não estivesse totalmente decidido em qual área seguir. Frequentou, então, durante um semestre, uma disciplina de Sociologia na *Columbia University* e como o curso não despertou interesse, resolveu viajar pela Europa. Ao retornar, aventurou-se no mundo dos negócios, passando a trabalhar como assistente de compras – posteriormente promovido a gerente – na loja Bloomingdale’s, onde permaneceu de 1956 a 1959.

Essa “vida focalizada totalmente na busca de lucros” que experimentou no período em que trabalhou nessa famosa loja de departamentos de Nova York, passou a simbolizar aquela “sociedade do consumo”, na qual a capacidade de consumir é vista como o principal direito de cidadania. É possível que essa experiência tenha despertado, inclusive, o seu interesse pelo tema do “empreendedorismo”, na perspectiva de Joseph Schumpeter, como objeto da história econômica.

O inconformismo de Warren Dean, já bastante sensibilizado pelas experiências no sul do país, encontrou um ambiente totalmente favorável em Nova York para aflorar definitivamente. Como ele nos revela:

[...] tive o prazer de experimentar uma imersão na vida cultural novaiorquina, que era infinitamente mais intensa que a de Miami ou de Passaic [e foi onde] desenvolvi ainda mais meus **instintos críticos e radicalismo**, no ambiente que tem sido o **centro esquerdizante** dos Estados Unidos⁴⁴ (grifos nossos).

Nessa época, a proximidade com um tio, também chamado Sidney Dean, ajudou na sua formação⁴⁵. Sidney fez carreira política como reformista, chegando a pertencer ao comitê dirigente dos *Americans for Democratic Action - ADA*. A ADA, uma organização de defesa das políticas progressistas, foi fundada por Eleanor Roosevelt, John Kenneth Galbraith, Walter Reuther, Arthur Schlesinger e Reinhold Niebuhr, logo após a morte de Franklin Delano Roosevelt. O objetivo desses democratas era manter vivo o sonho do *New Deal* para as gerações futuras. Cumpriram um importante papel em muitos dos principais movimentos que surgiram no pós Guerra – direitos civis, direitos da mulher, oposição à guerra do Vietnã e

⁴³ Warren Dean. In MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 273 e 279.

⁴⁴ Id. Ibid., p. 272-3.

⁴⁵ O obituário de Sidney Walter Dean (1871-1952) o descreve como: “Autor, navegador, explorador, pescador, cozinheiro amador que usou esses talentos e sua sabedoria, coragem e charme para ser amável e feliz. Filho de Rhode Island e amigo de Quebec, ele era um amante da vida, natureza, pessoas, livros”.

ambientalismo⁴⁶. Como membro atuante dessa associação, Sidney ajudou a desenvolver ainda mais em Warren o espírito democrático e solidário e a valorizar a militância pelas causas progressistas.

Cansado das investidas no campo dos negócios, Warren Dean decidiu lecionar. Optou, dessa vez, por dedicar-se aos estudos de História, porque acreditava que os problemas sociais só poderiam ser totalmente compreendidos à luz das ações humanas no seu contexto e sob uma perspectiva histórica. Ele mesmo nos explica o motivo: “achei que o estudo do poder poderia não resultar em interesse prolongado para quem não estava interessado em lucros...História, por outro lado, era atraente porque toda a experiência humana era histórica e dela cada qual poderia fazer o uso que quisesse”⁴⁷. A História abria-se para ele como um campo de atuação intelectual, além de profissional, no qual as pessoas, enquanto sujeitos históricos, atores sociais, podiam ser analisadas – e muitas vezes criticadas – por suas opções, decisões e pelas conseqüências de seus atos. De acordo com Stuart Schwartz, a História para Dean era “sempre ação humana e nunca determinada por estruturas ou contextos. (...) por toda a sua obra, Schwartz observa, sempre há margem para a atuação de pessoas e classes subordinadas”⁴⁸.

A opção pela História, e pela América Latina como recorte geográfico, o levaria novamente para o sul do país, primeiramente para Gainesville, na Flórida, onde completaria sua formação acadêmica, fazendo o mestrado e o doutorado na primeira metade da década de 1960; depois para Austin, no Texas, onde iniciaria sua carreira profissional como Professor Assistente de História. No período em que permaneceu em Austin, de 1965 até 1970, realizou diversas pesquisas e publicou seu primeiro livro, em 1969. Um exame mais detido dessa fase de sua trajetória permite identificar as primeiras vinculações historiográficas, o diálogo

⁴⁶ O sítio eletrônico da ADA na Internet descreve as ações dessa associação da seguinte forma: “ADA tem desempenhado um papel crítico em cada campanha presidencial democrata desde Harry Truman, e tem fornecido ao longo dos anos um grande número de assessores sênior para os presidentes, senadores e congressistas democratas. Consistentemente tem estado na vanguarda de questões de ponta. Foi pioneira na luta pelos direitos civis na década de 1940 e 1950, na reforma da educação e programas de combate à pobreza na década de 1960, na proteção do meio ambiente nos anos 1960 e 70, e no comércio justo e direitos dos trabalhadores na década de 1990” (tradução nossa). Tradução de: “ADA has played critical roles in every Democratic presidential campaign since Harry Truman's, and has provided scores of senior advisors to Democratic Presidents, Senators, and Congressmen over the years. And it's consistently been on the forefront of cutting-edge issues. It pioneered in the fight for civil rights in the 1940s and 1950s, for education reform and serious anti-poverty programs in the 1960s, for environmental protection in the 1960s and 70s, and for fair trade and workers' rights in the 1990s”. Acessível em: <http://www.adaction.org/pages/about/ada-history.php>.

⁴⁷ Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 273.

⁴⁸ SCHWARTZ, Stuart B. Prefácio. In: DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996. p. 14.

implícito com o pensamento social, político e ambiental e a imersão no universo acadêmico brasileiro.

1.2 – A formação acadêmica de Warren Dean, os movimentos sociais e as perspectivas da América Latina na década de 1960

A formação acadêmica de Warren Dean está inserida nos marcos de uma geração de norte-americanos, geralmente de esquerda, educada no período pós Segunda Guerra Mundial, que se preocupou em compreender e explicar a América Latina, em particular o Brasil⁴⁹. Para alguns desses pesquisadores, o conhecimento histórico ofereceria instrumental para a luta no campo político-social. A principal lição que se poderia ensinar era que a propagação do modelo de sociedade baseada no consumo desenfreado não estava livre de problemas. O surgimento dessa geração confunde-se com o amadurecimento de uma nova esquerda, cujas raízes se prendiam à série de acontecimentos que emergiu no cenário estadunidense das décadas de 1950 e 1960.

Para T. B. Bottomore, a nova esquerda que apareceu nesse contexto “é menos dogmática em sua perspectiva e menos exclusivamente política em seu compromisso do que a esquerda da década de 1930”. Mesmo assim, os novos intelectuais radicais comprometeram-se com o apoio aos países do “terceiro mundo” e aos movimentos revolucionários que neles apareceram⁵⁰. Os ideais antielitistas, a ênfase no combate à hipocrisia e à alienação da sociedade norte-americana em detrimento da luta de classes e miséria econômica serviram de combustível para essas lutas. O conformismo que tomou conta da sociedade no período pós Guerra foi dando lugar para uma autocrítica. Conforme verificou Gerson Moura: “raramente a mudança, a ruptura e a contestação de valores e comportamentos assumiu proporções tão demolidoras nos Estados Unidos quanto na década de 60”⁵¹. O impacto desse ambiente de

⁴⁹ A América Latina enquanto *area studies* (“área de estudo”) nos Estados Unidos foi relativamente bem estudada. O livro organizado por Rubens Antonio Barbosa e Marshall C. Eakin, *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002, é bastante amplo em termos de abordagem do tema. Os trabalhos de José Carlos Sebe Bom Meihy são obras de referência: *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*, op. cit., 1984 e *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*, op. cit., 1990. Consultar, também, BERGER, Mark T. *Under Northern eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Américas, 1898-1990*. Indiana University Press, 1995.

⁵⁰ Cf. BOTTOMORE, T. B. *Críticos da sociedade: o pensamento Radical na América do Norte*. Tradução José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970, p. 68. O sociólogo e crítico social norte-americano C. Wright Mills escreveu uma série de trabalhos sobre o ambiente intelectual nos Estados Unidos no período do Pós-Guerra, tornando-se fonte importante de consulta acerca desse assunto. *Poder e Política*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

⁵¹ MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Ed. USP, 1995. p. 49.

efervescência social e radicalismo sobre a historiografia seria igualmente profundo, influenciando, conseqüentemente, a forma como os pesquisadores norte-americanos verteriam suas preocupações e reflexões para a América Latina.

Entender a forma como os intelectuais norte-americanos – e Warren Dean em especial – inseriram-se nos meios acadêmicos brasileiros e passaram a escrever trabalhos de relevância para a historiografia brasileira foi um dos objetivos desta pesquisa, na medida em que subsidia a compreensão de determinados fatores da trajetória do brasilianista que o simples exame da obra não revelaria⁵². Nesse sentido, o brasilianismo, enquanto fenômeno historiográfico norte-americano torna-se uma chave interpretativa importante.

José Carlos Sebe Bom Meihy é um pesquisador brasileiro que escreveu trabalhos de referência metodológica e empírica para o estudo do brasilianismo. Em suas pesquisas examinou a “colônia brasilianista” num cruzamento de questões da universidade brasileira, aspectos acadêmicos da cultura norte-americana e experiências pessoais. Baseados nos seus resultados, estamos atentos ao seu alerta:

Qualquer análise da produção intelectual dos historiadores de regiões extranacionais força a não distinção do tema do conjunto historiográfico que o abriga. O grande dano do freqüente equívoco da desvinculação entre tema e contexto da produção dos intelectuais, das suas linhas historiográficas, tem implicado valorizações distorcidas, pesos errados⁵³.

Uma primeira característica a ser ressaltada é que a historiografia norte-americana sempre privilegiou os “estudos de áreas” e que sobre essa norma esteve baseada a percepção de mundo para aquela academia⁵⁴. O estudo do “outro”, neste sentido, obedece claramente a um critério geopolítico. Em decorrência dessa orientação, os brasilianistas, por exemplo, são contratados pelas universidades para lecionar cursos gerais sobre América Latina, reservando-se a prática especializada para o trabalho de investigação⁵⁵.

Um outro pressuposto importante sobre os historiadores brasilianistas é o seu compromisso com o momento presente. De acordo com Meihy, entre esses pesquisadores “vigorava a noção de uma História mais presenciada (sic), isto é, vinculada à interpretação do

⁵² Adotamos a definição de brasilianismo usada por José Carlos Meihy, segundo o qual: “É brasilianista aquele que, exercendo em caráter constante a profissão nos Estados Unidos, participa dos recursos financeiros de instituições norte-americanas, forma estudantes e promove pesquisas sobre o Brasil”. Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. 24.

⁵³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*. op. cit., 1984, p. 82.

⁵⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*, op. cit, 1990. p. 42.

⁵⁵ Cf. LEVINE, Robert. Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 73.

imediatamente, garantindo ao conhecimento de História um sentido pragmático”⁵⁶. Resulta dessa característica que a escolha dos temas de estudo de outras regiões pelos historiadores norte-americanos estava intrinsecamente relacionada às questões internas do seu país. As palavras de Stanley Stein, figura importante da colônia brasilianista, a respeito dessa visão “utilitarista” da História são autoexplicativas:

Sempre procurei selecionar tópicos que considerava essenciais para o entendimento da História do Brasil. Isto é o que as pessoas chamavam de “História Relevante”. Não queria estudar alguma coisa que ficasse à sombra, não fosse útil, instigante... Sempre quis escolher assuntos importantes para entender qualquer cultura, e acho que a História deve sempre estar atenta ao sentido prático das explicações do funcionamento da sociedade⁵⁷.

Essa preocupação com a “História Relevante”, “atenta ao sentido prático das explicações”, ajuda a elucidar, por exemplo, como Warren Dean reportou para o Brasil pesquisas sobre a industrialização e o meio ambiente, temas relevantes na historiografia e na política internacional na época de sua investigação.

O interesse intelectual nos Estados Unidos pela realidade da América Latina também pode ser qualificado através da história dos empreendimentos institucionais que acabaram moldando os padrões de relacionamento acadêmico. Meihy destaca, além do aspecto das orientações historiográficas, a necessária análise do filtro das Fundações e Institutos “beneméritos” que começaram a se preocupar com o financiamento de pesquisas de áreas pouco conhecidas nos Estados Unidos, como era o caso da América Latina. A partir da década de 60, os interessados em desenvolver pesquisas de pós-graduação começaram a encontrar apoio nas diversas instituições educacionais estadunidenses⁵⁸.

Jovens estudantes, como Warren Dean, depararam-se com uma grande motivação externa para a realização de pesquisa. O governo norte-americano criou um programa de bolsas individuais para treinamento avançado em ciências sociais e humanidades e programas latino-americanos de graduação e pós-graduação. Em abril e novembro de 1958, o *American Council of Learned Societies* e a Fundação Hispânica, da Biblioteca do Congresso, em Washington, reuniram-se para identificar os problemas na área de estudos latino-americanos e

⁵⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*, op. cit. p. 41.

⁵⁷ Id. *Ibid.*, p. 91.

⁵⁸ Para um estudo mais aprofundado do financiamento de pesquisa nas universidades norte-americanas, ver: CURTI, Merle Eugene, NASH, Roderick. *Filantropia, a mola propulsora das universidades norte-americanas*. Tradução Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Record, 1965, MICELI, Sérgio (Org.). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Sumaré; FAPESP, 1993. GHISOLFI, Juliana do Couto. *Políticas de Educação Superior Norte-americanas*. São Paulo: Cortez, 2004.

aprovaram a criação de um programa de bolsas para subsidiar trabalhos de campo. Esta foi a primeira menção à necessidade de um esforço orquestrado para estimular estudos luso-brasileiros nos Estados Unidos. Naquele mesmo ano a Casa Branca criou o *National Defense Education Act* (NDEA), que viria a revolucionar o ensino universitário, provendo o financiamento a diversas instituições de ensino no país em todos os níveis e aumentando significativamente o número de estudos sobre a América Latina e, conseqüentemente, sobre o Brasil. Essas políticas foram motivadas tanto pelo aumento do número de estudantes ingressantes na universidade quanto pelo sucesso do Sputnik, o primeiro satélite artificial da Terra, lançado pela União Soviética, no ano anterior, em 1957⁵⁹. Os beneficiários das bolsas não estavam livres de cobranças. Na escolha do tema de pesquisa, por exemplo, há de se considerar ainda a “pressão” exercida pelas agências de fomento norte-americanas. Como lembrou Warren Dean: “a cada semestre, para receber minha bolsa, eu tinha que assinar um termo de compromisso, dizendo que eu era um bom americano e que o dinheiro que eu recebia reverteria em proveito do meu país”⁶⁰.

À luz do impacto causado pelas políticas norte-americanas nas relações culturais e educacionais, Meihy identificou “gerações” de brasilianistas. Ou seja, o envolvimento nas instituições empregadoras, bem como o acesso prioritário às bolsas de estudos, era diferente de uma geração de pesquisadores para outra. Constatou então que Warren Dean e Robert M. Levine são exemplos de uma geração que encontrou sobretudo na ajuda “promovida pelo governo e pelas agências financiadoras de pesquisas”, tais como “bolsas de estudos, oportunidades de emprego e ausência de competitividade nos projetos”, uma grande motivação externa para decidirem-se no estudo do Brasil⁶¹.

Havia, no entanto, outros fatores incidindo nesse processo de escolha do objeto pelos intelectuais norte-americanos. Os impulsos que os levaram a estudar espaços culturais

⁵⁹ Em 1961 a América Latina, enquanto *area studies*, foi incorporada ao *Foreign Area Fellowship Program* - FAFP (programa de bolsas para o exterior), gerenciado pelo *Social Science Research Council*, SSRC, Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais norte-americano. A disponibilidade de recursos possibilitou a criação, entre 1961-1966, dos programas latino-americanos de graduação nas universidades de Miami, Antioch, Virginia, New México e Wisconsin/Milwaukee e de pós-graduação nas universidades da Califórnia/Los Angeles, Columbia, Florida, Texas, Tulane, Wisconsin/Madison, Yale, Cornell, Illinois, Nova York e Stanford. Cf. MICELI, Sergio. (Org.) *A Fundação Ford no Brasil*. op. cit., 1993.

⁶⁰ OLIVEIRA, Lucia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso (org). *Conversando com... Anthony Giddens, Carlo Ginzburg, Eric Hobsbawm, François Furet, Howard Becker, Jacques le Goff, Jacques Revel, Richard Morse, Robert Darnton, Tulio Halperin Donghi, Warren Dean*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003. p. 206.

⁶¹ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 19. Perguntado por José Carlos Meihy sobre a motivação para estudar o Brasil, Stanley Stein respondeu: “Simplesmente porque era para lá que ofereciam as bolsas. Vali-me de uma e fui...só por esta razão...Não houve outras grandes maquinações, foi pura e simplesmente uma combinação entre contexto político e as condições pessoais”. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 82.

diversos dos seus, como o Brasil, também estavam ligados a questões de fórum íntimo e ao contexto político. De modo geral, essa decisão denotava um caráter inconformista, havendo por trás, quase sempre, uma decisão política⁶². Para os historiadores, por um lado, pesquisar o Brasil não era a escolha padrão, sobretudo para quem desejasse traçar uma carreira de prestígio. A História dos Estados Unidos ou da Europa eram os temas mais “nobres”, nesse sentido. Por outro lado, é possível identificar entre os brasilianistas, críticos da política externa norte-americana e também do regime ditatorial instalado no Brasil em 1964. E foi por essa postura crítica e novidades historiográficas que muitos brasilianistas deixaram sua marca no momento de expansão das Ciências Sociais no Brasil. Como afirma Paulo Roberto de Almeida:

Depois de 1960, a compreensão ‘política’ do Brasil esteve no centro desses estudiosos [brasilianistas], tornando-os uma referência interna no debate sobre as instituições políticas e sociais, seus problemas econômicos, os fenômenos autoritários, o papel dos militares e das elites, dos grupos religiosos, enfim, convertendo-os em co-participantes do processo de emergência e afirmação das ciências sociais brasileiras na sua acepção contemporânea⁶³.

Examinemos mais de perto o quadro histórico-cultural no qual se formou essa geração de pesquisadores norte-americanos, a fim de entender melhor as motivações que levaram Warren Dean a escolher a América Latina como objeto de estudo.

No âmbito da Guerra-Fria, durante a década de 1960, embora os governos democratas de John F. Kennedy (1960-1963) e Lyndon B. Johnson (1963-1968), tentassem consolidar um “New Deal suavizado”, a realidade era que os Estados Unidos haviam se envolvido numa guerra sangrenta no Vietnã e conduzido o mundo a beira de uma catástrofe nuclear, na tentativa de conter o avanço do comunismo. Além disso, o fracasso em resolver antigas questões sociais, como a segregação racial, estimulou a explosão de vários movimentos que contestaram as definições estabelecidas de progresso, liberdade e cidadania.

O medo do alastramento da Revolução Cubana de 1959 acendera o alerta vermelho nos Estados Unidos. A América Latina estava agora sob forte investigação pelo seu “potencial subversivo”. Cuba, que distava menos de duzentos quilômetros do sul do estado da Flórida,

⁶² De acordo com Bárbara Weinstein, em entrevista ao autor.

⁶³ ALMEIDA, Paulo Roberto. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 52. Conferir, ainda: FICO, Carlos, POLITO, Ronald. A historiografia brasileira nos últimos 20 anos – tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas: Papirus, 1996. p. 189-208.

onde Warren Dean vivera sua juventude, desafiou o imperialismo norte-americano. A revolução liderada por Fidel Castro radicalizou com a nacionalização da economia, até então controlada por interesses de capitalistas estadunidenses. A aproximação e os acordos de Cuba com a União Soviética só fizeram aumentar a tensão. Por parte do governo norte-americano a represália e uma série de programas para intervir na região vieram imediatamente. O presidente Eisenhower (1953-1961) implementou um embargo parcial aos bens cubanos e Kennedy rompeu relações diplomáticas com Cuba logo que assumiu o poder em 1961⁶⁴.

Para os intelectuais de tendência não-conformista, sensibilizados com a situação dos países latino-americanos, a fronteira sul do continente abria-se como um campo de atuação duplamente interessante: havia quase que um fascínio pela região; a sociedade mais “engessada” despertava a utopia, a vontade de transformação da realidade. A revolução cubana representava e canalizava os anseios e as angústias de muitos dos críticos da sociedade americana. Ao mesmo tempo, os intelectuais norte-americanos podiam formular e testar esquemas explicativos que fossem úteis para aquele processo histórico em andamento.

A opção pela América Latina, portanto, era uma escolha inevitável para alguém como Warren Dean, com sua trajetória de vida pessoal e afinidade com os ideais reformistas daquela época. Como ele mesmo afirmou, sua decisão teve motivação na: “fascinação que os movimentos sociais em curso no sul do continente exerciam naqueles dias do início dos anos 60, principalmente pela Revolução Cubana”⁶⁵.

Em 1960, ano do nascimento do seu primeiro filho, Thomas, Warren Dean foi aceito na *Graduate School of the University of Florida* - UF, campus de Gainesville, um importante centro latino-americanista, para desenvolver o seu mestrado⁶⁶. Warren Dean estudou a história econômica de Cuba nos anos de 1930. Seguindo a prática de pesquisa de campo, que logo se revelaria parte fundamental de sua metodologia – a necessidade de “vivenciar a história *in loco*” – Dean permaneceu um verão na Universidade de Havana. Morou em uma pensão que, segundo ele, refletia muito bem o ambiente da sociedade cubana, “vivia-se ao mesmo tempo o

⁶⁴ Para um estudo das relações Brasil – Estados Unidos durante a década de 60, tendo como referência a Aliança para o Progresso – programa de ajuda externa americano direcionado para a América Latina – e seu impacto político e econômico no Brasil, ver RIBEIRO, Ricardo Alaggio. A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil – Estados Unidos. *Perspectivas*, São Paulo, n. 30, p. 151-175, 2006.

⁶⁵ In MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 273.

⁶⁶ A UF é a instituição de educação superior mais antiga do país e a maior das quatro universidades que compõem o sistema de ensino superior público do estado da Flórida. No campus de Gainesville desenvolveu-se um importante programa de pesquisa em América Latina. A partir de 1948 a Florida University Press passou a editar para a *Hispanic Division* da Biblioteca do Congresso, o *Handbook of Latin American Studies – HLAS*, até o ano de 1966, quando ficou sob a responsabilidade da Universidade do Texas, Austin. O *Handbook* é uma bibliografia sobre a América Latina, contendo trabalhos selecionados e comentados por pesquisadores, tornando-se, desse modo, num guia essencial de fontes disponíveis para latino-americanistas.

entusiasmo e as contradições de uma nova sociedade em formação e em tensões crescentes com Washington”⁶⁷. Presenciou a revolução em primeira mão. Em agosto de 1961, recebeu o grau de *Master of Arts* pela Universidade da Flórida, com a dissertação “Cuba in the Great Depression”.

O objetivo de Warren Dean após a realização do mestrado era continuar estudando a história de Cuba. Contudo, devido à crescente crise nas relações entre os Estados Unidos e o país caribenho, viu-se forçado a mudar seu foco, embora conservando-se interessado pela história da América Latina. O Brasil lhe parecia a escolha mais óbvia, do ponto de vista político, uma vez que o país mostrava-se potencialmente pré-revolucionário. Ainda que no imaginário geral permanecesse a imagem do novo progresso, pela fundação de Brasília, da expansão da indústria automobilística, dentre outras, parte da imprensa nos Estados Unidos dava a impressão de que uma revolução aconteceria no país sul-americano, a exemplo de Cuba. Vários artigos publicados na década de 1960 pela *Monthly Review*, uma revista marxista de Nova York, informavam ao público que: “a América Latina caminha para uma profunda transformação revolucionária”⁶⁸.

As “impressões” de Celso Furtado ajudaram a cativar a imaginação de Warren Dean. Furtado, intelectual com trânsito no universo acadêmico norte-americano, publicou, em 1962, “*A Pré-Revolução Brasileira*”. No livro o autor afirmava que estava em curso no Brasil um processo revolucionário latente, um momento de transformações sociais e econômicas profundas. A certeza da efetivação desse fato fez Furtado escrever:

Em meus contatos com a juventude universitária de todo o Brasil, tenho observado que crescentes ansiedades dominam os espíritos. Generalizou-se a consciência de que o país caminha para transformações de grande alcance; e de que, sob nossos pés como uma tormenta profunda, trabalham forças insondáveis⁶⁹.

Em face desse cenário e sob influência do debate no campo da história econômica nos Estados Unidos, Warren Dean resolveu estudar o Brasil, apoiando-se na idéia de que a revolução se instalaria sobre um país de industrialização acelerada. Para essa afirmação, nos apoiamos no que disse Robert Levine:

⁶⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 273.

⁶⁸ SWEEZY, Paul M.; HUBERMAN, Leo (Org.). *Perspectivas da América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964, p. 08. O livro é uma coletânea de artigos publicados na *Monthly Review*, uma espécie de termômetro do clima político da América Latina sob a perspectiva da esquerda.

⁶⁹ FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962. p. 13.

Para compreender a evolução sucessiva de tópicos e as abordagens metodológicas dos “brasilianistas”, deve-se ter em mente que cada nova geração de pós-graduados é influenciada pela orientação da disciplina acadêmica em que ocorre o estágio para o doutorado⁷⁰.

Sem perder tempo, em 1962 Warren Dean já estava matriculado no programa de pós-graduação na mesma Universidade, em Gainesville, para a realização do seu curso de doutoramento. Lá dispôs de uma bolsa *Foreign Area Teaching Fellow*, um projeto da Fundação Ford que oferecia também um semestre na Universidade de Columbia, onde se formavam quase todos os brasilianistas norte-americanos. Interessado em história econômica, na Columbia Dean fez o curso do economista Albert O. Hirschman, considerado um dos fundadores do novo campo de pesquisa da “economia do desenvolvimento”, que emergiu no final da Segunda Guerra Mundial⁷¹.

Hirschman havia tido profunda experiência profissional em países latino-americanos e seus trabalhos, segundo Ana Maria Bianchi, “tiveram um efeito de recrutamento, ajudando a tornar o novo campo de desenvolvimento econômico atraente e excitante para muitos jovens pesquisadores”⁷²; Com o aluno Warren Dean não seria diferente. Em seu texto sobre a trilogia de Hirschman, Bianchi também apresenta uma seção na qual discorre sobre algumas das tendências metodológicas do famoso pesquisador da economia do desenvolvimento, destacando: 1) a inclinação por ultrapassar barreiras disciplinares; 2) a estreita conexão entre o trabalho teórico e as recomendações políticas, de um lado, e em uma intensa preocupação com a pesquisa empírica, de outro. Estudar as causas do subdesenvolvimento dos países latino-americanos tinha como objetivo subjacente mostrar como políticas reformistas de amplo espectro podiam ser implementadas para solucionar seus problemas; por fim, como 3) diferentemente de outros economistas, Hirschman abordava os problemas de pesquisa com uma mentalidade aberta, sem vinculação rigidamente limitada por teóricos⁷³.

⁷⁰ Cf. LEVINE, Robert. Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens. In: BARBOSA, Rubens Antonio e EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 73.

⁷¹ Para um estudo dos principais trabalhos de Albert Hirschman, ver: BIANCHI, Ana Maria. Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 16, n. 2 (ano 30), pp. 131-150, 2007. Para um estudo da evolução da economia do desenvolvimento ver o artigo de BONENTE, Bianca Imbiriba e FILHO, Niemeyer Almeida. Há uma Nova Economia do Desenvolvimento?. *Revista de Economia*, Curitiba, v. 34, n. 1 (ano 32), p. 77-100, jan./abr., 2008.

⁷² BIANCHI, Ana Maria. Albert Hirschman na América Latina e sua trilogia sobre desenvolvimento econômico. *Economia e Sociedade*, op. cit., 2007. p. 132.

⁷³ Id. *Ibid.*, p. 144-147. Vale destacar que Joseph Schumpeter já havia tratado do tema do desenvolvimento econômico, acentuando a importância do ciclo de inovação tecnológica no processo de mudança no sistema capitalista. Sua teoria passou a ser utilizada para explicar a situação de atraso econômico dos países que chamados de atrasados ou subdesenvolvidos.

Após esse período de treinamento, durante o qual tudo indica que Warren Dean tenha aprendido algumas novas lições com o professor Hirschman e reforçado outras convicções, realizou o exame de qualificação para o grau de *Doctor of Philosophy*, em 14 de setembro de 1962. Como era comum nos programas de pós-graduação, depois desse exame o estudante estava habilitado para a realização da sua pesquisa de campo. Logo, com o dinheiro da bolsa à disposição, Dean voou para São Paulo, um dos poucos lugares no mundo em desenvolvimento onde um sistema industrial havia crescido a partir de uma economia de exportação de matérias-primas. Reformulou o projeto inicial, decidindo-se por estudar o processo de industrialização ocorrido em São Paulo⁷⁴. Este recorte geográfico deveu-se, segundo Dean, por ser o local de máximo interesse para um pesquisador de História Econômica do Brasil; era a região mais desenvolvida do país, havia uma pujança econômica e um processo avançado de industrialização; além de apresentar um “tipo de cultura que se forma resultante de grandes levas de imigração”, algo muito semelhante à Nova York⁷⁵.

Inicialmente, a escolha não o deixou livre das dificuldades enfrentadas pelo estudioso da História do Brasil nos Estados Unidos, como por exemplo, o obstáculo imposto pelo idioma, pouco falado e ensinado nas universidades norte-americanas. Decorre daí que os poucos livros de historiadores e intelectuais brasileiros da história econômica eram ainda infimamente traduzidos para o inglês⁷⁶. Nestas condições, restava ao pesquisador a influência dos brasilianistas mais velhos. De acordo com Judy Bieber, naquela época quatro profissionais cumpriram esse papel em relação à geração de Warren Dean: Stanley Stein, Richard Morse, George Boehrer e Daril Alden⁷⁷.

Nessa fase de sua formação, Warren Dean seguiu de perto os passos de Stanley Stein. Conforme relatou a José Carlos Meihy: “O professor Stein sempre foi aberto aos jovens pesquisadores, mesmo para aqueles que não fossem ligados à universidade dele...Eu o adotei como exemplo de pesquisador, como tipo de professor, como modelo de pessoa que eu queria ser”⁷⁸.

A dificuldade inicial com o idioma logo seria sanada, pois Warren Dean, um *workaholic* de geração, era também um autodidata que se dedicava muito ao estudo de línguas estrangeiras, como atestam alguns documentos. O primeiro, publicado por Howard F. Cline,

⁷⁴ Não encontramos informações adicionais sobre o projeto inicial.

⁷⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 275.

⁷⁶ Essa afirmação se apóia no relato de John H. Schulz, que concluiu o doutorado em Princeton, em 1973, sob a orientação de Stanley Stein, tendo Warren Dean feito parte da sua banca examinadora.

⁷⁷ Cf. BIEBER, Judy. *História do Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 198.

⁷⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 277.

em 1966, informa os seguintes dados referentes aos índices de proficiência de Warren Dean, tendo como critério de avaliação, respectivamente, os níveis de leitura, entendimento da linguagem falada, pronúncia e escrita, sendo 5 a nota máxima: Espanhol (4;4;3;3), Português (5;5;4;4) e Francês (3;2;2;1)⁷⁹. Em outro documento, publicado em 1971, percebemos que o estudo de línguas de Warren Dean havia avançado significativamente, constando, desta vez, o acréscimo do idioma italiano: Espanhol (4;4;4;3), Português (5;5;5;4), Francês (4;3;3;3) e Italiano (3;3;2;1)⁸⁰. O estudo de línguas tornou-se uma prática corriqueira para Warren Dean e um instrumento fundamental de suas pesquisas. É possível especular, por exemplo, que a língua italiana, nesse caso, serviu para a pesquisa que resultou no artigo “Remittances of Italian Immigrants: from Brazil, Argentina, Uruguay and USA, 1884-1914”, publicado em 1974. Em outras ocasiões, estudaria também o japonês, o alemão e o holandês.

No Brasil não demoraria também para formar um núcleo de amizade muito forte, o que facilitaria o seu trânsito pelo universo acadêmico brasileiro, inclusive a arquivos e pessoas, no ambiente de ditadura e de perseguições políticas severas. Participou do círculo da intelectualidade paulista. Em São Paulo morou por um período entre 1962 e 1963, num prédio ao lado da Escola de Sociologia e Política (ESP), onde chegou a assistir aulas. Esteve ligado à cadeira de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP), na época do professor Florestan Fernandes, quando então conheceu Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Gabriel Bolaffi⁸¹. Manteve estreita relação intelectual também com Caio Prado Jr., e Sérgio Buarque de Holanda⁸². Sérgio Buarque era admirado por Dean não só como historiador, mas também como uma figura intelectual, pelo modo como escrevia, conforme confessou a Meihy: “os trabalhos dele têm uma elegância invejável, gosto muito da maneira como fazia História... A gente conversava muito”⁸³.

Seu interesse de pesquisa naquela época – o surgimento do empresariado e da burguesia nacionais – confundia-se, de certa forma, com as pesquisas de Fernando Henrique Cardoso e Luciano Martins. A origem desse tema remete às novas orientações e tendências da

⁷⁹ Howard F. Cline. *Historians of Latin America in the United States Biobibliographies of 680 specialists*. Durkhan: Duke University Press, 1966. p. 26. (Conference on Latin American History)

⁸⁰ Library of Congress Hispanic Foundation. *National directory of Latin Americanists; biographies of 2,695 specialists in the social sciences & humanities*. 2. ed. Washington: Library of Congress, 1971. p. 149.

⁸¹ Para um estudo da “cadeira de sociologia uspiana” sob comando do professor Florestan Fernandes, ver: LAHUERTA, Milton. Em busca da formação social brasileira: Marxismo e vida acadêmica. *Perspectivas*, São Paulo, 28, p. 157-186, 2005.

⁸² Vale destacar que o livro *Rio Claro: a Brazilian Plantation System, 1820-1920*, (Stanford: Stanford University Press, 1976.), que teve como foco a opressão da escravidão no período cafeeiro, foi dedicado à Caio Prado Jr, que na época da finalização do livro havia sido aposentado compulsoriamente, quando, na opinião de Warren Dean, “deveria ter ido para a cátedra vitalícia”. Dean lembra ainda que Sergio Buarque de Holanda o ajudou a ter acesso ao Arquivo do Estado, numa época difícil.

⁸³ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 277.

historiografia econômica norte-americana da metade do século XX⁸⁴. A discussão sobre as origens da industrialização e a fase de “arrancada” (*take off*), tornaram-se assuntos relevantes durante aquele período de estudos de Warren Dean. As teses clássicas da historiografia norte-americana tinham sido escritas por Charles Beard e Thomas C. Cochran, discutindo o papel da Guerra de Secessão no desenvolvimento econômico, particularmente, na industrialização do país. As técnicas de quantificação, o diálogo com outras disciplinas, como a sociologia e a demografia, assim como as teorias econômicas, influenciaram os historiadores. Do mesmo modo, os trabalhos de Joseph Schumpeter, sobre os ciclos e desenvolvimento econômicos, tiveram impacto no pensamento econômico a partir da primeira metade do século XX em diante. Schumpeter buscou explicar o mecanismo de mudança no capitalismo dando importância para o papel dos empreendedores e das inovações para o desenvolvimento de uma economia. A “agência” – as ações dos homens de negócios, dos industriais, banqueiros etc – tornou-se, aliás, um tema relevante de discussão⁸⁵. Nessa perspectiva, independente da interpretação do crescimento econômico, está implícita uma contínua ação dos homens⁸⁶.

Torna-se importante ressaltar, de acordo com Marshall Eakin, que a teoria da modernização predominava no cenário intelectual latino-americanista nos Estados Unidos em todas as ciências sociais. Essa teoria fundamentava-se, basicamente, na idéia de que para se modernizar os países latino-americanos precisavam tornar-se menos tradicionais. “Tinham de adotar os valores do mundo desenvolvido – realizações acima de atribuições, razão acima da emoção, egoísmo racional e a motivação dos lucros”⁸⁷. A modernização consistia, por exemplo, na transição de uma sociedade rural para a urbana, agrícola para a industrial, incluindo tanto fatores econômicos e sociais, como valores e cultura. Essa teoria foi largamente utilizada para explicar o subdesenvolvimento dos países do chamado Terceiro Mundo e está presente nas reflexões de Warren Dean.

Na conjuntura da Guerra Fria, reabria-se no Brasil, de forma mais acalorada e, certamente mais politizada, o debate em torno das estruturas sociais e econômicas do país,

⁸⁴ Para o estudo da historiografia norte-americana, consultamos: VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005; FOHLEN, Claude. *América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade*. Tradução João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira; Ed. USP, 1981; MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. op. cit., 1995; e o livro *Brasil dos Brazilianistas*, também citado.

⁸⁵ Sobre o debate teórico historiográfico a respeito das “Estruturas versus agentes” ver BURKE, Peter. *História e teoria social*. 3. ed. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. p. 190-210.

⁸⁶ FOHLEN, Claude. *América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade*. op. cit., 1981. p. 254 e 261.

⁸⁷ EAKIN, Marshall. Ciência política e sociologia. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 300.

partindo-se do que se convencionou intitular, então, de *consciência do subdesenvolvimento*. Nesse debate, o tema do desenvolvimento suscitou paixões entusiasmadas. Tratava-se de descobrir um caminho que abrisse perspectivas de bem-estar e progresso. Daí o alto grau de politização de que ele se revestiu, sobretudo, no período anterior a 1970. Com a crise do comércio internacional, sensível a partir de 1973, voltam-se no Brasil, novamente, as atenções para o problema do desenvolvimento “interno e auto-sustentado”, ou seja, reabria-se, aos poucos, a questão da estrutura fundiária e da produção agrícola destinada ao mercado interno.

Na América Latina, no período entre 1930 e 1960, a principal questão que a teoria econômica enfrentou foi a industrialização, “tanto como fato (de início, uma conseqüência do declínio do crescimento com base nas exportações) quanto como desiderato (para a Cepal, pelo menos no começo, uma ‘solução’ para o problema do subdesenvolvimento econômico)”⁸⁸. Contudo, nos anos 60, percebeu-se que o processo de industrialização era incapaz de acompanhar o ritmo do crescimento da população e que os regimes políticos latino-americanos não conseguiam adotar medidas que pudessem resultar nas mudanças recomendadas pela CEPAL (Comissão Econômica Para a América Latina e Caribe, da ONU)⁸⁹. Em decorrência disso, reformulou-se a teoria econômica, resultando na escola da análise da dependência, “cujos proponentes haviam perdido a fé na capacidade das burguesias industriais da América Latina de desenvolverem a região segundo os parâmetros ocidentais”⁹⁰. A teoria da dependência, que teve como representantes, por exemplo, economistas como Raul Prebisch e Celso Furtado, foi utilizada para explicar as condições estruturais históricas e políticas que causavam uma contínua dependência dos países subdesenvolvidos frente aos países desenvolvidos. Os autores dessa corrente teórica defendiam, basicamente, um processo de industrialização e desenvolvimento acelerados que pudesse pular etapas e assim eliminar a condição de subdesenvolvimento.

Nessa época, reconhece-se entre muitos brasilianistas uma tentativa de compreender e explicar o Brasil pela industrialização, ressaltando o papel da vocação agrícola da economia

⁸⁸ LOVE, Joseph. Ideias e Ideologias Econômicas na América Latina, 1930-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Ed. USP, 2011. p. 162.

⁸⁹ Para um estudo sobre as teorias cepalinas, ver: RODRIGUES, Octávio. *Teoria do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

⁹⁰ LOVE, Joseph. Ideias e Ideologias Econômicas na América Latina, 1930-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. op. cit., 2011. p. 162. Os colaboradores da CEPAL concentraram-se na elaboração de uma teoria do desenvolvimento alternativa que pudesse orientar os países latino-americanos a superar o subdesenvolvimento.

brasileira na origem do processo⁹¹. Segundo Werner Baer, tais estudos refletiam ainda o diálogo que economistas e historiadores econômicos norte-americanos mantinham com os temas levantados pelos acadêmicos brasileiros⁹². Os estudos sobre esse assunto até então procuravam demonstrar que a economia brasileira havia evoluído da grande lavoura destinada ao mercado externo, constituindo-se, desse modo, numa economia “periférica”. A cafeicultura no sudeste do país (Rio de Janeiro e São Paulo), entretanto, romperia com o ciclo, superando esse tipo de produção e dando início a uma economia industrial. As análises e explicações dos pesquisadores dirigiam-se para as razões desse fenômeno, investigando, particularmente, a industrialização de São Paulo. Foi com uma postura crítica e revisionista que Warren Dean adentrou nesse debate sobre o processo de industrialização no Brasil.

Na historiografia econômica brasileira, destacamos as idéias básicas de Roberto Simonsen e a linha interpretativa geral de Caio Prado Jr, com as quais Warren Dean dialogou mais diretamente.

Simonsen baseou-se na chamada *teoria dos ciclos de exportação*, segundo a qual a evolução da economia brasileira caracterizou-se por uma sucessão de “arrancadas” atreladas à exportação de um determinado produto⁹³. Segundo o autor, a indústria no Brasil havia passado por vários surtos de progresso, identificáveis, por exemplo, com o *boom* do café do início do século XX e com a Primeira Guerra Mundial⁹⁴.

Caio Prado Jr. centralizou sua atenção no sistema de produção baseado na grande lavoura de exportação, que considerou responsável pela manutenção de uma estrutura socioeconômica tradicional. Segundo Caio Prado, a expansão da cultura cafeeira no Centro-

⁹¹ Existem diversos manuais disponíveis para um balanço da historiografia econômica do Brasil. Na busca de identificar as tendências e as orientações gerais que regeram o debate no qual Warren Dean se envolveu durante o período inicial de sua formação, nos apoiamos, sobretudo, nos seguintes livros/textos: LOVE, Joseph. *Ideias e Ideologias Econômicas na América Latina, 1930-1990*. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. op. cit., 2011; PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. Rio de Janeiro: Apec, 1976; BAER, Werner. *O sistema econômico brasileiro visto pela ótica norte-americana*. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002; NOGUEIRA, Denio; PELAEZ, Carlos Manuel. *Introdução: ensaios sobre a economia brasileira, 1822-1972*. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, 26 (3), p. 11-83, 1972. CONDE, Roberto Cortés; STEIN, Stanley J. (Ed.). *Latin America: A Guide to Economic History, 1830-1930*. Brekeley: University of California Press, 1977.

⁹² BAER, Werner. *O sistema econômico brasileiro visto pela ótica norte-americana*. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 268.

⁹³ Cf. LUZ, Nícia Villela. *A História Econômica do Brasil no período de 1830 a 1930: abordagens e problemas: um ensaio bibliográfico*. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (coord.). op. cit., pp. 203-212.

⁹⁴ Sobre a teoria dos efeitos dos períodos “adversos”, que remonta aos primeiros historiadores econômicos brasileiros, com destaque para Roberto Simonsen, e que foi aprofundada posteriormente pela CEPAL e Celso Furtado, ver MARTINS, Roberto B. “A interpretação do crescimento com liderança das exportações: modelos teóricos e a experiência brasileira”. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (coord.). *A Moderna História Econômica*. op. cit., 1976. p. 213-221.

Sul, embora tivesse significado certo progresso material, reforçou a estrutura tradicional da economia brasileira, isto é, a monocultura escravista voltada para o mercado exterior.

No diálogo com os historiadores brasileiros, os trabalhos de Stanley Stein foram via de entrada para outros brasilianistas interessados na história econômica do Brasil⁹⁵. Os trabalhos de Stein avançam na linha de Caio Prado. Para o autor norte-americano, a industrialização no Brasil resultou de um processo contínuo, interligado desde o início à evolução da economia cafeeira. No seu curso de doutoramento, Warren Dean orientaria suas pesquisas nesta mesma direção. Sob orientação básica na teoria de Joseph Schumpeter, manteria seu foco, portanto, no papel dos empresários e no surgimento de uma burguesia nacional.

Concluída a fase de pesquisa no Brasil, Warren Dean voltou aos Estados Unidos para a defesa de sua tese “Sao Paulo's industrial elite, 1890-1960”, pela qual recebeu o grau de *Doctor of Philosophy*, em agosto de 1964. Seu trabalho esperaria mais cinco anos até ser publicado, período em que Dean se aprofundaria ainda mais no debate e orientações de sua disciplina. Conforme afirma Levine, após a conclusão do doutorado:

(...) o novo “brasilianista”, por mais brilhante e bem-sucedido que seja, comporta-se como qualquer professor assistente do sistema universitário norte-americano, isto é, desenvolve uma sintonia com as orientações e enfoques de sua disciplina⁹⁶.

Ainda em 1964, Warren Dean iniciou uma pesquisa de pós-doutorado intitulada “São Paulo's Industrial Elite, 1890-1950”, com subsídio da *Foreign Area Teaching*, da Fundação Ford, no programa da Universidade do Texas, Austin, outro importante centro de estudos latino-americanos do sul dos Estados Unidos⁹⁷. Pretendia responder duas questões centrais: 1) quais foram as origens econômicas e sociais dos industriais; 2) e que papel eles representaram no desenvolvimento econômico do Brasil. A pesquisa, que durou até agosto de 1965, resultou

⁹⁵ Stanley Stein escreveu dois importantes trabalhos sobre a história econômica brasileira: *Vassouras*, um município brasileiro do café, 1850-1900 (Tradução Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990) e *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850-1950* (Tradução Jaime Larry Benchimol. Rio de Janeiro: Campus, 1979), ambos publicados originalmente em 1957.

⁹⁶ Cf. LEVINE, Robert. “Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens”. In: BARBOSA, Rubens Antonio e EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 73.

⁹⁷ A Universidade do Texas, Austin, abriga desde 1941 o Instituto de Estudos Latino-Americanos (*Institute of Latin American Studies - ILAS*), que foi decisivo no desenvolvimento dos estudos brasileiros nesta universidade. Durante a década de 1950, o Instituto começou a formar um quadro de especialistas reconhecidos nacionalmente, como Lewis Hanke e Daniel Stanislawski. O ILAS mantém um programa ativo que facilitava a publicação de novas pesquisas em Ciências Sociais e História. As publicações enquadram-se em 5 categorias: *Latin American Monograph Series*, *Offprint Series*, *Guides and Bibliographies Series*, *Hackett Memorial Lecture Series* e *Special Publications*.

no artigo “The Planter as Entrepreneur: The Case of São Paulo”, pela qual Warren Dean recebeu o prêmio *James Alexander Robertson Prize*⁹⁸.

Ao término desse trabalho, em 1965 Warren Dean foi contratado pela Universidade do Texas como Professor Assistente de História, permanecendo no cargo até 1970, em intensa atividade de pesquisa. O ano de 1966, por exemplo, registra o início de duas novas investigações. A primeira, intitulada *Political History of Sao Paulo 1889-1932*, foi realizada em conjunto com John Bennett e foi um estudo sobre a organização do Partido Republicano Paulista e as relações do governo do estado com a política nacional durante a Primeira República. A outra, em parceria com Charles O’ Neill, *A comparative study of Latin American Golpes*, um projeto que utilizava computador para comparar certos aspectos dos golpes de estado a fim de testar teorias da instabilidade política na América Latina. Nesse estudo foram analisados noventa e nove casos cobrindo o período de 1930-1965⁹⁹.

Esse alargamento nos métodos e abordagens (uso de computador e estudo comparativo) serve para demonstrar a postura inovadora de Warren Dean. Em relação às fontes, ele procurava juntar e estudar materiais até então pouco explorados, alterando as perspectivas de análise praticadas pela “história econômica tradicional”. Atesta essa sua característica ainda a publicação, em 1968, de um levantamento de documentos de empresas norte-americanas que operavam na América Latina. Seu propósito era descobrir fontes até então desconhecidas e, por isso, inutilizadas pelos historiadores econômicos e economistas¹⁰⁰.

Já em 1967, Warren Dean havia iniciado uma nova pesquisa, intitulada *History of a Coffe Municipio in São Paulo State, 1880-1950*, um reexame das preocupações levantadas por Stanley Stein no seu livro *Vassouras* (1957), mas sob condições diferentes: trabalho livre e industrialização incipiente. Maior ênfase foi dada à política local e às relações com o governo do estado.

Com uma nova bolsa de estudos da *Social Science Research Council Fellowship* (SSRC), Warren Dean passou um novo período no Brasil, entre 1967 e 68, onde pode continuar a sua pesquisa sobre Rio Claro, agora sob o título *The County of Rio Claro, 1820-1920*. Este era um estudo social e econômico do município do interior de São Paulo, cujo foco era a propriedade da terra, o sistema de trabalho e a mobilidade social. Rio Claro experimentara o desenvolvimento da produção de café enquanto o sistema de trabalho escravo

⁹⁸ DEAN, Warren. The Planter as Entrepreneur: The Case of São Paulo. *The Hispanic American Historical Review*, v. 46, n. 2, p. 138-152, 1966.

⁹⁹ Sobre esses estudos não encontramos outras referências além das apresentadas.

¹⁰⁰ DEAN, Warren. Sources for the Study of Latin American Economic History: The Records of North American Private Enterprises. *Latin American Research Review*, v. 3, n. 3, p. 79-86, 1968.

estava em decadência e a inserção da mão-de-obra dos imigrantes estava em curso. O estudo apresentava ainda outras preocupações, tais como a posse da terra, finanças, técnicas agrícolas, relações trabalhistas, controle político e o crescimento urbano. No âmbito dessas pesquisas desenvolveu um estudo social e econômico intitulado *The Latifundia in Brazil: Policy under the Empire*, com foco na Lei de Terras de 1850, “suas origens e conseqüências”¹⁰¹. Nesse texto procuraria demonstrar o problema da estrutura fundiária no Brasil, como a concentração de terras nas mãos da elite rural, com fins especulativos e com baixo aproveitamento econômico. O latifúndio caracterizar-se-ia, dessa forma, como uma empresa antieconômica e que se move em detrimento do bem-estar social.

Nesse contexto, Warren Dean publicou, em 1969, na categoria “Latin American Monograph Series”, da editora da Universidade do Texas, o seu primeiro livro, *The Industrialization of São Paulo*, que lhe rendeu um *Robertson Prize: honorable mention*. Foi também por esse livro que ficaria conhecido, inicialmente, dos brasileiros¹⁰².

O livro resultara de sua tese de doutoramento e de estudos posteriores, e tratava-se, principalmente, de uma revisão do pensamento de Roberto Simonsen. Nesta postura revisionista, Warren Dean apresentava uma tese diametralmente oposta, por exemplo, a de Celso Furtado, Werner Baer e da CEPAL, que defendiam, *grosso modo*, a importância das situações adversas como impulso da economia¹⁰³. Discordou, portanto, da opinião corrente, que afirmava que antes da Primeira Guerra Mundial o Brasil seria, exclusivamente, um exportador de produtos primários; a guerra havia significado um impulso fundamental para a industrialização do país. Apoiando-se nos estudos de Stein, Dean demonstrou que a economia cafeeira desempenhou um papel decisivo desde o início do processo de industrialização, na década de 1890, cujo financiamento adveio do capital dos cafeicultores paulistas e dos industriais imigrantes. Por outro lado, ressaltou a importância do estímulo da demanda externa pelo café. Basicamente defendeu que: “A industrialização de São Paulo dependeu, desde o princípio, da procura provocada pelo crescente mercado estrangeiro do café”¹⁰⁴.

¹⁰¹ DEAN, Warren. Latifundia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, v. 51, n. 4 p. 606-625, Nov., 1971. O resultado dessas pesquisas comporia o seu segundo livro, *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920*, publicado dez anos depois, em 1976.

¹⁰² A edição brasileira intitulada *A industrialização de São Paulo* foi publicada pela editora Difel e pela Editora da Universidade de São Paulo em 1971, com tradução de Octavio Mendes Cajado. Para um primeiro impacto da obra entre os historiadores brasileiros conferir o depoimento da professora Maria Ligia Coelho Prado, em “Warren Dean”. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 91-93, 1995.

¹⁰³ Para um estudo dessas teses controversas sobre a industrialização, ver: SAES, Flávio A. M. de. A controvérsia sobre a industrialização na Primeira República. *Estudos Avançados*. v.3, n. 7, 1989. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141989000300003>> Acesso em: 15 ago., 2012.

¹⁰⁴ DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo*. Tradução Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Ed. USP; Difel, 1971. p.09.

Warren Dean orientou suas pesquisas nessa linha interpretativa, destacando a influência da mentalidade de uma economia de *plantation* e das condições dessa economia sobre a industrialização paulista¹⁰⁵. Nesse tipo de economia voltada para o mercado externo, que prevaleceu na história econômica brasileira, encontrou elementos para a explicação do “subdesenvolvimento”, como as pressões de uma sociedade tradicional e paternalista. Num claro diálogo com as teorias da modernização estava, portanto, interessado nos obstáculos ao desenvolvimento econômico. Como afirmaria mais tarde, a orientação da economia para o mercado exportador:

(...) foi uma estratégia posta em prática por uma elite burocrática para favorecer a estabilidade do governo e o crescimento econômico nos interesses de uma classe de proprietários rurais cujos horizontes não iam muito além de uma pequena especulação. Não foi realmente uma política nacional, muito menos redistributiva. Os ganhos que ela proporcionou não foram partilhados entre todos¹⁰⁶.

Num sentido “prático” do estudo dessa temática, vale lembrar, de acordo com Flávio A. M. de Saes, que as polêmicas a respeito da industrialização na Primeira República não se restringiam, de modo geral, estritamente ao debate no âmbito acadêmico, pois, “os argumentos apresentados deviam, à sua época, servir de apoio a propostas de política econômica (ou à crítica de políticas em vigor) e à compreensão do alinhamento político de determinados grupos sociais”¹⁰⁷. Neste sentido o posicionamento de Warren Dean era bastante claro:

Naquela época supunha que a industrialização pudesse ter sido orientada de outra maneira, quer dizer, que a burguesia nacional brasileira (se é que esta é uma boa expressão para conceituá-la) poderia ter feito um programa parecido com o do Japão, isto é, industrializar pela via dos bens de capital, implicando o fortalecimento das Forças Armadas para se defender contra o imperialismo e somente depois passar para a produção dos bens de consumo...Isto é algo que inclusive a Revolução Cubana estava tentando instalar naquele momento, e esta me parecia uma estratégia melhor fundada¹⁰⁸.

¹⁰⁵ LUZ, Nícia Villela. A História Econômica do Brasil no período de 1830 a 1930: abordagens e problemas: um ensaio bibliográfico. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. op. cit., 1976. p. 212.

¹⁰⁶ DEAN, Warren. A economia brasileira, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Tradução de Geraldo Gerson Souza. São Paulo: Ed. USP, 2002. v. 5. p. 702.

¹⁰⁷ SAES, Flávio A. M. de. A controvérsia sobre a industrialização na Primeira República. *Estudos Avançados*, op. cit., 1989. p. 20.

¹⁰⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 275.

A conjuntura seguinte abrandaria suas certezas quanto ao modelo de industrialização mais adequado para São Paulo e o direcionaria para outras questões, como veremos mais adiante.

Warren Dean também dialogou com a “teoria da dependência”, que ganhava terreno entre os intelectuais de esquerda no final dos anos 60, quando ficou evidente que o desenvolvimento econômico não se dava por etapas, por um caminho natural. Seu questionamento o levaria novamente à trilha aberta por Stanley Stein, dessa vez para encontrar no passado brasileiro os entraves ao desenvolvimento econômico.

O tema da “herança colonial”, como uma tentativa de explicar o subdesenvolvimento dos países latino-americanos, havia sido sintetizado em 1970 por Stanley e Barbara Stein no livro *The Colonial Heritage of Latin América: Essays on Economic Dependence in Perspective*. O tom e o teor da crítica foram explicitados logo na sua introdução, cujo trecho da citação que se segue é da 2ª edição brasileira, de 1977:

(...) a característica mais notável da América Latina contemporânea é sua dependência econômica, seu subdesenvolvimento ou atraso face às nações do Atlântico norte. Igualmente digno de nota é o abismo interno entre desprezíveis comunidades rurais e metrópoles resplandecentes, entre a pobreza e o luxo, entre tecnologia primitiva e tecnologia sofisticada, entre a fome e a abundância. Nessa dependência econômica e em sua síndrome de polarização econômica e social encontramos a principal herança de três séculos de subordinação a Portugal e Espanha. Os 150 anos de existência nacional, por seu turno, demonstram a permanência da dependência econômica e das dicotomias sociais internas, não obstante o estabelecimento de governos independentes, republicanos na forma e correspondentes, em teoria, à vontade de suas respectivas populações. Assim sendo, a América Latina parece disposta a legar ao futuro a herança do passado¹⁰⁹.

Os autores, baseados numa abordagem econômica e social, encararam a América Latina como um continente caracterizado pelo subdesenvolvimento. Buscaram explicitar alguns fatores do “atraso” a partir do exame do processo de mudança econômica. Descortinaram, assim, determinadas estruturas, padrões de comportamento e atitudes que ainda persistiam na América Latina à sua época, como a economia de *plantation* e os padrões sociais associados, a ênfase na exportação, o elitismo e o racismo, o nepotismo, o clientelismo e uma tradição de direito privado na administração pública. O tom pessimista reflete a crítica dos autores ao modelo de “desenvolvimento autoritário” dos países latino-americanos, assolados por ditaduras militares naquele momento. Esses governos, via de regra, modelaram

¹⁰⁹ STEIN, Stanley; STEIN, Barbara H. *A Herança Colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica*. Tradução José Fernandes Dias. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

o desenvolvimento a partir da dependência do capital estrangeiro aumentando cada vez mais as desigualdades econômicas, além da forte repressão e controle social, que caracterizaram também esses regimes.

Esse quadro pintado pelo casal Stein serviu de suporte para a formulação da crítica de Warren Dean, como por exemplo, no seu artigo publicado em 1971, “Latifúndia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil”¹¹⁰. O seu objetivo nesse texto foi demonstrar que a concentração da propriedade de terra, o latifúndio, uma herança do período colonial que o liberalismo do século XIX não conseguiu superar, constituiu-se na grande desvantagem política e social da América Latina. A sua hipótese principal era de que o insucesso do governo em resolver o problema da concentração da propriedade agrícola e do poder dos grandes fazendeiros, constituía um exemplo da dificuldade de uma reforma emanada de um sistema político dominado pela elite rural. Dean concluiu que o envolvimento dessa elite com o poder político resultava num verdadeiro entrave ao desenvolvimento do país, promovendo um progresso ínfimo e localizado. Em suas palavras:

Com efetividade somente na costa, nas cidades e nas alfândegas, o governo central foi forçado a ignorar o desenvolvimento do imenso interior dotado de recursos quase infinitos, concentrando-se no desenvolvimento modesto resultante da exportação de café¹¹¹.

Warren Dean aponta também para uma dimensão espacial do processo de desenvolvimento. Sob esta perspectiva, haveria a necessidade de articulação das políticas de desenvolvimento “nacional” com o “regional”, esquema de análise no qual a estrutura espacial remete a um sistema de regiões interdependentes: o “centro” industrial, inovador, e a “periferia”, região definida por suas relações de dependência com o centro¹¹².

Nessa fase, ao mesmo tempo em que Warren Dean se concentrava nas origens do processo de desenvolvimento industrial em São Paulo e dos efeitos da economia do tipo *plantation*, dirigia sua atenção também para as questões levantadas no campo da História Social. Naquela época, diversas pesquisas sobre o Brasil em universidades norte-americanas dedicavam-se aos temas de conscientização social – raça, gênero, escravidão, pobreza, resistência à autoridade, expondo o lado “pragmático” daquela academia. A partir do debate

¹¹⁰ DEAN, Warren. Latifúndia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, op. cit., 1971; Os latifúndios e a política agrária brasileira no século XIX. In: PELAEZ, C. M.; BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. op. cit., p. 245-257, 1976.

¹¹¹ DEAN, Warren. Os latifúndios e a política agrária brasileira no século XIX. In: PELAEZ, C. M.; BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. op. cit., 1976. p. 257.

¹¹² Sobre esse assunto, veja-se o BECKER, Bertha K. Crescimento econômico e estrutura espacial do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 34 (4): p. 101-116, 1972.

suscitado nesse campo, Warren Dean desenvolveu novos argumentos que possibilitaram a formulação de um outro tipo de crítica ao regime de exceção instaurado no Brasil em 1964. Sob o enfoque social, apontou para o papel de agência dos escravos durante o processo de abolição da escravatura no país.

Para entendermos melhor essa característica da historiografia norte-americana, valemo-nos das observações de José Antonio Vasconcelos. Para o autor, a emergência dos movimentos de direitos civis fortaleceu ainda mais o questionamento à objetividade histórica que já havia sido iniciado pela nova esquerda, reivindicando a inclusão das minorias na revisão do passado histórico, não mais do ponto de vista “elitista”. De acordo com Vasconcelos:

A subjetividade, nessa perspectiva, passava então a ser vista não mais como obstáculo para um conhecimento verdadeiro de uma sociedade passada, mas, pelo contrário, como condição *sine qua non* para o desvelamento das relações de poder nela existentes¹¹³.

Essa “evolução” historiográfica refletia claramente o contexto sócio-político do país, de onde emergiam forças que minavam qualquer tipo de idéia consensual a respeito da sociedade norte-americana. Nas palavras de Robert Darnton, “o conflito racial, as ‘contraculturas’, o radicalismo dos estudantes, a guerra no sudeste asiático, o colapso da presidência destruíram a visão da história americana como um consenso espiritual”¹¹⁴.

O panorama das tendências historiográficas norte-americanas traçado por Gerson Moura também pode ser recuperado aqui, pois ajuda a esclarecer essa evolução dos estudos históricos que atingiu a trajetória de Warren Dean. O pequeno livro de Moura, no qual fez um mapeamento da historiografia nos Estados Unidos, deveria servir como introdução a sua pesquisa principal denominada “A leitura Brazilianista da História do Brasil”, interrompida pelo seu falecimento prematuro, em 1992. As tendências e métodos expostos por Moura, contudo, revelam a vinculação historiográfica dos brazilianistas e, portanto, como eles verteram para o processo histórico brasileiro seus questionamentos. O autor observou que de meados da década de 60 em diante, houve uma compartimentação dos campos de pesquisa na historiografia norte-americana em detrimento de um paradigma anterior, que privilegiava a visualização do conjunto do processo histórico. Esse foi um período de especialização e multiplicação dos temas de pesquisa, que ocorreu paralelamente ao diálogo e o contato com

¹¹³ VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. op. cit., 2005. p. 40.

¹¹⁴ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 206.

outras ciências, o qual “tendeu a criar ‘áreas de fronteira’ cuja definição disciplinar não é clara”. O que surge desse processo, segundo o autor, é uma “competição de esquemas cognitivos diminutos (...) de investigação e que não pretendem, com raras exceções, produzir uma compreensão genérica do fenômeno histórico”¹¹⁵.

Essa “interdisciplinaridade” remete, também, a uma idéia de fluidez, de desprendimento dos limites rígidos de uma disciplina fragmentada e especializada. É nesta perspectiva que queremos analisar a obra de Warren Dean, pois não nos parece combinar muito bem com ele a “camisa de força” imposta pela especialização. Warren Dean guiava-se pelas conjunturas, sempre preocupado com temáticas sociais ou políticas contemporâneas, em especial as referentes ao Brasil. Um traço distintivo seu como pesquisador e intelectual era justamente a versatilidade, a atitude de um “desbravador” de fronteiras disciplinares, inclusive, culturais. Como afirmou a José Augusto Drummond: “ao longo da minha carreira tenho sempre passado de um assunto para outro. Não me interessa continuar na mesma senda, no mesmo trilho, fazendo a mesma coisa”¹¹⁶. O impulso inovador era-lhe, assim, um atributo inerente à sua personalidade¹¹⁷.

Essas características ajudam a explicar, em parte, porque além da luta pelos direitos civis, Warren Dean tomou parte no “novo” movimento que surgiu naquela conjuntura pós Segunda Guerra Mundial: o ambientalismo¹¹⁸. Começava a caminhar na direção de uma temática na qual dedicaria seus esforços de pesquisa e seu ativismo político. A problemática ecológica ofereceria o argumento definitivo que poria em xeque o modelo de industrialização levado a cabo no Brasil.

Os questionamentos trazidos pelo ambientalismo brotaram na mesma atmosfera progressista dos movimentos sociais nas décadas de 1950 e 1960. As suas principais idéias incluíam uma suspeita acerca da dominação humana sobre o mundo natural e uma disposição para frear o crescimento econômico e o desenvolvimento tecnológico. O ambientalismo centrou-se na própria sobrevivência humana, daí que as questões que levantou eram, em última análise, universais. Caracterizou-se pela busca de um impacto mais direto em termos

¹¹⁵ MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. op. cit., 1995, p. 14.

¹¹⁶ OLIVEIRA, Lucia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso (Org). *Conversando com...* op. cit., 2003. p. 210.

¹¹⁷ Cf. Ana Verônica Mautner, em entrevista ao autor.

¹¹⁸ Muitos trabalhos foram escritos sobre o movimento ambientalista, destacamos: MCCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista* op. cit., 1992 e GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.. Para um estudo do ambientalismo nos Estados Unidos na década de 1960 e a agenda do partido democrata, ver ROME, Adam. “Give Earth a Chance”: The Environmental Movement and the Sixties. *The Journal of American History*, v. 90, n. 2, p. p. 525-554, Sep 2003.

políticos. A mensagem era de que a catástrofe ambiental só poderia ser evitada através de mudanças fundamentais nos valores e instituições das sociedades industriais. O movimento foi amplo o bastante para cobrir diversas reivindicações, posicionamentos e estratégias políticas. Para Michael McCloskey, diretor executivo do Sierra Club, citado por John McCormick, os elementos constitutivos desse movimento nos Estados Unidos incluiu:

(...) o movimento de consumidores, inclusive os empresários reformistas; o movimento pela responsabilidade científica; um movimento revitalizado pela saúde pública; grupos favoráveis ao controle da natalidade e à estabilização populacional; pacifistas e aqueles que sublinham a importância da democracia participativa, na qual as decisões são tomadas consensualmente; jovens que enfatizam a ação direta; e um movimento difuso em busca de um novo foco para a política¹¹⁹.

A natureza não era a única preocupação. O movimento ambientalista englobava questões desde o crescimento demográfico até custos sociais do crescimento econômico. “O Novo Ambientalismo ia além do mundo natural; questionava a própria essência do capitalismo”¹²⁰.

De acordo com Adam Rome, reconhecer as raízes sessentistas do ambientalismo ajuda a conhecer melhor a história política, social e cultural do período. Nessa perspectiva, torna-se importante para compreender a visão política de Warren Dean no contexto da tomada de posição diante das questões públicas mais candentes nos Estados Unidos naquela década. O ambientalismo dizia respeito também a questões de democracia, de cidadania, passando a compor parte da agenda da ala mais à esquerda do partido democrata.

No âmbito político, segundo Rome, dois importantes acontecimentos ajudam a explicar o fortalecimento do ambientalismo nos Estados Unidos nos anos 60: a revitalização do liberalismo e a explosão do radicalismo estudantil e protestos da contracultura¹²¹. A carga ideológica desses eventos está relacionada à rejeição ao velho argumento de que a poluição era o preço a ser pago pelo progresso econômico, aos riscos ambientais provocados pelo poder de destruição da indústria moderna, como o aumento na escala de geração de energia e à popularização das idéias ecológicas.

Em meados dos anos 1950, a proteção ambiental entrou na pauta de intelectuais e políticos democratas, os quais também começavam a reconsiderar o liberalismo. Dois

¹¹⁹ Apud MCCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. op. cit., 1992. p. 64.

¹²⁰ Id. *Ibid.*, p. 61.

¹²¹ ROME, Adam. “Give Earth a Chance”: The Environmental Movement and the Sixties. *The Journal of American History*, op. cit., 2003. p. 527.

influentes defensores de um “novo liberalismo” foram o historiador Arthur M. Schlesinger Jr. e o economista John Kenneth Galbraith, ambos fundadores da *Americans for Democratic Action*¹²². No final da década de 50, os dois intelectuais tornaram-se conselheiros de John F. Kennedy e sua influência na política do partido democrata continuou nos anos 60.

Grande parte do debate proposto por Schlesinger e Galbraith centrou-se no argumento sobre o desequilíbrio entre a riqueza privada e a pobreza pública. Chamavam a atenção para as condições ambientais que claramente afetavam a qualidade de vida e o bem-estar das pessoas. Galbraith, por exemplo, tinha mostrado uma crescente preocupação com a deterioração do meio ambiente do país no seu livro *A Sociedade Afluente*, publicado em 1957.

Na Casa Branca, Kennedy deu alguns passos importantes para resolver a questão da qualidade ambiental, como a aprovação de medida para preservação florestal. Em 1962, ele realizou uma conferência sobre conservação, a primeira desde Franklin D. Roosevelt. Após a publicação de *Silent Spring*, de Rachel Carson, Kennedy instruiu seus assessores a divulgar informações sobre o uso de pesticidas.

O crescente interesse dos democratas pela questão ambiental foi além da administração Kennedy. Outros políticos da legenda também adotaram o discurso ambientalista em suas pautas e campanhas, como Gaylord Nelson, de Wisconsin, e o senador Edmund Muskie, de Maine. Após o assassinato de Kennedy, em 1963, Lyndon B. Johnson resolveu terminar o trabalho inacabado pela administração anterior nessa área.

Como democrata e professor universitário, Warren Dean levaria esse debate para sala de aula. No entanto, em Austin, onde ocupava o cargo de Professor Assistente, não encontraria um alunado muito disposto a ouvi-lo sobre tais questões. Em suas palavras: “lembro quando comecei a dar aulas sobre história do meio ambiente, já na Universidade do Texas, as pessoas chamavam o meu curso, ‘Evolution Course’, de ‘Garbage Course’, curso de lixo”¹²³. No fundo, essa lembrança reflete um profundo descontentamento de Dean com o conservadorismo texano. Para um intelectual de esquerda, um democrata progressista, era inevitável comparar o sul/conservador com o norte/progressista, relação que ele definiu como sendo de “província X metrópole”¹²⁴.

Foi um outro fato concreto, no entanto, que forçaria sua saída de Austin. Por volta de 1970, Dean negou a um capitão do Exército norte-americano a permissão de assistir suas

¹²² Vale lembrar aqui que o tio de Warren Dean, Sidney Dean, foi membro da ADA e um entusiasta desse liberalismo-progressista defendido pela organização.

¹²³ OLIVEIRA, Lucia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso (org). *Conversando com...* op. cit., 2003. p. 215.

¹²⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 279.

aulas, o que causou um grande mal-estar com o seu departamento, entre seus colegas e até com a *American Association of University Professors*:

Esse capitão era um “boina-verde”, recém-regressado do Vietnã, e que inclusive tinha chegado a oferecer palestras sobre torturas, estava se habilitando para ir para Colômbia, que na época atravessava um problema de guerrilhas internas¹²⁵.

As únicas opções que se lhe apresentavam eram desculpar-se formalmente com o capitão ou procurar emprego em outra universidade. Em um ato de coragem – considerando que o mercado de trabalho para historiadores latino-americanistas era bastante restrito – preferiu romper o contrato com a Universidade do Texas. Esse acontecimento, significativo de sua postura ética, tornou ainda mais pública a sua posição contrária à política externa de seu país, com repercussão na academia norte-americana no momento da Guerra-Fria, ecoando, inclusive, entre os brasileiros¹²⁶.

Mudou-se então para Nova York em 1970, para trabalhar no *Center for Latin American and Caribbean Studies* da *New York University* (NYU). Ali, ao lado de figuras como Nicolás Sánchez-Albornoz, que conhecera ainda em Austin, tornaria o programa de História da América Latina, particularmente o programa sobre o Brasil, reconhecido. Num ambiente “menos hostil” e mais progressista, seria possível expandir seus interesses de pesquisa, inclusive o tema da destruição da floresta atlântica brasileira. Nas suas palavras:

(...) foi o começo de uma outra etapa em minha carreira (...). Em um novo ambiente, foi possível desenvolver pesquisas baseadas em novas linhas de investigação, a começar pela possibilidade de fazer uma terceira viagem ao Brasil, desta vez com uma proposta nitidamente ecologista, quero dizer, para estudar o problema histórico do desmatamento da Mata Atlântica...Achei que este seria ***um assunto importante porque colocaria em relevo tanto o processo histórico como as circunstâncias atuais, uma vez que essa floresta, que era muito importante em termos ecológicos e culturais, já vinha sendo destruída em tempos históricos.*** (...) Acho que este é um tema fundamental e que as pessoas poderiam se interessar tanto a nível local como mundial¹²⁷ (grifos nossos).

¹²⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 278.

¹²⁶ Cumpre lembrar que além das novidades teórico-metodológicas e temáticas, Warren Dean também ficou conhecido dos brasileiros pelo seu engajamento político contra os regimes ditatoriais na América Latina e sua posição contrária ao imperialismo dos Estados Unidos. Ver a este respeito, por exemplo, SILVA, Marcos A. Notícias do brasilianismo: saudades da historiografia brasileira. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.16, n.31-32, 1996, p.77 e MASSI, Fernanda Peixoto, *Brasilianismos*, “brazilianists” e discursos brasileiros. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 5, 1990, p.5-6.

¹²⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 279.

No próximo item analisaremos os trabalhos de Warren Dean nesse novo ambiente profissional e intelectual procurando entender de que forma a tomada de consciência dos problemas político-ambientais durante a década de 1960 afetou a sua prática historiográfica

1.3 – Em Nova York: novos problemas, velhos temas, novas abordagens

Nova York, no alvorecer da década de setenta, estava envolta por uma atmosfera progressista e ainda era possível respirar o radicalismo dos movimentos sociais e do ambientalismo dos anos sessenta. Na primavera do ano de 1970, por exemplo, os norte-americanos celebraram o primeiro “Dia da Terra”, que mobilizou diversas pessoas e instituições de ensino pelo país, e cujo manifesto popularizou o slogan “Give Earth a Chance”¹²⁸. O ideal conservacionista de um John Muir ganhava novos adeptos, agora também membros do Sierra Club¹²⁹.

O “novo ambientalismo”, que havia se fortalecido com o espírito de protesto e com os eventos da contracultura da década anterior, tornava-se um movimento de massa nos Estados Unidos. Além das ruas, ocupava outros espaços públicos de debate, como os meios de comunicação, escolas e universidades. Rapidamente convertia-se num movimento político e acadêmico. Para muitos americanos já não era mais possível pensar em qualidade de vida sem levar em consideração a chamada “questão ambiental”. De fato, esse foi um contexto em que “as velhas certezas que caracterizavam a razão ocidental foram radicalmente questionadas”¹³⁰.

A década de 1970 figura, verdadeiramente, como o marco da emergência de uma “revolução” nas atitudes ambientais, sobretudo nos países industrializados. Ao mesmo tempo em que se começava a perceber mais claramente os impactos humanos na biosfera, um novo conjunto de questões passava a fazer parte da agenda das políticas públicas, em meio a um debate sobre os “limites do crescimento”. Essa crise ambiental manifestava-se, dentre outros aspectos, pelo esgotamento dos recursos naturais não-renováveis, particularmente os fósseis, sob os quais se assenta a civilização industrial; mas também pela destruição das florestas, extinção de espécies, distribuição desigual de recursos, poluição e pelo desequilíbrio dos

¹²⁸ O Dia da Terra foi uma manifestação organizada pelo senador americano Gaylord Nelson com a finalidade de criar uma consciência para os problemas ambientais. A pressão exercida pelo movimento resultou na criação pelo governo dos Estados Unidos da *Environmental Protection Agency* além de uma série de leis visando a proteção do meio ambiente.

¹²⁹ John Muir (1838-1914) foi um conservacionista norte-americano que fundou a associação ecologista Sierra Club em São Francisco, na Califórnia, em 1892. A organização é atuante até os dias atuais.

¹³⁰ MALERBA, Jurandir. *A História na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2009. p. 20.

ecossistemas¹³¹. Os efeitos ambientais do desenvolvimento, até então percebidos como consequência inevitável do progresso e da expansão do capitalismo, passavam a assumir uma nova dimensão, demandando atenção e novos esquemas explicativos. Por isso verifica-se nessa época o surgimento das primeiras análises do impacto de restrições ambientais sobre o crescimento econômico. Foram desenvolvidos modelos teóricos para explicar os papéis do meio ambiente como fornecedor de recursos naturais ao sistema econômico e como receptor dos resíduos dos processos de produção e de consumo humanos. Esses novos modelos e a percepção de uma crise ambiental planetária, de um colapso auto-destrutivo da humanidade puseram em xeque muitas das convicções da civilização industrial, como a idéia de progresso, de padrão de consumo e a busca incessante pela máxima lucratividade, produtividade e competitividade.

A crítica ecologista dirigiu-se, então, ao modelo de desenvolvimento capitalista industrial, apontando para um conflito entre crescimento econômico e preservação dos recursos naturais. Além da sobrevivência, envolvia uma questão de solidariedade para com as gerações futuras, pois o impacto da utilização de recursos naturais finitos por uma geração e a acumulação de poluição gerando efeitos prejudiciais ao ambiente, interferem na qualidade de vida das gerações do porvir¹³². A gestão de novas formas societárias de relacionamento *sociedade-natureza*, em níveis mais harmoniosos, impunha-se como o grande desafio à modernidade¹³³.

Desde a Segunda Guerra Mundial a idéia de desenvolvimento como sinônimo de crescimento prevaleceu entre economistas e formuladores de políticas econômicas. Essa idéia remetia a um tipo de convicção segundo a qual são consideradas desenvolvidas as sociedades capazes de produzir de modo contínuo. Ao perseguir esse objetivo para se tornar um país desenvolvido, ignora-se qualquer efeito dessa acumulação desenfreada, até mesmo a desigualdade e a poluição ambiental. A crescente multiplicação dos efeitos ambientais a partir da década de 1970 mobilizou um potencial de crítica a esse modelo, expresso, por exemplo,

¹³¹ SOFFIATI, Arthur. Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, 2008, p.14.

¹³² Ignacy Sachs, economista polonês radicado na França, tornou-se reconhecido por divulgar o conceito de “ecodesenvolvimento” e por seus estudos sobre a sustentabilidade. Em termos gerais, seu pensamento defende, por um lado, que o desenvolvimento deve mirar uma solidariedade sincrônica com a geração atual, eliminando as profundas desigualdades sociais. Por outro lado, para atingir a sustentabilidade, Sachs afirma, depende-se ainda de uma solidariedade diacrônica com as gerações futuras. Cf. SACHS, Ignacy. *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. op. cit., 1986.

¹³³ CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Desenvolvimento *versus* Conservação da Natureza: notas gerais sobre o tema. *Revista Humanas*, Curitiba, n. 9, 2000, p.115.

na denúncia das “falácias do progresso, suas irracionalidades e promessas frustradas, seja nos países industrializados, seja nos países do dito terceiro mundo”¹³⁴.

Diversos pesquisadores, como Karl William Kapp e Ezra Mishan, desde o final da Segunda Guerra já vinham percebendo e denunciando que esse modelo de crescimento econômico não gerava o bem-estar nem mesmo aos países mais ricos e industrializados. O economista inglês Ezra Mishan, autor do importante livro “The Costs of Economic Growth”, publicado em 1967, instigado pela afluência do pós-guerra, questionou as relações entre bem-estar, industrialização e progresso tecnológico, salientando os custos sociais do rápido crescimento econômico. A conclusão geral do livro é que essa busca incessante e desmedida pelo crescimento, o que chamou de *growthmania*, tendia mais a reduzir do que aumentar o bem-estar social. Antes mesmo de Mishan, Karl William Kapp já chamava a atenção para o fato de os custos sociais do desenvolvimento não apresentarem valor monetário, nem serem computados no desempenho econômico das empresas. Como observou Kapp, empreendedorismo é avaliado apenas em termos de produtividade, ou seja, a minimização dos custos privados e a maximização do lucro. Esses foram alguns dos autores que viam na perspectiva biofísica os fundamentos de um outro tipo de análise do meio ambiente. O debate que suscitaram centrava-se na inexistência de uma abordagem que contemplasse a garantia de bem-estar social e a conservação e utilização racional dos recursos naturais.

Diante dessas discussões a respeito do tema do desenvolvimento, a prática historiográfica de Warren Dean sofreria um impacto significativo, ampliando seu escopo para englobar os novos elementos analíticos. A história da América Latina, de modo geral, e do Brasil, em particular, seria por ele passada a limpo, a partir de então, sob o ponto de vista da intrincada relação entre o processo econômico e o meio ambiente¹³⁵. Nessa perspectiva, apontou para possíveis desvantagens naturais cujos efeitos sobre o processo econômico precisariam agora ser levados em conta na análise histórica. Ao menos à primeira vista, não se tratava de um novo tipo de determinismo, como podemos perceber em sua fala:

Houve um momento em que me considerei especialista em história do desenvolvimento econômico na América Latina. Mas na medida em que

¹³⁴ Cf. LIMA, Gustavo F. da Costa. O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável. *Revista Política e Trabalho*. João Pessoa, UFPB, n 13, p. 201-222, 1997.

¹³⁵ O economista romeno Nicholas Georgescu-Roegen ficou conhecido por ter seguido na senda aberta por Joseph Schumpeter, que foi um dos primeiros economistas a chamar a atenção para a analogia entre o desenvolvimento econômico e a evolução biológica. O raciocínio de Georgescu-Roegen sobre essa temática está delineado, por exemplo, no seu texto “A economia política como extensão da biologia”, In: PELAEZ, C. M.; BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. op. cit., 1976. p. 195-202. Para um estudo sobre a vida e obra de Georgescu-Roegen, ver: CECHIN, Andrei. *A natureza como limite da economia: a contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen*. São Paulo: SENAC; Ed. USP, 2010.

consegui entender que a maneira como o desenvolvimento econômico estava se processando era insustentável por muito tempo, principalmente nos países já industrializados, comecei a ficar interessado na problemática histórica dos obstáculos à continuação desse tipo de desenvolvimento industrial¹³⁶.

Warren Dean voltava-se então para as conseqüências da expansão do modelo de sociedade que nasceu com a Revolução Industrial, particularmente para a problemática dos obstáculos ao desenvolvimento sob um viés ecológico: “conscientizei-me da gravidade e do risco implicado no tipo de desenvolvimento econômico que o mundo tem experimentado nos últimos cem anos”¹³⁷. Questionava-se o predomínio da racionalidade instrumental e da escala das atividades humanas no sistema econômico, que estaria conduzindo o mundo a uma situação em que o capital natural passaria a ser o fator limitante do desenvolvimento.

Quando Warren Dean adentrou nesse debate já acumulava reflexões e resultados empíricos de suas pesquisas sobre a industrialização e o “ciclo do café” (como um tipo de *plantation*) na história econômica brasileira, que se apresentavam agora como um objeto privilegiado para a discussão, por exemplo, sobre o desflorestamento, uso indevido do solo, entre outros efeitos ambientais decorrentes da ação humana e suas implicações no processo econômico. Como professor e pesquisador de história moderna e contemporânea, a problemática ecológica, permitiria a Warren Dean elaborar novos argumentos a respeito do modelo de desenvolvimento industrial e das políticas econômicas levadas a cabo pelos governos dos países latino-americanos, especialmente pelo governo brasileiro, no seu tempo coevo; lançaria luz sobre o velho e, ao mesmo tempo atual, tema do processo histórico de desenvolvimento econômico brasileiro mirando na falta de um pensamento progressista da elite, os efeitos sócio-ambientais de uma mentalidade da *plantation* e a concentração de renda, terra e poder, padrões esses herdados da época colonial que se impunham com o crescimento da urbanização e a aceleração do processo de industrialização do país. Acima de tudo, a percepção dos efeitos no ambiente natural provocados pela monocultura do café fez com que Warren Dean percebesse a dimensão espacial do processo de desenvolvimento, apontando para formas e localização do desenvolvimento desiguais.

Warren Dean assinalou, desse modo, as contradições fundamentais existentes no modelo de crescimento adotado pelos militares, a partir de uma “qualificação” ambiental e espacial do desenvolvimento, ou seja, do ponto de vista dos novos debates despertados pela

¹³⁶ GOMES, Ângela de Castro; DRUMMOND, José Augusto. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, 1990, p. 108.

¹³⁷ Warren Dean. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. op. cit., 1990. p. 277.

questão ambiental. Notadamente, a sua postura crítica não estava restrita ao campo acadêmico, mas também correspondia a uma vontade de ação, com uma clara intenção de transformação da realidade. Não concordava com o modelo de modernização idealizado e implantado na América Latina, caracterizado por um padrão de crescimento não distributivo e por um sistema político igualmente concentrador, com fraca representatividade e baseado em formas autoritárias de governo. Enxergou, assim, na “mania de crescimento” uma significativa ameaça à democracia.

Novamente o brasilianismo como chave interpretativa nos ajuda a explicar o direcionamento teórico-metodológico de Warren Dean para a questão ambiental nessa nova conjuntura. De acordo com Robert Levine, os primeiros anos da década de 70 significaram uma tomada de posição política mais radical dos acadêmicos especialistas em Brasil. Os pesquisadores mais novos, sobretudo, envolveram-se em questões políticas de forma mais direta. Muitos desses acadêmicos, como Warren Dean, haviam participado do movimento pelos direitos civis e militavam na campanha contra a Guerra do Vietnã. Viam com simpatia os objetivos da Revolução Cubana e recriminavam o apoio dos Estados Unidos aos regimes ditatoriais instalados nas Américas Central e do Sul na década de 1960. Com o recrudescimento do regime brasileiro após 1968, a maioria dos brasilianistas foi solidária aos opositores do regime¹³⁸. Segundo Levine: “Não foi por acaso que muitos acadêmicos passaram então a investigar tópicos não-tradicionais: estudos de comunidade de base religiosas, fracasso da reforma agrária, agressão à floresta tropical, história da escravidão”¹³⁹.

Com base nessas informações, e no que vimos até aqui, não fica difícil afirmar que Warren Dean chegou à questão ambiental, no plano historiográfico, pelas pesquisas no campo da história econômica, com ênfase na economia do desenvolvimento, e no plano prático, por uma preocupação política e humanitária. Contudo, convém apresentarmos alguns dados adicionais, coletados no conjunto da obra de Warren Dean, para demarcarmos melhor esse momento de sua aproximação da problemática ecológica.

¹³⁸ Um trabalho recente de reconstituição da luta dos acadêmicos brasilianistas pela redemocratização no Brasil é o livro de James Green, ele mesmo um ativista, intitulado *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985* (Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2009). Embora Warren Dean tenha ficado de fora do escopo de Green, ele, ao lado de Ralph Della Cava, aparece como referência em um artigo do jornal *O Estado de S. Paulo* de 18 de março de 1978 a respeito de um fórum nacional sobre o Brasil nos Estados Unidos, que ocorreu entre 31 de março e 07 de abril, cujo tema foi: “as conseqüências dos 14 anos de governo militar e as perspectivas de redemocratização no Brasil”. In: PINTO, Maria Costa. Por uma semana, EUA debaterão o regime brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 mar. 1978.

¹³⁹ LEVINE, Robert. Pesquisas: fontes e materiais de arquivos, instituições relevantes, abordagens. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 62.

Para ajudar no mapeamento da trajetória de Warren Dean em seu contexto, construímos uma ferramenta metodológica que chamamos de cronologia biobibliográfica, que reúne dados da vida e da obra do autor analisado e de marcos conjunturais que julgamos, de acordo com a bibliografia especializada, essenciais. A cronologia biobibliográfica mostrou-se um importante instrumento de organização das informações obtidas ao longo da pesquisa, permitindo mapear a trajetória de Warren Dean, identificando momentos definidores de suas opções temáticas e políticas, seu raio de ação e atuação profissional e o trânsito pelos universos acadêmicos dentro e fora dos Estados Unidos¹⁴⁰.

Esse instrumento metodológico auxiliou na organização das informações e elaboração de gráficos e tabelas que, por sua vez, permitem precisar quando e em quais circunstâncias Warren Dean começou a publicar trabalhos com a preocupação ambiental. Primeiramente, elaboramos uma tabela quantitativa de suas publicações, obtendo o seguinte resultado:

Quadro 1: Quantidade de publicações de Warren Dean por tipologia

Tipo de publicação	Quantidade	Porcentagem
Livro	6	6,45%
Livro (organizador)	4	4,30%
Capítulo	14	15,05%
Artigo científico	17	18,28%
Artigo em anais	3	3,23%
Artigo em jornal	4	4,30%
Artigo em revista	4	4,30%
Resenha	37	39,78%
Verbetes em enciclopédia	3	3,23%
Produção de filme	1	1,08%
Total das publicações	93	100,00%

¹⁴⁰ As fontes consultadas para esta compilação são bastante diversificadas, além do material bibliográfico, compreende programas de cursos, obituários, comentários, entrevistas, documentos pessoais, relatórios, anais, atas.

O quadro dimensiona quantitativamente as publicações de Warren Dean e os meios que utilizou para divulgar suas idéias, sobressaindo-se, de modo geral, a resenha, como formato majoritário. Vale ressaltar que os seus livros mais importantes foram todos traduzidos e publicados no Brasil quase imediatamente ao seu lançamento nos Estados Unidos, revelando a sua estreita relação com o universo intelectual brasileiro.

O quadro a seguir apresenta os canais por onde foram publicados os seus trabalhos, nos Estados Unidos e no Brasil:

Quadro 2: Editoras e outros canais de publicação

LIVROS:	
University of Texas Press (Austin)	1
University of California Press (Berkeley)	1
Cambridge University Press (Cambridge)	1
University Presses of Florida (Gainesville)	1
University Press of America (Lanham)	1
M.E. Sharpe (New York)	1
Macmillan (New York)	1
Paz e Terra, Coleção Estudos Brasileiros (Rio de Janeiro)	1
Brasiliense (São Paulo)	1
Companhia da Letras (São Paulo)	1
EDUSP/Difel (São Paulo)	1
Nobel (São Paulo)	1
Stanford University Press (Stanford)	1
Woodrow Wilson International Center for Scholars (Washington, DC)	1
CAPÍTULOS DE LIVROS E VERBETES:	
University of Texas, Colloquy on Public Issues (Austin)	1
University of California Press (Berkeley)	1
Latin American Curriculum Project, University of Texas (Austin)	1
Duke University Press (Durham)	2
University Press of America (Lanham MD)	1
Alianza Editorial (Madrid)	2
Siglo XXI (México)	1
Cambridge University Press (New York)	2

Charles Scribners & Sons (New York)	1
Apec (Rio de Janeiro)	1
Fundação Getúlio Vargas (Rio de Janeiro)	1
Difel (São Paulo)	1
USP, FAU (São Paulo)	1
Texas A & M University Press, College Station (Texas)	1
The Forest History Society and IUFRO Forest History Group. USA	1
ARTIGOS:	
Anais de congressos	3
Anais de história (Assis-SP)	2
University of Texas, Institute of Latin American Studies (Austin)	1
Environmental Review (Forest History Society e ASEH)	1
Estudos Históricos (Rio de Janeiro)	1
Hispanic American Historical Review (Duke University Press)	3
Latin American Research Review (LASA)	1
Luso-Brazilian Review (University of Wisconsin Press)	1
Occasional Papers (New York: New York University)	3
Revista de História (São Paulo)	3
Revista do Instituto de Estudos Avançados (São Paulo, USP)	1
Revista do Instituto Florestal (São Paulo)	1
Studies in Comparative International Development (Brown University)	1
RESENHAS:	
Environmental History Review (Forest History Society e ASEH)	1
Forest & Conservation History (Forest History Society e ASEH)	1
Journal of Interamerican Studies and World Affairs (University of Miami)	1
Journal of Latin American Studies (Cambridge University Press)	2
Luso-Brazilian Review (University of Wisconsin Press)	3
Pacific Historical Review (University of California Press)	1
Political Science Quarterly (The Academy of Political Science)	1
The American Historical Review (American Historical Association)	8
The Americas (Academy of American Franciscan History)	1
The Hispanic American Historical Review (Duke University Press)	14
Journal of Developing Areas (Tennessee State University)	1
Wall Street Journal	1

O número de resenhas e artigos publicados na revista *Hispanic American Historical Review* – HAHR chama a atenção. Essa revista foi fundada em 1918 e é reconhecida como uma das principais divulgadoras nos Estados Unidos de estudos relacionados à América Latina. Warren Dean também publicou em todas as importantes revistas daquele país e em editoras respeitadas, como a Cambridge University Press e University of California Press. Não obstante, o dado que prevalece no esquema de divulgação dos trabalhos de Warren Dean é a diversidade de espaços e localidades, o que denota que o seu público leitor não ficou restrito a um círculo pequeno de acadêmicos e historiadores norte-americanos. No Brasil, seus trabalhos foram publicados pelas grandes editoras e revistas sediadas no eixo Rio-São Paulo, círculo intelectual e acadêmico do qual o autor fez parte.

As áreas de interesse de Warren Dean dentro da história, de acordo com o seu próprio *Curriculum Vitae*, foram: “História econômica e social da América Latina Moderna, especialmente o Brasil; História ambiental; Industrialização; Políticas de terras/agrárias – ciências agrônomicas e Cidades”. A partir dessa classificação geral da sua produção bibliográfica, a fim de identificar quando e com quais conceitos e problemas Warren Dean se aproximou da História ambiental, enquadramos da seguinte forma suas publicações:

Quadro 3: Áreas e tópicos que compõem o conjunto da obra de Warren Dean

ÁREA	CONTEÚDO
<ul style="list-style-type: none"> • História Econômica • Economia Política • Relações EUA/América Latina 	<ul style="list-style-type: none"> • Industrialização; • Empresários; • Cafeicultura; • Golpes políticos e flutuação econômica; • Imigração; • Urbanização (Cidade de São Paulo); • Multinacionais; • Política (Getúlio Vargas).
<ul style="list-style-type: none"> • História ambiental • História dos regimes agrícolas • Fronteira • História florestal • História do conservacionismo 	<ul style="list-style-type: none"> • Populações indígenas no sudeste brasileiro; • Fronteira; • Políticas agrárias – ciências agrônomicas; • Pequena propriedade; Café; Escravidão; • Botânica e Política; • Domesticação de plantas;

	<ul style="list-style-type: none"> • Latifúndio e política agrária; • Ciclo da borracha (Amazônia); • Desflorestamento (sudeste); • Floresta, energia (sudeste); • Ambientalismo (ONGs); • Conservacionismo.
<ul style="list-style-type: none"> • Metodologia/historiografia 	<ul style="list-style-type: none"> • Fontes para a História econômica da América Latina (metodologia); • Educação: ensino de América Latina; • Divulgação do pensamento de Florestan Fernandes nos Estados Unidos; • Ensaio de História sócio-econômica; • Arqueologia Industrial.

Para essa classificação, nos baseamos não em uma discussão teórica mais profunda sobre definição de História econômica, social ou ambiental, mas nos tópicos da historiografia e da própria categorização apresentada no *Curriculum Vitae* de Warren Dean. A intenção na elaboração desse enquadramento foi situar no tempo as temáticas sobre as quais o pesquisador publicou seus trabalhos científicos, permitindo conhecer, especialmente, os momentos de “transição” de uma temática para outra, as continuidades e as mudanças. Esses dados possibilitaram gerar os seguintes gráficos:

Gráfico 1: Produção bibliográfica de Warren Dean por áreas

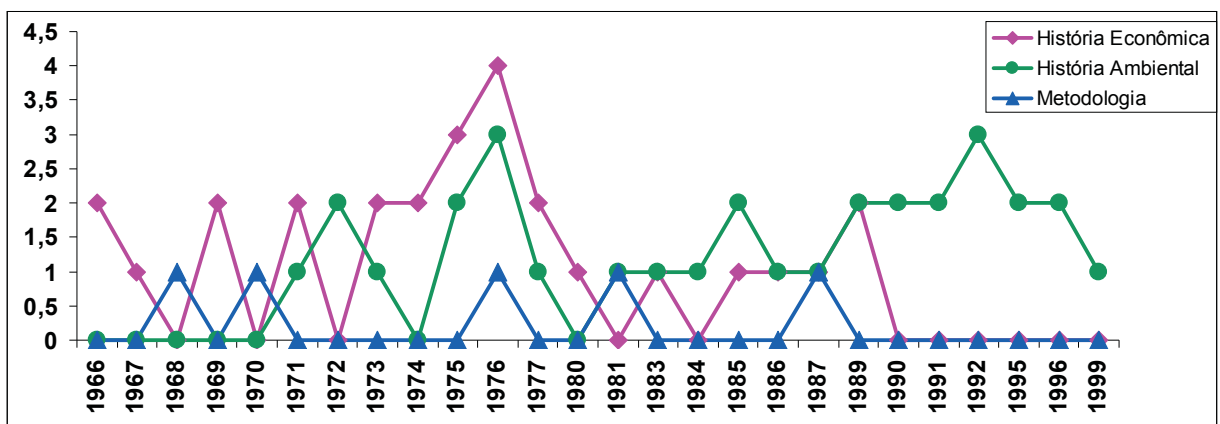


Gráfico 2: Produção bibliográfica classificada como História Econômica

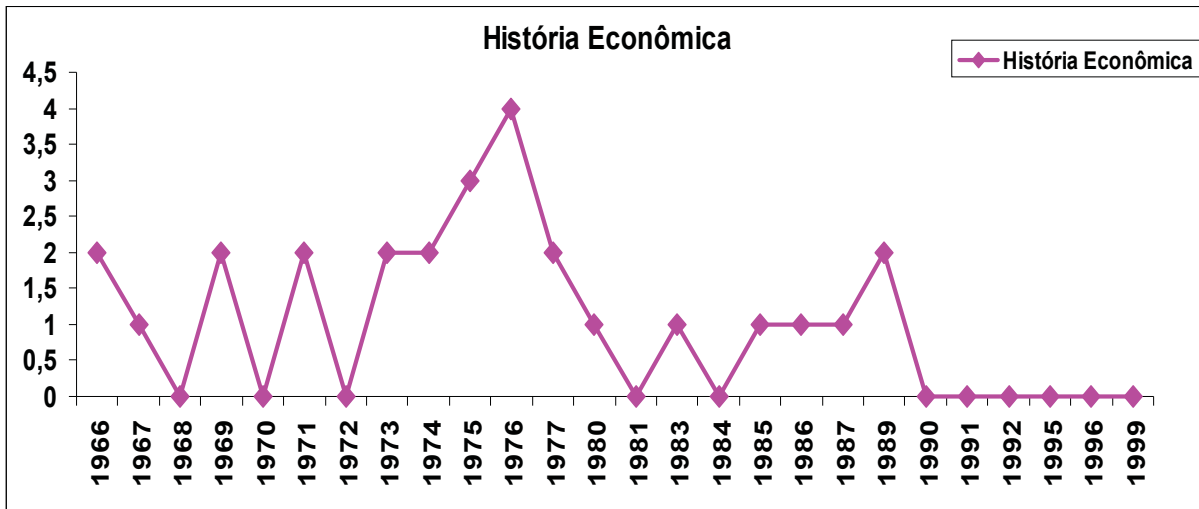


Gráfico 3: Produção bibliográfica classificada como História Ambiental

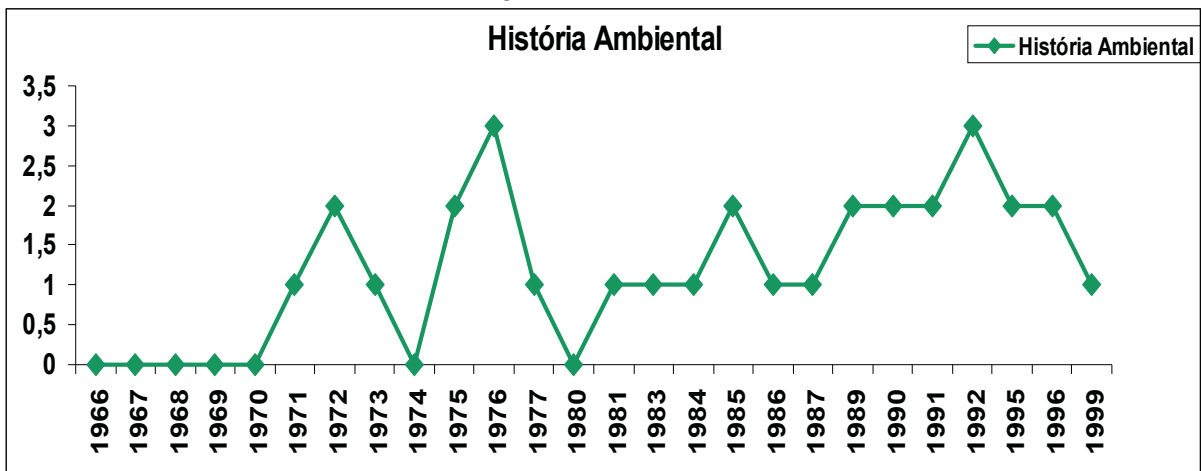
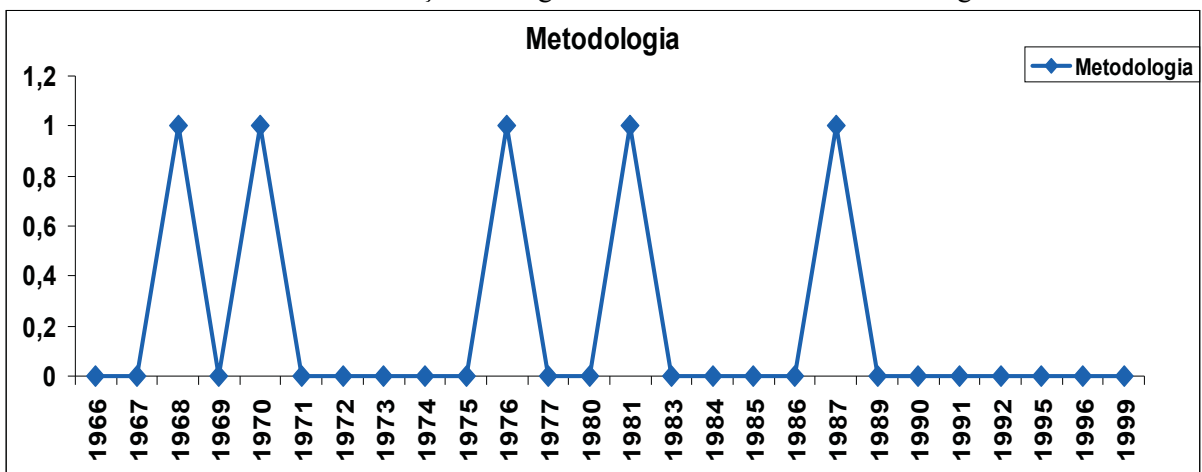


Gráfico 4: Produção bibliográfica classificada como Metodologia



A leitura dos gráficos aponta para o início da década de 1970 como o marco das reflexões e produção de Warren Dean no campo da história ambiental ou da chamada “questão ambiental”. Indica, portanto, que seu interesse pela problemática ecológica coincidiu com o próprio surgimento e a institucionalização da *Environmental History* nos Estados Unidos. O primeiro curso de História Ambiental, intitulado *American Environmental History*, foi oferecido por Roderick Nash em 1970, na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara¹⁴¹. Em 1977 foi criada a *American Society for Environmental History* (ASEH) – da qual Warren Dean foi membro – e lançada a revista *Environmental Review*, especializada nessa temática; esse também foi o ano da publicação do livro de Donald Worster: *Nature's Economy: The Roots of Ecology*.

Cumpramos agora examinar essa guinada teórico-metodológica de Warren Dean, buscando compreender melhor seus argumentos principais.

As primeiras reflexões sistematizadas de Warren Dean sobre a temática do “desenvolvimento econômico” e “degradação ambiental” na América Latina foram publicadas em forma de artigos no início da década de 1970: o primeiro, de 1972, intitulado “Economic Development and Environmental Deterioration” e o segundo “Confronting the Environmental Crisis in Latin America: A prod to action”, de 1973. É possível identificar um núcleo central nos dois textos, formado pela crítica à orientação do modelo de desenvolvimento adotado pelos governos dos países latino-americanos, com destaque para a experiência brasileira. Ambos os documentos refletiam o diálogo de Warren Dean com os debates que antecederam e permearam a primeira grande conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) convocada para discutir os problemas ambientais, intitulada Conferência sobre o Meio Ambiente Humano, ocorrida em Estocolmo, na Suécia, em 1972¹⁴².

A conferência de Estocolmo, como ficou conhecida, foi o marco histórico-político inicial do debate sobre o desenvolvimento em termos ambientais e internacionais. Chamou a atenção para o fato de a ação humana causar séria degradação da natureza e criar severos riscos para o bem-estar e, no limite, para a própria sobrevivência da humanidade.

Pode-se dizer que as discussões que movimentaram essa conferência tiveram início em 1968, com a criação do Clube de Roma, este formado por um grupo de pesquisadores que se reuniu para discutir assuntos relacionados ao desenvolvimento e o meio ambiente, e que

¹⁴¹ NASH, Roderick. American Environmental History: A New Teaching Frontier. *Pacific Historical Review*, v. 41, n. 3, 1972, p. 362.

¹⁴² Para um estudo do ambientalismo na geopolítica internacional ver: RIBEIRO, Wagner Costa. *A ordem ambiental internacional*. São Paulo. Contexto, 2001.

acabou sendo o maior propagador dessas ideias¹⁴³. O grupo, em conjunto com a Associação Potomac e o Massachusetts Institute of Technology (MIT), publicou o relatório *Os limites do Crescimento*, que ficou conhecido também como Relatório Meadows¹⁴⁴. A atenção desses estudiosos estava voltada para o estabelecimento de modelos globais, projetados para prognosticar como seria o futuro se todos os países continuassem crescendo num ritmo acelerado. O tom pessimista e alarmista do documento cumpria a função de chocar a opinião pública e ao mesmo tempo alertá-la para os riscos de uma escassez de recursos naturais para prover a base material da existência segundo o padrão capitalista de produção e consumo. Advogavam seus autores, desse modo, em favor de mudanças urgentes nos padrões de crescimento econômico com vistas a preservar não só os ecossistemas, mas a própria fonte de sobrevivência dos seres humanos.

O debate sobre os limites do crescimento econômico estava fundamentado, em certa medida, na previsão malthusiana do esgotamento dos recursos alimentares, provocado pela explosão demográfica experimentada no período pós-Segunda Guerra e pela tomada de consciência ecológica da incapacidade da natureza em suportar indefinidamente sua exploração. Os autores do documento publicado pelo Clube de Roma retomaram esse postulado de Thomas Malthus (1766-1834) e ainda lançaram para o debate ao menos outros cinco temas de preocupação global, destacados por Gilson Batista de Oliveira: “1) aceleração da industrialização; 2) aumento dos indicadores de desnutrição; 3) rápido crescimento populacional; 4) deploração dos recursos naturais não renováveis e 5) deterioração do meio ambiente”¹⁴⁵.

Durante a conferência de Estocolmo os principais debates concentraram a atenção nos temas da poluição e da pressão exercida pelo crescimento demográfico sobre os recursos naturais. Surgiram propostas de controle de natalidade e do próprio crescimento econômico de países periféricos, resultando na controvérsia entre os chamados “desenvolvimentistas” e os “zeristas”. Segundo Wagner Costa Ribeiro, as teses desses dois grupos comandaram as

¹⁴³ RIBEIRO, Wagner Costa. *A ordem ambiental internacional*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 77. Ribeiro também ressaltou a importância de outros eventos nos debates preparatórios à conferência de 1972, como a Mesa Redonda de especialistas em Desenvolvimento e Meio Ambiente realizada em Founex, na Suíça, em 1971. *Idem*, p. 74.

¹⁴⁴ MEADOWS, Donella H. et. ali. *The limits of Growth*. New York: New American Library, 1972. Um relatório não-oficial da Conferência intitulado “Uma Terra somente”, organizado por Bárbara Ward e René Dubos, também registrou informações de especialistas sobre essas questões, sublinhando a necessidade de debater “as relações entre Homem e seu habitat natural numa época em que a atividade humana está causando efeitos profundos sobre o ambiente”. Cf WARD, Bárbara; DUBOS, René. *Uma terra Somente: a preservação de um pequeno planeta*. Tradução Antônio Lamberti. São Paulo: Melhoramentos; Ed. USP, 1973, p. 15.

¹⁴⁵ OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista FAE*, Curitiba, v.5, n.2, mai./ago. 2002, p. 42.

discussões durante a reunião em Estocolmo: o primeiro grupo foi representado pelos países pobres e defendia o desenvolvimento a qualquer custo; já o segundo, dos países industrializados, sugeria o crescimento zero da economia dos países pobres¹⁴⁶.

O governo brasileiro assumiu papel de liderança desde as reuniões preparatórias para essa conferência como articulador do bloco dos países em desenvolvimento. A postura desses países caracterizou-se pela resistência ao reconhecimento da importância da problemática ambiental e da questão demográfica, suspeitando-se que o discurso ambiental das nações desenvolvidas tinha a intenção de impedir a industrialização dos países em via de desenvolvimento. No caso brasileiro essa postura correspondia ainda a uma política interna que tinha como base a atração de mais indústrias para o país e a forte oposição religiosa aos programas de controle de natalidade. Além disso, havia a geopolítica defendida pelos militares, no poder desde o golpe de 1964, que através de incentivos fiscais e de facilidades para migração, estimulava a ocupação dos “espaços vazios” e a expansão de pólos de crescimento em áreas como a Amazônia¹⁴⁷. Talvez o maior símbolo dessa política tenha sido o projeto da Transamazônica, a rodovia planejada para integrar a região norte com o resto do país, inaugurada em 1972. A abertura da rodovia consumiu milhares de quilômetros quadrados da maior floresta tropical do mundo, chamando a atenção do crescente movimento ambientalista internacional. Para os agentes do governo militar brasileiro, o projeto significava modernização e progresso, já para os ambientalistas, uma representação do descaso brasileiro pela preservação ambiental.

O projeto desenvolvimentista idealizado pelo governo brasileiro ocupou o centro das decisões políticas e econômicas ao longo da década de 1970¹⁴⁸. Entre os tomadores de decisão havia o consenso de que o crescimento econômico e a harmonia ambiental eram objetivos incompatíveis, o que tornou a questão ecológica uma preocupação marginal dentro desse projeto. A opção pelo econômico em detrimento do ambiental se justificaria em função da problemática social, sob a alegação de que a principal poluição seria a miséria.

¹⁴⁶ Cf. RIBEIRO, Wagner Costa. Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais. *Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, 2010, p. 76.

¹⁴⁷ Cf. VIOLA, Eduardo J. e REIS, Hector R. A evolução das políticas ambientais no Brasil, 1971-1991: do bisetorialismo preservacionista para o multissetorialismo orientado para o desenvolvimento sustentável. In: VIEIRA, Paulo Freire; HOGAN, Joseph (Orgs). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 83.

¹⁴⁸ Sobre a conjuntura brasileira nos anos setenta, ver: ROETT, Riordan. *O Brasil na década de 70*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Uma das características desse modelo foi o estímulo a uma maior internacionalização da economia, através da expansão das exportações e da atração do capital estrangeiro¹⁴⁹. Este via vantagens tanto pela ausência de uma política de controle ambiental quanto pela abundância de recursos naturais. A discussão que se fazia sobre o desenvolvimento/subdesenvolvimento na América Latina sofreu influência desse debate acerca da participação do capital estrangeiro nas economias periféricas: a entrada desse capital externo dinamizava as economias, ou ao contrário, constituía em obstáculo ao crescimento das economias locais? Além disso, as altas taxas de crescimento econômico alcançadas pelo Brasil no período – conhecido como “milagre econômico” – despertaram também um debate sobre a distribuição de renda e a igualdade social. Era inegável a disparidade do desenvolvimento entre as regiões do país, como a precariedade das condições de vida no Nordeste em relação, por exemplo, à situação de São Paulo e Rio de Janeiro. No âmbito político, o sistema ditatorial ensejava discussões sobre o futuro da democracia no Brasil. Enfim, o cerne de todo esse debate girou em torno da seguinte questão: o crescimento brasileiro representa igualmente desenvolvimento?

No campo intelectual, sob esse novo contexto mundial no qual a questão ambiental ganhava centralidade, abandonava-se a hipótese de um espaço exterior ilimitado, assumindo-se como premissa, em termos de análise, “que o processo de civilização, e mais particularmente a variante desse processo engendrada pela revolução industrial, ter um caráter predatório agudo”¹⁵⁰. Esse tipo de postura crítica apontava para os problemas sócio-ambientais do caráter imitativo das fórmulas de desenvolvimento, importadas dos países industrializados. Estudiosos chamavam a atenção para os efeitos danosos dessa opção, como o aumento da concentração de renda e a poluição ambiental, decorrentes de transferências não seletivas de tecnologias concebidas em outros contextos. Ignacy Sachs, por exemplo, assinalou que o “crescimento mimético” seria uma das principais falhas a se evitar na construção do ecodesenvolvimento, uma vez que “a tentativa de reproduzir o caminho histórico dos países industrializados acarreta custos sociais e ambientais excessivamente elevados”¹⁵¹.

¹⁴⁹ A respeito do crescimento econômico e dos debates sobre esse tema, ver BAER, Werner. O crescimento brasileiro e a experiência do desenvolvimento: 1964-1975. In: ROETT, Riordan. *O Brasil na década de 70*. op. cit., 1978.

¹⁵⁰ FURTADO, Celso. Meio ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento na teoria econômica e no planejamento. In: ANDRADE, Manuel Correia. et. al. *Meio Ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento*. op. cit., 1975, p. 71.

¹⁵¹ LIMA, Gustavo F. da Costa. O Debate da Sustentabilidade na Sociedade Insustentável. *Revista Política & Trabalho*, op. cit. 1997, p. 206.

Celso Furtado, sob esta perspectiva, foi um dos críticos do modelo de desenvolvimento industrial adotado no Brasil durante o regime militar. No seu livro “O Mito do Desenvolvimento Econômico” questionou os aspectos ilusórios da ideologia do desenvolvimento econômico e apontou para a incapacidade desse modelo de socializar os benefícios da produção. O economista brasileiro demonstrou que a meta de alcançar os padrões de consumo dos países industrializados não seria exequível por conta dos limites ecológicos, pois, se ultrapassados, poderiam comprometer a sobrevivência dos próprios seres humanos.

Na mesma trilha de Sachs e Furtado, Warren Dean elaborou críticas semelhantes nos dois artigos que publicou no contexto dos eventos que cercaram a Conferência de Estocolmo, procurando ressaltar: no plano nacional, a necessidade de adoção de um outro padrão de desenvolvimento, argumentando a partir de possíveis conseqüências sócio-ambientais no caso de os países latino-americanos continuarem seguindo o modelo vigente; no plano global, a interdependência entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos sob a perspectiva ecológica.

Influenciado pelo cenário de profundas transformações culturais, científicas e acadêmicas, Warren Dean publicou, em 1972, o artigo “Economic Development and Environmental Deterioration” no periódico *Studies In Comparative International Development* (SCID)¹⁵². Nesse texto, sob o ponto de vista ecológico, questionou os padrões de crescimento do mundo industrializado: É possível que os padrões de consumo e a população continuem a aumentar, se os recursos da Terra são finitos e se a biosfera é incapaz de sustentar novas intervenções pelo homem? A partir desse desafio imposto ao conceito de desenvolvimento econômico, indagou ainda: quais serão os efeitos sobre a biosfera se os países da América Latina continuarem com a sua política de crescimento?¹⁵³

Warren Dean procurou demonstrar que o fundamento atual da economia mundial não seria sustentável por muito tempo e a adoção de um novo padrão de desenvolvimento exigiria mudanças profundas tanto nas relações humanas com a natureza como entre as nações desenvolvidas e em desenvolvimento. Partiu, inclusive, de uma argumentação hipotético-dedutiva especulando a respeito dos possíveis resultados da não alteração daqueles padrões,

¹⁵² Revista interdisciplinar publicada pelo Instituto Watson para estudos Internacionais, da Brown University, que aborda questões referentes às mudanças políticas, sociais, econômicos e ambientais em contextos diversos. Entre suas ênfases estão as instituições políticas, modelos político-econômicos de crescimento e distribuição e a transformação da estrutura social e cultura. De acordo com o sítio eletrônico da própria revista, acessível em: <<http://www.watsoninstitute.org/ped/scid/index.cfm>>

¹⁵³ DEAN, Warren. Economic Development and Environmental Deterioration. *Studies in Comparative International Development* (SCID), v. 7, n. 3, Sep., 1972, p. 269.

numa tentativa de colaborar com a transformação da realidade. Nesse sentido, Warren Dean parece querer “jogar o jogo” de Eugene Odum, que escreveu:

Predizer o futuro é um jogo fascinante, popular especialmente em tempo de crise. (...) Existem simplesmente demasiadas incógnitas, demasiados novos eventos, inovações tecnológicas e outros fatores que não podem ser previstos. No entanto, é instrutivo considerar-se uma variedade de cenários alternativos que poderiam acontecer. Poderemos, então, estimar a sua probabilidade, dadas as condições, a compreensão e conhecimento atuais. Mais importante, talvez possamos fazer alguma coisa agora para reduzir a probabilidade de um futuro indesejável¹⁵⁴.

Warren Dean mostrava-se preocupado com o crescimento da produção e do consumo material, em decorrência do aumento populacional, e com a capacidade de absorção e assimilação dos resíduos pela natureza. Daí a importância do alerta para o aumento indiscriminado da população em determinadas regiões, que surge como um fator relevante de desequilíbrio ecológico. O acúmulo de pessoas numa mesma área intensifica a devastação dos recursos do solo, exerce pressão sobre a floresta, podendo causar, dentre outros efeitos, a erosão. Passou a atentar para os efeitos humanos na natureza visando demonstrar como eles se convertem em obstáculos ao próprio desenvolvimento, conforme notou:

O maior número de pessoas no campo, na ausência de entradas de capital adicionais, simplesmente intensificou a devastação dos recursos do solo. O desmatamento de áreas de subsistência continuou e levou a mudanças climáticas significativas. A agricultura de corte e queima, a técnica mais amplamente praticada na América Latina, é destrutiva do solo em quaisquer circunstâncias; quando é empregada por uma densa população, seus efeitos são catastróficos. O estado de Minas Gerais, Brasil, com uma área quase tão grande quanto o Texas, era 70% coberto por florestas em 1900. Em 1960, apenas 10% da cobertura florestal permaneceu e grandes lugares erodidos chamados voçorocas foram despojados de toda a vida vegetal (tradução nossa)¹⁵⁵.

¹⁵⁴ ODUM, Eugene Pleasants. *Ecologia*. Tradução Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988. p. 341.

¹⁵⁵ Cf. DEAN, Warren. *Economic Development and Environmental Deterioration. Studies in Comparative International Development*, op. cit., 1972, p. 279. Tradução de: The greater numbers of people in the countryside, in the absence of additional capital inputs, simply intensified the devastation of soil resources. The deforestation of subsistence areas continued and led to substantial climatic changes. Slash-and-burn agriculture, the technique most widely practiced in Latin America, is destructive of the soil in any circumstances; when it is employed by a dense population, its effects are catastrophic. The state of Minas Gerais, Brazil, with an area nearly as large as Texas, was 70 percent forested in 1900. By 1960 only 10 percent of the forest cover remained and huge eroded places called voçorocas were stripped of all plant life.

Warren Dean relacionou o esgotamento dos recursos naturais, o capital natural, ao sistema da *plantation*, que compensava dessa forma, a escassez de outras fontes de capital¹⁵⁶. A região mais populosa do país, o sudeste, chamava a atenção agora pelo processo de degradação da floresta atlântica, um conjunto natural de endemismo e de formações vegetais heterogêneas e outrora predominante em boa parte do território sul americano. O avanço da fronteira para o interior, na direção dos remanescentes desse bioma, era um fator preocupante, portanto, do ponto de vista conservacionista.

Algumas influências teóricas são marcantes no artigo de Warren Dean e ajudam a compreender melhor as perspectivas assumidas por ele: além das idéias sobre os efeitos ambientais do crescimento populacional do demógrafo neomalthusiano Paul Erlich, Warren Dean mobilizou argumentos dos economistas John Kenneth Galbraith, autor de críticas ao sistema econômico norte-americano sob o ponto de vista liberal, Karl William Kapp, um dos precursores da economia ecológica e Ezra Mishan, que escreveu sobre os custos sociais do crescimento econômico¹⁵⁷. Vale salientar, ainda, a influência dos trabalhos sobre a Ecologia e as Ciências Sociais de Howard e Eugene Odum.

A conferência da ONU de 1972, que significou uma primeira rodada de discussões entre os diversos países sobre a questão ambiental parece ter frustrado algumas expectativas de Warren Dean. Ele não escondeu sua decepção com a possibilidade perdida pelos países em desenvolvimento de utilizar essa plataforma política para exigir a partilha equitativa de capital, e declarou:

A Conferência de Estocolmo sobre o Ambiente Humano, cuja maioria dos delegados foi de países subdesenvolvidos, expôs a falta de vontade, tanto dos países desenvolvidos quanto dos subdesenvolvidos, em reconhecer a nova idade das trevas que se aproxima, muito menos para tomar contramedidas suficientemente drásticas para evitá-la (tradução nossa)¹⁵⁸.

Aos países subdesenvolvidos caberia, segundo Warren Dean, encontrar suas próprias soluções, resolvendo internamente os seus problemas, como afirmou:

¹⁵⁶ Em outra passagem, Warren Dean usou o termo *settlement* ao invés de *plantation*, que também pode ser traduzido como uma área de fronteira, de colonização.

¹⁵⁷ Na pequena entrevista de Ezra Mishan a Derek Turner é possível identificar muitos dos pontos explorados por Warren Dean no seu ideário. The Costs of Economic Growth. Entrevista de Ezra J. Mishan a Derek Turner. *The Social Contract*, v. 17, n. 1, Fall 2006. Disponível em: <http://www.thesocialcontract.com/artman2/publish/tsc_17_01/tsc_17_1_mishan.shtml> Acesso em 23 abr. 2012.

¹⁵⁸ DEAN, Warren. Confronting the Environmental Crisis in Latin America: A prod to action. *Occasional Papers*, n. 2, 1973, p. 1. Tradução de: The Stockholm conference on the human environment, a majority of whose delegates are from underdeveloped countries, has exposed the unwillingness of either the developed or the underdeveloped to discern the new dark age which looms ahead, much less to take countermeasures sufficiently drastic to avert it.

Os povos dos países subdesenvolvidos não devem atrasar a sua avaliação do problema ambiental até que os países desenvolvidos tenham concluído a deles. Como uma questão prática, isso os obrigaria a basear as suas decisões em análises e recomendações acordadas no mundo desenvolvido (tradução nossa)¹⁵⁹.

No texto “Confronting the Environmental Crisis in Latin America: A prod to action”, publicado após essa conferência, o brasilianista cumpriu mais claramente uma função de “conselheiro”. Tratava-se de um texto destinado aos agentes de política econômica dos países latino-americanos e a um público mais amplo. O Brasil despontava, na sua visão, como um país com potencial para adotar um novo modelo de desenvolvimento, independente das soluções e propostas dos países desenvolvidos. Em suas palavras:

É um dos maiores países subdesenvolvidos, e, ainda, a industrialização e a realização de seu grande potencial econômico estão visivelmente ao seu alcance. De todos os países subdesenvolvidos, pode ser o único ao qual a promessa do desenvolvimento não é uma quimera, principalmente porque possui a última das fronteiras físicas do mundo e porque a sua população é grande o suficiente para explorar e consumir seu imenso tesouro de capital natural por si só (tradução nossa)¹⁶⁰.

No entanto, o país estava amarrado à herança colonial, segundo Warren Dean, a padrões perdulários de exploração dos recursos naturais, que se constituíam em obstáculos ao desenvolvimento. As premissas identificadas no passado serviam de alerta para a perda do potencial.

A exploração da *plantation*, monocultura extensiva com trabalho escravo, resultou em degradação ambiental, sobretudo das florestas, derrubadas a fim de expor seus solos férteis e expandir as lavouras. Warren Dean aponta para essa característica do modelo de exploração econômica dos recursos e da mentalidade que a cercou como uma continuidade histórica. Essa prática agrícola significaria uma ameaça às áreas naturais ainda preservadas ou que haviam escapado da ação do ferro e do fogo – em alusão à técnica de derrubada (machado) e queimada (fogo).

¹⁵⁹ DEAN, Warren. Confronting the Environmental Crisis in Latin America: A prod to action. *Occasional Papers*, op. cit., 1973, p. 11. Tradução de: The peoples of the underdeveloped countries should not delay their evaluation of the environmental problem until the developed countries have completed theirs. As a practical matter, this would oblige them to base their decisions upon analyses and recommendations agreed upon in the developed world.

¹⁶⁰ Id. Ibid., p. 2. Tradução de: It is one of the largest of the underdeveloped countries, yet industrialization and the realization of its vast economic potential are visibly within its grasp. Of all the underdeveloped countries, it may be the only one for whom the promise of development is not a chimera, principally because it possesses the last of the world's physical frontiers, and because its own population is large enough to exploit and consume its immense treasure of natural capital all by itself.

O conjunto de argumentos apresentado nesses dois artigos pode ser sintetizado em três pressupostos principais, relativos aos problemas que se apresentavam à realidade latino-americana:

I – As mudanças ambientais são mais profundamente percebidas a partir da Revolução Industrial.

Por muito tempo, os seres humanos conseguiram subsistir por meio da combinação da caça e coleta. A chamada revolução agrícola, caracterizada pela domesticação de animais, a manipulação e uso de plantas, propiciou a alteração do ritmo da restrição energética e do aumento populacional. Com ela surgiu um estilo de vida radicalmente diferente, baseado na alteração dos ecossistemas. A Revolução Industrial do século XIX e o uso de combustíveis fósseis mudariam novamente as relações entre os humanos e a natureza. Agora a combinação do aumento populacional e, conseqüentemente, da demanda por combustível e alimentos, colocariam em risco a integridade das florestas, fonte de energia (lenha) e de terra agricultável (solo). A sociedade industrial dependeu do consumo dos recursos energéticos não renováveis, primeiro o carvão, que sustentou o início da expansão da indústria no século XIX, e depois o petróleo, fonte de energia principal do crescimento econômico no século XX.

II – O crescimento econômico do mundo subdesenvolvido irá multiplicar os efeitos adversos sobre o ambiente¹⁶¹.

Partindo dessa premissa, Warren Dean destacou padrões do desenvolvimento dos países da América Latina que implicariam em uma maior taxa de degradação ambiental: A – O processo de industrialização não foi induzido pelos governos latino-americanos a fim de produzir um padrão mínimo de vida para sua população, nem para tornar mais eficientes as demandas do aumento populacional ante os recursos naturais limitados; B – Pouca simpatia pelo controle populacional; C – Os latino-americanos não estão prontos para preservar o mundo natural. Em um grau ainda mais profundo que na sociedade norte-americana, o mundo natural é considerado sujeito à dominação humana. A natureza parece hostil ou inesgotável, e estas qualidades serviam para justificar a sua depredação; D – Os planejadores do desenvolvimento e empresários consideram dispendioso limitar a degradação do meio ambiente por estar além dos meios da economia subdesenvolvida. A única medida do seu desempenho é a produtividade.

III – A interdependência entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento e a globalidade dos efeitos ecológicos, que remete à idéia de equidade.

¹⁶¹ DEAN, Warren. Economic Development and Environmental Deterioration. *Studies in Comparative International Development*, op. cit., 1972, p. 281.

A maior parte dos danos causados ao ecossistema tem conseqüências globais. A descarga de poluentes na atmosfera, a perturbação da vida aquática pela descarga de efluentes industriais, a morte de aves por inseticidas, por exemplo, certamente afetam todos os habitantes do planeta.

Uma vez que os países industrializados utilizam os “recursos livres” do ambiente mundial, em benefício de suas próprias populações, surge a questão da equidade. Nas palavras de Warren Dean: “As pessoas dos países industrializados desfrutam os ganhos da produtividade, mas elas dividem os custos sociais com o resto da população mundial. A longo prazo, as conseqüências, possivelmente irreversíveis, dessas práticas, são aterrorizantes” (tradução nossa) ¹⁶².

A estrutura analítica de Warren Dean parte do conceito de insustentabilidade da civilização industrial, devido a alguns fatores principais: crescimento populacional, concentração espacial da população, sistemas produtivos que utilizam tecnologias poluentes e de baixa eficiência e um sistema de valores que propicia a expansão ilimitada do consumo material. De acordo com esse enfoque a divisão sociopolítica mais significativa separa, de um lado, as forças conservadoras – predatória e perdulária – e as forças progressistas, que apontam para uma civilização socialmente justa e ecologicamente sustentável.

O contexto do debate ambiental internacional, com destaque para a Conferência de Estocolmo, ajuda a explicar em parte a virada teórico-metodológica de Warren Dean. Devemos considerar, ainda, durante a década de 1970, a influência que ele sofreu do seu novo ambiente de trabalho, os centros de pesquisa que freqüentou, os cursos que ministrou na NYU e a realidade que encontrou nas suas constantes viagens ao interior do estado de São Paulo.

Em Nova York as preocupações de Warren Dean se tornariam “cosmopolitas”, e instigaria ainda mais seus questionamentos a respeito da temática do desenvolvimento e meio ambiente, agora numa perspectiva mais complexa e global. De imediato, o que se nota em seu sistema analítico é uma ampliação em termos de escala, tanto espacial quanto temporal. Até o início dos anos 70 seus interesses estiveram ligados estritamente a questões de caráter nacional. A partir de então se percebe uma tendência a um pensamento mais global, foi quando a sua atividade intelectual confundiu-se com a atividade acadêmica, ou seja, em Nova York os interesses de Warren Dean recaíram sobre questões de política internacional num ambiente acadêmico onde se discutia política internacional. A escala de observação e foco

¹⁶² DEAN, Warren. Economic Development and Environmental Deterioration. *Studies in Comparative International Development*, op. cit., 1972, p. 280. Tradução de: “The people of the industrial countries enjoy the gains of productivity, but they split the social costs with the rest of the world's population. The long-term, possibly irreversible, consequences of these practices are terrifying”.

atingem uma amplitude maior. A própria problemática ecológica conduziu a discussão para o plano internacional. É possível explicar essa transição ainda como sendo um resultado natural do próprio amadurecimento intelectual e da estabilidade profissional de Warren Dean, que teriam impactado a sua prática historiográfica.

Os cursos ministrados na New York University (NYU)¹⁶³, em nível de graduação e pós-graduação, também se constituem em importantes fontes de informação a respeito da trajetória profissional e intelectual de Warren Dean. Seus conteúdos dão pistas da abordagem e dos conceitos utilizados no tratamento das questões ambientais na sua prática docente. A tabela abaixo informa os principais tópicos de seus cursos:

Quadro 4: Tópicos de cursos de Warren Dean na New York University (1970-1994)

NÍVEL	TÓPICOS
Graduação	<ul style="list-style-type: none"> • História da América Latina; • História das relações humana com o meio ambiente; • História do Brasil; • América Latina contemporânea; • História da economia internacional; • História da Amazônia; • História das relações entre Estados Unidos e América Latina; • Seminário de história da América Latina
Pós-graduação	<ul style="list-style-type: none"> • História econômica e social da América Latina séculos XIX e XX; • História do Brasil; • História das relações entre Estados Unidos e América Latina; • Colóquios sobre a História da América Latina Moderna; • Seminários de História da América Latina e Caribe; • Meio Ambiente e Desenvolvimento (este a partir de 1992)

Para o ano letivo de 1973 e 1974, há um primeiro registro de um curso de graduação oferecido por Warren Dean no departamento de história da NYU, intitulado *History of man's*

¹⁶³ A relação dos cursos oferecidos por Warren Dean na NYU pode ser consultada na cronologia biobibliográfica nos apêndices deste trabalho. As principais fontes consultadas foram: a revista *New York University Bulletin*, que registra os programas das disciplinas oferecidas nos diversos departamentos da NYU; os programas de Warren Dean, arquivados no departamento de história da NYU e o seu currículo *Vitae*.

relation to natural environmental. A descrição do objetivo do curso é bastante significativa, no sentido de permitir conhecer a sua abordagem histórico-ambiental naquele momento. De acordo com a ementa do curso, a sua finalidade era estudar:

O impacto do homem sobre a biosfera (e vice-versa), desde a descoberta do fogo. Experiências humanas fundamentais, tais como técnicas de cultivo, prevenção de doenças, produção de energia, o crescimento demográfico são explorados como **pano de fundo para a crise atual** (tradução e grifo nossos)¹⁶⁴.

Depreende-se, pela descrição, que a sua problematização das relações humanas com o mundo natural foi claramente estimulada pela crise ecológica. Buscava-se, a partir das “origens”, criar uma espécie de genealogia do impacto humano sobre o mundo natural para explicar a crise ambiental que se apresentava na atualidade. Vale destacar que, ao escolher o tópico desse curso, Warren Dean estava lidando com um tema intrinsecamente ligado à política, a questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e o seu impacto no meio natural, como técnicas agrícolas, produção de energia e crescimento demográfico. Oferecia aos seus alunos, dessa forma, uma interpretação do passado refletindo sobre os problemas colocados pelo seu presente.

O ambiente acadêmico da NYU também estava aberto para o debate sobre as questões ambientais. Nessa universidade eram oferecidos cursos “interdepartamentais” e interdisciplinares, como este: *Man And Nature: An Introduction To The Sciences*, programado pelos departamentos de Biologia, Química e Física em 1974. Oficinas, filmes, palestras e discussões para promover a consciência ambiental, explorando questões como: o que sabemos sobre os ritmos da natureza? Como deve ser definida a vida? O universo é finito no espaço e no tempo? Quais são os limites ecológicos da Terra? Quais são os limites do conhecimento científico? Warren Dean frequentou esses cursos e constantemente recebia alunos de outras áreas em suas aulas de história ambiental, mantendo um ambiente interdisciplinar bastante frutífero em termos de discussão de problemas relacionados ao meio ambiente. Conforme ele próprio revelou em entrevista a José Augusto Drummond e Ângela de Castro Gomes, em

¹⁶⁴ In: *New York University Bulletin*, v. LXXIII, n. 32, Aug. 6, 1973. Tradução de: The impact of man on the biosphere (and vice-versa) since the discovery of fire. Fundamentals of human experience, such as farming techniques, disease prevention, energy production, demographic growth are explored as background to the present crisis.

junho de 1989: “eu fiz todos os cursos de biologia da minha faculdade”, por volta de 1975¹⁶⁵. Em outra passagem, afirmou:

Nós temos uma vantagem enorme nas nossas faculdades: exigimos dos estudantes que façam cursos fora de seus interesses principais. Então, todos os alunos de ciências sociais precisam fazer algum curso de ciências naturais e vice-versa. Os estudantes interessados em biologia, por exemplo, precisam passar por algum curso de história. Muitas vezes eles optam pelo meu curso, que é ligado aos seus interesses. De modo que eu sempre tenho uma platéia bastante simpática. São principalmente alunos de biologia, enfermagem, medicina. E eles entendem o sentido desse tipo de história, a história das epidemias, da tecnologia, porque tudo isso está ligado¹⁶⁶.

Mencione-se que Warren Dean levou o botânico especialista em Mata Atlântica, Scott A. Mori, do Jardim Botânico de Nova York, para realizar uma palestra para seus alunos de História sobre esse bioma já na década de 1970¹⁶⁷. Durante a década de 1980 Warren Dean faria diversos cursos oferecidos nessa instituição de excelência em ciências botânicas e ecologia em Nova York, onde obteve, inclusive, em 1986, o diploma de Botânica.

Em Nova York Warren Dean foi um assíduo participante e membro associado do *Seminar Brazil*, um fórum de debates permanentes sobre o Brasil, criado em 1968, sob a liderança de Frank Tannenbaum¹⁶⁸. O Seminário Brasil passou a funcionar a partir de 1976 dentro da estrutura da Universidade de Columbia. Nas reuniões promovidas pelo grupo de pesquisadores interessados em questões brasileiras se discutiam os resultados das pesquisas antes deles serem expostos a uma comunidade intelectual mais ampla. Muitos dos brasilianistas que fizeram parte do corpo docente da Universidade de Columbia, como o geógrafo Kempton Webb, o economista Nathaniel Leff e o cientista político Douglas Chalmers foram palestrantes no *Seminar*. Assim como professores de universidades próximas, como Robert Levine, da SUNY Stony Brook, Daniel Gross e Laura Randall, da Hunter College e Alfred Stepan, então na Universidade de Yale. Naquela época Columbia era uma espécie de Meca para os estudiosos do Brasil nos Estados Unidos, e de constante refúgio de intelectuais brasileiros perseguidos pelo regime militar ou daqueles que queriam expor suas pesquisas num centro de excelência em estudos sobre o Brasil naquele país. Professores como Florestan Fernandes, Octavio Ianni, Celso Furtado e Emilia Viotti da Costa foram alguns dos

¹⁶⁵ GOMES, Ângela de Castro; DRUMMOND, José Augusto. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 5, 1990, p. 108.

¹⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 111

¹⁶⁷ Conforme informou o próprio Scott Mori em entrevista ao autor.

¹⁶⁸ Sobre o *Seminar Brazil* consultamos o relatório: DELSON, Roberta Marx; RAND, Frances Elizabeth; STERN, Irwin. “Report in the Columbia University Seminar on Brazil (1968-1990)” (não publicado, a cópia consultada foi gentilmente fornecida por Roberta Delson).

cientistas sociais brasileiros a freqüentar o *Seminar Brazil*. Inclusive, na reunião do dia 20 de setembro de 1973, Warren Dean foi o debatedor do texto apresentado por Emilia Viotti da Costa, intitulado “Trabalho e política agrária no Brasil em meados do século XIX”.

O Seminário da Universidade de Columbia permitiu a Warren Dean apertar os vínculos entre os membros da chamada “colônia brasilianista” e, além disso, um refinamento de suas pesquisas, visto que o ambiente de debate era aberto a pesquisadores de áreas diferentes e a presença de intelectuais brasileiros garantia uma atualização constante das principais temáticas e questões da historiografia brasileira.

No Brasil, diferentemente de outros pesquisadores brasilianistas, Warren Dean não ficou restrito aos grandes centros universitários do país, excursionando também pelo interior. Em 1975, com as provas do livro sobre Rio Claro já prontas, desenvolveu diversas atividades como professor visitante na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, distante cerca de 500 quilômetros da capital. Na ocasião, realizou seminários e conferências nos cursos de graduação e de especialização abordando, especialmente, a historiografia norte-americana sobre o Brasil. Merece destaque a aula sobre a historiografia sobre o meio ambiente humano.

A tabela abaixo registra as aulas e os respectivos temas abordados por Warren Dean no curso que ofereceu em Assis¹⁶⁹:

Quadro 5: Aulas do curso oferecido por Warren Dean em Assis, em 1975

Data	Temas/Aulas
4 de junho	Os críticos de “Time on the Cross”
10 de junho	Pernambuco – as transformações das fazendas de açúcar
18 de junho	As multinacionais entram na História
26 de junho	Análise das instituições políticas brasileiras – “Military on Politics”
4 de agosto	Ideologia e racismo
21 de agosto	Historiografia – classe operária norte-americana
28 de agosto	Historiografia – o meio ambiente humano

¹⁶⁹ Ver a este respeito, “NOTICIÁRIO GERAL: Warren Dean, professor visitante em Assis”. *Anais de História* do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Assis, São Paulo, 1975, p. 208-210; SILVA, Zélia Lopes; FERRERA, Sandra Aparecida (Org.). *A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro*. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2012, p. 79; CORRÊA, Anna Maria Martinez. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira; Arquivo permanente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp. Processo nº 539/74. Caixa: 152. Interessado: Warren Dean. *Contratação como professor visitante junto ao departamento de História* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Assis, 20 de novembro de 1974. Nesse documento/processo pode-se ainda verificar além dos objetivos dos docentes daquele departamento de História, conforme expresso na carta-convite, os temas e interesses de pesquisa de Warren Dean, tanto em seu currículo quanto em carta enviada ao chefe do departamento, ambos os documentos anexados ao processo.

Warren Dean colaborou ainda com o Centro de Documentação do Departamento de História, dando início a um levantamento e pesquisa nas fontes históricas regionais, entrevistando cerca de 3 pessoas, entre elas, Otto Ribeiro, um importante fazendeiro da região. A técnica de pesquisa oral foi um instrumento amplamente utilizado por Warren Dean para conhecer as especificidades regionais e locais. Destacam-se, ainda, as suas duas publicações nos *Anais de História*, revista daquela Faculdade, em 1974 e 1976¹⁷⁰.

Assis, naquela época, reunia um grande número de professores recém formados na Universidade de São Paulo – USP ou que mantinham fortes laços com a universidade de São Paulo, como Jaime Pinsky, Maria Luiza Marcilio, José Ribeiro Junior, Antonio Carlos Bernardo, Ana Maria Martinez Correa, entre outros. Vale mencionar, como exemplo dessa proximidade entre esses dois núcleos acadêmicos, a conferência proferida em Assis pelo professor Eduardo D’Oliveira França, da cadeira de história moderna e contemporânea da USP, em 1974. O espaço dessa revista também foi usado por outros pesquisadores latino-americanistas para a publicação de seus trabalhos, como Nicholas Sanchez-Albornoz, Herbert Klein, Nathaniel H. Leff e Stuart Schwartz, e por brasileiros, como Emilia Viotti da Costa, Octavio Ianni e Kátia Queiroz Mattoso, autores que se tornaram referências em suas respectivas áreas de atuação. Além de conhecer essa produção historiográfica veiculada na revista, Warren Dean estreitou laços de amizade com os professores daquele departamento.

Nesse mesmo contexto publicou o segundo livro sobre o Brasil, intitulado “*Rio Claro: a Brazilian plantation system, 1820-1920*”, editado pela Stanford University Press em 1976. Um ano depois, em edição brasileira, foi publicado pela editora Paz e Terra sob o título “*Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*”. Esse livro resultou de vários anos de pesquisa, entremeados pelo interesse do autor pelas novas questões ambientais. *Rio Claro* foi publicado na fase já madura de Warren Dean. Apresentava um misto de preocupações: o início da pesquisa em 1967 foi uma revisão de alguns pontos levantados por Stanley Stein; no campo da história econômica, preocupou-se em inserir seu estudo no debate em torno do tema da modernização; no campo da História social, influenciado pelo regime autoritário brasileiro que aposentara compulsoriamente seu amigo Caio Prado Junior, não deixou de apontar para o papel de agentes históricos desempenhado pelos escravos no contexto da abolição e já é possível encontrar referências de seu interesse pelo processo de desflorestamento, devido à expansão da cafeicultura. Em termos de análise historiográfica da

¹⁷⁰ A revista *Anais de História* teve início como uma publicação do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis – Instituto Isolado do Governo do Estado de São Paulo, e circulou de 1969 a 1977.

obra de Warren Dean, a publicação desse livro significa uma fase de transição do autor de uma história econômica *tout court* e de uma história da agricultura para uma história ecológica ou ambiental.

Esta passagem pelo interior do estado, aliás, como professor visitante e pesquisador – seu segundo livro, publicado em 1976, resultou de pesquisa empírica na cidade de Rio Claro – foi determinante para a definição temática de suas pesquisas posteriores, como procuraremos demonstrar. Suas constantes incursões para o interior possibilitariam encontrar a “fronteira viva”, o avanço da industrialização no campo, cujos efeitos não escaparam às lentes críticas do historiador¹⁷¹. O seu primeiro texto no campo da história ambiental foi justamente o resultado de suas pesquisas sobre “Fronteira”, particularmente no interior de São Paulo, sob o ponto de vista ecológico: “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”, publicado em 1981¹⁷². Examinamos o conteúdo desse artigo mais detidamente no terceiro capítulo desta tese. Por hora, basta registrarmos que foi nas suas andanças a partir da década de 1970 pelo “oeste paulista”, em particular, e pelo interior do país, de modo geral, que percebeu o avanço das transformações da paisagem e, ao mesmo tempo, o esforço de algumas pessoas para conservar trechos remanescentes da Mata Atlântica, como Augusto Ruschi, um ambientalista Capixaba, com quem conversou. Visitou inúmeras reservas naturais, como a do Morro do Diabo, na região do vale do Paranapanema¹⁷³. Frequentemente levava seus dois filhos nessas “aventuras”, para conhecer esse mundo selvagem e ameaçado. A entrada de Warren Dean nesse novo campo de pesquisa historiográfica deu-se, portanto, pela temática da degradação ecológica decorrente do processo de “colonização da fronteira”, verificada *in loco* no interior do estado de São Paulo.

No final da década de 1970, provavelmente no ano de 1978, Warren Dean trabalhou com pesquisa histórica na Coordenadoria Geral do Planejamento da cidade de São Paulo, COGEP, com Gabriel Bolaffi, sob chefia do Professor Candido Malta, no mandato do prefeito

¹⁷¹ Para um estudo sobre as transformações da paisagem na região do Pontal do Paranapanema, onde Warren Dean visitou com certa frequência, ver: LEITE, José Ferrari. *A ocupação do Pontal do Paranapanema*. São Paulo: Hucitec, 1998, e BRANT, Vinícius Caldeira. Do colono ao bóia fria: transformações na agricultura e constituição do mercado de trabalho na alta sorocabana de Assis. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, (19), p. 37-91, 1977.

¹⁷² DEAN, Warren. Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (Eds), *Essays on Frontiers in World History*. Texas A & M University Press: College Station, 1981. p. 71-100.

¹⁷³ Em 4 de junho de 1986, pelo decreto 25.342/86, foi criado o Parque Estadual do Morro do Diabo, situado no Pontal do Paranapanema, município de Teodoro Sampaio. Esta unidade de conservação constituía, junto com a Grande Reserva do Pontal do Paranapanema e a Reserva Lagoa São Paulo, um dos maiores trechos de Mata Atlântica do interior de São Paulo. Essas reservas, criadas na década de 1940, estão bastante reduzidas, sendo que o Parque Estadual do Morro do Diabo é a única reserva que não sofreu grandes alterações. Seu ecossistema é constituído por uma das últimas florestas de Mata Atlântica (floresta estacional semidecidual) do interior paulista

Olavo Setúbal. O seu visto de trabalho teria vencido no início do ano seguinte, em fevereiro de 1979, tendo sido substituído, na função, por Maria Luiza Nabinger de Almeida. Essa atividade reflete aquilo que temos frisado até aqui, que para Warren Dean o papel do historiador ia além do espaço acadêmico.

Antes de avançarmos, recapitulemos alguns pontos. O primeiro é que as publicações dos livros de Warren Dean resultaram de vários anos de pesquisa, entremeados pela publicação de artigos. Torna-se importante, assim, compreender todo esse processo de reflexão e maturação de idéias que se finaliza com a publicação do livro. Um segundo aspecto é que a realidade que Warren Dean encontrou no Brasil por meio de suas constantes viagens ao país, permitiu a ele perceber o contraste da industrialização e seus efeitos na paisagem entre a região litorânea e o interior. Desse modo, se o seu lado “cientista social” constatava objetivamente obstáculos ao desenvolvimento, com ênfase na problemática ecológica, o seu lado “cidadão” clamava pela ruptura com o passado colonial e dependente e protestava diante da imobilidade e ineficiência dos sujeitos da mudança.

Por fim, convém questionarmos: a consciência ecológica de Warren Dean seria portadora de uma ética biocêntrica, na acepção básica de uma proposição da ampliação da noção de direitos fundamentais, ainda que no sentido moral, para todas as formas de vida? Como a sua prática historiográfica foi afetada por esse novo conjunto de valores e de visão de mundo? Seus trabalhos no campo da história ambiental revelariam, portanto, uma tomada de posição mais radical, em termos conservacionista?

Essas novas hipóteses são estudadas nos próximos capítulos, nos quais colocamos em foco a prática historiográfica de Warren Dean no campo da história ambiental.

CAPÍTULO 2

O “ciclo da borracha” sob o olhar histórico ecológico de Warren Dean

A possibilidade de aproveitamento do potencial agrícola da Região Amazônica constitui atualmente um assunto dos mais controversos e polêmicos. (...) Apenas sobre um ponto existe concordância geral: trata-se da maior área do globo terrestre que ainda não conhece desenvolvimento agrícola nem industrial, classificando-se por isto mesmo como uma das regiões de mais baixo nível de produtividade e padrão de vida do mundo atual.

Paulo de Tarso Alvim, agrônomo brasileiro, 1971.

Durante a década de 1970, a Amazônia brasileira ganhou centralidade nas discussões sobre o desenvolvimento nacional e do crescente movimento ambientalista internacional. Tratava-se da região mais rica em biodiversidade do planeta, mas que apresentava imensas carências sociais. Sua história econômica que havia se caracterizado pelos ciclos de extrativismos de produtos florestais, assistia, naquela conjuntura, a expansão da fronteira agroindustrial, impulsionada pelos projetos de ocupação e desenvolvimento implementados pelo governo militar brasileiro.

Esse novo cenário estimulou um amplo debate sobre a possibilidade de aproveitamento do potencial agrícola e industrial da Amazônia. Que modelo de desenvolvimento deveria ser fomentado? A propósito dessa discussão, muitos conservacionistas, em diversas partes do mundo, realizaram congressos, conferências e debates, advertido, segundo registrou Edmon Nimer, “sobre os graves riscos que corremos se a exploração econômica da região amazônica se fizer sem um planejamento regional no qual os itens da Conservação da Natureza, baseados no equilíbrio natural, estejam presentes”¹⁷⁴. A chamada “questão amazônica” não dizia mais respeito, agora, apenas ao interesse local, nacional, mas também, ao internacional.

Os acontecimentos relacionados à história econômica do Brasil e ao contexto mais amplo, no final dos anos 70 e início dos 80, conformaram o quadro que serviu de inspiração

¹⁷⁴ NIMER, Edmon. A conservação da natureza ante a exploração econômica da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, 37 (2), 1975, p. 64.

para Warren Dean se debruçar sobre uma nova pesquisa. Propunha-se investigar a luta empreendida no Brasil para retomar a competitividade no mercado mundial da borracha, perdida no início do século XX. Pretendia contribuir com a compreensão histórica dos regimes agrícolas, ressaltando as condições ecológicas de produção. Do mesmo modo, objetivava que seu estudo fosse uma contribuição ao domínio da nascente história ecológica.

Em seu percurso historiográfico, Warren Dean continuava, portanto, interessado no tema do desenvolvimento econômico, todavia, neste momento, numa perspectiva ecológica. Discretamente entre os brasilianistas norte-americanos, “respondendo aos clamores que vinham das ruas”, começava a examinar mais profundamente as relações entre a sociedade brasileira e o meio ambiente, e de modo mais amplo, o universo tropical em sua completude.

Este segundo capítulo ocupa-se, justamente, da fase da trajetória de Warren Dean caracterizada pela sua “transição” em direção à história ambiental. Examinamos, particularmente, o processo que vai desde a idealização à concretização do seu livro *Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history* (1987), primeiro fruto da sua experiência nesse novo campo de pesquisa. Com base neste objetivo, enfrentamos duas questões principais: como e em quais circunstâncias Warren Dean entrou no debate sobre os regimes agrícolas num viés ecológico? Uma vez nesse debate, quais foram as suas contribuições?

Começamos delineando o contexto historiográfico norte-americano e brasileiro, que nos permitirá apreender os interesses e as adesões desse brasilianista para, em seguida, examinarmos mais detidamente a sua primeira obra de história ambiental.

2.1 – Aproximando-se da *Environmental History*

A década de 1970 foi marcada, em âmbito internacional, pela emergência da questão ecológica e também pela crise econômica, esta despertada pela crise do petróleo¹⁷⁵. Mesmo o Brasil, que registrou índices de crescimento acima da média mundial durante a época do chamado “milagre econômico” (especialmente entre 1969 e 1973), logo entraria num longo período de estagnação¹⁷⁶. Conseqüentemente, em meio a esse cenário de crises e do crescente apelo ambiental, a idéia de progresso, como corolário do crescimento econômico, foi posta

¹⁷⁵ Para um panorama detalhado deste contexto de crise, ver o capítulo “As décadas de crise”, em HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 393-420.

¹⁷⁶ Cf. BAER, Werner. O crescimento brasileiro e a experiência do desenvolvimento: 1964-1975. In: ROETT, Riordan. *O Brasil na década de 70*. op. cit, 1978. Especialmente as páginas 90 a 92.

em xeque, o que permitia questionar se o crescimento brasileiro, por exemplo, significava igualmente desenvolvimento. Uma definição mais ampla do conceito de “desenvolvimento” envolvia, agora, além dos indicadores tradicionais, econômicos e sociais, uma avaliação ambiental¹⁷⁷. Surgiu, assim, a concepção ecodesenvolvimentista, que de acordo com Ademar Ribeiro Romeiro,

(...) propõe que a compatibilização entre economia e ecologia não só é possível, como também é condição necessária para o progresso. Pois se o crescimento econômico, traduzido pelo aumento da produção material, está na base do progresso humano, a degradação do meio ambiente compromete desde já a qualidade de vida dos indivíduos e das coletividades diretamente expostos às suas consequências mais nefastas, além de ameaçar o próprio futuro da humanidade¹⁷⁸.

Vale ressaltar, ainda, que a Conferência de Estocolmo, de 1972, havia propiciado um impulso ao internacionalismo da questão ecológica, que se chocava com a tendência nacionalista do governo militar brasileiro.

Estes acontecimentos tiveram ressonância na historiografia brasilianista e nativa. No campo de estudos da economia brasileira, particularmente entre os norte-americanos, o tema do desenvolvimento foi o que mais atraiu a atenção e os esforços dos pesquisadores. Conforme observou Werner Baer, também ele um brasilianista especializado nessa temática, “os economistas norte-americanos que se dedicaram ao estudo da economia brasileira faziam parte de um pequeno grupo de profissionais fascinados pelos problemas de desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo”¹⁷⁹. Alguns desses autores empenharam-se na análise do subdesenvolvimento, voltando-se para o tema dos obstáculos ao desenvolvimento, como por exemplo, Nathaniel Leff, que publicou dois volumes sobre esse assunto¹⁸⁰.

Já no Brasil, segundo Denio Nogueira e Carlos Manuel Pelaez, a história econômica com foco no desenvolvimento tendeu claramente à resolução de problemas econômicos e

¹⁷⁷ Cf. SOUZA, Neli de Jesus. *Desenvolvimento econômico*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

¹⁷⁸ ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Agricultura e Ecodesenvolvimento. In: MAIMON, Dália (Coord.) *Ecologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: APED, 1992, p. 207. Ver, também, dentre outros, SACHS, Ignacy. *Ecodesenvolvimento: crescer sem destruir*. op. cit., 1986.

¹⁷⁹ BAER, Werner. O sistema econômico brasileiro visto pela ótica norte-americana. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C., *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 286.

¹⁸⁰ LEFF, Nathaniel. *Underdevelopment and Development in Brazil*. Vol. 1: Economic Structure and Change, 1822-1947. Vol. 2: Reassessing the Obstacles to Economic Development. Boston: George Allen & Unwin, 1982. O autor também havia escrito o artigo: “Economic Retardation in Nineteenth-Century Brazil”. *The Economic History Review*, v. 25, n.3, p. 489-507, 1972.

sociais contemporâneos¹⁸¹. Pode-se dizer que Caio Prado Jr. foi um dos expoentes dessa tendência historiográfica. A sua tese, com que pretendeu concorrer à livre-docência de História do Brasil na Universidade de São Paulo, em 1968, e que resultou no livro *História e Desenvolvimento* (1972), teve o objetivo de “pesquisar na evolução histórica brasileira e na formação econômica e social do país, algumas das premissas essenciais da problemática atual”¹⁸². Segundo Prado Jr., a análise do desenvolvimento requer, necessariamente, uma perspectiva histórica, pois, na sua opinião:

É na história, nos fatos concretos da formação e evolução de nossa nacionalidade que se encontra o material básico e essencial necessário para a compreensão da realidade brasileira atual e sua interpretação com vistas à elaboração de uma política destinada a promover e estimular o desenvolvimento. O tema do desenvolvimento penetra assim em cheio na Historiografia. E esta lhe ocupa mesmo a maior e principal parte¹⁸³.

A trajetória historiográfica de Warren Dean, como temos procurado demonstrar, transcorreu nesta mesma senda aberta pelos estudos da história brasileira com foco na temática do desenvolvimento econômico. Foi nesta trilha que, após ter publicado seus dois primeiros livros de história econômico-social – sobre a industrialização de São Paulo (1969) e o sistema de grande lavoura em Rio Claro (1976) –, Warren Dean transitou para uma história econômica com viés ecológico, a fim de estudar os obstáculos ao desenvolvimento no Brasil. Sob esta nova perspectiva, destacando as condições ecológicas de produção como fatores importantes de causalidade, pretendeu contribuir não só para a compreensão da realidade brasileira, mas também ajudar a estimular o desenvolvimento do país.

Havia iniciado, nessa época, dois grandes trabalhos de pesquisa que ocupariam a maior parte de seus esforços durante os anos subseqüentes. Propõe-se a investigar o “ciclo da borracha” na Amazônia e o processo histórico de ocupação e desmatamento da floresta atlântica brasileira. A partir da década de 1980, portanto, Warren Dean passaria a dedicar-se, sistematicamente, à história ecológica ou ambiental.

Essa fase de sua trajetória confunde-se com o próprio surgimento do campo de pesquisa da história ambiental nos Estados Unidos. Nesse país, à medida que cresciam os movimentos ambientalistas e se sucediam conferências contra uma crise global, os trabalhos acadêmicos também eram afetados. Os historiadores, organizados em núcleos especializados

¹⁸¹ Cf. NOGUEIRA, Denio e PELAEZ, Carlos Manuel. Introdução: ensaios sobre a economia brasileira, 1822-1972. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, 26 (3), 1972, p. 83.

¹⁸² PRADO JR, Caio. *História e Desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1972, p. 17.

¹⁸³ Id. *Ibid.*, p. 19.

nessa temática, não ficaram de fora do debate, oferecendo explicações às mais diversas questões relacionadas à problemática ambiental. Estava nascendo, deste modo, a *Environmental History*¹⁸⁴.

A historiografia norte-americana durante a década de 1970 assistiu a um crescente interesse pela “questão ambiental”, culminando no ano de 1977 com a criação da *American Society for Environmental History* (ASEH) – Sociedade Americana de História Ambiental, e da revista *Environmental Review*¹⁸⁵. Warren Dean não tardaria a fazer parte desta associação, embora, ao que parece, tenha permanecido “à margem”. Deixou transparecer na entrevista concedida a José Augusto Drummond e Ângela de Castro Gomes, em 1989, que ele não se identificava plenamente com a maioria dos historiadores ambientais norte-americanos. Perguntado sobre o que uniria esse grupo, Warren Dean respondeu:

Quase todos eles estão interessados na história dos Estados Unidos. Suponho que a maioria também seja, de uma maneira ou de outra, ativista no movimento ambiental. E provavelmente quase todos eles têm um background de alpinismo ou outra atividade de outdoors. Por todas essas três características, eu me sinto um pouco alienado¹⁸⁶.

Warren Dean havia se ligado a um grupo menor dentre os membros da ASEH, formado por historiadores interessados no estudo das florestas, sobretudo de outras regiões do mundo, que não as dos Estados Unidos¹⁸⁷. Podemos inferir, ainda, pela sua resposta, que Warren Dean estava trilhando, ao seu modo, um caminho “independente” do *mainstream* da

¹⁸⁴ De acordo com Carolyn Merchant, um dos primeiros registros de cursos de história ambiental a que se tem notícia nos EUA, refere-se a uma disciplina intitulada “*American Environmental History*”, que foi oferecida em 1971 na Universidade da Califórnia (Santa Barbara). In: “*Major Problems in American Environmental History*”, Lexington, 1983. A lista de trabalhos que tratam da produção da história ambiental nos Estados Unidos é bastante extensa. A título de introdução, podemos citar: CROSBY, Alfred W. The Past and Present of Environmental History. *American Historical Review*, 100, n. 4, p. 1177-1189, 1995; WHITE, Richard. Environmental History: Watching a Historical Field Mature. *Pacific Historical Review*, 70 (1), 2001 e MCNEILL, John R. The State of the Field of Environmental History. *Annual Review of Environment and Resources*. 35, p. 345-374, 2010.

¹⁸⁵ Mais informações sobre a história dessa associação e as atividades promovidas por seus membros, inclusive sobre a revista de história ambiental, podem ser conseguidas na sua website, no endereço eletrônico: <<http://aseh.net/>>

¹⁸⁶ DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Angela de Castro. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990, p. 111.

¹⁸⁷ Richard Tucker, historiador norte-americano especializado na temática de florestas e que esteve bastante próximo de Warren Dean, ofereceu informações importantes a este respeito. TUCKER, Richard. Searching Warren Dean [Mensagem pessoal] Mensagem recebida por <joaorafaelo@yahoo.com.br> 29 de Outubro de 2011. Warren Dean publicaria dois capítulos no contexto deste grupo de historiadores florestais: Deforestation in Southeastern Brazil. In: TUCKER, Richard; RICHARDS, J. F., (Eds.). *Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy*. Durham: Duke University Press, 1983, e The tasks of Latin American Environmental History. In: STEEN, Harold K.,; TUCKER, Richard P. *Changing Tropical Forests. Historical perspectives on today’s challenges in central & south America*. Durham: Duke University Press, 1992. (Proceedings of conference sponsored by The Forest History Society and IUFRO Forest History Group)

história ambiental norte-americana, não só por seu temperamento discreto, mas também por uma concepção própria de História. Não surpreende, outrossim, que ele tivesse se sentido “alienado”, mesmo porque se dedicava a questões ambientais a partir da história do chamado “Terceiro Mundo”, uma “região” com pouco interesse entre seus pares estadunidenses, e com claro viés político, diferente, portanto, do background das atividades de outdoors, do grupo majoritário.

Devemos considerar, no entanto, que apesar de Warren Dean manter-se em caminho paralelo, ao aproximar-se da *Environmental History*, é natural que ele fosse portador de algumas preocupações e anseios comuns aos outros seguidores da disciplina. A sua trajetória não deve ser descolada do quadro mais amplo de transformação porque passou a historiografia norte-americana. Convém, então, conhecermos melhor os objetivos e as características gerais desse novo campo específico de estudos que se formou nos Estados Unidos e do qual Warren Dean se acercou ainda nos anos 70.

A história ambiental de modo geral foi fruto da tentativa de diversos pesquisadores em explicar a crise ambiental que se abateu sobre o planeta, de maneira crescente, a partir da segunda metade do século XX. O despertar desse movimento historiográfico nos Estados Unidos deveu-se a fatores *exógenos* e *endógenos* à disciplina História. Pioneiro entre os historiadores ambientais norte-americanos, Donald Worster avaliou que “a história ambiental nasceu de um objetivo moral, tendo por trás fortes compromissos políticos, mas, à medida que amadureceu, transformou-se também num empreendimento acadêmico”¹⁸⁸. Além do aspecto cultural, a história ambiental representou um esforço revisionista interno ao próprio campo, ampliando seu leque de narrativas, uma vez que as variáveis físicas e naturais sempre foram tratadas, predominantemente, por outras áreas do conhecimento, que não as ciências sociais.

Levados a responder aos questionamentos do seu tempo, o objetivo principal dos historiadores ambientais tornou-se, segundo Donald Worster, “aprofundar o entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural, e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados”¹⁸⁹. Como novidade temática, as pesquisas desses historiadores passaram a examinar as relações entre as sociedades e o mundo natural, tratando do papel e do lugar da natureza na vida humana, descobrindo “forças” muitas vezes independentes às nossas vontades, que estimulam reações, defesas e ambições.

¹⁸⁸ WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, op. cit., 1991, p. 199.

¹⁸⁹ Id. *Ibid.*, p. 200.

A proposta de mudança historiográfica não foi insignificante. Como afirmou José Augusto Drummond a respeito dessa “naturalização” dos estudos históricos, em artigo escrito no início da década de 1990: “trata-se de uma mudança séria de paradigma nas ciências sociais. Significa que o cientista social dá às ‘forças da natureza’ um estatuto de agente condicionador ou modificador da cultura”¹⁹⁰. Por conta da natureza de seu objeto e abordagem, a história ambiental adquiriu um caráter multidisciplinar, forjando-se num imbricamento de métodos das ciências sociais e naturais como, por exemplo, a ecologia, a botânica e a climatologia.

José Augusto Drummond também realizou uma revisão de algumas das principais obras da literatura de história ambiental de língua inglesa do período inicial e destacou cinco características metodológicas e analíticas, traços distintivos dessa disciplina. Além do caráter multidisciplinar já mencionado – o diálogo sistemático com quase todas as ciências naturais, inclusive as aplicadas –, destaca-se, ainda, como característica geral, que quase todas as análises focalizam uma região com alguma homogeneidade ou identidade natural; os historiadores ambientais também exploram as interações entre o quadro de recursos naturais úteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas; utilizam uma grande variedade de fontes pertinentes ao estudo das relações entre as sociedades e o seu ambiente e, por fim, incorporam ao seu esquema metodológico o trabalho de campo¹⁹¹. Com um olhar mais cerrado sobre a história ambiental é possível distinguir diferentes tendências e temáticas de pesquisa desenvolvidas pelos mais diversos autores.

Essa caracterização geral elaborada por Drummond, a partir dessa amostragem, nos ajuda a identificar, nas obras de Warren Dean, tanto os seus aspectos que são comuns ao campo de estudo quanto as suas particularidades.

Um primeiro pólo de atração e concentração dos interesses de Warren Dean constituiu-se na temática das dispersões biológicas e culturais, relacionadas, sobretudo, à agricultura. A referência para esse tópico na historiografia norte-americana era Alfred Crosby – um dos precursores da história ambiental, ao lado de Worster – em seu livro *The Columbian Exchange: biological and cultural consequences of 1492*, publicado em 1973¹⁹². Como o próprio título sugere, esse autor investigou o “intercambio colombiano”, ou seja, as “trocas”

¹⁹⁰ Cf. DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4 (8), 1991, p. 181.

¹⁹¹ Id. Ibid.

¹⁹² CROSBY, Alfred W. *The Columbian Exchange: biological and cultural consequences of 1492*. Westport: Greenwood Press, 1973. Posteriormente, Crosby publicaria, sobre o mesmo assunto, um livro mais amplo: *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900* (Tradução J.A. Ribeiro e C. A. Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.).

entre os continentes americano e europeu iniciadas com a viagem de Cristóvão Colombo, em 1492, e suas conseqüências para os humanos e seus ambientes. Warren Dean manifestou-se a respeito desse processo, afirmando: “O intercâmbio de sementes e matérias vegetais, juntamente com as técnicas respectivas, foi decerto uma das formas mais importantes de difusão cultural”¹⁹³.

O contato em grande escala entre esses dois “mundos” distintos resultou numa revolução ecológica, afetando quase todas as sociedades e ecossistemas do planeta. Houve intenso intercâmbio de plantas, animais, populações humanas, doenças, conhecimento, tornando-se num dos eventos mais significativos da história moderna. De acordo com Warren Dean, a “interferência nas relações entre as plantas e seus parasitas e pragas” implicava em mudanças que “também eram acontecimentos históricos, inseparáveis das mudanças sócio-políticas que sucederam à introdução dos novos cultivares”¹⁹⁴. Sua influência na agricultura, por exemplo, com a introdução de novas espécies, mais produtivas, fez aumentar significativamente a população em áreas até então com baixos índices demográficos. De modo inverso, as doenças trazidas pelos europeus dizimaram milhares de indígenas, fazendo desaparecer culturas, muitas vezes, milenares, que haviam se desenvolvido no continente americano.

Warren Dean começou a se interessar e a enxergar a história brasileira do ponto de vista do processo de desenvolvimento da agricultura por meio da domesticação de plantas nativas e da introdução de espécies exóticas, como um dos fatores cruciais do posicionamento da colônia e, depois, do império, na economia mundial¹⁹⁵. Ressaltou que esses resultados dependiam fundamentalmente de processos botânicos e ecológicos. Na organização das *plantations*, quase sempre o cultivo foi de uma planta exótica, dada a facilidade de sua aclimação em ambiente livre das suas doenças e pragas co-evoluídas no seu habitat natural. Essa circunstância ecológica diminuía os custos de produção. Em climas tropicais, onde a problemática de parasitismo era muito mais grave, tornava-se decisiva.

A estratégia de transferência de espécies entre as colônias representou, segundo Warren Dean, um processo de “cosmopolitização das floras e faunas terrestres, desvanecendo-se assim a tendência de diferenciação e de endemismo iniciada com a separação dos

¹⁹³ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel, 1989, p. 21.

¹⁹⁴ Id. *Ibid.*, p. 21.

¹⁹⁵ Em 1989 Warren Dean proferiu uma conferência no *Instituto de Estudos Avançados* da USP, no dia 21 de junho, sobre o tema “A Botânica e a Política Imperial”, que resultou na publicação do artigo “A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-228, 1991. É nesse texto que a sua explicação dessa temática encontra-se melhor desenvolvida.

continentes”. Nesta perspectiva, a chegada dos europeus à América “faz parte da universalização da dominância, sobre todos os ecossistemas terrestres, de um complexo humano-agropecuário, acompanhado por todos os seus respectivos parasitas e pragas”. No caso do Brasil, essa cosmopolitização foi de natureza pan-tropical, uma vez que os portugueses agiram na dispersão de espécies, geralmente, de origem africana ou sul-asiática¹⁹⁶.

Por volta do século XIX, as atividades de transferência e domesticação de plantas tornaram-se cada vez mais racionalizadas e postas a serviço do capitalismo industrial. Foi nesse contexto que, de acordo com Warren Dean, “de todos os grandes feitos daquela época de descobertas botânicas, nenhum foi mais grandioso do que a domesticação das árvores produtoras de borracha”¹⁹⁷. A domesticação da seringueira – árvore da qual se extrai o *látex*, matéria-prima da borracha – foi feita por cientistas europeus e por administradores das colônias inglesas no sudeste asiático. No Brasil, essa produção caracterizou-se pelo extrativismo, a partir da técnica de extração do “leite de seringa”, como também era chamado o látex, diretamente das árvores espalhas pela floresta.

A domesticação dessa planta está diretamente relacionada com a economia amazônica e mundial da borracha. Esse feito significou uma “modernização” em termos de método de extração do látex, tornando-se, assim, o divisor de águas entre as economias baseadas no cultivo em larga escala e no extrativismo.

O ponto nevrálgico dessa história é formado por um evento que alimentou imaginários, nacionalismos e controvérsias, inclusive na historiografia. Um inglês residente na Amazônia, chamado Henry Wickham, tornou-se um personagem central, tanto do ponto de vista da domesticação da planta quanto do monopólio de recursos naturais. Isto porque Wickham coletou sementes e mudas da seringueira da floresta amazônica e as enviou para a Inglaterra, em 1875. Depois de amplamente estudados nos Jardins Botânicos Reais de Kew, próximo a Londres, os materiais foram enviados para as colônias britânicas na Ásia e lá aclimatadas. As plantações que surgiram desses experimentos obtiveram grande sucesso e logo superariam em muito a produção extrativista brasileira, alterando drasticamente os preços do produto no mercado mundial. O Brasil sofreria um desastre a partir de 1911. Nas palavras de Warren Dean:

¹⁹⁶ Cf. DEAN Warren. A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, USP, São Paulo, 1992. Ver, também, a este respeito o artigo de Maurício de Carvalho Amazonas, “Jardins Botânicos: valores estratégicos ecológicos e econômicos”. *Ciência e Cultura* [online]. 2010, v.62, n.1, p. 42-46.

¹⁹⁷ DEAN Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 22.

Seu crescimento econômico diminuiu e sua vasta região amazônica recaiu na estagnação e no desespero. Desde então o Brasil tem lutado impacientemente por um objetivo que continua sem conseguir alcançar: implantar em seu território o cultivo racional da árvore de que foi espoliado há tanto tempo¹⁹⁸.

Warren Dean havia chegado a esse tópico de pesquisa por outras duas vias diferentes, além do diálogo com o trabalho de Alfred Crosby, foram elas: a botânica econômica e tropical (como veremos mais adiante) e a geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley. Os estudos dessa Escola, sob a égide de Carl Sauer, muitos deles relacionados à América Latina, serviram amplamente de base metodológica para a história ambiental de Warren Dean, não apenas sobre as questões de domesticação de plantas e agricultura em geral, como também no exame das transformações das paisagens pelas culturas humanas¹⁹⁹. No próximo capítulo dedicaremos uma atenção maior a essa influência da geografia nos trabalhos de Warren Dean.

Diante desse quadro, passemos a examinar mais detalhadamente o seu livro *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. Pela singularidade e novidade dessa obra, conhecê-la em seus pormenores é de fundamental importância para a historiografia ambiental brasileira.

2.2 – Contribuindo com a *Environmental History*: a borracha com enfoque ecológico

Em 1981, Warren Dean visitou novamente a Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Naquela ocasião, participou de uma *Semana de História*, durante a qual apresentou uma comunicação sobre a sua pesquisa mais recente, que tinha como tema “A borracha com enfoque ecológico”. Esse registro indica que ele ainda estava interessado pelo tema do desenvolvimento, particularmente, pelo sistema de *plantation*, na história econômica brasileira. Em relação às suas obras anteriores (1969 e 1976) esta pesquisa trazia uma novidade significativa, qual seja, o seu olhar deslocava-se da cafeicultura da região sudeste do Brasil, para a economia da borracha na Amazônia.

¹⁹⁸ DEAN Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 22.

¹⁹⁹ A respeito das intersecções de interesses entre a história ambiental e a geografia histórico-cultural ver o artigo de Kent Mathewson e Jörn Seemann: A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 71-85, jan./jun., 2008.

Uma explicação para essa mudança de direcionamento de Warren Dean pode ser ensaiada a partir da hipótese de Cyrus Dawsey, que analisou os interesses de anglo-americanos pela Amazônia. De acordo com o autor, dentre outros fatores, o que pode ter levado esses pesquisadores a concentrarem suas atividades no norte do Brasil:

(...) é que a maior parte do crescimento econômico do país ocorreu nas regiões centrais do Sudeste. (...) [Regiões] consideradas prósperas (e por isso, um alvo menos interessante para as pesquisas) em comparação ao Norte e ao Nordeste. (...) E, finalmente, os problemas dessa região (que são muitos) não são considerados tão importantes em termos globais quanto os relacionados à região amazônica. A destruição da floresta tropical é vista como uma ameaça ao bem estar da comunidade mundial (e anglo-americana), enquanto, por exemplo, a poluição do rio Tietê é encarada como um assunto local que interessa apenas aos brasileiros²⁰⁰.

Aceitando-se esse raciocínio de Dawsey como premissa, podemos afirmar que o deslocamento do núcleo focal de Warren Dean para a região amazônica, além de uma motivação por um “assunto relevante”, significou também uma alteração da sua perspectiva analítica, uma vez que o problema que afligiu a atividade econômica da borracha, diferentemente do café, por exemplo, era, sobretudo, de caráter ecológico. O fato era intrigante. O Brasil, que havia se beneficiado sobremaneira com a introdução de plantas exóticas, como a cana-de-açúcar – proveniente do sudeste asiático – e o café – originário da África –, não conseguiria o mesmo feito como produtor de borracha a partir de uma planta nativa, a *Hevea brasiliensis*. Os motivos para essa derrocada, diferentemente de outros autores, Warren Dean encontraria na análise das relações entre os homens e as plantas.

Ao invés de investigar algum tópico “tradicional” da economia rural brasileira, como as relações de trabalho, sistemas de posse de terra e oferta de capitais, por exemplo, Warren Dean optou por focalizar um outro personagem histórico: a seringueira. Essa escolha implicou em desafios para a prática historiográfica, em termos de fontes, metodologia e de explicação histórica, tais como: que tipo de fonte pode ser usada para investigar a história de uma planta ou de uma mercadoria? Como escrever uma história a partir de uma problemática ecológica de modo que a explicação não incida em algum tipo de determinismo? Vejamos como ele enfrentou esses desafios e qual resultado produziu.

No Brasil, a história agrícola de produtos destinados ao comércio exportador caracterizou-se por uma evolução de natureza cíclica. Ao período de *boom*, que propicia uma

²⁰⁰ DAWSEY, Cyrus B. Estudos geográficos do Brasil nos Estados Unidos e no Canadá: tendências e perspectivas, 1945-2000. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. (Orgs.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 355.

prosperidade passageira, segue-se outro de retração e conseqüente estagnação econômica. Devido a um conjunto de razões diversas de natureza geográfica, político, social e cultural, isso ocorreu com freqüência a vários produtos destinados ao mercado internacional ao longo da história econômica brasileira. Manuel Correia de Andrade, estudando a história do latifúndio no Brasil, destacou que “a grande lavoura da cana-de-açúcar, de cacau, de algodão, de café etc. vêm sendo feita, desde o período colonial, com baixos níveis técnicos, com baixa produtividade e, só recentemente, vem tendo uma certa racionalização”²⁰¹. William Nicholls, escrevendo a respeito de dois “ciclos econômicos” importantes, observou:

Os surtos do cacau, na Bahia, e da borracha, na Amazônia, no fim do século XIX e princípio do século XX, tiveram também efeitos desanimadores a longo prazo, quando a concorrência estrangeira, mais eficiente e racional, superou a liderança inicial do Brasil nos mercados internacionais²⁰².

Além dessa ausência de “modernização” tecnológica, apontada por Correia e Nicholls, outros fatores problemáticos foram registrados como obstáculos à economia exportadora brasileira. Segundo Warren Dean:

Os preços oscilaram fortemente e a ameaça de entrar numa competição mais aguda, de ser excluído de alguns mercados e a descoberta de produtos sintéticos anuviaram as perspectivas tanto dos empresários quanto dos responsáveis pela política. Para o Brasil, poder-se-ia dizer, a maior desvantagem da política de orientação para a exportação foi a fraqueza do estímulo à demanda no exterior²⁰³.

Alguns produtos servem como exemplo dessa fragilidade econômica do setor exportador brasileiro, tanto em se organizar para enfrentar a dependência da demanda externa como em garantir um desenvolvimento de longo prazo.

O “ciclo da borracha” na Amazônia é o exemplo mais evidente da vulnerabilidade do setor exportador brasileiro e da perda de mercado diante de uma incrível demanda internacional pela produto. Warren Dean se propôs a estudar essa história na perspectiva da derrocada do Brasil no mercado mundial. Na análise que empreendeu, enfatizou o que chamou de “desvantagens naturais”, identificadas na economia brasileira voltada para a exportação, as quais “se tornavam mais graves ou mais obvias à medida que [crescia] a

²⁰¹ ANDRADE, Manuel Correia de. *Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1980. p. 62.

²⁰² NICHOLLS, William H. A agricultura e o desenvolvimento econômico do Brasil. *Revista Brasileira de Economia*, op. cit., 1972. p. 171.

²⁰³ DEAN, Warren. A economia brasileira, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*, vol. V, op. cit., 2002. p. 669.

demanda mundial”²⁰⁴. Pretendeu, desse modo, contornar o que acreditava ser uma lacuna nos registros históricos sobre a agricultura tropical, isto é, a ausência das variáveis ecológicas como fatores de causalidades importantes, conforme advertiu:

Parece que os relatos históricos da agricultura tropical são escritos como se o objeto do estudo fosse um processo industrial, em vez de biológico, e como se as condições ecológicas de produção não tivessem importância para os resultados históricos²⁰⁵.

Com essa preocupação, lançou-se a uma análise histórico ecológica da exploração econômica da “árvore da borracha”, como também é conhecida a seringueira.

As seringueiras, devido às suas propriedades, sempre despertaram curiosidades. Há registros do uso das gomas elásticas extraídas dessas árvores entre tribos indígenas anteriores ao século XVIII. A partir do século XIX, todavia, a planta tornou-se domesticada e o *látex* um recurso economicamente valioso. A demanda pelo produto aumentou de forma impressionante, em âmbito mundial, com a racionalização do processo de beneficiamento do *látex*. Houve um aperfeiçoamento da técnica de fabricação da borracha, “com a descoberta do processo de vulcanização da borracha por Charles Goodyear em 1839 e Hancock em 1842” e mais tarde com a “invenção do pneumático em 1890”²⁰⁶. Este crescimento coincidiu com o período da segunda revolução industrial, cuja incessante exigência pelo fornecimento de borracha deu início ao *boom* na região amazônica, habitat natural da *Hevea brasiliensis*, árvore produtora do *látex* de melhor qualidade. A produção baseou-se, inicialmente, no extrativismo e no padrão das relações de trabalho peculiares à cultura local.

A demanda crescente pelos elastômeros atraiu para a região outros tipos sociais, brasileiros e estrangeiros, e mudou a vida cotidiana dos povos amazônidas. O volume populacional modificou-se rapidamente. Em 1823, a população girava em torno de 127 mil; em 1872, passou para quase 340 mil; em 1900, aproximadamente 700 mil e, 1920, atingiu cerca de 1.400.000 de habitantes²⁰⁷.

²⁰⁴ DEAN, Warren. A economia brasileira, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*, v. V, op. cit., 2002. p. 669.

²⁰⁵ DEAN Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 27.

²⁰⁶ PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A Borracha na economia brasileira da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 288-9.

²⁰⁷ CARDOSO, Fernando Henrique; MULLER, Geraldo. *Amazônia: expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1977. p. 25.

A borracha foi o segundo principal produto de exportação do Brasil, atrás apenas do café, durante o período áureo da economia exportadora, isto é, de 1870 a 1930. Conforme escreveu Warren Dean: “O comércio da borracha tornou-se um sustentáculo da economia brasileira: em seu auge, proporcionou quase 40% das receitas de exportação, quase igualando o café em importância”²⁰⁸. De fato, o *boom* durou até 1913. Neste ano a produção extrativista foi suplantada pela produção dos seringais do sudeste asiático. Com o elevado aumento da produtividade em modo de cultivo, os preços da borracha no mercado mundial baixaram, tornando a produção brasileira (de altos custo e preço) incapaz de competir. O Brasil nunca mais conseguiria produzir economicamente a borracha a ponto de reconquistar espaço no mercado internacional, apesar dos esforços e investimentos – inclusive das grandes multinacionais de pneumáticos – ao longo do século XX.

A pergunta inevitável que qualquer observador da história do “ciclo da borracha” faz é: “por que não se tentou o plantio [da seringueira] na Amazônia, no habitat natural da planta?”²⁰⁹. Ou mais amplamente: por que a produção de borracha na Amazônia “fracassou”?

Ao longo de todo o período da história da produção da borracha na Amazônia os trabalhos acadêmicos que foram escritos sobre esse objeto enfrentaram essas duas questões principais. Os pesquisadores da história econômica, de modo geral, elegeram como matéria privilegiada de seus estudos os obstáculos ao desenvolvimento da produção da borracha, tanto na perspectiva micro quanto macroeconômica. Trataram de dois aspectos econômico-sociais principais: os problemas de fornecimento da borracha natural e das questões morais e sociais relativas aos trabalhadores. Vejamos alguns desses trabalhos que desenharam essa trajetória historiográfica a fim de contrapormos à esse quadro a obra produzida por Warren Dean²¹⁰.

No ambiente econômico do Norte do Brasil no final do século XIX, caracterizado pela instabilidade dos preços da borracha, a preocupação principal dos autores que se debruçaram sobre esse assunto recaiu sobre o fornecimento do produto ao mercado mundial e pela ausência relativa de mão-de-obra e capital para investimento na atividade. Diante disso,

²⁰⁸ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 22. Em 1986, Warren Dean publicou um capítulo tratando desse período da história econômica brasileira: *The Brazilian economy. 1870-1930*, In: BETHELL, Leslie. *The Cambridge History of Latin America*, v. V, c. 1870 to 1930. Cambridge, Cambridge University Press, 1986. p. 685-724. Posteriormente foi publicada a edição brasileira, da qual extraímos as citações: “A economia brasileira, 1870-1930”. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*, v. V, op. cit., 2002.

²⁰⁹ SINGER, Paul. O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 361.

²¹⁰ Neste trabalho de reconhecer as tendências historiográficas que abordaram a economia amazônica, sobretudo o ciclo da borracha, nos baseamos, dentre outros, no artigo escrito por Bradford L. Barham e Oliver T. Coomes, *The Amazon Rubber Boom: Labor Control, Resistance, and Failed Plantation Development Revisited*. *The Hispanic American Historical Review*, v. 74, n. 2, 1994.

instalou-se um conflito entre visões de “meio ambiente” e “propriedade”, entre “moderno” e “tradicional”²¹¹. Como observaram Bradford Barham e Oliver Coomes:

Especialistas da Indústria pensaram que a solução para o problema de abastecimento estava na racionalização da produção de borracha. A maneira tradicional de aquisição de borracha na Amazônia- coleta na natureza era vista como atrasada e ineficiente, um obstáculo que poderia ser superado, modificando a prática de coleta de borracha e, finalmente, transformando a indústria de extração para a produção baseada na plantação. Analistas defenderam uma variedade de melhorias, incluindo a promoção de novos métodos e tecnologias para a colheita da borracha, a eliminação dos inúmeros intermediários (patrocinadores de exploração e comerciantes monopolistas), entre o extrator e o mercado, a modernização dos meios de transporte e infra-estrutura, e as reduções no custo do fornecimento e da ameaça de doença para o trabalhador da borracha (tradução nossa)²¹².

Naquela época, portanto, os especialistas apontavam para o problema de abastecimento do produto em decorrência do método tradicional de produção de borracha, concebido como “atrasado” e “ineficiente”. Além disso, outras medidas modernizadoras do sistema produtivo foram sugeridas para superar os obstáculos àquela atividade, como a mudança das relações de trabalho, por exemplo.

Com o fim do *boom*, por volta de 1910, um outro conjunto de fatos mereceu a observação crítica dos analistas: os impactos sociais causados pela atividade extrativista da borracha, especialmente os seus efeitos na cultura dos povos indígenas. O conjunto desses trabalhos de cunho mais social deram um tom dramático às relações sociais em torno da extração e comércio da borracha na Amazônia, como descreveram Barham e Coomes: “dominados por grandes detentores de propriedade que coagiam, escravizavam ou endividavam os trabalhadores para coletar a borracha que era vendida para servir ao apetite excessivo de consumo dos barões” (tradução nossa)²¹³.

²¹¹ Cf. BENTES, Rosineide. A apropriação ecológica de seringais na Amazônia e a advocacia das *Rubber Plantations*, *Revista de História*, 2004, p. 115-150.

²¹² BARHAM, Bradford L.; COOMES, Oliver T. The Amazon Rubber Boom: Labor Control, Resistance, and Failed Plantation Development Revisited. *Hispanic American Historical Review*, op. cit., 1994. p. 235. Tradução de: Industry experts thought the solution to the supply problem lay in the rationalization of rubber production. The traditional manner of procuring rubber in the Amazon-collection in the wild was seen as backward and inefficient, an obstacle that would be overcome by modifying the practice of rubber gathering and ultimately by transforming the industry from extraction to plantation based production. Analysts argued for a variety of improvements, including the promotion of new methods and technology for harvesting rubber, the elimination of the numerous intermediaries (exploitative patrons and monopolistic traders) between the extractor and the market, the upgrading of transportation facilities and infrastructure, and reductions in the cost of provisioning-and in the threat of disease to the rubber worker.

²¹³ Id. *Ibid.*, p. 237. Tradução de: “dominated by large estate holders who coerced, enslaved, or debt-bonded workers to gather rubber that was sold to serve the barons excessive appetite for conspicuous consumption”.

Um outro momento de clivagem nas interpretações da economia amazônica – no qual inclui-se a obra de Warren Dean – é perceptível a partir da década de 1970. Com a emergência do ambientalismo e o interesse crescente pela Amazônia, as formas de exploração e uso dos recursos naturais da região passaram a ganhar centralidade. Em 1980, Samuel Benchimol, pesquisador da Amazônia que se tornou referência para vários autores e planejadores do desenvolvimento da região, registrou as novas preocupações daquela conjuntura. E escreveu:

Sabemos que a Amazônia de hoje vive nova e mutável realidade, cuja percepção somente será possível através de uma metodologia interdisciplinar, com as indispensáveis condicionantes econômica, social e ecológica, que consideram as peculiaridades e as vivências das diferenciadas Amazônia oriental, ocidental e mediterrânea²¹⁴.

A preocupação metodológica de Benchimol, chamando a atenção para as novas perspectivas e para a inclusão, nas análises históricas, de variáveis até então ignoradas, refletiu como tendência de múltiplos trabalhos posteriores sobre o “ciclo da borracha”. Na tentativa de compreender a Amazônia atual, segundo Benchimol, o fator ecológico não poderia mais deixar de ser considerado.

No entanto, o “sucesso” das plantações em larga escala nas colônias inglesas e holandesas na Ásia, em certa medida, continuou a servir de argumento especulativo para explicar o “fracasso” das tentativas de cultivo das seringueiras que se fizeram no Brasil na primeira metade do século XX, mais precisamente, a partir de 1920. Novos olhares voltavam-se para as razões do “insucesso” econômico da heveicultura na região amazônica, realçando o papel das relações de trabalho e comércio de borracha e a falta de racionalidade e empreendedorismo dos agentes envolvidos nessa atividade.

Merece destaque, neste novo contexto historiográfico, a abordagem das historiadoras Maria Ligia Coelho Prado e Maria Helena Rolin Capelato no capítulo “A borracha na economia da Primeira República”, que compôs a coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, organizada por Boris Fausto (1977). Essas autoras enfatizaram fatores inerentes ao sistema capitalista e aos mecanismos internos, relativos à política econômica local. Nas suas palavras, a ruína da economia da borracha na Amazônia:

²¹⁴ BENCHIMOL, Samuel. *Tendências, Perspectivas e Mudanças na Economia e na Sociedade Amazônicas*. Manaus: Valer: 1980. p. 9.

(...) se explica não apenas pelo mecanismo do sistema em que se insere, mas também por fatores internos. Os representantes políticos da Amazônia nunca conseguiram consolidar uma política de defesa da borracha. Além disso, os lucros auferidos na região foram canalizados para o consumo, não concorrendo para a transformação das condições existentes²¹⁵.

O argumento utilizado pelas historiadoras serviu para criticar a canalização das fortunas obtidas com a atividade exportadora para o consumo, ao invés de reinvestir os lucros na melhora da qualidade do capital.

Um outro conjunto de argumentos foi proposto por historiadores simpáticos à teoria da dependência. Sugeria-se, sob a perspectiva dependentista, que os excedentes gerados pela exploração da borracha foram drenados para fora, tanto pela ação de potências imperiais estrangeiras quanto pela ação dos governos locais. Os fundamentos explicativos recorrentes neste tipo de interpretação enfatizaram, dentre outros aspectos, o intercâmbio desigual e o “extravio” de sementes da seringueira nativa pela ação deliberada de um “agente” do império inglês para a Ásia e seu conseqüente sucesso, o que teria enfraquecido a posição da Amazônia no mercado mundial. A falta de capital para investimento e o fracasso econômico experimentado pelos produtores de borracha no Brasil deveram-se, de acordo com essa visão, principalmente às empresas estrangeiras e à política local.

A *História econômica da Amazônia* escrita por Roberto Santos (1980) é um exemplo dessa linha interpretativa com base na teoria da dependência. O livro consolidou a relevância dos aspectos “internos” da economia e da política regional no estudo da história econômica da Amazônia. Santos concluiu que:

Um volumoso refluxo de renda ocorria por ocasião de cada safra de borracha, de modo que parte dos frutos do crescimento era largamente transferida a outros países e a outras regiões do Brasil, impedindo a região de incorporá-los a um processo firme de progresso técnico e reestruturação econômica²¹⁶.

O livro de Roberto Santos trazia no bojo, ainda, o argumento “nacionalista” de que “o silencioso transporte das sementes da *Hevea brasiliensis* em 1876 (pelo inglês Henry A. Wickman), da Amazônia para o Jardim Botânico de Kew – façanha pouco defensável à luz do direto Internacional”, teria sido um dos principais motivos do “fracasso” da produção de

²¹⁵ PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A borracha na economia da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. op. cit., 1985. p. 307.

²¹⁶ SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980, p. 5.

borracha na região²¹⁷. Antes dele, porém, outros dois autores já haviam registrado que a desvalorização da borracha amazônica devia-se a obra de agentes imperialistas britânicos e de multinacionais da borracha. Leandro Tocantins, por exemplo, escreveu que:

Britânicos e holandeses, valendo-se de sementes e plântulas emigradas do rio Tapajós, **por artes sorrateiras** de sir Henry Wickham, construíram, na Ásia, um monumental parque de *Hevea brasiliensis*, associados aos grandes ‘trusts’ internacionais da borracha (grifo nosso)²¹⁸.

Já Paul Singer destacou o interesse imperialista do governo britânico para manter o monopólio da borracha, afirmando que:

Ao governo inglês – que encarregou seu agente Wickham de organizar uma plantação de seringueiras no planalto do Tapajoz, perto de Santarém, exclusivamente para se apoderar das sementes – só interessava que o novo modo de se produzir a borracha fosse estabelecido dentro das fronteiras do Império britânico²¹⁹.

Como veremos mais adiante, partindo de um ponto de vista da domesticação de plantas e do avanço científico que essa prática representa, Warren Dean demonstrou-se, peremptoriamente contrário a esse argumento.

Em sua obra, Samuel Benchimol ressaltou vários aspectos da dinâmica interna e a relação de dependência destes com os fatores externos, expondo, sob uma visão de “modernidade”, o esgotamento do modelo amazônico. Sobre isso afirmou:

A exaustão do modelo extrativista-mercantil, iniciada na década dos anos 20 quando a revolução da heveicultura do sudeste asiático adquiriu momentum, causou a estagnação e conseqüente regressão da atividade econômica e social, **agravada por fatores psíquicos de inércia e imobilismo**. (...) Essa dependência, ao não promover a absorção de tecnologia, por via de importação, ou a sua criação, com adaptação às novas contingências mundiais, fez prevalecer a lógica do estirão, do isolamento, da distância, que sempre atormentou a Amazônia, pelos altos custos de transferência que sujeita a produção regional a fretes e riscos elevados, somente possíveis de serem incorporados ao valor do produto se as cotações dos preços forem bastantes elevadas e justifiquem a empresa exportadora (grifo nosso)²²⁰.

²¹⁷ SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. op. cit., 1980., p. 256.

²¹⁸ TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo, uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. p.136.

²¹⁹ SINGER, Paul. O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. op. cit., 1985. p. 361.

²²⁰ BENCHIMOL, Samuel. *Tendências, Perspectivas e Mudanças na Economia e na Sociedade Amazônicas*. op. cit., 1980. p. 14-15.

Benchimol, partindo de uma abordagem mais ampla, chamava a atenção, dentre outros fatores, para a postura passiva dos agentes econômicos da Amazônia, para a fraqueza dos produtores de borracha em responder aos estímulos da demanda mundial.

A historiadora brasilianista Bárbara Weinstein escreveu a sua tese de doutorado sobre o “ciclo da borracha” até a época do *boom*, em 1983, fugindo, de certa maneira, das explicações “dependentistas”, e preferindo concentrar-se nas relações econômico-sociais em âmbito local, nos fatores internos. Segundo a autora, “a ênfase geralmente dada pelos teóricos da dependência ao papel do capital estrangeiro e da integração da periferia no ‘sistema capitalista mundial’ tem relegado a uma posição de importância secundária certas questões, como a formação interna de classes”. Por isto, em sua abordagem, Weinstein aprofundou os mecanismos internos da história regional amazônica, as relações de trabalho e o papel do Estado. A brasilianista norte-americana argumentou que se deve examinar, primeiro, as peculiaridades das “relações de produção e de troca que definiam a economia regional e as forças que impediam toda e qualquer tentativa de transformação de tais relações”²²¹. Diminuía-se sobremaneira o foco da análise a fim de analisar minuciosamente os eventos numa perspectiva regional, procurando demonstrar que o impacto do comércio da borracha sobre o desenvolvimento econômico da Amazônia brasileira não era, essencialmente, limitado pela natureza da sua articulação com o mercado internacional, mas pelas peculiaridades de suas relações de produção.

Por fim, cabe destacar um último enfoque antes de examinarmos a contribuição de Warren Dean a esse debate. Trata-se de uma explicação que seguiu na esteira da interpretação de Weinstein, calcada nas relações de trabalho. Sob influência do marxismo, alguns autores salientaram que o desenvolvimento da heveicultura foi desvanecido pela vigência de relações pré-capitalistas na produção e comércio da borracha. Conforme observaram Barham e Coomes:

Em termos marxistas, as formações pré-capitalistas em que o comércio da borracha teve base mostrou-se altamente resistente à mudança; elas impediram a adoção de um regime de trabalho mais eficiente (isto é, com o salário baseado na produção), limitaram o potencial de acumulação de capital local, e portanto, impediram a transformação da economia extrativista (tradução nossa)²²².

²²¹ WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993. p. 16.

²²² BARHAM, Bradford L. e COOMES, Oliver T. The Amazon Rubber Boom: Labor Control, Resistance, and Failed Plantation Development Revisited. *Hispanic American Historical Review*, op. cit., 1994. p. 240. Tradução de: In Marxist terms, the precapitalist formations on which the rubber trade was based proved highly resistant to change; they hindered the adoption of more efficient labor arrangements (that is, wage

Vale dizer que essa corrente surgiu num contexto de acirramento das lutas camponesas na Amazônia, merecendo ser lembrado o movimento dos seringueiros que organizaram, em 1975, o primeiro “empate” na região²²³. Liderados por Chico Mendes, seringueiros resistiam ao avanço do desmatamento da floresta amazônica em defesa do seu modo de vida, baseado no extrativismo²²⁴. Diante desse cenário, a linha marxista abandonou a imagem criada pela literatura do início do século XX, do trabalhador como “vítima”, dando ênfase, portanto, às relações de “classe” e à “resistência”.

Esse quadro historiográfico sintético, composto por algumas linhas interpretativas do ciclo da borracha, com as quais Warren Dean dialogou diretamente, pode nos ajudar a situar o seu trajeto e apreender a novidade que a sua obra histórico ecológica representou.

Primeiramente, examinemos mais de perto as motivações e as circunstâncias nas quais se deu a definição da Amazônia como alvo privilegiado de Warren Dean. Nossa perspectiva é a de captar o sentido da obra de um homem historicamente situado, com uma infinidade de opções, possibilidades e de cerceamentos. Estamos, desse modo, atentos ao que Carlos Guilherme Mota extraiu de sua análise dos trabalhos do mestre francês Lucien Febvre. O historiador brasileiro ressaltou, dentre outros ensinamentos, que ao buscar *compreender*, o historiador deve “circunstanciar os pensamentos que se quer analisar dentro do amplo quadro histórico que lhe deu origem”²²⁵.

Warren Dean mesmo revelou, em entrevista a José A. Drummond e Ângela C. Gomes, o que o levou a estudar o “ciclo da borracha” na Amazônia. De acordo com a sua confissão, ficamos sabendo:

(...) o ponto fascinante para mim foi perceber que todas as tentativas de cultivo [da seringueira no Brasil] fracassaram devido a um relacionamento ecológico. A seringueira é atacada por um fungo que, quando a árvore não é plantada, mas distribuída naturalmente pela floresta, é mantido em equilíbrio. Então, a árvore escapa. Mas quando se planta milhares de árvores lado a lado, a quantidade de fungo aumenta terrivelmente e há uma epidemia

based production), limited the potential for local capital accumulation, and therefore prevented transformation of the extractive economy.

²²³ Empate era o termo usado para definir a tática de ação de resistência criada por Chico Mendes e seus companheiros. Consistia no ato de perfilar-se ou antepor-se com os próprios corpos, formando uma “barreira humana”, à frente dos agentes encomendados pelos fazendeiros para derrubar a floresta.

²²⁴ Veja-se, por exemplo: REVKIN, Andrew. *Tempo de queimada, tempo de morte: o assassinato de Chico Mendes e a luta em prol da floresta Amazônica*. Tradução Wilma Freitas R. de Carvalho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

²²⁵ MOTA, Carlos Guilherme (Org). *Lucien Febvre: história*. São Paulo, Ática, 1978. p. 14.

que mata as árvores. Até hoje não foi descoberta uma solução econômica para esse problema. E foi por isso que voltei à questão agrícola brasileira²²⁶.

Descoberta a motivação, tentemos investigar com mais detalhes como Warren Dean chegou até essa problemática e como ele construiu a sua explicação histórico ecológica, quais fontes utilizou e em quais autores se baseou.

Na opinião de Bárbara Weinstein, diferentemente da sua própria decisão por estudar o “ciclo da borracha” na Amazônia, no caso de Warren Dean, isso teria ocorrido “por acaso”. Nas suas palavras:

Ele começou a se interessar pelas questões ecológicas e, de certa forma, a Amazônia chamava a atenção por causa de todo o debate sobre a floresta etc., que era muito forte nos Estados Unidos. Aliás, foi muito forte aqui, antes de ser no Brasil. Então eu acho que é um pouco por acaso, por ele ter encontrado um material no *New York Botanical Garden* que o possibilitou escrever um trabalho sobre a região²²⁷.

As suposições de Weinstein nos ajudam a direcionar a busca por informações complementares. É certo que a opção de Warren Dean pela Amazônia foi o resultado de uma combinação de fatores diversos, relacionados a aspectos pessoais e intelectuais. Um olhar mais aprofundado sobre essa fase da sua trajetória, todavia, nos permite elaborar outras respostas e extrair dados que colaboram para o entendimento detalhado das circunstâncias da conformação do seu objeto, da construção da sua problemática e da montagem do seu instrumental analítico; conhecer a sua obra em seus pormenores, portanto.

Inicialmente, vale lembrar que o “ciclo da borracha” era um tema emblemático da história econômica brasileira para quem estava interessado no estudo dos obstáculos ao desenvolvimento numa perspectiva ecológica. Como já tinham notado as historiadoras Maria Lígia Prado e Maria Helena Capelato em 1977, “condições naturais desfavoráveis impediam o aumento de produção” da borracha na Amazônia²²⁸. Warren Dean seguiria esta pista em sua pesquisa.

Além disto, torna-se importante ressaltar o crescente interesse, no universo acadêmico norte-americano e compartilhado por Warren Dean, pela destruição das florestas tropicais durante a década de 1970. A este respeito, convém recuperarmos o relato de Richard Tucker:

²²⁶ DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Angela de Castro. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990, p. 109.

²²⁷ Entrevista com Bárbara Weinstein, nos apêndices deste trabalho.

²²⁸ PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A borracha na economia da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. op. cit., 1985. p. 301.

(...) Até o final da década de 1970, havia pouco material escrito sobre a história das florestas tropicais. Ainda no começo dos anos 70, entre preservacionistas, conservacionistas e ambientalistas, assistiu-se a rápida ascensão de uma urgente discussão internacional sobre o desmatamento tropical. Isso teve um impacto importante sobre mim, e eu presumo que para Warren [Dean] também (tradução nossa)²²⁹.

Entre as décadas de 1970 e 1980, ressurgiu com força o interesse pela região amazônica em âmbito mundial, em meio ao crescente movimento ambientalista e do apelo pela conservação do mundo natural que ele inspirava²³⁰. Ao mesmo tempo, a Amazônia passou a ocupar o centro das atenções e preocupações do governo militar brasileiro, que lançou uma série de medidas para integrar as regiões menos desenvolvidas do país ao sistema econômico nacional. A construção da rodovia Transamazônica constituiu o símbolo mais marcante dessa política.

Custeadado por recursos externos, o governo federal implementou vários programas na tentativa de estimular a ocupação e o desenvolvimento da Amazônia. A região transformou-se em território de “grandes projetos”: mineração, implantação de usinas hidrelétricas, construção de rodovias, dentre outros. De acordo com Sarita Albagli, “esse processo foi parte integrante de uma dinâmica mais ampla de acumulação e expansão de capitais e de integração do país à economia mundial, inserindo-se ainda em uma estratégia geopolítica e militar de ocupação do território brasileiro”. O resultado imediato desse modelo de desenvolvimento foi a degradação da cobertura vegetal e dos solos, “sendo um dos impactos ambientais de maior visibilidade, inclusive no plano internacional, as altas taxas de desmatamento e suas repercussões sobre o declínio da biodiversidade”²³¹.

A exploração econômica das florestas tropicais úmidas, maior fonte de biodiversidade do planeta, e o modelo de ocupação e desenvolvimento projetado para este domínio natural,

²²⁹ TUCKER, Richard. Searching Warren Dean [Mensagem pessoal] Mensagem recebida por <joaorafaelo@yahoo.com.br> 28 de Novembro de 2011. Tradução de: (...) for the writing of history of tropical forests, there was little until the late 1970s. Among foresters, conservationists and environmentalists the early 1970s saw the rapid rise of an urgent international discussion of tropical deforestation. That had an important impact on me, and I presume it did for Warren [Dean] as well.

²³⁰ Ressalte-se que a Amazônia há tempos vinha sendo objeto da atenção dos Estados Unidos, para além de uma simples região fornecedora de borracha, como nos revela Seth Garfield, em “A Amazônia no imaginário norte-americano em tempo de guerra”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 29, n° 57, 2009, pp. 19-65.

²³¹ ALBAGLI, Sarita. *Geopolítica da biodiversidade*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1998, p. 210-211. Conferir, ainda: LOURENÇO, José Seixas. Amazônia: trajetória e perspectivas. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, José; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 349-369.

ganhavam centralidade nos debates internacionais e nacionais sobre a Amazônia. Em 1975, o geógrafo Edmon Nimer assinalava que:

Pela vastidão de seu território, pela natureza de seu ambiente, praticamente virgem, pela potencialidade de seus recursos naturais, renováveis ou não, e pelos problemas sociais brasileiros, em parte derivados basicamente de seu estágio ainda não desenvolvido, as perspectivas atuais de exploração econômica da Amazônia brasileira ocupa, sem dúvida alguma, um lugar no centro dessas questões²³².

Os projetos desenvolvimentistas do governo brasileiro colocavam em grande risco uma parte significativa da diversidade biológica e cultural do planeta. O antropólogo Shelton Davis, autor do importante livro *Vitimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil*, também registrou, em 1977, o crescente interesse de cientistas pela região amazônica, os quais, via de regra, alertavam para os riscos que os programas de desenvolvimento implementados pelo governo brasileiro significavam para o equilíbrio ecológico daquele frágil ecossistema:

Há vários anos, cientistas eminentes, em todo o mundo, vêm criticando os efeitos ecológicos, potencialmente devastadores, do programa do Governo brasileiro para ocupar e explorar a Amazônia. Essas críticas vão desde a preocupação de que toda a floresta pluvial amazônica seja desflorestada nas próximas décadas até previsões quanto aos efeitos de uma destruição ambiental tão maciça sobre o teor de oxigênio e de dióxido de carbono na atmosfera terrestre²³³.

Não foi sem razão que, conforme declarou Cyrus Dawsey em princípios da década de 2000, a região amazônica passou a ser “o principal foco das pesquisas realizadas por geógrafos anglo-americanos nas últimas duas décadas”. Esses estudiosos, continua Dawsey, “demonstram grande interesse nas recentes mudanças que colocaram em risco o frágil equilíbrio ambiental”²³⁴.

²³² NIMER, Edmon. A conservação da natureza ante a exploração econômica da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, op. cit., 1975. p. 44.

²³³ DAVIS, Shelton H. *Vitimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 166. Para um estudo dos impactos ecológicos provocados na região amazônica pelos programas de desenvolvimento do governo brasileiro, ver: HOYOS, Juan L. Bardález. Amazônia e Meio Ambiente: contexto ecológico, ocupação antrópica e impactos. In: MAIMON, Dália (Coord.) *Ecologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: APED, 1992.

²³⁴ DAWSEY, Cyrus B. Estudos geográficos do Brasil nos Estados Unidos e no Canadá: tendências e perspectivas, 1945-2000. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. (Orgs.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 355 e 367.

O marco dessa luta pela conservação das florestas úmidas tropicais no prestigioso *New York Botanical Garden* (NYBG), por exemplo, foi a publicação, em 1975, do clássico da literatura ecológica sobre a Amazônia, “*Amazon jungle: green hell to red desert?: an ecological discussion of the environmental impact of the highway construction program in the Amazon basin*” (*A Selva Amazônica: do Inferno Verde ao Deserto Vermelho?*), de Robert Goodland, ecologista, e Howard Irwin, botânico e presidente daquela instituição. Os autores alertavam para a ameaça que os planos do governo militar brasileiro de ocupação da Amazônia, como a abertura de estradas, particularmente a Transamazônica, poderiam causar ao equilíbrio ecológico daquele ecossistema. A ambição de Goodland e Irwin era:

[...] mostrar quão pouco conhecida é essa área imensa e vulnerável, bem como relatar o que está sendo feito, prever que resultados isso poderá trazer para o ambiente e sugerir medidas capazes de impedir, ou pelo menos atenuar, desagradáveis e extensas conseqüências que inevitavelmente o futuro irá trazer. [...] Realizamos este trabalho movidos pela esperança de que nossas advertências venham a evitar que se materializem os nossos prognósticos²³⁵.

As advertências a que os autores se referiam baseavam-se na constatação, naquela época, por um lado, de que “a floresta amazônica não pode ser explorada por longo prazo de uma forma que seja compatível com a preservação do ambiente”; por outro, que “as florestas amazônicas estão sendo rapidamente destruídas, e suas terras submetidas a uma exploração irracional para obtenção de lucros a curto prazo, e que acabará por se transformar, com igual rapidez, em desastrosos problemas futuros”²³⁶. O livro de Goodland e Irwin apresentava uma carga política significativa, causando impacto no ambiente intelectual interessado nas questões ambientais, sobretudo aquelas relacionadas à Amazônia.

O interesse de pesquisa de Warren Dean pelo desmatamento da floresta atlântica brasileira e pelo debate em torno da Amazônia o conduziu ao norte da cidade de Nova York, mais precisamente ao bairro do Bronx, onde está localizado o *New York Botanical Garden* (NYBG) – Jardim Botânico de Nova York²³⁷. Ali realizaria cursos e boa parte de suas pesquisas de história ambiental, mantendo, ainda, com os cientistas daquela instituição, um profícuo diálogo interdisciplinar. Conforme revelou em entrevista:

²³⁵ GOODLAND, Robert e IRWIN, Howard. *A Selva Amazônica: do Inferno Verde ao Deserto Vermelho?* São Paulo: Itatiaia; Ed. USP, 1975. p. 17 e 19.

²³⁶ Id. *Ibid.*, p. 62-63.

²³⁷ O artigo de William Wayt Thomas e Barbara Mary Thiers faz uma exposição sobre o Jardim Botânico de Nova York, seus programas de pesquisa e ensino, coleções, dentre outros aspectos relevantes para se conhecer esta instituição. “O Jardim Botânico de Nova York e seu herbário virtual”. *Ciência e Cultura* [online]. 2010, v.62, n. 1, p. 35-38.

(...) devo dizer que tenho uma grande vantagem. Embora Nova York não seja uma cidade que preste muita atenção à natureza, entrei em contato com especialistas do Jardim Botânico, porque a botânica me interessava mais. Lá se reúne um grupo de especialistas na Amazônia e nas florestas brasileiras - um deles morou alguns anos no sul da Bahia e estudou a floresta daquela região. Além de ter feito seus cursos, conversei muito com eles, o que para mim é muito bom. (...) De modo que Nova York tem alguns recursos e algumas pessoas com quem posso falar²³⁸.

Neste importante estabelecimento de pesquisa e ensino em ciências naturais dos Estados Unidos, com destaque para a botânica do mundo tropical, Warren Dean passou a freqüentar, a partir de 1981, os cursos que eram oferecidos pelo Programa de Educação Continuada. Um texto publicado pelo Centro de Educação (CE) do NYBG na sua página da internet descreve a história da instituição, os cursos oferecidos e seus principais objetivos. A leitura desse boletim informativo nos permite inteirar-se do ambiente intelectual do qual Warren Dean esteve cercado ao longo da década de 80, e em meio ao qual desenvolveu a maior parte de suas pesquisas de história ambiental²³⁹.

Warren Dean desenvolveu suas atividades de pesquisa e ensino junto ao Instituto de Botânica Econômica (IEB), que foi criado nesse mesmo ano de 1981²⁴⁰. O foco do IEB, segundo o texto do CE, concentra-se em:

(...) questões de preocupação humana, incluindo o desmatamento tropical e a degradação ambiental, a busca por novas terapias medicinais, o uso de plantas em tempos pré-históricos, a fome humana e fontes alternativas de energia. O IEB é conhecido pela sua abordagem interdisciplinar para a investigação aplicada em ciências biológicas e sociais (tradução nossa)²⁴¹.

O IEB nasceu com a evidente preocupação de colaborar com a produção de conhecimento sobre as principais questões daquela conjuntura político-ambiental, como o

²³⁸ DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Angela de Castro. Warren Dean: um brasileiro. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990. p. 112.

²³⁹ Texto disponível em: <<http://www.bgci.org/education/1708/>> Acesso em: 15 mar. 2012. Em janeiro de 2012 estivemos no NYBG para conhecer melhor esse ambiente e desenvolver pesquisa no acervo da sua biblioteca. Agradeço a Scott A. Mori, pelos inestimáveis apoio e colaboração. Na ocasião, foi possível, ainda, conversar com Douglas Daly e Michael Balick, respectivamente, pesquisador e diretor do Instituto de Botânica Econômica, os quais relembrou do período em que Warren Dean desenvolveu atividades de pesquisa na instituição.

²⁴⁰ Botânica econômica é a disciplina que estuda, *grosso modo*, as plantas utilizadas, direta ou indiretamente, pelos humanos. Ver mais a respeito em WICKENS, G. E. What Is Economic Botany? *Economic Botany*, v. 44, n. 1, Jan./Mar., p. 12-28, 1990.

²⁴¹ Tradução de: (...) questions of human concern, including tropical deforestation and environmental degradation, the search for new medicinal therapeutics, the uses of plants in prehistoric times, human hunger, and alternative energy sources. The IEB is known for its interdisciplinary approach to applied research in biological and social sciences.

desmatamento na região tropical, a degradação ambiental internacional, a fome e as fontes alternativas de energia. O IEB também é conhecido pela sua abordagem interdisciplinar. De acordo com o texto do CE, os seus projetos abrangem diversas atividades que sustentam a sua principal missão: compreender a relação entre plantas e pessoas.

Uma das prioridades do NYBG é a investigação do *habitat* tropical, respondendo ao ritmo acelerado de destruição desse meio natural. O NYBG, além de pesquisas, também procura contribuir “para o desenvolvimento de políticas ambientais sólidas em muitas nações que se deparam, muitas vezes, com os objetivos conflitantes do desenvolvimento econômico e conservação”²⁴².

Esse ambiente não poderia ser mais propício aos anseios de Warren Dean. As informações acima descritas evidenciam que as preocupações encontradas pelo historiador brasileiro no NYBG coincidiam com seus próprios interesses de pesquisa, como as relações entre humanos e as plantas, o desmatamento da região tropical, fontes de energia, o desenvolvimento econômico e a degradação ambiental e questões de conservacionismo.

O quadro abaixo registra todos os cursos feitos por Warren Dean no NYBG, entre os anos de 1981 e 1989²⁴³. Em 1986, receberia um certificado de Botânica:

Quadro 6: Cursos do NYBG nos quais Warren Dean foi matriculado (1981-1989)

Data	Curso	Professores
1981	Tropical Botany	Ghilleen Prance e Michael Balick
1982	Economic Botany	Não identificado
1983	Entomology	Robert Kennedy
1984	Basic Botany	Leo M. Alves
1985	Plant Forms & Function	Leo M. Alves
1985	Systematic Botany	Joseph Beitel
1989	Plant Physiology	Leo M. Alves

O primeiro registro de matrícula de Warren Dean foi justamente no primeiro curso do IEB, intitulado *Tropical Botany*, oferecido pelos professores Ghilleen Prance e Michael

²⁴² Texto disponível em: <<http://www.bgci.org/education/1708/>> Acesso em: 15 mar. 2012.

²⁴³ Agradeço as informações cedidas por Karen Eckhaus, Diretora de Serviços ao Estudante do NYBG. In: Searching Warren Dean [Mensagem pessoal] Mensagem recebida por <joaorafaelo@yahoo.com.br> 24 de Janeiro de 2012.

Balick. Para este curso, Warren Dean convidou a antropóloga brasilianista Roberta Marx Delson, especialista em planejamento urbano no Brasil colonial e interessada nas questões ambientais e paisagísticas, com quem organizaria, por volta de 1983, um evento de história e meio ambiente em Ohio, Estados Unidos²⁴⁴. Delson lembrou, em entrevista ao autor, que o curso abrangeu uma grande variedade de assuntos da botânica tropical, como por exemplo, açúcar, tabaco, castanha etc. Ela também destacou que o Professor Ghilleen Prance, especialista em botânica brasileira e que liderara expedições à Amazônia, discutiu sobre o desmatamento ao longo da costa do Brasil²⁴⁵.

O botânico britânico Ghilleen Prance, que foi diretor tanto no NYBG quanto nos Jardins Botânicos Reais de Kew, em Londres, na Inglaterra, serviu de interlocutor e avalista dos projetos de Warren Dean, desenvolvidos nessa época, como atestam as correspondências encontradas no arquivo *Ghilleen Prance* da biblioteca do NYBG²⁴⁶. Numa destas correspondências, por exemplo, nota-se alguns comentários e correções escritas por Prance a um artigo enviado por Dean, tratando de sua pesquisa sobre as árvores produtoras de látex. Tratava-se do manuscrito que resultaria no seu livro.

Todos esses anos de intensas atividades de pesquisas, aprendizagem e mergulho no universo do conhecimento das ciências naturais, permitiram a Warren Dean aprimorar a sua habilidade em manipular dados da botânica e da ecologia e assim incorporá-los em seus trabalhos de história ambiental.

O interesse de Warren Dean pela “questão amazônica” ficou registrado também na sua atuação como co-presidente do *Seminar Brazil*, da Columbia University, juntamente com Diana Brown, para o período de 1982 a 1983. Durante o seu “mandato” como co-*chairperson* do *Seminar Brazil* foi idealizada uma reunião sobre a temática “Utilization and Conservation in Amazônia”, que ocorreu no dia 10 de fevereiro de 1983²⁴⁷. Um relatório das atividades do *Seminário Brasil* realizadas no período de 1968 a 1990, ficamos sabendo que Roberta M. Delson foi quem organizou aquela reunião. Na ocasião, o professor Ghilleen T. Prance, do New York Botanical Garden, delineou em sua apresentação o problema da conservação da

²⁴⁴ Entrevistei a professora Delson em janeiro de 2012, juntamente com Laura Randall, professora aposentada do Departamento de Economia do Hunter College, City University of New York, latino-americanista, que foi por diversas vezes co-presidente do *Seminar Brazil*, na Columbia University. A respeito do curso em Ohio, não foi possível localizar informações adicionais além desta referência fornecida por Roberta Delson.

²⁴⁵ DELSON, Roberta M. Searching Warren Dean [Mensagem pessoal] Mensagem recebida por <joaorafaelo@yahoo.com.br> 7 de Dezembro de 2011.

²⁴⁶ Agradeço ao Professor Sir Ghilleen Prance pela colaboração com a pesquisa, tanto em relação às informações do seu próprio acervo quanto com o esforço de memória.

²⁴⁷ *University Seminars* at Columbia University, Nova York, Estados Unidos. Institute of Latin American and Iberian Studies, 20 de janeiro de 1983. Agradeço a Alice Newton, Diretora Associada do *University Seminars*, e Summer Hart, arquivista, pela colaboração na consulta ao acervo do *Seminar Brazil*.

Amazônia; a professora Bárbara Weinstein, de SUNY Stony Brook, tratou da história do ciclo da borracha, apresentando o resultado da sua pesquisa de doutorado e, finalmente, Fay Haussman e seu colega Robert Goodland, do Escritório de Assuntos Ambientais, do Banco Mundial, expuseram um estudo dos conflitos ecológicos e industriais na bacia amazônica²⁴⁸.

Esse evento evidencia tanto o interesse de Warren Dean pelo debate do conservacionismo no contexto do ecossistema amazônico quanto o seu papel, dentro da comunidade brasilianista, de ampliar o leque temático, dos assuntos discutidos e, ao mesmo tempo, “atualizar” aqueles pesquisadores para as questões brasileiras mais candentes.

Para fechar esse quadro das circunstâncias que ajudaram a definir o escopo analítico de Warren Dean, interessa-nos destacar que a partir dos anos 70 a chamada questão ecológica já não era mais um fenômeno localizado. Poucos países não apresentavam algum tipo de problema ambiental. Crescia a conscientização a respeito das interdependências biológicas. Em consequência disto, quase todas as sociedades foram forçadas a reavaliar suas formas de exploração e uso dos recursos e administrar a condição do meio ambiente humano. Em meio à Guerra-Fria, propunha-se uma cooperação internacional como resposta aos problemas ambientais que ganhavam dimensões globais. O professor de ciências políticas John McCormick explica o cenário da seguinte maneira:

Favorecida pelo aprimoramento da coleta e análise de dados, a consciência dos problemas nacionais havia crescido a um ponto em que se tornava claro que existiam muitos problemas ambientais comuns a mais de um país, ou transnacionais e até mesmo globais. Questões como a poluição marinha, caça às baleias, produção pesqueira, desertificação, poluição ácida, destruição da camada de ozônio e a escalada do dióxido de carbono não podiam ser resolvidas por governos isolados agindo por conta própria. O debate sobre a precipitação nuclear nos anos 50 havia servido para despertar a atenção nesse sentido. A resposta óbvia era uma maior **cooperação internacional** (grifo nosso)²⁴⁹.

Nesta perspectiva, a destruição da floresta tropical passava a ser vista não como um assunto local, que interessa apenas aos brasileiros, por exemplo, mas como uma ameaça ao bem estar da comunidade mundial.

Voltando-se para a trajetória de Warren Dean, encontraremos, neste momento específico, uma importante alteração na sua escala de análise. Houve uma clara extensão no seu foco analítico que começou a ficar mais evidente após a publicação de *Rio Claro*, em

²⁴⁸ DELSON, Roberta Marx; RAND, Frances Elizabeth; STERN, Irwin. “Report n the Columbia University Seminar on Brazil (1968-1990)” (não publicado, cópia da autora).

²⁴⁹ MCCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. op. cit., 1992. p. 171.

1976, mais precisamente a partir do seu interesse pela temática das multinacionais. Este assunto, segundo Joseph Love, tornou-se objeto de inúmeras pesquisas no âmbito da teoria da dependência e das teses cepalinas, durante a década de 1970, as quais, de modo geral, apontavam para a seguinte hipótese: “na falta de uma burguesia ‘européia’, as corporações multinacionais iriam dominar a nova fase de industrialização na América Latina”²⁵⁰. Essa nova percepção da burguesia e do empresariado transformou a forma como Warren Dean percebia o papel dos agentes econômicos no âmbito do capitalismo industrial e do desenvolvimento brasileiro. Ao mergulhar nessa temática, Warren Dean fazia coro com outros autores que assinalavam um crescente entrelaçamento das economias mundiais na história moderna. Deste ponto de vista, o desenvolvimento passava a ser necessariamente compreendido no contexto global, na interdependência entre as economias regionais, como na teoria do Sistema Mundo, elaborada pelo cientista social Immanuel Wallerstein²⁵¹.

No ano de 1976, Warren Dean incluiu na grade curricular do Departamento de História da NYU um curso sobre as multinacionais, intitulado “The emergence of Multinational Corporations”, colocando em evidência o papel dessas corporações como agentes fundamentais do capitalismo internacional, a partir da época moderna²⁵². A ementa registra o objetivo daquele curso: “A história do comércio internacional e do investimento a partir da Companhia das Índias Orientais até o presente. Inclui a história da forma corporativa, política tarifária, patentes, finanças, relacionamento com o desenvolvimento do Estado-nação e com o problema do imperialismo” (tradução nossa)²⁵³. Esse documento é bastante sintomático da “perspectiva internacionalista” com a qual Warren Dean passava, a partir daquele momento, a pensar os seus tópicos de história econômica. Além do aspecto da dilatação do seu campo de visão, chama a atenção ainda a sua opção pelo tempo longo – expressa na fórmula *from the origins to the present*, “das origens ao tempo presente”. Estas características marcarão seus trabalhos ulteriores.

²⁵⁰ LOVE, Joseph. Ideias e Ideologias Econômicas na América Latina, 1930-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. op. cit., 2011. p. 219, nota 144.

²⁵¹ Ver a este respeito o capítulo de Henk Wesseling, História de Além-Mar, In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo, UNESP, 1992. p. 97-131.

²⁵² Warren Dean concedeu duas entrevistas no Brasil revelando seu interesse pela temática das Multinacionais, foram elas: “Interesses convergentes: empresariado nacional e empresas multinacionais”. *Isto É*, 1, dezembro de 1976 e “O mundo das multinacionais”, entrevista a Judith Patarra. *Veja*, 22 de junho de 1977. Em 1983, Warren Dean publicou um pequeno ensaio pela editora brasiliense, intitulado: *As multinacionais: do mercantilismo ao capital internacional*. Título Original: “The origins of the Multinationals”. Tradução de José Roberto Martins Filho. (Sem referência de publicação nos EUA);

²⁵³ *New York University Bulletin*, v. LXXVI, n. 3, Mar.,15, 1976. Tradução de: “History of international trade and investment from East India Company to the present. Include history of the corporate form, tariff policy, patents, finance, relationship to the development of the nation-state and to the problem of imperialism”.

O eixo analítico de Warren Dean deslocava-se, portanto, do plano regional/nacional – como nos seus dois primeiros livros –, para um plano internacional, voltado para as relações mercantis em nível global. Interessava perceber, por exemplo, os entraves do sistema produtivo que impediam o Brasil de expandir e diversificar a sua economia e, assim, competir com força no mercado mundial. Essa guinada em termos de escala significa, também, o desejo de Warren Dean de sobrepular os limites delineados pelas tendências nacionalistas.

Podemos afirmar que a Amazônia configurou-se em objeto de pesquisa de Warren Dean em circunstâncias específicas, da conjuntura internacional, de sua trajetória intelectual e acadêmica, marcada pela transição de uma história econômica *tout court*, para uma história ecológica; no contexto do crescente interesse pela conservação das florestas tropicais sob o risco constante provocados por projetos desenvolvimentistas do governo brasileiro.

O livro *Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history*, publicado em 1987, integrou a série da Cambridge University Press intitulada *Studies in Environmental and History*, editada por Donald Worster e Alfred Crosby, dois nomes conhecidos da história ambiental norte-americana²⁵⁴. A edição brasileira do livro foi lançada logo em seguida, em 1989, com o título *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. A indicação editorial no Brasil foi de seu amigo pessoal Gabriel Bolaffi, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. A versão brasileira saiu com um prefácio escrito pelo geógrafo Aziz Ab'Saber (o qual não chegou a conhecer o autor pessoalmente) e um curto posfácio escrito por Warren Dean, atualizando algumas informações sobre a economia da borracha no país, no período de dois anos que separaram as edições.

Os objetivos de Warren Dean deixam clara a postura revisionista com que enfrentou essa temática e a intenção de lançar-se sobre novas problemáticas, buscando “dar a primeira palavra”, como costumava dizer a seus alunos. Resulta daí a dificuldade de caracterização de seu livro:

Esse relato da luta brasileira para cultivar a seringueira tem um objetivo, além da sua importância para a história econômica de um país ou de uma mercadoria. O autor espera que o presente estudo concorra para a compreensão histórica dos regimes agrícolas em geral. (...) Mais amplamente ainda, este relato pretende ser uma contribuição ao domínio da história ecológica (...)²⁵⁵.

²⁵⁴ Esses dois historiadores já haviam publicado seus livros na mesma série, respectivamente: *Nature's Economy: A History of Ecological Ideas* (1977) e *Ecological Imperialism: The Biological Expansion of Europe, 900-1900* (1986).

²⁵⁵ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 27.

Nota-se que nesse livro Warren Dean transitou por várias “fronteiras” historiográficas, como a história econômica, história da agricultura, história ecológica e história das ciências.

O tema de fundo é a história da domesticação, aclimatação e uso econômico de plantas no contexto do capitalismo industrial. O objeto principal do livro é a luta brasileira para conseguir implantar no seu território o cultivo racional da borracha, na Amazônia, principalmente, mas também em outros estados, após o *boom*. Warren Dean concentrou-se em quatro conjuntos de fatos que se desenrolaram ao longo do período compreendido entre os anos de 1855 e 1986: a perda do monopólio pelos brasileiros para as colônias inglesas na Ásia; o fungo, como motivo; o fracasso do capital norte-americano em produzir borracha na Amazônia e, por último, os diversos esforços para desenvolver soluções agrônomicas capazes de superar a limitação imposta pelo fungo à heveicultura na Amazônia.

Quais os fatores limitantes do sistema de *plantation* adotado na produção de borracha natural no Brasil, que conduziu ao “fracasso” essa atividade econômica? A esta pergunta central, que norteou sua pesquisa, somam-se outras: 1) como o Brasil perdeu o monopólio da borracha?; 2) por que os brasileiros não empreenderam o cultivo da seringueira, em resposta à ameaça do Sudeste Asiático?; 3) como os Estados Unidos, que durante mais de vinte anos aplicaram capital e tecnologia na plantação de seringueiras no Brasil, não tiveram êxito, e, por inferência, se os ricos e poderosos americanos fracassaram, como os brasileiros conseguiriam, sozinhos, alcançar o sucesso?; 4) como era possível que, com toda a competência técnica que o Brasil desenvolvia na pesquisa agrícola e com todos os êxitos que experimentava no cultivo de novos vegetais introduzidos havia pouco tempo, a seringueira continuasse se recusando a crescer?²⁵⁶. Tentando esquivar-se do determinismo, Warren Dean havia encontrado uma resposta quase única para todas essas questões: o problema da economia da borracha na Amazônia era essencialmente ecológico.

Desviando-se ainda das análises excessivamente econômicas e das relações de poder e trabalho, Warren Dean apoiou-se em argumentos das ciências naturais e agrárias para analisar os obstáculos à heveicultura na Amazônia. Sustentou que a persistente baixa produtividade da *Hevea brasiliensis* se deve a uma doença crônica (*mal-das-folhas*), causada pelo fungo *Microcyclus ulei*, principalmente quando as seringueiras são plantadas em fileiras homogêneas, facilitando a propagação do parasita. Conforme ele nos explica:

A alta produção de látex e alta resistência ao *Microcyclus* são características mutuamente exclusivas da *Hevea*. Quando se deixou a associação

²⁵⁶ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 26.

hospedeiro-parasita agir sozinha em seu habitat nativo, o resultado final foi um conjunto de árvores cuja produção era demasiado baixa para a exploração comercial. (...) mesmo quando a árvore não morria, o efeito do mal-das-folhas era depressor. O crescimento da árvore tornava-se mais lento e a produção de látex baixava²⁵⁷.

O autor investigou este regime agrícola de plantação de seringueiras em várias partes do mundo, permitindo-lhe entender o comportamento do fungo em diferentes ambientes. Deste modo, notou que o parasita incidia em maior grau em seringueiras cultivadas no seu habitat natural. As plantações asiáticas ficaram imunes ao *mal-das-folhas* e, conseqüentemente, livres da concorrência da borracha brasileira. Este desequilíbrio ecológico, intrínseco ao relacionamento entre a *Hevea* e o fungo, praticamente impossibilitava no Brasil a organização e a produção de borracha em sistema de *plantation*. Do ponto de vista econômico, portanto, “os níveis de produção eram o aspecto mais problemático das seringueiras plantadas na Amazônia e, a curto prazo, a principal razão da falta de interesse em levar adiante as plantações que se iniciaram em tantos lugares”²⁵⁸.

Diante desse cenário trágico para as plantações amazônicas os norte-americanos, com sua enorme demanda pelo produto, resolveram investir maciçamente na produção de borracha no Brasil e, então, entrar no mercado mundial desse produto. No entanto, mesmo com o incentivo do governo brasileiro e capital disponível, as multinacionais do setor não obtiveram sucesso na tentativa de racionalizar a produção em ambiente hostil. O caso mais expressivo dessa derrocada do sistema industrial norte-americano nos trópicos úmidos foi a empreitada desastrosa de Henry Ford. A sua empresa implantou dois núcleos no coração da Amazônia – Fordlândia e Belterra – voltados à plantação e extração de borracha em larga escala²⁵⁹. Esse caso emblemático reforçou o argumento de Warren Dean de que não foi a falta de empreendedorismo nem a escassez de capital os obstáculos principais que concorreram para o fracasso da produção da borracha na Amazônia. Nas suas palavras:

Nas condições ecológicas predominantes, não se podia cultivar seringueira de maneira lucrativa. A experiência das multinacionais de pneumáticos na década de 60, mais do que os dispersos esforços nacionais, fornece provas em abundância a essa tese. (...) fracassaram independentemente dos caprichos da política, da burocracia e da cultura brasileira. Ninguém, de nenhuma nacionalidade, ainda havia encontrado uma solução para o

²⁵⁷ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 101 e 96.

²⁵⁸ Id. *Ibid.*, p. 86.

²⁵⁹ O livro mais completo sobre este assunto foi publicado por Greg Grandin, *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na Selva*. Tradução Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

problema de uma doença fúngica, cuja única benignidade era a de ainda não ter conseguido cruzar os oceanos²⁶⁰.

Para fundamentar essa tese, Warren Dean fez uso de fontes bastante diversas, produzidas, sobretudo, no âmbito das ciências naturais, por pesquisadores e estudiosos de botânica e agronomia; examinou, também, documentos de empresas nacionais e multinacionais ligadas ao setor de pneumáticos, órgãos de governo, universidades, dentre outros. O fato é que a importância alcançada pela borracha na economia mundial ao longo do século XX fez com que todo o processo de domesticação, extração, beneficiamento, comércio, etc, fosse amplamente documentado.

Parte dessa documentação foi coletada e examinada por Warren Dean na sua pesquisa para o livro sobre a borracha na Amazônia. Esse material foi doado pelo próprio pesquisador à *The LuEsther T. Mertz Library*, biblioteca do NYBG, após a conclusão de seu trabalho. Por isto demos atenção a esse *corpus documental*, que compõe o acervo *Warren Dean's Paper*²⁶¹.

O material da “coleção Warren Dean” apresenta uma tipologia bastante diversificada e é formado basicamente por caixas de fotocópias, algumas com anotações, artigos, pareceres, relatórios, notícias relacionados à botânica, à economia e à história de árvores produtoras de borracha do Brasil, especialmente a *Hevea brasiliensis*. Foram arquivados ainda alguns documentos sobre a cultura do Cacau, relativos à Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira, a CEPLAC, órgão do Ministério da Agricultura criado em 1957, época em que a economia cacaueira atravessava uma grave crise.

Para produzirmos um conhecimento mais detalhado desse conjunto de fontes, classificamos os documentos do acervo da seguinte forma: A) por tipo; B) temática; C) período e D) idioma. Cada uma dessas classificações foi também subdividida, como descrito abaixo:

A - Tipologia:

- 1) artigo de jornal e revista;
- 2) relatórios e comunicados técnicos, teses, artigos científicos, livros, *papers*, boletins, verbete, projetos de pesquisa, atas de reuniões científicas, observações de viagens a zonas produtoras;

²⁶⁰ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 220.

²⁶¹ Esses documentos arquivados no acervo *Warren Dean* do NYBG formaram, senão a maioria, uma grande parte das fontes utilizadas no trabalho de Warren Dean. É bem possível que Warren Dean tenha usado outras fontes que não ficaram guardadas no acervo. Um pesquisador interessado em aprofundar o estudo desse livro de Warren Dean, poderá preencher essa lacuna em trabalho futuro.

3) documentos oficiais, legislação, correspondências;

B – Temática:

- 1) situação da economia da borracha (relatório de visita a propriedades / Fordlândia, Belterra e outros projetos empresariais; situação relativa ao histórico da atividade econômica);
- 2) ciência/pesquisa agrônoma (atividade de campo, controle de praga – destaque para *Microcyclus ulei* – técnicas de plantio, espécies, cultura experimental, recomendações técnicas e econômicas etc);
- 3) política/programa de governo, legislação, discurso político (Estado da Bahia, Espírito Santo, Acre, Rondônia, São Paulo);
- 4) interesse econômico norte-americano (Goodyear, Ford, governo)
- 5) Henry Wickham

C – Período:

Por décadas.

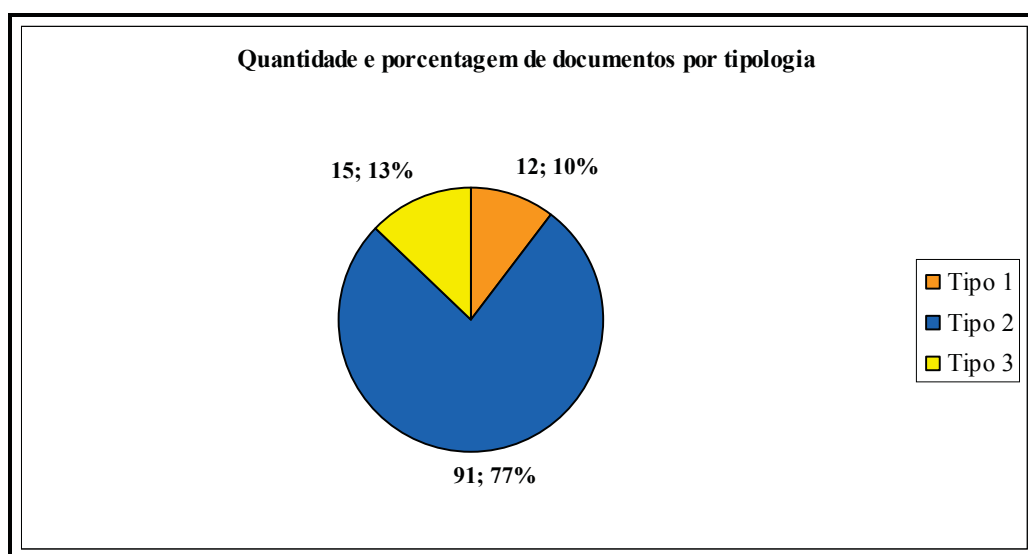
D - Idioma:

- 1) Português; 2) Inglês; 3) Holandês; 4) Alemão; 5) Francês.

Resultados: Total: 118 documentos registrados no arquivo

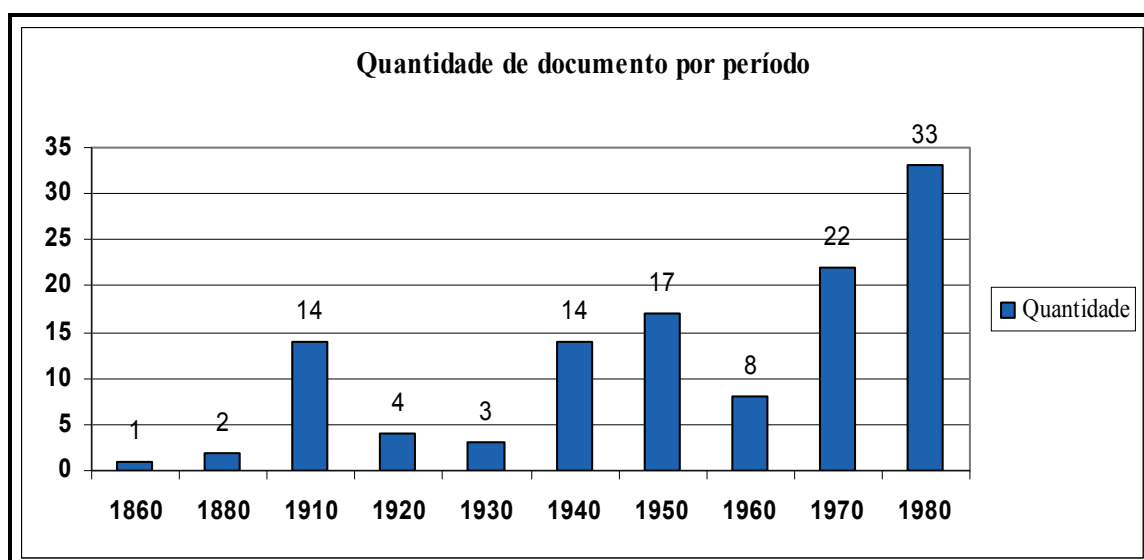
Os gráficos a seguir, elaborados a partir dos dados extraídos do acervo, ajudam a visualizar melhor a sua composição.

Nota-se pelo gráfico 5 um predomínio de documentos do tipo 2, formado por relatórios e comunicados técnicos, teses, artigos científicos, livros, *papers*, boletins, verbete, projetos de pesquisa, atas de reuniões científicas, observações de viagens a zonas produtoras de borracha.

Gráfico 5: Quantidade e porcentagem de documentos por tipologia

Legenda: Tipo 1: artigo de jornal e revista; Tipo 2: relatórios e comunicados técnicos, teses, artigos científicos, livros, *papers*, boletins, verbete, projetos de pesquisa, atas de reuniões científicas, observações de viagens a zonas produtoras; Tipo 3: documentos oficiais, legislação, correspondências.

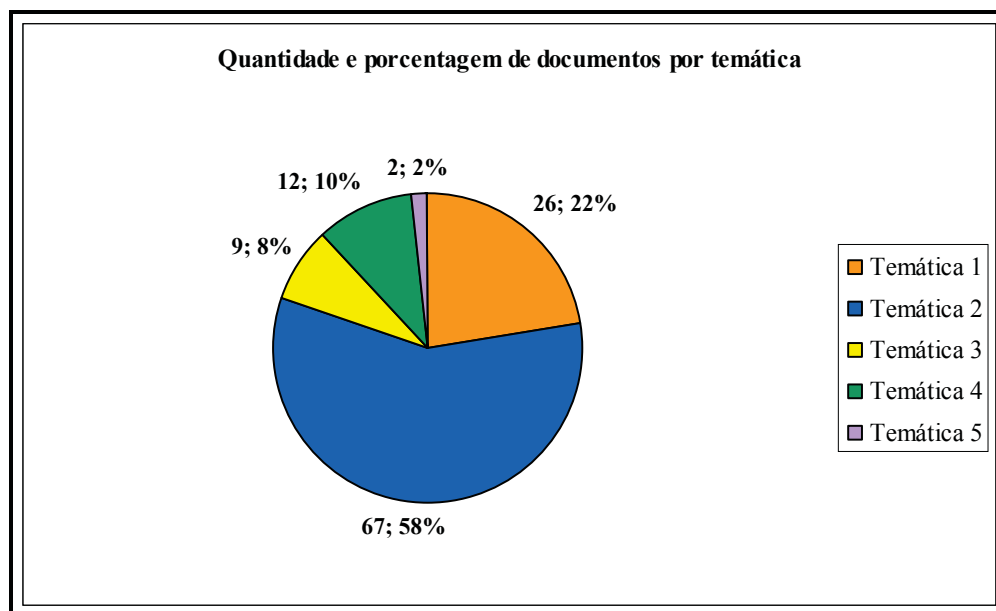
Já o gráfico 6 mostra que a grande maioria (cerca de 50%) desses documentos refere-se ao período mais recente, ou seja, as décadas de 1970 e 1980. Este foi o contexto de amplos debates e pesquisas agronômicas para tentar descobrir uma solução para a doença do *mal-das-folhas*:

Gráfico 6: Quantidade de documento por período

Não obstante, chamam a atenção também outros dois períodos com volume significativos de documentos. O primeiro é do contexto da Segunda Guerra Mundial (1940-1950 – 26%), quando os Estados Unidos ficaram sem um fornecimento seguro de borracha, uma vez que o Japão havia invadido as plantações asiáticas. Diante desse acontecimento os EUA começaram a investir maciçamente no Brasil para tentar reavivar a produção de borracha. Esse também é o período de forte atuação das multinacionais de pneumáticos na Amazônia. O segundo é o da década de 1910 (12%), marcado pelo fim do *boom* e início das primeiras plantações na Amazônia.

O gráfico 7 assinala as temáticas das fontes pesquisadas por Warren Dean. Percebe-se, neste quesito, o predomínio de documentos relacionados à ciência agrária, como relatórios de atividade de campo, textos científicos sobre controle de praga – destaque para *Microcyclus ulei* – técnicas de plantio, espécies de seringueiras, cultura experimental, recomendações técnicas e econômicas etc. Como podemos observar:

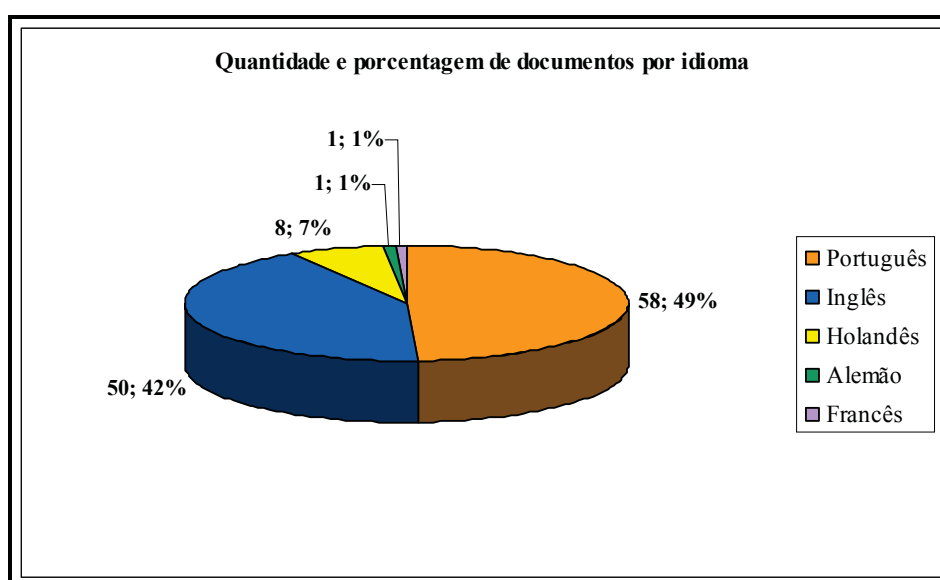
Gráfico 7: Quantidade de documentos por temática



Legenda: Temática 1: situação da economia da borracha (relatório de visita a propriedades / Fordlândia, Belterra e outros projetos empresariais; situação relativa ao histórico da atividade econômica); Temática 2: ciência/pesquisa agrônômica (atividade de campo, controle de praga – destaque para *Microcyclus ulei* – técnicas de plantio, espécies, cultura experimental, recomendações técnicas e econômicas etc); Temática 3: política/programa de governo, legislação, discurso político (Estado da Bahia, Espírito Santo, Acre, Rondônia, São Paulo); Temática 4: interesse econômico norte-americano (Goodyear, Ford, governo); Temática 5: Henry Wickham.

Por fim, um último gráfico, que representa a quantidade de documentos por idioma, demonstra o predomínio de documentos escritos em português e inglês. Chama a atenção os documentos na língua holandesa:

Gráfico 8: Quantidade e porcentagem de documentos por idioma



A leitura dos gráficos permite-nos afirmar que a construção da problemática de Warren Dean e a base empírica de sua pesquisa estiveram fundamentadas, sobretudo, em informações das ciências naturais contemporâneas, relativas à tentativa de desenvolvimento de técnicas agrícolas visando a superação de obstáculos à produção de borracha na Amazônia, principalmente a doença que ataca a seringueira, o *mal-das-folhas*. A grande maioria cobriu três períodos da “luta” pela borracha no Brasil: o *boom*, o grande volume de capital investido na atividade durante a segunda guerra mundial e os debates, pesquisas no âmbito das ciências naturais, contemporâneos de Warren Dean, a respeito das novas técnicas e tentativas de superação do obstáculo causado pelo fungo.

Do conjunto de documentos estudados por Warren Dean, de modo especial, chamamos a atenção para o texto “Desafio Agrícola da Região Amazônica”, do agrônomo brasileiro Paulo de Tarso Alvim – a quem Warren Dean agradece no seu livro – publicado na *Revista do Instituto de Geografia* de São Paulo em 1973. Esse texto havia sido apresentado por Alvim na XXIII reunião anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), em Curitiba, Paraná, em julho de 1971 no Simpósio sobre o potencial agrícola da

região Amazônica. O documento encontra-se grifado pelo próprio Warren Dean, e dada a sua relevância, julgamos por bem reproduzir dois trechos na íntegra:

É curioso observar que a Amazônia, apesar de não ter podido ainda promover o desenvolvimento de sua própria agricultura, já contribuiu decididamente, através de algumas de suas espécies nativas, principalmente a borracha e o cacau, para o desenvolvimento agrícola de outras regiões tropicais onde essas culturas foram introduzidas. Por que a Amazônia não conseguiu promover seu próprio desenvolvimento com essas espécies nativas que tanto vêm contribuindo para o progresso econômico de outras regiões tropicais? Seria desinteresse ou falta de iniciativa dos habitantes da região? Seria falta de visão dos governantes? Seria o caboclo amazonense inferior ao negro africano, ao nativo da Malásia, ou mesmo ao mestiço nordestino que implantou a lavoura cacaeira na Bahia, trazendo sementes da própria Amazônia? Seria a situação econômica da região diferente se nosso país fosse colônia de *gringo*, como eram a Malásia e a África quando da implantação da heveicultura e da cacauicultura naquelas regiões? (Grifos de Warren Dean)²⁶².

Este primeiro trecho foi reproduzido por Warren Dean na conclusão do seu livro para fundamentar a sua crítica às justificativas utilizadas pelos brasileiros para o fracasso do cultivo da seringueira, isto é, baseado em um “problema de caráter” ao invés do problema ecológico. Como vimos anteriormente, Warren Dean havia optado por uma explicação diferente, a partir da história ecológica, ressaltando o papel da doença provocada pelo fungo que ataca a seringueira. Neste sentido, o segundo trecho do documento de Alvim é ainda mais relevante. Dizia o agrônomo brasileiro:

A enfermidade conhecida pelo nome de *mal das folhas*, provocada pelo fungo *Microcyclus (Dothidella) ulei*, constitui-se sem dúvida em sério obstáculo para o estabelecimento de plantações comerciais de borracha na Amazônia. A inexistência dessa enfermidade nos países tropicais do oriente e da África coloca a Amazônia em evidente desvantagem com relação àqueles países. Não resta dúvida que o *mal das folhas* motivou fracassos no passado e contribui poderosamente para as dificuldades do presente. Todavia, numa era em que a pesquisa agrônômica tem-se revelado capaz de realizar verdadeiros milagres no campo da fitopatologia e da genética, não se pode mais admitir a atitude complacente de apenas assinalar ou reconhecer o problema e quase nada fazer no sentido de solucioná-lo. É de certa forma constrangedor termos de reconhecer que as pesquisas sobre borracha na Amazônia, e na América Latina de modo geral, apenas tiveram impulso na época em que os norte-americanos estiveram à frente dos trabalhos, alarmados então pela perda do suprimento de borracha do oriente em

²⁶² ALVIM, Paulo de Tarso. Desafio Agrícola da Região Amazônica. *Revista do Instituto de Geografia*, op. cit., 1973. p. 2.

consequência da ocupação da Malásia pelos japoneses durante a II Guerra Mundial. (Grifos de Warren Dean)²⁶³.

O conteúdo desse documento é revelador do tipo de fonte da problemática de Warren Dean, qual seja, o debate agronômico em torno da seringueira. A descoberta desse problema ecológico, nas palavras de Dean, “fornece muitas provas de uma preferência dos responsáveis pelo desenvolvimento da heveicultura por evitar ou ofuscar a natureza real do problema”²⁶⁴. Ou seja, interessava a ele produzir um conhecimento histórico ecológico que pudesse convencer e contribuir com a superação dos “reais” obstáculos ao desenvolvimento econômico do Brasil.

O texto de Paulo Alvim apresentava a hipótese principal, a partir da qual Warren Dean passaria a limpo toda a história da economia da borracha na Amazônia, desde 1855 até o presente. Enfrentaria as principais questões postas por outros autores, procurando apontar, do seu ponto de vista, as contradições e as possíveis falhas interpretativas, que contribuía apenas para anuviá-la a busca por soluções.

Inúmeras explicações foram propostas para entender tal fracasso. Quando um sistema como um regime agrícola fracassa, podem-se apontar muitas falhas inter-relacionadas que teriam concorrido de algum modo para esse resultado. No entanto, costuma-se identificar o problema essencial como aquele que permanece quando os demais são corrigidos. O cultivo da seringueira no Brasil sofreu, em diferentes lugares e tempos, a escassez de mão-de-obra, capital e técnica. Todavia, inclusive quando essas dificuldades eram superadas, as seringueiras apresentavam uma produtividade demasiado baixa para justificar seus custos²⁶⁵.

Entretanto, Warren Dean não descartou uma possível explicação política para o “fracasso”. Neste sentido, a sua crítica foi direcionada para o *lobby* do setor extrativista, este formado pelas elites locais que, com sua influência junto ao governo federal, conseguiam manter os subsídios à produção da borracha extrativa, mesmo esta sendo insustentável economicamente. Este aspecto também significava, segundo Warren Dean, um obstáculo ao prosseguimento da pesquisa no Brasil e que tornava inviável a exploração do cultivo da borracha, além do fungo. Conforme escreveu:

A elite do secular, ineficaz e desumano sistema extrativo fora ressuscitada pelos governos americano e brasileiro, a um enorme custo em recursos e

²⁶³ ALVIM, Paulo de Tarso. Desafio Agrícola da Região Amazônica. *Revista do Instituto de Geografia*, op. cit., 1973. p. 2-3.

²⁶⁴ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 226.

²⁶⁵ Id. *Ibid.*, p. 26.

sofrimento humano. Ela então se posicionaria contra a racionalização da produção de borracha, pouco importando o desperdício adicional de recursos ou o sofrimento continuado que isso podia acarretar²⁶⁶.

Nessa explicação ressalta o papel das políticas públicas na perda de cotas nos mercados e a incapacidade de desenvolver mercados potenciais; à forte tributação das exportações, que reduziu a competitividade do Brasil no mercado internacional e os gastos inadequados em programas de desenvolvimento.

Examinados, desse modo, os aspectos relacionados à contribuição de Warren Dean à história ecológica brasileira, convém sintetizar as principais características da sua primeira experiência historiográfica nesse campo de pesquisa.

2.3 – Considerações finais acerca do capítulo

A apropriação de achados das ciências naturais, como a botânica, ecologia e a agronomia, desponta como uma primeira característica marcante da história ecológica de Warren Dean.

A tese na qual se baseou não era original, como o próprio autor reconheceu: “qualquer especialista em seringueira e todo aquele que tenha tentado cultivá-la sabe que o *Microcyclus* sempre constituiu o fator limitante da heveicultura nos trópicos do Novo Mundo”²⁶⁷. Mostrava-se, desse modo, um pesquisador empírico, sem a preocupação de criar ou desenvolver uma teoria.

O livro que examinamos neste capítulo está inserido no campo da história econômica, com foco na história da agricultura tropical e numa perspectiva de história ecológica; pode-se, ainda, classifica-lo como uma história da ciência, na medida em que o autor mergulhou nos fundamentos científicos das práticas agrícolas, com destaque para os achados da botânica tropical e econômica e da ciência agrônoma, no ramo do desenvolvimento de novos recursos agrícolas via adaptação de espécies silvestres nativas e via aclimação de espécies exóticas.

No seu percurso historiográfico, ao mesmo tempo em que forjava o seu próprio instrumental analítico, Warren Dean aproveitou-se de metodologias e expertise de outros historiadores e geógrafos, no trato das relações humanas com o mundo natural. Seguiu nas

²⁶⁶ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 154.

²⁶⁷ Id. Ibid., p. 225-6.

trilhas abertas por Alfred Crosby e Carl Sauer, no estudo da temática das dispersões biológicas e culturais, principalmente relacionadas à agricultura. Esses autores, cada um a seu modo, ressaltaram os efeitos ecológicos provocados pelo encontro de culturas, principalmente a partir do século XV. A temática do imperialismo, da dominação de um povo sobre outro também poderia ser vista, neste sentido, sob a ótica da “colonização ecológica”, resultado da transformação e controle da biota por meio da aclimação e transferência de espécies.

Devemos considerar que a explicação para a baixa produtividade da *Hevea*, devido à ação do fungo, resulta de um conhecimento técnico, associado à ecologia e à botânica. Os registros produzidos, sobretudo por agrônomos, tais como relatórios, artigos, teses e outros materiais, tratando desse fenômeno, são fontes raramente freqüentadas pelos historiadores. Warren Dean aprofundou seus conhecimentos, ainda, por meio da pesquisa de campo, realizando entrevistas, como por exemplo, com especialistas e produtores de borracha. Não só visitou vários estados e centros de pesquisa no Brasil, como em outras partes do mundo. Adquiriu noções avançadas de botânica e ecologia, tomando o cuidado para aprimorar o uso dos dados e conceitos biológicos nos estudos históricos.

Warren Dean seguiu a tendência de analisar o tema do desenvolvimento econômico buscando contribuir com a identificação de premissas da problemática atual e, desse modo, estimular a busca por superar os obstáculos ao desenvolvimento. O recorte cronológico de sua pesquisa, dilatado para cobrir o presente, é um indício desse “utilitarismo” e um fator diferencial em relação a seus livros anteriores (1969 e 1976).

Adotou novamente uma postura revisionista, buscando contraditar teses estabelecidas na historiografia. Desse modo, diminuiu a importância de vários fatores enfatizados por outros estudiosos, como a carência de mão-de-obra, a escassez de capital ou a falta de empreendedorismo dos fazendeiros da borracha. O exemplo mais significativo dessa postura é o seu argumento contra o que chamou de “mito invencível”, isto é, a transferência das sementes da Amazônia para a Inglaterra por Henry Wickham como sendo o principal motivo da decadência da economia da borracha amazônica. A este respeito, ironizou: “é lamentável que Wickham, o único iniciador de um caso histórico de aclimação a se tornar conhecido popularmente, tenha conseguido essa fama por se apresentar como ladrão”²⁶⁸. É possível especular que essa “positivação” do feito de Henry Wickham por Warren Dean, do ponto de vista da domesticação da planta, tenha decorrido, também, da sua “defesa”, inconsciente ou não, de seus colegas pesquisadores do NYBG, que ainda enfrentavam, naquela época, os

²⁶⁸ DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, USP, São Paulo, 1992, p. 15.

mesmos tipos de acusações dos brasileiros. O botânico Douglas Daly rememorou, em entrevista ao autor, ter sido pejorativamente chamado de “pirata” por alguns amazonenses, enquanto realizava atividades de coleta de plantas na região.

Em relação a essa controvérsia, Warren Dean mostrava-se interessado em rechaçar o que julgava ser uma tendência nacionalista, e argumentou:

A imaginação popular brasileira continua a encarar a remoção de sementes de *Hevea* para o sudeste asiático como uma tremenda perda econômica. Mas isso constitui outro paradoxo, bem como um equívoco. O Brasil poderia estar em pior situação, se nunca tivessem sido plantados seringais naquela parte do mundo. Nesse caso, o Brasil não contaria no além-mar com uma fonte adequada de borracha natural para suas próprias indústrias²⁶⁹.

Nesta perspectiva, a mudança de lócus da produção de borracha das fazendas extrativistas amazônicas para as plantações asiáticas passava a ser vista como um dado positivo, benéfico para a indústria da borracha, tornando o produto abundante e barato. Essa era uma posição contrária a de outros pesquisadores, os quais enfatizaram o impacto desastroso que esse deslocamento causou à economia amazonense²⁷⁰.

Quer nos parecer, ainda, que Warren Dean encarava a transferência de sementes com uma espécie de ética humanitária, ao invés de uma simples atividade econômica. Para ele, esse intercâmbio de espécies e conhecimentos sobre o mundo natural não deveria ser, de qualquer modo, monopólio de Estado, empresa ou indivíduo. Pelo contrário, muito mais importante, do ponto de vista humanístico, essas trocas deveriam servir para reparar injustiças sociais, como por exemplo, aumentando-se a produção de alimentos. Como exemplo da importância dessas trocas e contrário aos autores críticos da ação de Wickham, Warren Dean apoiou-se na própria história econômica brasileira para mostrar como o país se beneficiou largamente da circulação e aclimação de espécies exóticas, como a cana-de-açúcar e o café, dois produtos que sustentaram as exportações do Brasil. Essa sua postura pode muito bem ser constatada, ainda, na passagem na qual afirma que a “transferência de sementes – inclusive além das fronteiras nacionais, no interesse do lucro puro e simples e em benefício do imperialismo – pode ser considerada como um meio de primeira ordem para o desenvolvimento humano”²⁷¹. Ou nesta outra, quando diz que “O cultivo de novas espécies

²⁶⁹ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 228.

²⁷⁰ Cf. WEINSTEIN, Barbara. Resenha de: Dean, Warren. *Brazil and the Struggle for Rubber: A Study in Environmental History*. *Agricultural History*, v. 63, n. 4, p. 96-98, 1989.

²⁷¹ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 47.

úteis e a sua dispersão por todo o globo terrestre é um processo cujas últimas conseqüências são benéficas à nossa espécie como um todo”²⁷².

Tributária desse raciocínio é uma espécie de ética ecológico-global, que surgiu com os debates ambientalistas na década de 1970, baseada numa idéia de responsabilidade mútua entre os países, de cooperação internacional, contrária, portanto, à tendência nacionalista de estudiosos do desenvolvimento, mas que também impregnava o discurso do governo militar brasileiro.

Outra característica relevante da história ambiental de Warren Dean, observada neste livro, é o emprego do argumento contrafactual, expresso no tipo de questionamento “o que teria acontecido se...?” ou em suposições para explorar, na base de fatos ocorridos – as possíveis mudanças na história. Por exemplo, Warren Dean inicia a conclusão do seu livro da seguinte forma: “Suponha-se que o Brasil nunca tivesse perdido seu quase monopólio da borracha natural (...). Que impacto a borracha teria tido na economia brasileira?”. O raciocínio aqui está no campo das possibilidades e o núcleo do argumento serve para demonstrar que “a borracha, conquanto não fosse impermeável ao ciclo econômico, teria fortalecido bastante as finanças, a capacidade de importação e as possibilidades de acumulação de capital no Brasil”. E conclui: “devido o aumento da demanda de borracha no país, se a heveicultura tivesse sido bem sucedida, as indústrias teriam economizado com importação de elastômeros”²⁷³.

Esse tipo de expediente utilizado por Warren Dean deveria servir como um contra-argumento às políticas e programas de desenvolvimento implementados ao longo do tempo pelos envolvidos na produção da borracha. A história torna-se, sob este ponto de vista, utilitária, na medida em que contribui na descoberta de premissas das problemáticas atuais e colabora com a busca de soluções.

Como problema teórico, Warren Dean teve que enfrentar o espinhoso tema do determinismo. Em sua defesa, afirmou: “Não é verdade que foi o fungo que impediu o cultivo da seringueira. Ao contrário, foi a ignorância humana de descobrir um meio de prevenir ou atenuar os ataques do fungo que tornou a heveicultura antieconômica”. A fundamentação de seu argumento encontra-se, ainda, na advertência: “deve-se admitir que os interrelacionamentos de qualquer sistema ecológico são demasiado complexos para dar a esperança de uma explicação determinista”²⁷⁴.

²⁷² DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, op. cit., 1992, p. 15.

²⁷³ DEAN, Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 225.

²⁷⁴ Id. *Ibid.*, p. 255; 98-99.

Em termos de escala de análise, adotou o ponto de vista mais amplo do mercado mundial para os obstáculos enfrentados pelos brasileiros na produção da borracha. Não ficou circunscrito à Amazônia, englobando quase todos os produtores mundiais de borracha.

De todo modo, *Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history*, significou a primeira grande contribuição de Warren Dean ao nascente campo de pesquisa da história ambiental. Embora trouxesse novidades significativas no que se refere à análise do “ciclo da borracha” no Brasil, não teve o mesmo alcance historiográfico, inclusive no mercado editorial, que o seu último trabalho, *With Broadax and Firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic Forest*, que colocamos em foco no próximo capítulo.

CAPÍTULO 3

O modelo de história ambiental de *A ferro e fogo*

A história recolhe sistematicamente, classificando e agrupando os fatos passados, em função das suas necessidades atuais. É em função da vida que ela interroga a morte. Organizar o passado em função do presente: assim se poderia definir a função social da história.

Lucien Febvre

Na edição de 11 de dezembro de 1996 da revista *Veja*, o livro “A ferro e fogo – a história e a devastação da Mata Atlântica”, publicação póstuma de Warren Dean, figurava em oitavo lugar no *ranking* dos livros mais vendidos de não-ficção. Nos Estados Unidos, onde foi publicado primeiramente, em 1995, o referido trabalho também ganhou os prêmios *George Perkins Marsh Prize* da *American Society for Environmental History*, como o melhor livro de história ambiental publicado durante o biênio 1995-1996, e *Herbert E. Bolton Prize*, de 1996; além da menção honrosa do *Latin American Studies Association* no Association’s 1997 Bryce Wood Book Award competition. Definitivamente, era um livro de história que alcançava sucesso editorial e acadêmico. Coroaria a carreira intelectual de um *full professor, chair* do departamento de história da prestigiada Universidade de Nova York, e um pesquisador de referência em história ambiental. Tal reconhecimento foi o grande prêmio a um profissional discreto, embora extremamente dedicado e aplicado, que não buscava fama nem galgava cargos de prestígio no meio acadêmico.

O fato é que Warren Dean havia escrito uma “obra relevante”, dado a “primeira palavra”. Nesse livro a sua característica mais marcante como historiador revelava-se plenamente, qual seja, a sua capacidade de inovar, de criar novas perguntas e de investir sobre novos objetos. Neste sentido, vale lembrar quando de seu falecimento em Santiago, o Chile seria o último país onde coletaria material para o seu próximo trabalho: “a história ambiental latino-americana contemporânea”. Certamente daria outro grande passo adiante nesse campo de pesquisa que ajudou a consolidar.

“A ferro e fogo” encerra a última fase da trajetória de Warren Dean, durante a qual se dedicou ao estudo da história do desmatamento no Brasil. Debruçou-se, particularmente,

sobre alguns tópicos correlacionados a esta temática, como a “fronteira”, o sistema de *plantation*, o “imperialismo ecológico” e a história do conservacionismo.

Apesar de ampla e diversificada, acreditamos que essa obra possa ser expressa com o enunciado de algumas idéias que a sintetizam. Neste capítulo, portanto, examinamos os caminhos trilhados por Warren Dean explorando as vicissitudes do seu ofício, buscando desvendar o ideário que conformou a arquitetura da sua obra. Enfrentamos, principalmente, as seguintes questões: como Warren Dean construiu um modelo de história ambiental do Brasil? O conjunto de idéias que deu suporte a esse modelo revelaria uma tomada de posição mais radical, em termos conservacionista? O sentido da construção da sua obra baseou-se, deste modo, em uma ética biocêntrica?

As suas pesquisas, que resultaram no livro que colocamos em foco, tiveram início ainda nos anos 70, atravessaram toda a década seguinte, encerrando-se, provavelmente, em 1992. O desenrolar desse trabalho transcorreu *pari passu* com a crise econômica e com processo de redemocratização do país, além do fortalecimento do conservacionismo no Brasil, estimulado pelo crescente desmatamento da floresta amazônica e pelos preparativos para a segunda conferência da ONU, realizada no Rio de Janeiro, em 1992. No âmbito internacional, buscavam-se medidas concretas para a promoção de um ecodesenvolvimento e, no âmbito da ONU, do chamado desenvolvimento sustentável²⁷⁵. A obra de Warren Dean pretendia ser uma contribuição para o movimento político-ambiental brasileiro, buscando entender o desenvolvimento histórico do Brasil sob esta nova interpretação do desenvolvimento.

3.1 – Ajustando o foco e definindo o modelo de história ambiental

O brasilianismo nos Estados Unidos entrou em uma nova fase na década de 1980, influenciado, dentre outros fatores, por uma conjuntura de crise econômica internacional e de democratização política, acompanhado de uma “profissionalização” dessa *area studies* no universo acadêmico norte-americano. O quadro histórico era diverso daquele desenhado nos anos 60, marcado, sobretudo, pela Guerra Fria. De maneira geral, perdia-se um pouco da

²⁷⁵ Uma diferenciação entre esses dois conceitos foi proposta por Bianca Imbiriba Bonente e Niemeyer Almeida Filho: “Em primeiro lugar, enquanto a concepção do ecodesenvolvimento trilha o caminho crítico de contestação da forma do desenvolvimento capitalista, postulando uma reorientação das razões de mercado, propondo uma limitação dos padrões de consumo dos países mais avançados em favor dos países mais pobres, a concepção de desenvolvimento sustentável evita abordar a origem das condições atuais, sustentando que as inovações tecnológicas certamente permitirão o acesso de todos os povos à fartura, sem comprometimento da sustentabilidade ambiental”. Ver: Há uma Nova Economia do Desenvolvimento? *Revista de Economia*, UFPR, v. 34, n. 1 (ano 32), jan./abr., 2008, p. 90.

tonalidade política do período formativo, caracterizada pelo engajamento mais acentuado e por obras de explicações mais gerais, em detrimento de uma postura mais “academicista”, refletida tanto na diversificação, quanto na definição de novos temas e objetos de pesquisa. Segundo Paulo Roberto de Almeida,

Os anos 80 podem ser vistos, de certo modo, como uma etapa de transição entre o “velho” brasilianismo dos pioneiros da época da Guerra Fria e os novos estudiosos acadêmicos voltados para os refinamentos teóricos das ciências humanas: as “grandes” explicações abrangentes da sociedade ou da política brasileiras cedem lugar a trabalhos mais focados em temáticas particulares²⁷⁶.

A figura intelectual de Warren Dean compreendia, então, um pouco dessas duas características. Era uma referência entre os estudiosos do Brasil nos Estados Unidos, sempre lembrado por suas manifestações públicas de crítica à política externa do seu país e ao regime ditatorial brasileiro. No âmbito acadêmico, alcançava a década de 80 como um sólido pesquisador empírico e como um destacado professor e historiador ambiental que se preparava para escrever uma síntese da história brasileira a partir de uma temática particular, a devastação da Mata Atlântica.

Como vimos, o seu interesse pela questão ecológica tornou-se sistemático por volta de 1970. Naquele momento, em suas reflexões sobre o desenvolvimento na América Latina, começava a considerar os questionamentos dos ecologistas sobre os efeitos dos padrões de exploração dos recursos naturais, alertando para um possível colapso da sociedade no futuro. Sensibilizado, como tantas pessoas, pelos custos sócio-ambientais que o modelo vigente representava, passaria não só a apoiar as ideias conservacionistas, como também a escrever sobre o assunto.

Contudo, não se tratava de produzir um conhecimento abstrato sobre o tema do desenvolvimento, elaborando alguma teoria que desse conta de explicar todas as mazelas dos países do terceiro mundo, mas atribuir a esse conhecimento, também, um sentido concreto, utilitário. Na sua autobiografia, o cientista franco-polonês Ignacy Sachs expressa com clareza esse tipo de postura pragmática a que foi induzido pela reflexão sobre o desenvolvimento do seu país, marcado, segundo o autor, por um dogmatismo de caráter socialista:

²⁷⁶ ALMEIDA, Paulo Roberto. Tendências e perspectivas dos estudos brasileiros nos Estados Unidos. In: BARBOSA, Rubens Antonio; EAKIN, Marshall C. *O Brasil dos Brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. op. cit., 2002. p. 47.

Essa dificuldade em transformar belas ideias em medidas concretas me marcou para o resto da vida. Desde então nunca cessei de dizer, tanto a meus antigos compatriotas poloneses durante os longos anos do *glacis* como todos os meus amigos brasileiros, que não há nada mais importante que compreender a realidade ao redor. É muito fácil promover grandes debates maniqueístas entre o bem e o mal. Mas os verdadeiros problemas começam quando devemos formular propostas concretas de ação, portanto, no exercício do que chamo voluntarismo responsável. Alguns chamam isso de pragmatismo. Que seja²⁷⁷.

Na ambição de “inflexir o curso da história”, planejando o desenvolvimento, Ignacy Sachs defendia a “necessidade de colar no concreto”; delinear medidas a partir da realidade concreta, fugindo a todo tipo de sectarismo. E nesta tarefa, o pesquisador sente-se impelido a “sair do recorte absurdo das disciplinas”, aprimorando seu campo de visão e ação. Planejar o desenvolvimento, neste sentido, é uma arte, segundo Sachs. “Uma arte, mais que uma ciência, sem dúvida, uma arte que se apóia em conhecimentos mais ou menos elaborados cientificamente”²⁷⁸.

Podemos afirmar que Warren Dean, de certo modo, pautou-se por uma postura semelhante à do intelectual polonês, por um “voluntarismo responsável”, na medida em que a sua produção do conhecimento histórico em base empírica, em detrimento à teorização, visava contribuir com o planejamento do desenvolvimento brasileiro a partir da questão ambiental. Decorreu dessa postura a sua atitude “revisionista”, em termos historiográficos, verificada, por exemplo, no seu livro *A luta pela borracha no Brasil*.

Para ele, o meio ambiente e o desenvolvimento estavam inseparavelmente imbricados. Não se poderia conhecer a “realidade concreta” sem esse entendimento. Muitos dos obstáculos ao desenvolvimento e das deficiências das políticas existentes decorriam do fato de os planejadores não darem a devida relevância às variáveis ecológicas, limitando-se ao enfrentamento de efeitos e não de causas. Deve-se considerar, todavia, que os ideais conservacionistas tornaram-se mais relevantes, inicialmente, nos países ricos, criando um descompasso em relação ao pensamento sobre o desenvolvimento nos países pobres, que discutiam outras prioridades. É justamente nessa lacuna que Warren Dean iria investir, na tentativa de ampliar as perspectivas de análise da realidade brasileira a partir de uma perspectiva de história ecológica.

Torna-se importante destacar, igualmente, que tipo de ideal movia a sua reflexão intelectual sobre a temática do meio ambiente e desenvolvimento. É sob este campo de visão

²⁷⁷ SACHS, Ignacy. *A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. op. cit., 2009. p. 118.

²⁷⁸ Id. Ibid., p. 118-9.

que se surgem o seu objeto, indagações, metodologia, fontes e autores. Em última instância, na sua “defesa da natureza”, Warren Dean movia-se por um ideal que podemos chamar de humanitário. “Defender a natureza” significava proteger a base de sustentação (não apenas material) da própria humanidade. Tal perspectiva pode ser compreendida pelas palavras de Jean Dorst, um apologista da ecologia política:

Os grandes problemas da conservação da natureza, tais como se colocam atualmente estão na realidade intimamente ligados aos da sobrevivência do próprio homem sobre a Terra. (...) podemos afirmar de acordo com todos os biólogos, que o homem cometeu um erro capital pensando poder isolar-se da natureza e não respeitar certas leis de alcance geral. Existe, já há muito, um divórcio entre o homem e o seu meio. O velho pacto que unia o primitivo e o seu habitat foi rompido de forma unilateral pelo homem, logo que este considerou que já era suficientemente forte para seguir apenas as leis elaboradas por ele mesmo. Devemos reconsiderar essa posição mesmo que o nosso orgulho sofra, e assinar um novo pacto com a natureza, que nos permita viver em harmonia com ela. É a melhor maneira de extrair do meio um rendimento que permita ao homem manter-se sobre a Terra e fazer com que sua civilização progrida tanto no plano técnico quanto no plano espiritual²⁷⁹.

E continua, defendendo o novo pacto a fim de harmonizar a relação *homem-natureza*:

(...) A natureza não deve ser salva para rechaçar o homem, mas sim porque a sua salvação constitui a única probabilidade de sobrevivência material para a humanidade, devido a unidade fundamental do mundo onde vivemos. Antes de mais nada, é preciso que o homem se convença de que não tem o direito moral de conduzir à extinção uma espécie animal ou vegetal²⁸⁰.

Nota-se no raciocínio do ornitologista francês uma ética biocêntrica, a partir da qual se propõe superar o isolamento provocado pela “superioridade” humana sobre a natureza. A superação desse isolamento significaria, para o autor, uma condição necessária para que a civilização progrida de maneira mais equilibrada e capaz de se sustentar por um tempo prolongado.

Consciente da questão ambiental, ao aproximar-se cada vez mais das ciências naturais, Warren Dean também simpatizaria por este tipo de mentalidade ecológica e biocêntrica, contrária, portanto, à dominação humana da natureza, como revelou em entrevista a Debbie Schupack, jornalista da Alumni News Magazine da NYU, em 1990: “Por que não matar a natureza? Afinal de contas, ela está em nosso poder. Bem, uma maneira de expressar a nossa

²⁷⁹ DORST, Jean. *Antes que a natureza morra*: por uma ecologia política. Tradução Rita Buongiorno. São Paulo: Edgard Blucher, 1973. p. 378.

²⁸⁰ Id. *Ibid.*, p. 378.

humanidade é não destruir tudo o que está em nosso poder para destruir” (tradução nossa)²⁸¹. Desta forma, assegurar um futuro mais justo e desenvolvido estava condicionado à sustentação da base ecológica do próprio desenvolvimento.

De acordo com John McCormick, no cerne desse novo paradigma, no qual o pensamento de Warren Dean estava escorado, “há um clamor por um tipo de sociedade inteiramente novo, baseado em produção e consumo cuidadosamente considerados, conservação de recursos, na proteção ambiental e nos valores básicos de compaixão, justiça e qualidade de vida”²⁸². Não obstante esses novos termos dos defensores do ecodesenvolvimento e, mais tarde, do desenvolvimento sustentável, ao se deparar com a realidade brasileira, Warren Dean encontraria os planejadores de políticas públicas de desenvolvimento longe dessas metas. Estavam preocupados em enfrentar uma grave crise econômica pós-“milagre”, que atravessaria toda a década de 1980 e entraria na seguinte ainda com força, com índices de desigualdades sociais igualmente gritantes, além de um crescimento assustador do desmatamento na Amazônia.

Vejamos então como a tomada de consciência ecológica refletiu-se na obra de Warren Dean, estimulando a construção de uma modelo de história ambiental.

Seus estudos iniciais sobre o processo de industrialização em São Paulo, cuja fonte de energia foi baseada, em parte, na lenha, e o sistema de *plantation* do café no município de Rio Claro, prática agrícola desenvolvida sob os despojos florestais, abriram uma nova perspectiva de trabalho: entender o histórico desmatamento no Brasil. De maneira gradativa, a partir da década de 70, as relações *sociedade-floresta* passaram a ocupar o centro dos questionamentos do historiador. Acompanhar este processo torna-se, portanto, de fundamental importância para a compreensão do arcabouço metodológico e analítico lançado à mão por Warren Dean na sua investigação desse novo objeto.

No livro *Rio Claro* (1976) é possível constatar alguns dos elementos que integraram o conjunto de abordagens e temas que fariam parte da sua análise de história ambiental: no plano metodológico, a explicação histórica pelas “origens” e a atenção às transições (da mudança da sociedade agrária para a industrial, do trabalho escravo para o trabalho livre, da paisagem primitiva para a paisagem degradada²⁸³); no plano temático, a “fronteira”, como *locus* privilegiado para a análise histórica do desflorestamento e o sistema de *plantation* como

²⁸¹ SCHUPACK, Debbie. “The Legacy of the Rain Forest”. In: *New York University. Alumni News Magazine*. Spring, 1990, p. 12. Tradução de: “Why not kill nature? After all, it's in our power. Well, one way of expressing our humanity is by not destroying everything in our power to destroy”.

²⁸² MCCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. op. cit., 1992. p. 192.

²⁸³ Cf. SCHWARTZ, Stuart B. Prefácio. In: DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 14.

força motriz desse processo; por fim, uma espécie de sentimento empático pela floresta preservada, virgem, primitiva, isto é, em sua entelúquia.

A primeira preocupação metodológica de Warren Dean, que desponta já nesse livro, é o estudo das “origens” da ocupação do território onde se instalaria a cafeicultura em Rio Claro. Remontar esse cenário inicial compreendia realizar um estudo da geografia do lugar, o que lhe permitia, numa perspectiva histórica, observar a “transformação da paisagem” e a composição física de onde se desenvolveria a atividade agrícola. Os trechos a seguir revelam o conjunto de elementos que compuseram a sua análise:

Uma das razões porque os colonizadores de Rio Claro eram tão errantes estava na agricultura predadora que praticavam. Eles abriam claros temporários na floresta por meio do fogo. Perto do final do inverno, que era a estação seca, cortavam a machado e foice as lianas e o sub-bosque, e os deixavam secar por algumas semanas. No dia em que o vento era propício, punham fogo à mata, que ardia intensamente (...). Por uns cinco ou seis anos repetia-se a queimada antes da plantação, até que o lugar era abandonado e o mato tornava a crescer²⁸⁴.

No trecho, Warren Dean descreve a agricultura itinerante e a tecnologia utilizada pelos primeiros colonizadores da região, basicamente o ferro (machado e foice) e o fogo, técnica agrícola conhecida como coivara, *slash-and-burn* ou “derrubada e queimada”, amplamente disseminada no território da América portuguesa e do Brasil. É pertinente notar, ainda, que a perspectiva predominante era a da história econômica e agrária. A partir dela é que o autor observa a “fronteira” que se expande continuamente, consumindo florestas, desnudando o solo fértil para a agricultura, processo este determinado pela tecnologia empregada pelos sucessivos “agentes de cultura”, bem como por fatores sócio-políticos e econômicos:

Provavelmente a agricultura pouco racional que se praticava nas novas regiões se devesse em parte à quase impossibilidade de conseguir a posse legal das terras. Talvez os métodos predadores também limitassem a profundidade do conflito gerado pela remoção dos caboclos, pois o que estava em jogo era uma clareira que, de qualquer maneira, teria de ser abandonada dentro de algum tempo. Era raro um ocupante primitivo escolher a alternativa de pedir para ficar na sesmaria como rendeiro. Sempre havia mais um trecho de floresta, de graça. O fluxo da população, rápido como era, processava-se sempre mais para o interior despovoado²⁸⁵.

²⁸⁴ DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. op. cit., 1977. p. 24.

²⁸⁵ Id. *Ibid.*, p. 32.

Em sua análise da “fronteira”, Warren Dean depara-se com uma lógica predatória, determinada pelo que Caio Prado Jr. chamou de “sentido da colonização”, isto é, *grosso modo*, a instalação de um sistema econômico voltado para o mercado externo. Ao examinar a situação ambiental na qual a cafeicultura foi implantada em Rio Claro, Warren Dean começava a perceber fatores que se apresentavam como uma tendência de um processo histórico de ocupação e colonização, caracterizado pela perdularidade e pela falta de racionalidade na exploração dos solos:

Não era necessário derrubar novas florestas a fim de dar início ao cultivo imediato do café. Havia muita terra limpa e capoeira após quase um século de agricultura de subsistência e uma geração de cultura de cana, tendo em vista o enorme consumo de madeira pelos engenhos²⁸⁶.

Sempre aberto a novos questionamentos, Warren Dean começava a colecionar novas perguntas a partir do seu estudo sobre o sistema de plantações, conforme revelaria em entrevista a José Augusto Drummond, em 1989:

Nesse estudo que estou fazendo sobre o desmatamento, verifico que a plantation é uma das principais causas do problema, porque com ela a floresta desaparece. Por isso estou interessado em questões ligadas ao desenvolvimento das plantations que outros historiadores esquecem. Por exemplo, qual é a quantidade de lenha necessária para se produzir uma tonelada de açúcar? Quantas toneladas por hectare se produzia numa plantation nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX? Qual era a tendência? Quando foi preciso usar o bagaço como substituto da lenha? (...). Estou interessado nessas questões e em outras, porque o problema é muito mais abrangente. A plantation representa uma pressão enorme sobre a floresta primária, mas também há outras coisas, talvez mais importantes, como a introdução do gado, que impossibilita o retorno da floresta. A capoeira não cresce onde você solta o gado porque ele elimina a erva. Há mil questões ligadas à situação agrícola do interior que em geral não têm documentação. São coisas tão “normais” que ninguém comenta²⁸⁷.

Deve-se advertir, no entanto, que em *Rio Claro*, a floresta figurou como um elemento secundário, embora importante, na análise. Como vimos no primeiro capítulo, e os trechos acima corroboram, Warren Dean foi um crítico mordaz do sistema agrário brasileiro, especialmente da elite rural e da sua “mentalidade do latifúndio”, apontando-o como um dos principais obstáculos ao desenvolvimento do país. Durante a primeira metade da década de 1970, quando realizou as pesquisas que resultaram no livro, seu interesse estava centrado nos

²⁸⁶ DEAN, Warren. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. op. cit., 1977. p. 46.

²⁸⁷ DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Angela de Castro. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990. p.109.

debates sobre a história da agricultura brasileira²⁸⁸. Nesse debate mereceram destaque ideias relacionadas à “racionalização”, “modernização” e à mentalidade “negligente” dos fazendeiros, da elite rural brasileira, os quais não se guiavam por uma política de longo prazo, via de regra. William H. Nicholls, por exemplo, escreveu em 1972 que “os agricultores brasileiros sempre exerceram papel empresarial passivo, deixando de reinvestir parcelas significativas de seus rendimentos na melhoria do capital e em técnicas mais adequadas”²⁸⁹.

Em *Rio Claro*, Warren Dean notaria “vícios” semelhantes entre os fazendeiros do município, como podemos notar em sua conclusão:

O caso de Rio Claro comprova a futilidade de confundir o lucro particular com o progresso da sociedade. Garantida a rentabilidade das operações dos fazendeiros, eles necessária e inerentemente limitavam o uso intensivo dos recursos da terra. As técnicas que aplicavam destinavam-se tão-somente a ressaltar o seu monopólio. Por isso as rendas permaneceram baixas e altamente concentradas, apesar do solo fértil e acessível²⁹⁰.

É verdade que Warren Dean havia encontrado um padrão perdulário na sua análise do sistema de plantações em Rio Claro, caracterizado, principalmente, pelo comportamento dos latifundiários e pela dinâmica do funcionamento do sistema agrário como um todo. Neste sentido, tal padrão predatório também estava relacionado à incapacidade do sistema em produzir um desenvolvimento socioeconômico sustentado por um período prolongado. Nesse processo de desenvolvimento econômico e agrícola, o livro aborda como centro da análise a força de trabalho, mas também é possível identificar uma outra “vítima”: a floresta primitiva.

Rio Claro, além dos aspectos anteriormente apresentados, chama a atenção também pela forma como o autor se refere à floresta preservada, não como um “capital natural” em potencial, mas como uma “paisagem idílica”, conforme a citação seguinte:

Próximo a Araras alguns hectares de floresta virgem foram preservados na fazenda que pertenceu a Martinico Prado. É uma visão maravilhosa. A luz da manhã filtra-se desde um dossel de árvores e troncos lisos e folhas delicadas – cabreúvas, perobas, jequitibás – atravessando um emaranhado de cipós e lianas. As figueiras bojudas parecem ameias semidestruídas, impotentes sob o peso das samambaias e trepadeiras. Sentimo-nos gratos para com o primeiro proprietário desta terra por ter poupado um recanto assim, apesar de

²⁸⁸ Para um debate sobre a história da agricultura brasileira, consultar, dentre outros: LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

²⁸⁹ NICHOLLS, William H. A agricultura e o desenvolvimento econômico do Brasil. *Revista Brasileira de Economia*, op. cit., 1972, p. 197.

²⁹⁰ DEAN, Warren. *Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura – 1820-1920*. op. cit., 1977. p. 184-185.

que ele, talvez, estivesse sentindo menos reverência pelo que restou do que arrogância por haver devastado o restante. Essas florestas luxuriantes, porém amenas e temperadas, eram convidativas, pois ali o clima não é tropical (...). Durante quase o ano inteiro, primeiro uma, depois outra espécie de árvore florífera estende um manto cor-de-rosa, púrpura ou amarelo (...). Outras árvores produziam frutas comestíveis – goiaba, maracujá, jaboticaba, jaca, jatobá – enquanto sob suas ramagens vagavam tapires, pacas e capivaras tímidas e lerdas²⁹¹.

Neste excerto, nota-se que ao se deparar com um trecho de “floresta virgem”, Warren Dean não se limitou a descrever a paisagem, revelando todo o seu conhecimento da flora e fauna locais. Em um ato de contemplação, emitiu também juízos de valor, refletidos em um misto de sensações, como o sentimento de gratidão e bem estar, em contraposição à repulsa e à reprovação ao que já havia sido devastado da floresta primitiva. Acreditamos que esta atitude revele mais do que apenas o estilo literário do autor. Deduz-se, dessa descrição, um sentimento empático em relação à floresta, o que ajuda a explicar o deslocamento da floresta, enquanto objeto de pesquisa, para o centro da análise do historiador, como veremos adiante.

À medida que seus trabalhos começavam a avançar, um novo conjunto de preocupações e de interesses, relacionados à floresta e ao desenvolvimento econômico, ganhava importância. O desmatamento, as relações *floresta-humanos* e a atitude descuidada e predatória com que as florestas foram destruídas sob a ideologia do progresso, passavam a ganhar centralidade. Tornaram-se um desafio epistemológico que Warren Dean teve que enfrentar, como fica evidente em sua fala, em tom descontraído, aos brasileiros numa conferência no Rio de Janeiro: “Vocês acham que é difícil pesquisar as classes operárias, que não deixam registros escritos? Experimentem só pesquisar árvores”²⁹². O resultado foi a construção do seu modelo de história ambiental, sobre o qual passamos a discorrer.

O delineamento da história e a devastação da Mata Atlântica como objeto privilegiado de estudo deu-se em um contexto bastante específico, além das próprias descobertas empíricas de Warren Dean. A partir da segunda metade dos anos 70, sob o cenário da crise ecológica global, a Mata Atlântica, rica em espécies vegetais e animais e ocupando as áreas onde se desenvolveram os grandes centros demográfico e industrial do Brasil, passou a ser reconhecida como um dos ecossistemas mais ameaçados do mundo²⁹³. Devido ao longo

²⁹¹ DEAN, Warren. *Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavouira – 1820-1920*. op. cit., 1977. p. 19.

²⁹² Cf. LEVINE, Robert M. Obituary: Warren Dean (1932-1994). *The Hispanic American Historical Review*, v. 74, n. 4, Nov., 1994, p. 691.

²⁹³ O Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (doravante, CNRBMA) publicou uma série de Cadernos que se constituem fontes de pesquisa fundamentais para se compreender o processo de definição dos marcos históricos dos planos de gestão da Mata Atlântica. Para os nossos propósitos foram consultados especialmente os de número 04, “Plano de Ação da Mata Atlântica - Roteiro para a conservação de sua

período de pressão humana sofrido, esse bioma foi reduzido para menos de 10% de sua extensão original. Conforme registrou Jean Dorst no seu clássico “Antes que a natureza morra”:

Até muito recentemente, a América do Sul tinha sido, de um modo geral, menos danificada do que o resto do globo, devido ao fato do continente se encontrar no início de uma evolução econômica moderna, com os biótipos originais ocupando ainda áreas muito extensas. As florestas que se estendem do sopé dos Andes até a foz do Amazonas, especialmente, permaneceram em grande parte intactas. As superfícies de cultura são ainda limitadas. Assim, no Brasil, que ocupa uma área de 8.500.000 km², apenas pequena porcentagem da superfície total é atualmente cultivada. Isso não quer dizer, evidentemente, que o resto do país tenha conservado sua cobertura vegetal primitiva; muito ao contrário, especialmente a faixa atlântica do Brasil, cujas florestas foram devastadas desde a época colonial. Essas perspectivas otimistas estão sendo desmentidas atualmente pela evolução dessa parte do mundo, caminhando rapidamente para a civilização industrial²⁹⁴.

Esse processo de desflorestamento da Mata Atlântica relatado por Dorst, estimulou um ativismo conservacionista internacional. Diversos cientistas ligados ao NYBG, como Scott A. Mori, Ghilleen Prance, Brian Boon, dentre outros, começaram a chamar a atenção para a urgente necessidade de criação de medidas para a conservação dos remanescentes da floresta tropical atlântica brasileira, conforme podemos observar no texto publicado por eles em 1981:

Porque a destruição da floresta é tão grave no leste do Brasil, que medidas urgentes são necessárias para preservar as poucas florestas remanescentes fora do domínio público, bem como para proteger da invasão as já separadas como parques nacionais ou reservas biológicas. Florestas representativas ao longo de toda a extensão da costa exigem conservação, mas deve ser dada especial atenção aos centros de endemismo (tradução nossa)²⁹⁵.

No Brasil, no início da década de 80, as preocupações ambientais continuavam à margem dos principais debates. Embora pudessem ser ouvidas algumas vozes dissonantes de

biodiversidade”, de 1996, número 13: Diretrizes para a política de conservação e desenvolvimento sustentável da Mata Atlântica”, e número 15, “Mata Atlântica: ciência, conservação e políticas – workshop científico sobre a mata atlântica”, de 1999.

²⁹⁴ DORST, Jean. *Antes que a natureza morra* : para uma ecologia política. op. cit., 1973. p. 54.

²⁹⁵ MORI, Scott A., BOON, Brian M., PRANCE, Ghilleen T. Distribution Patterns and Conservation of Eastern Brazilian Coastal Forest Tree Species. *Brittonia*, v. 33, n. 2, 1981, p. 243. Ver, também: MORI, Scott A. “The rain forests of Latin America: Is there hope for the future?”. Lecture essay: 11th Annual Ellsworth Lecture at Johnson State College. The New York Botanical Garden, 1994, disponível no endereço eletrônico: <<http://www.nybg.org/bsci/staf/ellslec.html>>. Tradução de: Because forest destruction is so severe in eastern Brazil, urgent measures are called for to preserve the few forests remaining outside the public domain, as well as to protect from encroachment those already set aside as national parks or biological reserves. Representative forests along the entire length of the coast require conservation, but special attention should be given to the centers of endemism.

ativistas que abraçaram o ambientalismo como causa, sobretudo os ex-exilados que voltavam para o país trazendo essa “novidade”, o movimento estava apenas engatinhando. Para os brasilianistas preocupados com as questões ecológicas e com a situação dramática da Mata Atlântica, em particular, era impossível não notar certo descaso das autoridades brasileiras para com a conservação das florestas. Ao contrário, assistiam ao governo enfrentar a crise econômica que assolava o país, implementando programas de desenvolvimento na Amazônia, colocando em risco a maior floresta tropical do planeta e sua biodiversidade.

Em sua preparação para o estudo dessa nova problemática do desmatamento, desenvolvida em boa parte no próprio NYBG, Warren Dean seria tomado cada vez mais por esse conservacionismo devotado por seus colegas cientistas, geralmente botânicos, que há décadas estudavam a biota brasileira. Daí que o estudo de um bioma ameaçado, cuja história poderia trazer muitas lições, parecia convidativo para um pesquisador da temática do desenvolvimento econômico e da degradação ambiental e com uma postura pragmática de planejar o desenvolvimento brasileiro a partir da realidade concreta.

Após ajustar o foco, entraria definitivamente no campo da história ambiental. Esse campo pode ser caracterizado, de acordo com Donald Worster, a partir de três conjuntos de indagações que o historiador ambiental, de modo geral, deve enfrentar em seu trabalho, embora não necessariamente na mesma pesquisa. Os três níveis, de acordo com Worster, são: o entendimento da natureza propriamente dita, tal como se organizou e funcionou no passado; o domínio socioeconômico, na medida em que este interage com o ambiente; e o campo das representações, puramente mental ou intelectual, no qual as estruturas de significação se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza²⁹⁶. Nesse campo historiográfico, as matrizes da inovação são, peremptoriamente, interdisciplinares. Ou seja, é do diálogo “externo” que surgem os novos elementos que compõem a análise histórica ambiental.

O historiador ambiental, além desse grupo de questões, tem que aprender novas linguagens para mover o instrumental analítico necessário para a compreensão dessas problemáticas, sendo a principal delas a das ciências naturais:

As ciências naturais são instrumentos indispensáveis para o historiador ambiental, que precisa sempre começar com a reconstrução de paisagens do passado, verificando como eram e como funcionavam antes que as sociedades humanas as penetrassem e modificassem. (...) Sem o

²⁹⁶ WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. *Ambiente e Sociedade*, Campinas, v. 5-6, n.1-2, 2002, p. 26.

conhecimento ecológico da vegetação, a história ambiental perde os seus alicerces, a sua coerência, o seu primeiro passo²⁹⁷.

Vimos no capítulo anterior que a fase de “aprendizagem” de Warren Dean decorreu dos cursos que participou no NYBG e da sua experiência e diálogo com as ciências naturais. Sua formação em botânica e ecologia, principalmente, foi fundamental para a construção da problemática ecológica, além de compor o alicerce da sua história ambiental. Devemos nos concentrar, agora, nas principais influências metodológicas e analíticas de Warren Dean, naqueles autores de cujos trabalhos foram extraídas premissas essenciais.

Uma primeira influência, talvez a principal, consistiu na geografia histórico-cultural de Carl Sauer (1889-1975), conforme ele próprio revelou em entrevista a José Augusto Drummond. Questionado com quais campos acadêmicos a história ambiental estaria mais aparentada, respondeu:

Acho que com a geografia. (...) Aliás, existem alguns geógrafos que considero historiadores. Entre eles, o que sempre me interessou foi Carl Sauer, que fez vários estudos sobre a América Latina, viajou muito para o México e para o Caribe. Tenho realmente uma ligação com os geógrafos e leio seus trabalhos com mais interesse do que os de qualquer outro grupo²⁹⁸.

Em outra oportunidade, em capítulo de livro publicado pouco tempo depois, Warren Dean também escreveu:

Carl Sauer foi um dos norte-americanos mais influentes entre os historiadores ambientais nos EUA, cujos interesses variaram ao longo do hemisfério ocidental. Suas especulações sobre densidades de população nativa, origens agrícolas, plantas e a dispersão de animais e as origens antrópicas dos ecossistemas foram sustentadas por uma visão profunda da relação da espécie humana com todas as outras, uma visão que transcende fronteiras políticas e disciplinas (tradução nossa)²⁹⁹.

²⁹⁷ WORSTER, Donald. para fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, op. cit., 1991, p. 203.

²⁹⁸ DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Ângela de Castro. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990, p.109.

²⁹⁹ DEAN, Warren. The tasks of Latin American Environmental History. In: STEEN, Harold K, TUCKER, Richard P. *Changing Tropical Forests*. Historical perspectives on today's challenges in central & south America. Proceedings of conference sponsored by The Forest History Society and IUFRO Forest History Group. op. cit., 1992, p. 7. Tradução de: Of the North Americans the most influential among environmental historians in the U.S. was Carl Sauer, whose interests ranged over all the Western Hemisphere. His speculations concerning native population densities, agricultural origins, plant and animal dispersal, and the anthropic origins of ecosystems were underlain by a profound vision of the relation of the human species with all others, a vision that transcended political boundaries and disciplines.

Devido a essa proximidade, dedicaremos atenção aos estudos de Carl Sauer. Para esta tarefa, é de grande serventia o artigo “A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental” escrito por Kent Mathewson e Jörn Seemann, ambos do departamento de geografia e antropologia da Universidade Estadual da Louisiana³⁰⁰.

Os trabalhos de Sauer tiveram como *leitmotiv* desafiar o determinismo geográfico predominante no início do século XX. Mas não apenas isto. Diante da industrialização e da crescente modernização na agricultura que causaram impactos sérios ao meio ambiente, também pretendia atuar na defesa e proteção de modos de vida de “minorias”, como povos indígenas, camponeses e pequenos agricultores, que mostraram uma resistência ao desenvolvimento e à modernização predadora. Em seu texto, “The agency of man on Earth”, publicado em 1956, Carl Sauer apresenta de forma mais vívida condenações ao comercialismo excessivo, consumo extravagante, à especulação, insensibilidade, orientação voltada ao lucro imediato, industrialismo, temas relacionados à capacidade humana de alterar seu ambiente natural³⁰¹. Sauer chegou a defender uma ética preservacionista: “O que talvez precisamos mais são uma ética e estética pela qual o homem (*sic!*) ao praticar as qualidades de prudência e moderação - possa realmente passar uma terra boa para a posterioridade”³⁰².

A atenção de Sauer estava voltada para a ação humana na produção e transformação da paisagem. O conceito de paisagem é uma palavra-chave nos seus trabalhos. Neles diferencia paisagem natural de paisagem cultural, que corresponde aos processos de modificação da paisagem natural por meio da ação e das obras humanas. Em outras palavras: “a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado”³⁰³. Deste modo, é no passado, na interação entre o organismo e o ambiente, que se encontram as premissas que compõem a paisagem atual.

Nessa viagem ao passado a fim de descobrir a dinâmica e a transformação de paisagens pela ação humana, Sauer desenvolveu uma abordagem denominada “arqueo-

³⁰⁰ Sobre a relevância dos trabalhos de Carl Sauer nesse campo de estudos, ver, além do artigo citado: PARSONS, James J. Carl Sauer's Vision of an Institute for Latin American Studies. *Geographical Review*, v. 86, n. 3, p. 377-384, Jul., 1996; CORREA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011; HERRERA, Guillermo Castro. “arl O. Saber: La Gestión del Hombre en la Tierra y otros ensayos. Selección, traducción y presentación de Guillermo Castro H. Panamá, 1995 – 2005; WILLIAMS, Michael, The relations of environmental history and historical geography. *Jounarl of Historical Geography*, 20, p. 3-21, 1994.

³⁰¹ SAUER, Carl O. The Agency of Man on the Earth. In: THOMAS, William L. (Org.) *Man's Role in Changing the Face of the Earth*. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

³⁰² Apud. MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, op. cit., 2008. p. 79.

³⁰³ Apud. Id. *Ibid.*, p. 76.

geografia”, por meio da qual realizou estudos sobre as populações pré-colombianas que habitaram o atual México. Utilizou essa metodologia, baseada em escavações e levantamentos de dados em arquivos para revisar a história demográfica daquelas populações. Alguns de seus alunos deram continuidade a essa discussão sobre o tamanho da população pré-colombiana, como é o caso, por exemplo, de William Denevan.

Sauer também se dedicou ao estudo do impacto causado pela chegada dos europeus ao continente americano, desconstruindo a idéia de descobrimento e apontando-os como agentes principais de degradação ambiental. As fontes que utilizou nessa pesquisa foram, basicamente, os relatos dos próprios colonizadores e estudos que realizou sobre a agricultura indígena.

Os geógrafos da Escola de Berkeley desenvolveram pesquisas inovadoras sobre a temática de plantas invasoras e espécies ameaçadas. Nestes estudos, a vegetação e sua dinâmica são consideradas indicadores do processo de degradação ambiental³⁰⁴.

Warren Dean utilizou as lentes de Sauer ao considerar o passado como um recurso, não apenas para explicar a degradação da paisagem do presente, mas também os valores e comportamentos humanos em suas relações com o mundo natural. Desta forma concebeu a história ecológica como um “gênero de história cultural que analisa a capacidade de nossa espécie de compreender e conduzir, em diferentes circunstâncias, suas relações com o ambiente natural”³⁰⁵.

Uma segunda importante influência de Warren Dean consistiu nos trabalhos pioneiros do historiador norte-americano James Claude Malin (1893-1979), da mesma geração de Carl Sauer³⁰⁶. Professor por muitos anos na Universidade do Kansas, dedicou-se ao estudo da *grasslands*, à vida cotidiana dos cidadãos e à paisagem do Kansas. Com uma visão holística da história humana e natural, Malin produziu interpretações inovadoras e controversas.

Do seu vasto leque de indagações, torna-se importante realçar a sua reinterpretação do conceito de “fronteira”, primeiramente desenvolvido por Frederick Jackson Turner³⁰⁷. A fronteira, na historiografia estadunidense, é um tema ligado à definição do espírito do povo

³⁰⁴ MATHEWSON, Kent; SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, op. cit., 2008. p. 84.

³⁰⁵ DEAN Warren. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. op. cit., 1989. p. 27.

³⁰⁶ Uma coletânea de textos desse autor encontra-se em MALIN, James C. *History & Ecology: studies of the Grassland*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1984. (Editado por Robert P. Swierenga).

³⁰⁷ Baseamo-nos, sobretudo, no artigo de Lynn Ewanow, *History and Ecology: the significance of James C. Malin's Scholarship*. *Proceedings of the Thirteenth North American Prairie Conference: spirit of the land, our prairie legacy*. Windsor, Ontario, Canada, 1992. Para um estudo da fronteira na historiografia norte-americana ver FOHLEN, Claude. *América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade*. op. cit., 1981 especialmente o capítulo VII “A fronteira: uma explicação da História Americana?”, p. 281-301.

norte-americano, de formação da nação, que derivou do mesmo processo de expansão para o oeste, da exploração e a ocupação dos “territórios selvagens”. De acordo com Turner:

(...) a história americana foi em grande medida a história da colonização do Grande Oeste. A existência de uma área de terra livre, sua retração contínua e o avanço da colonização em direção ao Oeste explicam o desenvolvimento americano³⁰⁸.

Na perspectiva turneriana, portanto, o forjar da civilização americana se dá no processo contínuo de colonização das “terras livres”. James Malin propôs uma releitura da história do oeste americano sob o ponto de vista ecológico, salientando a importância do estudo da paisagem e das relações pessoas-terra.

Conforme observou Donald Worster, Malin mostrava-se insatisfeito com a história tradicional que não daria importância para as variáveis ambientais, e então buscou nos textos de ecologistas e outros cientistas, como uma fonte de inspiração, um novo conjunto de perguntas³⁰⁹. A integração da história e ecologia se dá, na perspectiva de Malin, da seguinte forma:

Tanto a história, quanto a ecologia podem ser definidas como o estudo dos organismos em todas as suas relações, a convivência, as diferenças entre plantas, animais, sendo a ecologia humana ou a história, principalmente uma questão de ênfase. Portanto, todas as formas de simples - ou limitados - fatores de interpretação são rejeitadas como a fragmentação do conhecimento, com sua distorção resultante de fatos (tradução nossa)³¹⁰.

James Malin criou uma abordagem interdisciplinar, procurando integrar o ponto de vista das ciências naturais, ciências físicas e sociais. Estabeleceu, desse modo, uma interpretação diferente da experiência de fronteira, aplicando uma metodologia ecológica à história. Assim como Carl Sauer, Malin também questionou a idéia de “descoberta geográfica” e de “fronteira”, no sentido turneriano de “conquista”. Para o historiador do Kansas, esses termos estariam carregados de subjetividades, referindo-se a um ponto de vista estritamente europeu, desconsiderando, por exemplo, os indígenas das terras “descobertas” ou a fronteira como uma

³⁰⁸ TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na História americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Tradução Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Niterói: Ed. UFF, 2004. p. 23.

³⁰⁹ WORSTER, Donald. Para Fazer História Ambiental. *Estudos Históricos*, op. cit., 1991, p. 203-4.

³¹⁰ MALIN, James C. Ecology and History. *The Scientific Monthly*, v. 70, n. 5, May, 1950, p. 295. Tradução de: Both history and ecology may be defined as the study of organisms in all their relations, living together, the differences between plant, animal, and human ecology or history being primarily a matter of emphasis. Therefore, all forms of single – or limited – factor interpretations are rejected as fragmentation of knowledge, with its resultant distortion of facts.

área de encontro de diferentes culturas. É nesta perspectiva que Malin questiona a concepção de fronteira em Turner:

(...) o que seria a "nova terra" sobre a qual Turner e Halford J. Mackinder e outros escreveram com tanta insistência? Para quem era nova? Certamente não para o índio norte-americano, para os aborígenes da Austrália ou da África, nem para os chineses. A Europa e a Europa-América povoada consideraram sua cultura como superior, e a si mesmos, talvez, como uma raça superior, e pensaram em "descoberta" e em "fronteira de novas terras" num sentido subjetivo e egocêntrico (tradução nossa)³¹¹.

Elaborou uma metodologia que, a seu ver, poderia superar essas subjetividades e os juízos de valor das quais estavam carregadas as concepções da “história tradicional”. Tal proposta pode ser compreendida no trecho seguinte:

Uma metodologia ecológica cientificamente concebida aplicada à história humana enfatizaria a competição ecológica de duas ou mais culturas de domínio em dadas áreas de terra, que pode ser feita com o mesmo objetivo e exigência de quando aplicada a plantas e animais de culturas competitivas com diferentes graus de complexidade, o ecologicamente mais forte invadindo a área de terra ocupada por outro. Mas tal metodologia evitaria juízos de valor e reconheceria, o invés, diferenças e semelhanças. A terra em causa não seria nova, mas a terra que tem sido explorada por gerações desconhecidas, e que, em consequência da invasão cultural, tornou-se sujeita a um modo de exploração diferente da cultura anterior, e, nesse sentido, as técnicas culturais podem ser chamadas de novas para a terra da cultura deslocada. A terra não era nova, somente a tecnologia introduzida para sua exploração era nova (tradução nossa)³¹².

Nessa metodologia ecológica aplicada à história, a “fronteira” revela-se como uma área de “competição” entre culturas diferentes. Inverte-se o sentido do enunciado *da “civilização” para a “terra nova”*, para este outro: *a “terra” que recebe novas culturas que*

³¹¹ MALIN, James C. Ecology and History. *The Scientific Monthly*, op.cit., 1950, p. 295-6. Tradução de: (...) what is the ‘new land’ about which Turner and Halford J. Mackinder and others wrote so insistently? To whom was it new? Certainly not to the American Indian, to the aborigines of Australia, or of Africa, nor to the Chinese. Europe and European-peopled America considered their culture a superior, or master, culture, and themselves perhaps a master race, and thought of ‘discovery’ and of ‘frontier of new land’ in a subjective and egocentric sense.

³¹² Id. Ibid., p. 296. Tradução de: A scientifically conceived ecological methodology applied to human history would emphasize ecological competition of two or more cultures for dominance in given earth areas, which could be made as objective and exacting as when applied to plants and animals competition of cultures of differing degrees of complexity, the ecologically stronger invading the earth area occupied by another. But such a methodology would avoid value judgments and would recognize instead differences and similarities. The land involved would not be new land, but land that has been exploited for unknown generations, and that, in consequence of cultural invasion, became subject to a mode of exploitation different from that under a previous culture, and in that sense the cultural techniques might be called new to the land of the displaced culture. The land was not new; only the introduced technology of exploitation was new to the land.

a transforma em uma “nova terra”, num processo contínuo de transformação e adaptação. Em uma perspectiva de história e ecologia, é possível compreender tanto a transformação e conformação da paisagem, como o papel cultural dos agentes humanos.

Destaque-se que tanto Warren Dean, como Sergio Buarque de Holanda, na historiografia brasileira, inspiraram-se nesse modelo interpretativo da “Fronteira”, elaborado para explicar a história norte-americana. Uma possível diferença entre as duas abordagens – que continuará aguardando uma análise futura – é que em seus clássicos, Sergio Buarque seguiu no caminho teórico de Frederick J. Turner, como apontou Robert Wegner, já Warren Dean explorou a senda aberta por James Malin, no diálogo da história com a ecologia³¹³. Um exame detalhado que busque extrair informações mais precisas a partir desta distinção pode colaborar com o enriquecimento da historiografia brasileira³¹⁴.

A “história” do livro *With Broadax and Firebrand*, de Warren Dean, que passamos a examinar, começou justamente com uma pesquisa sobre o tema da fronteira no oeste paulista, já sob a perspectiva ecológica.

3.2 – O plano da obra, temas, fontes, método e abordagens³¹⁵

Neste item, examinaremos o plano da obra *With Broadax and Firebrand*, buscando apreender a forma como Warren Dean, no campo da história ambiental, construiu a sua problemática e definiu o seu modelo analítico, selecionando temas, fontes, metodologia e abordagens. O livro é bastante amplo e diversificado, porém, não está no escopo deste trabalho descrever suas minúcias, cujo esforço desviaria o foco do objetivo principal, que é o de compreender como o autor escreveu a história brasileira numa perspectiva ambiental. Deste modo, selecionamos algumas idéias-chave que nos permitem elaborar uma síntese desse modelo construído pelo brasilianista norte-americano.

³¹³ Cf. WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

³¹⁴ Diogo de Carvalho Cabral escreveu sobre a historiografia ambiental brasileira procurando aproximar a obra de Warren Dean à de Sergio Buarque de Holanda, sob um ponto de vista econômico. Ver: *Economia do desperdício, ecologia da destruição: historiografia, ambientalismo e o debate político contemporâneo. Esboços*, Florianópolis, v.14, n.18, p. 73-104, 2007.

³¹⁵ As fontes principais utilizadas nesta seção, além do livro “*A ferro e fogo*”, foram: PRANCE, Ghilleen T. *Confidential Report on Applicant for Fellowship*, 26/02/1985. Parecer de encaminhamento de pedido de bolsa referente ao projeto de Warren Dean intitulado: “History of the Brazilian Atlantic Coastal Forest” ao The John Carter Brown Library e PRANCE, Ghilleen T. [carta] 25 de setembro de 1984, Maranhão [para] SHEFFIELD, Ann C. Washington, D.C. Parecer favorável ao pedido de Bolsa de Warren Dean para o estudo da história da floresta Atlântica brasileira ao Woodrow Wilson International Center for Scholars.

Iniciamos pelo delineamento do objeto e da problemática da pesquisa que resultou nessa obra para, em seguida, apresentarmos a arquitetura e o esquema de trabalho adotado na consecução da monografia. Como já foi dito anteriormente, ele se propôs a estudar a história de um ecossistema brasileiro: a Mata Atlântica, uma faixa que se estende do norte do Paraná ao sul da Bahia, e atinge o interior até cerca de quatrocentos quilômetros. Esse mosaico de florestas tropicais cobria, originalmente, quase toda a extensão litorânea do território que veio a se constituir na América Portuguesa e depois no Brasil. Antes dos europeus, há muito era habitada por povos caçadores-coletores e pela miríade de tribos indígenas. Desde o início da colonização européia, no século XVI, houve uma aceleração da supressão dessa cobertura florestal, dando lugar a outras formas de agricultura e sistemas econômicos, os quais não permitiram mais, em boa parte do território, a recuperação da floresta ao seu estágio inicial.

A destruição da Mata Atlântica foi definida como o principal problema de pesquisa de Warren Dean, examinando-se toda a história da devastação, desde a época da primeira ocupação humana até o presente. Sob o pano de fundo da história do Brasil, buscou as causas principais desse processo. Perpassou tópicos consagrados pela historiografia, como a cultura dos povos indígenas, a colonização européia, as principais culturas de exportação – como a cana-de-açúcar e o café, o ciclo da mineração, o desenvolvimento industrial e a expansão da urbanização. Examinou a maneira pela qual indígenas, missionários jesuítas, exploradores e comerciantes brancos, agricultores e fazendeiros mestiços, garimpeiros e fazendeiros de açúcar e café, exploraram os recursos florestais; mas também procurou identificar esforços de pessoas na preservação da floresta como uma reserva contínua.

Estudou a transformação da paisagem adotando uma perspectiva ecológica. Na sua análise e explicação da configuração da “paisagem atual”, recorreu ao passado, examinando as relações entre florestas e humanos. Na sua perspectiva: “a história florestal corretamente entendida é, em todo o planeta, uma história de exploração e destruição”. Resulta desse entendimento, portanto, que “é quase impossível escrever uma história florestal que se conforme a uma visão desejável do presente”³¹⁶.

O emprego do termo *destruction* (destruição, devastação, extermínio) para qualificar a ação humana sobre a floresta no objeto de análise denota por si uma carga valorativa – negativa – definida *a priori* pelo pesquisador. Há por trás dessa opção um ideário conservacionista e um determinado ponto de vista político, cujo sentido pode ser depreendido pelas palavras de James Parsons: “é através da história das práticas passadas de uso de

³¹⁶ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 23-24.

recursos que aprendemos as desproporções do presente e a necessidade de mudanças fundamentais nas atitudes para com o meio ambiente”³¹⁷.

O modelo de história ambiental de Warren Dean enquadra-se, neste sentido, naquilo que Verena Winiwarter chamou de “paradigma do equilíbrio ecológico ameaçado”, usado principalmente por ecologistas, em particular os ecologistas da conservação³¹⁸. Esse modelo está na base do pensamento conservacionista, que tem como foco justamente as ameaças ao equilíbrio natural, cujos questionamentos procuram desvendar as causas dos distúrbios dos sistemas naturais, onde e como tal perturbação acontece e por quem ou através de quais agentes causadores ela é exercida. A argumentação de Warren Dean está fundamentada na premissa segundo a qual toda apropriação da natureza por parte dos humanos atenta aos equilíbrios ecológicos ou, na concepção de Paul e Anne Erlich: “Espalhados pelo planeta estão os remanescentes de catástrofes ecológicas de eras passadas”³¹⁹. Resulta daí a sua definição de uma “história florestal corretamente entendida”, isto é, “uma história de exploração e destruição”³²⁰.

O contexto da preparação de Warren Dean e a sua influência na definição da problemática devem ser realçados. A formação em botânica e ecologia o habilitou a interpretar os debates contemporâneos sobre os ecossistemas florestais. O diálogo com cientistas naturais, diretamente envolvidos com essa temática, também serviu de estímulo e aperfeiçoamento da “linguagem”. Se no seu livro sobre a economia da borracha na Amazônia extraiu a sua tese principal do debate agrônômico, sobretudo, e em observações nos campos de produção, na pesquisa sobre a Mata Atlântica seus interlocutores mais próximos foram os cientistas do NYBG e um pequeno grupo de conservacionistas brasileiros e estudiosos do tema da destruição desta floresta. A tabela abaixo relaciona algumas das entrevistas que Warren Dean realizou no curso de sua pesquisa:

³¹⁷ Apud. MATHEWSON, Kent, SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, op. cit., 2008. p. 85.

³¹⁸ Cf. WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre a história ambiental: um guia de campo para os seus Conceitos. *Abordagens Geográficas*, v. 1, n. 1, p. 1-21, out./nov., 2010.

³¹⁹ EHRLICH, Paul R. EHRLICH, Anne H. *População, recursos, ambiente*. Tradução José Tundisi. São Paulo: Ed USP, 1974. p.277.

³²⁰ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica*. op cit., 1996. p. 23.

Quadro 7: Relação de entrevistas realizadas por Warren Dean entre 1981 a 1992.

Ano	Entrevistas realizadas
1981	<ul style="list-style-type: none"> • Dia 13 de junho, entrevistou <i>Fernando Antônio de Moraes Achiamé</i>, diretor do Arquivo Público Estadual do Espírito Santo e Professor de História da Arquitetura na Universidade Federal do Espírito Santo. • Dia 24 de agosto, entrevistou <i>Arlindo de Paula Gonçalves</i>, do Departamento de Silvicultura da Universidade Federal de Viçosa.
1983	<ul style="list-style-type: none"> • Dia 14 de junho, entrevistou <i>Augusto Ruschi</i>, agrônomo, ecologista e naturalista brasileiro. • Dia 15 de junho, entrevistou <i>Paulo Fraga Rodrigues</i>, médico veterinário e ecologista por vocação.
1989	<ul style="list-style-type: none"> • Dia 17 de maio, entrevistou <i>Cláudio Pádua</i>, biólogo que desenvolveu pesquisa e morou na reserva Morro do Diabo, interior de São Paulo.
1991	<ul style="list-style-type: none"> • Conversou sobre a cidade de Cubatão no dia 04 de janeiro com <i>João Regis Guillaumon</i>, engenheiro agrônomo e ecologista.
1992	<ul style="list-style-type: none"> • Dia 26 de outubro, entrevistou Antonio Carlos Macedo, Fundação Florestal, em São Paulo. • Dia 02 de novembro, entrevistou um Tenente da Polícia Militar, chamado Wagner, do 1º Batalhão da Polícia Florestal, em São Paulo.

Estimulado pela sua visão de mundo, Warren Dean selecionou da realidade concreta um tema de interesse público, não apenas nacional, e que fosse capaz de contribuir com o planejamento do desenvolvimento brasileiro. É sob este duplo conjunto de fatores – a perspectiva científica e a visão de mundo – que todo o elenco de temas, fontes, métodos e abordagens se define.

John McNeill, autor de trabalhos que trataram da historiografia ambiental de vários países, salientou que nas décadas de 1970 e 1980, muitos estudiosos encontraram na história ambiental uma oportunidade para criticar o desempenho ecológico de sociedades, empresas, e até mesmo pessoas, escrevendo narrativas de degradação. Segundo esse pesquisador, Warren Dean estaria numa determinada tradição de historiadores ambientais adeptos da abordagem conhecida como *declensionist*. De acordo com McNeill:

Ao explorar os impactos ecológicos do colonialismo e do capitalismo, os historiadores ambientais da América Latina enfatizaram temas familiares, frequentemente presentes em outros contextos, tais como a instalação de economias de *plantation* e a disseminação do desmatamento. [Warren] Dean tratou desses temas no seu último livro, uma obra de investigação e um modelo de pesquisa politicamente comprometida. Ele usou a história de uma extensa floresta desde os tempos pré-colombianos até a década de 1990, enfatizando a aceleração de sua devastação em face de agendas econômicas míopes. O livro encontra-se justamente na tradição *declensionist* da história

ambiental, e consistente com o *raubwirtschaft* (economia de pilhagem), tema de destaque na geografia histórica da América Latina (tradução nossa)³²¹.

Nesta perspectiva, ainda, de acordo com o autor, buscam-se no passado “modelos” de sociedades que tenham se comportado com “prudência ecológica”, portanto, quando os ecossistemas ainda estavam preservados. Desde então, parece que tudo foi sendo implacavelmente destruído³²².

O início de “A ferro e fogo” é emblemático da perspectiva adotada. Descreve a “paisagem atual”, composta por um trecho da Mata Atlântica. Warren Dean narra o que vê do alto do avião que o transportava de Minas Gerais ao Rio de Janeiro: “paisagem cicatrizada pelo trabalho humano; incisões talhadas por séculos de mineração, agricultura e pecuária imprevidentes”. E emite seu juízo: “não há nada de notável nesse terreno humanizado”³²³. Essa “paisagem cultural” contrastava, segundo a suposição do historiador, com a “paisagem natural” que outrora dominava aquele cenário:

(...) se voasse de volta no tempo, o viajante teria olhado para um interminável tapete verde, salpicado de glória de árvores inteiras em plena floração – o rosa-púrpura de sapucaias, o branco e vermelho de copaíbas, o amarelo de guapiruvus, o violeta de jacarandás. Seus habitantes originais a chamavam de *caâetê*, a floresta verdadeira, a floresta ileisa³²⁴.

Sob influência de Carl Sauer, reconhecia que a configuração da paisagem atual estava estreitamente ligada ao passado de modo que o presente se tornaria ininteligível sem o estudo das suas raízes históricas.

Não podemos deixar de observar, ainda, a forma como Warren Dean caracterizou a cidade do Rio de Janeiro: uma megalópole “sufocante, desordenada e insensata”³²⁵. Esse tipo de construção imagética e depreciativa também havia sido feita por Claude Lévi-Strauss e

³²¹ MCNEILL, John R. The State of the Field of Environmental History. *Annual Review of Environment and Resources*. 35, 2010, p. 356-7. Tradução de: In exploring the ecological impacts of colonialism and capitalism, Latin American environmental historians emphasized themes often familiar in other contexts, such as the installation of plantation economies and the spread of deforestation. [Warren] Dean took up both in his final book, a masterpiece of research and a model of politically committed scholarship. He took the story of a sprawling forest from pre-Columbian times to the 1990s, emphasizing the accelerating retreat of the forest in the face of short-sighted economic agendas. The book is squarely in the declensionist tradition of environmental history, and consistent with the *raubwirtschaft* (plunder economy) theme prominent in Latin American historical geography.

³²² Id. *Ibid.*, p. 356.

³²³ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 19.

³²⁴ Id. *Ibid.*, p. 20.

³²⁵ Id. *Ibid.*

publicada no seu livro “Tristes Trópicos”. Ao se deparar com a paisagem da baía de Guanabara, o antropólogo francês teve a sensação de estar diante de uma boca desdentada:

(...) sinto-me tanto mais embaraçado para falar do Rio de Janeiro, que me desagrada, a despeito da sua beleza tantas vezes celebrada. Como direi? Parece-me que a paisagem do Rio não está na escala das suas próprias dimensões. O Pão de Açúcar, o Corcovado, todos esses pontos tão louvados parecem ao viajante que penetra na baía como tocos de dentes perdidos nos quatro cantos de uma boca banguela³²⁶.

Ambos olhares estrangeiros observam a paisagem da “cidade maravilhosa” sob uma perspectiva esteticamente negativa. Se no caso do francês essa observação não passou de apenas um juízo estético qualquer, para o norte-americano, todavia, a paisagem humanizada, simbolizada pela urbanização, comportava lições importantes sobre as sociedades pretéritas e presente. Conforme se deduz do seu questionamento: “Existe algo a aprender com as transformações que se operaram nesse grande platô durante 10 mil anos de ocupação humana?”³²⁷.

A floresta atlântica é vista como um ecossistema que, como um todo, se aproxima de um estágio de clímax, isto é, uma associação de espécies em que a diversidade, complexidade e especialização atingiram um máximo na sucessão ecológica e um equilíbrio com o meio. Após seguidas perturbações, esse ecossistema configura-se como “um palimpsesto de formas e relações superpostas, refletindo a experiência evolutiva em padrões geográficos complexos e intrigantes”³²⁸. Warren Dean destacou as características da Mata Atlântica, como complexidade, diversidade, ausência de dominância, endemismo, o que, segundo ele, as tornam “grandes santuários da vida”.

Nestas condições, a integridade do sistema pode mostrar-se extremamente difícil de ser mantida ou reconstituída, na eventualidade de intervenção externa. “Daí a tragédia”. A destruição dessas florestas, diferentemente das florestas temperadas com uma capacidade de regeneração maior, pode ser irreversível³²⁹. Essa distinção é fundamental para Warren Dean, pois a partir dela se eximia da possível acusação de “injustiça” por não tratar da destruição das florestas temperadas empreendida pelos países ricos. Afinal, estas florestas não estavam sujeitas à extinção como as tropicais.

³²⁶ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução Wilson Martins. São Paulo: Anhembi, 1957. p. 78.

³²⁷ Id. *Ibid.*, p. 20.

³²⁸ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 37.

³²⁹ Id. *Ibid.*, p. 23.

Na trilha de James Malin, Warren Dean procurou reconciliar análises da história, economia política e ecologia, o que provocou uma reinterpretação de tópicos e conceitos tradicionalmente utilizados na historiografia. Um aspecto fundamental a ser destacado é que a floresta, como objeto, passou ao centro da sua análise, ou mais do que isso, conforme observou Arthur Soffiati em comentário sobre o livro: “Warren Dean não olha mais de fora os ambientes nativos. Antes, aloja-se em seu interior e examina com melancolia os golpes desferidos contra eles pelas sociedades humanas”³³⁰. Assumiu, portanto, um posto privilegiado para quem se interessava em acompanhar o impacto provocado pelos humanos, desde o “primeiro encontro”.

O comportamento humano nas chamadas frentes pioneiras e na fronteira – no ecossistema – também foi associado às sucessões ecológicas, adquirindo características de espécies invasoras. As espécies invasoras tendem a ter um crescimento rápido, serem resistentes e livres de complexas interações com outros componentes do sistema. Conforme ele mesmo nos explica:

Como agente perturbador de um sistema, o homem pode ser considerado uma espécie invasora. Locais naturalmente perturbados muitas vezes são a interface de dois biomas – os ecótonos. Em termos humanos, tais zonas naturalmente ocorrentes não são análogas a fronteiras? O termo “fronteira”, que os historiadores nos EUA acharam tão inevitável, embora ideologicamente desagradável, refere-se a uma realidade física. A fronteira é concebida da forma mais concreta, materialista e parcimoniosa como um ecossistema relativamente inalterado, um ecossistema que demonstra alto potencial para exploração pelo grupo invasor³³¹.

Warren Dean pretendeu inverter, assim como Malin, o sentido da análise tradicional da história das florestas – “do homem para a floresta”. Nesta modalidade de história florestal, “a floresta é reserva viva de madeira” e os “relatos estão repletos de intencionalidade humana, transbordantes de ambição saciada, o enredo do teatro e do folclore (...)”. Neles, “as florestas não são reconhecíveis em sua entelúquia, como sociedades compostas por milhares de espécies de plantas e animais”. Aproxima-se, portanto, do conceito de fronteira de Malin, ao afirmar que: “essas histórias de um breve momento na passagem das nações pela experiência da ‘fronteira’ não narram o encontro com o mundo natural mas a representação de uma fase na evolução de suas atividades e organizações técnicas”³³².

³³⁰ SOFFIATI, Arthur. Uma floresta e seus assassinos. Resenha de: Dean, Warren. A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica. *Jornal do Brasil*, 8 mar. 1997.

³³¹ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 57-8.

³³² Id. *Ibid.*, p. 22.

Warren Dean acompanhou a floresta e os processos naturais de evolução que regem o seu desenvolvimento, procurando explicar as tensões a que o ecossistema foi submetido por seguidas incursões de grupos humanos. O foco recaiu nas relações entre ambiente e cultura:

Esta história da Mata Atlântica não é uma história natural; ou seja, não é uma explicação das criaturas da floresta e das relações que estas mantêm entre si. É, antes, um estudo da relação entre a floresta e o homem. (...) A intenção foi a de retratar a Mata Atlântica como algo mais que uma atraente reserva de recursos ou um desafio à ambição humana³³³.

Na intenção de revelar este “algo mais”, outra característica, presente no livro, relacionada à abordagem das relações *floresta-humanos*, é o uso constante de metáforas que aludem à conquista, guerra, dominação. O imperialismo era um tema caro ao autor e certamente exerceu alguma influência a este respeito. Esse recurso narrativo serviu para acentuar a forma como ocorreu a “invasão” humana da Mata Atlântica, ela também representada como “algum império remoto, antigo, (...) com seus habitantes (...) invencíveis em seu domínio perfeito e total, ainda que com suas formações extremamente quebradiças e vulneráveis”³³⁴. A floresta passa a figurar não mais como um personagem secundário na trama investigada pelo historiador. Ao contrário, ela ocupa agora o centro do palco, o enredo principal da própria história. Neste sentido, a floresta passava a ser vista também sob a perspectiva “*from the bottom up*”, assim como em *Rio Claro* (1976), livro em que os escravos figuraram como agentes cruciais na luta pela abolição da escravatura. Há, portanto, em relação à floresta, uma espécie de “defesa da minoria”, do “vulnerável”. Em resenha escrita de livro de Joe Foweraker, em 1984, Warren Dean expôs de forma clara a sua perspectiva:

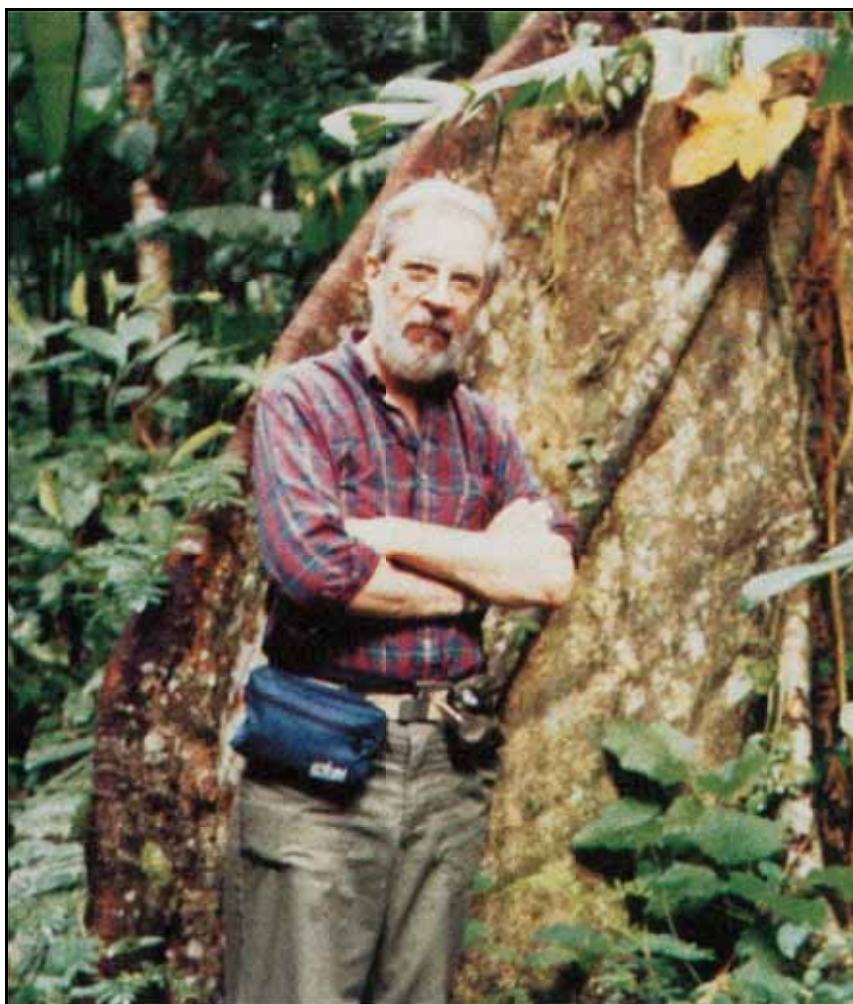
Qualquer pessoa que viaja ao longo da fronteira brasileira contempla uma cena de puro terror: ataque genocida a povos tribais, a devastação irreversível da floresta em clímax pelo fogo e pela serra, a expropriação e massacre de agricultores pioneiros. Tudo isso se encontra além da imaginação, como um vandalismo fútil, pois produz apenas um lucro volátil, e tudo o que resta ao final é um terreno baldio (tradução nossa)³³⁵.

³³³ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 28.

³³⁴ Id. Ibid., p. 37.

³³⁵ Cf. DEAN, Warren. Resenha de: Foweraker, Joe. *The Struggle for Land: A Political Economy of the Pioneer Frontier in Brazil from 1930 to the Present Day*, 1981. *The American Historical Review*, v. 89, n. 4, Oct., 1984, p. 1193. Tradução de: Anyone who travels along the Brazilian frontier beholds a scene of pure horror: genocidal assault on tribal peoples, devastation by fire and chainsaw of irreplaceable climax forest, and dispossession and massacre of pioneer farmers. All this is on a scale vast beyond imagining and is utterly vandalistic and futile, for it yields only the most evanescent of profit, and all that remains in the end is a wasteland.

Fonte fundamental de informação, seus cursos de história ambiental na *New York University*, permite-nos conhecer as mudanças e as continuidades sobre determinados enfoques ou temáticas. Este é o caso, por exemplo, do curso oferecido durante o ano letivo de 1984-85. Nesse ano, verifica-se uma alteração significativa no enunciado da disciplina oferecida. O título anterior: “History of the human relation to natural environmental” (“História das relações humanas com o ambiente natural”) mudou para: “Man against nature” (“homens contra a natureza”). Embora o conteúdo da ementa tenha permanecido o mesmo das publicações anteriores da revista da Faculdade, a alteração do título sugere uma mudança de enfoque e do tipo de crítica³³⁶. O foco não estava mais nas “relações” entre os humanos e o ambiente natural, mas sim no “assalto” do homem à natureza.



Fotografia 1: Warren Dean, provavelmente em visita à Amazônia, s/d. (*Alumni News Magazine*, primavera, 1990, p. 15)

³³⁶ Ementa do curso: “The history of the human relation to the environmental and the impact of man on the biosphere (and vice-versa) since the discovery of fire. Fundamentals of human experience, such as farming techniques, disease prevention, energy production, demographic growth are explored as background to the present crisis”. In: *New York University Bulletin*, v. LXXXVI, n. 2, Mar. 10, 1986.

Em suas pesquisas, Warren Dean não se concentrou somente em arquivos, centros de documentação e universidades. Buscou “vivenciar a história” por meio do trabalho de campo, das entrevistas com especialistas e das constantes visitas a reservas florestais. Acompanhou *in loco* o avanço da civilização industrial sobre a floresta no interior do Estado de São Paulo durante a década de 1970. Seus constantes contatos com essas áreas mais remotas, onde a “fronteira”, vívida e “ameaçadora”, ainda podia ser tocada, renderiam lições importantes de história. Os remanescentes florestais protegidos em parques que visitava com frequência, eram vistos pelo pesquisador ambiental como “vítimas”, sobreviventes de permanentes “ataques” e “invasões” humanas que não as conseguiram destruir em definitivo. Nas suas palavras:

A América do Sul (último continente tropical a ser invadido pelo homem) é, portanto, o campo de batalha mais recente para o historiador florestal, no qual todos os que tombaram ainda jazem insepultos e os vencedores ainda vagueiam por toda a parte, saqueando e incendiando o entulho³³⁷.

Acreditamos que Warren Dean pretendia não só contribuir com a revisão do conceito de “fronteira”, usualmente aplicado à história das florestas, como também quebrar a lógica da dominação presente na sociedade. Ao deslocar o foco da análise para a floresta (e tudo o que ela representa), toda a carga ideológica também se inverte, anulando-se a subjetividade antropocêntrica subjacente ao uso do conceito de fronteira. Essa foi a estratégia utilizada pelo autor para criticar toda forma de imperialismo e hierarquias. A mesma lógica da dominação do mundo natural estaria interligada à dominação do homem pelo homem, conforme ele explica. Questionado em entrevista por Maria Luisa Nabinger de Almeida, sobre qual seria a relação entre ecologia e a violência, Warren Dean afirmou:

Eu prefiro enfatizar a ligação provável entre a dominação da natureza e a dominação do homem pelo homem. Willian Leiss, autor de *The Domination of Nature*, remonta, em seu livro, à Inglaterra dos anos de 1600, quando se formulava um programa nacional. Entre as pessoas importantes que participavam desse projeto, encontrava-se Francis Bacon, cujas pregações em favor de um Estado-Nação forte enfatizavam a necessidade de se dominar a natureza também. Quer dizer, **a consciência de que a natureza era mesmo algo para ser dominada pelo homem tem origem no paradigma de uma sociedade hierarquizada, exatamente como os animais e a própria natureza.** Não há, exatamente, uma idéia de violência, mas de dominação (grifo nosso)³³⁸.

³³⁷ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996, p. 23.

³³⁸ ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. Entrevista com Warren Dean. *Revista de História*, op. cit., 1995. p. 102.

Alcançar um outro patamar de desenvolvimento, no qual sejam predominantes os ideais liberais e democráticos, exigiria, também, uma mudança radical na postura dos humanos em relação ao mundo natural. Há, como em Jean Dorst e Carl Sauer, uma ética biocêntrica e preservacionista funcionando como um dinamismo da argumentação do autor. Em suas palavras:

A preservação de florestas deve, portanto, basear-se em algo além do argumento do auto-interesse cultural, ambiental ou econômico; talvez em uma concepção de interesse que apenas se poderia definir por um autoconhecimento mais perspicaz e uma compreensão mais profunda e filosófica do mundo natural³³⁹.

Um último aspecto essencial que merece destaque refere-se ao plano da obra e ao método de trabalho adotado por Warren Dean. Trata-se de um método histórico-dedutivo, que consiste no estudo de hipóteses e problemáticas submetidas a testes empíricos e ao confronto com os fatos, para a verificação de sua validade. Daí a demanda por uma grande diversidade de fontes. Em função da produção de novos conhecimentos, busca-se aprimorar e precisar teorias ou ideias já estabelecidas sobre determinado objeto. Neste sentido, não deixa de ser um recurso revisionista na medida em que se buscam novas formas de interpretação e análise. Vejamos, portanto, como esse método funcionou na prática.

A variedade e a quantidade de fontes utilizadas por Warren Dean nesse trabalho impressionam qualquer pesquisador. Empreendeu pesquisas em bibliotecas e arquivos, tanto nos Estados Unidos – principalmente em New York, New Haven e Washington – quanto no Brasil – sobretudo em São Paulo e Rio de Janeiro. O *corpus documental* foi composto, dentre outros tipos de fontes, por crônicas e relatos de viajantes e naturalistas, literatura científica, relatórios do governo, notas de campo de cientistas naturais, entrevistas a silvicultores e técnicos agrícolas, títulos de terra e uma série de materiais secundários.

As hipóteses sobre as relações entre florestas e humanos ao longo do tempo foram extraídas da documentação, e de acordo com orientações e avaliação de especialistas sobre a relevância das informações. A partir dessa seleção inicial e ajuste da problemática, foram elaboradas notificações, submetidas, posteriormente, a um ordenamento provisoriamente cronológico e temático. O desenvolvimento da pesquisa demonstra a consistência, interrelação e significado explicativo das notas, as quais são escritas sucessivamente até que, finalmente, uma seção da própria monografia fosse produzida. Então, vários temas da

³³⁹ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 24.

historiografia são estudados a partir do problema principal e das hipóteses selecionadas, buscando-se, deste modo, escrever uma síntese do assunto.

A monografia publicada em forma de livro, em 1995, foi o resultado de aproximadamente 15 anos de pesquisa sobre a devastação da Mata Atlântica. O trabalho teve início efetivo por volta de 1978 e encerrou-se em 1992³⁴⁰. As informações organizadas na tabela abaixo retratam o processo de pesquisa e divulgações dos seus resultados que antecederam à publicação do livro:

Quadro 8: Publicações das seções que compuseram o livro *With Broadax and Firebrand*

Ano	Pesquisa e divulgação dos resultados que compuseram o livro “A ferro e fogo”
1979	<ul style="list-style-type: none"> • Bolsa: <i>American Council of Learned Societies Travel Grant</i>; • Palestra no departamento de história da Universidade do Texas, em Arlington. 14º encontro anual sobre Walter Prescott Webb. Resultaria na publicação do artigo “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil” (1981).
1980	<ul style="list-style-type: none"> • Bolsas: <i>Faculty of Arts and Sciences Travel Grant</i> e <i>John Simon Guggenheim Foundation Fellow</i> • Pesquisa: “Frontier in Brazilian history”.
1981	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo: “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (eds), <i>Essays on Frontiers in World History</i>.
1982	<ul style="list-style-type: none"> • Bolsa: <i>American Philosophical Society Travel Grant</i> • Palestra no <i>Seminar Brazil</i>: “Indigenous Populations of The Sao Paulo/Rio de Janeiro Coast Trade, Aldeamento, Slavery And Extinction (16th Century). Resultaria na publicação do artigo: “Indigenous Populations of the São Paulo-Rio de Janeiro Coast: Trade, Aldeamento, Slavery and Extinction”. <i>Revista de História, São Paulo</i>” (1984).
1985	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo: “Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955”. <i>Environmental Review</i>.
1986	<ul style="list-style-type: none"> • Artigo: “A floresta como fonte de energia na urbanização e na industrialização de São Paulo: 1900-1950”. In: <i>Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia</i>.
1989	<ul style="list-style-type: none"> • Conferência no <i>Instituto de Estudos Avançados</i> da USP, no dia 21 de junho: “A Botânica e a Política Imperial”; • Terminou o quarto capítulo e começou o quinto; • Artigo: “The Green Wave of coffee: beginnings of tropical agricultural research in Brazil (1885-1900)”;
1990	<ul style="list-style-type: none"> • “The Frontier in Brazil”. In <i>Frontier in Comparative Perspectives: The United States and Brazil</i>, ed. Janaina Amado, Woodrow Wilson Center Latin

³⁴⁰ De acordo com relatos de Raquel Rolnik e Maria Luisa Nabinger de Almeida, ambas auxiliaram Warren Dean na pesquisa de materiais sobre a floresta, por volta de 1978. Em outro documento, um relatório anual destinado à “Budget Committee”, em 23 de março de 1994, referente ao ano de 1993, ficamos sabendo que Warren Dean submeteu a monografia “With Broadax and Firebrand” à University Califórnia Press. Isto significa que em 1992 a pesquisa já teria sido encerrada. Vale lembrar, ainda, que Warren Dean nessa época encontrava-se engajado em outro trabalho, visando a publicação do livro “A contemporary Environmental History of Latin América”.

	<i>American Program</i> , paper n°. 188;
1991	<ul style="list-style-type: none"> • Bolsa: <i>Royal Geographical Society</i> • “A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil”. <i>Estudos Históricos</i>, Rio de Janeiro. • Verbete: “The last (guaranteed absolutely last) Frontier” In: <i>NACLA Reporto n the Américas</i>.
1992	<ul style="list-style-type: none"> • Ano sabático: morou em São Paulo com a finalidade de atualizar seu material. • Artigo: “A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial”. <i>Revista do Instituto de Estudos Avançados</i>, USP.
1993	<ul style="list-style-type: none"> • Warren Dean submeteu a monografia “With Broadax and Firebrand” para a Univ. Califórnia Press; previsão de publicação: 1995.

O quadro apresenta o histórico do andamento da pesquisa, a trajetória da consecução do livro. A exposição dos resultados, em forma de capítulos de livros, artigos, palestras e conferências, revelam o intenso e constante diálogo que Warren Dean manteve com a comunidade acadêmica, debatendo seus achados e refinando seu arcabouço metodológico e analítico.

Identificamos, ainda, os principais tópicos que formaram a arquitetura do livro: 1) fronteira; 2) o estudo da natureza no passado (antes e depois dos europeus); 3) desflorestamento; 4) conservacionismo; 5) domesticação de plantas / “imperialismo ecológico”. Foi em torno dessas temáticas/objetos que se conformou o seu modelo de história ambiental. A seguir trataremos de cada uma dessas temáticas a fim de elucidar seu conteúdo básico.

Por volta do ano de 1978, Warren Dean havia iniciado suas pesquisas sobre o desmatamento, desenvolvendo suas primeiras técnicas de quantificação para descobrir, por exemplo, o consumo de lenha destinada à produção de energia no processo de industrialização de São Paulo ou nos engenhos de fabricação de açúcar. Os resultados dessa experiência foram apresentados em 1986 no *1º Seminário Nacional de História e Energia*, promovido pelo departamento de patrimônio histórico da Eletropaulo em São Paulo. Este tipo de metodologia especulativa e quantitativa foi amplamente utilizado em outros momentos de sua pesquisa.

Em 1979, participou do ciclo de palestras realizado no departamento de história da Universidade do Texas, em Arlington, no XIV evento anual *Walter Prescott Webb Memorial Lectures*. Assim como Frederick Jackson Turner e James Malin, Walter Webb, historiador norte-americano, também construiu sua tese sobre Fronteira. O evento foi um exame crítico das hipóteses de Fronteira, tão caras à historiografia norte-americana, privilegiando o debate em torno dessa temática em perspectiva comparativa e em âmbito mundial.

Para dar andamento a esta pesquisa, “Frontier in Brazilian history”, Warren Dean recebeu uma Bolsa da *John Simon Guggenheim Foundation Fellow*³⁴¹. O resultado foi publicado em 1981 na forma de capítulo, intitulado “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”, que compôs o livro *Essays on Frontiers in World History*, organizado por George Wolfskill e Stanley Palmer.

Esse estudo tratou da Fronteira no oeste paulista – região bastante familiar a Warren Dean – sob um ponto de vista ecológico e em uma perspectiva de tempo longo. Optou, como em outros estudos, focar a transição refletida pela fórmula “antes e depois da chegada do homem branco”. Outros temas como a transformação institucional, o papel dos governos e as populações nativas ao longo da fronteira foram considerados em sua relação com o tema da degradação resultante da colonização dessa área.

Desde que visitou a região pela primeira vez, por volta de 1974, o brasilianista acompanhou o processo de transformação daquela paisagem desencadeada pela revolução industrial do campo. A partir dessa experiência, constatou que as florestas de São Paulo estavam muito reduzidas e consideravelmente degradadas em relação ao seu estado original³⁴². Chamava sua atenção, ainda, o fato de a prática de derrubada de floresta por meio de queimadas, com o objetivo de abrir pastos para o gado, considerada “extremamente imprudente e inútil”, continuar sendo realizada na Bacia Amazônica³⁴³.

Propôs-se a reconstituir a história desse processo de degradação florestal em busca de suas causas, desde o início da ocupação, pelos povos indígenas, até tempos recentes. Descobrir a distribuição original da vegetação, reconstruir o ambiente florestal do passado, constituiu um importante, porém difícil, problema epistemológico. Decorreu deste obstáculo a necessidade de conhecer o instrumental interpretativo das ciências naturais, que passou a ser imprescindível.

Em contraposição às formas “primitivas” de relacionamento com a floresta, Warren Dean destacou o “sentido da colonização” europeia e seus efeitos sobre o ambiente natural na fronteira. A “invasão” dos europeus, afirma ele, foi um exercício de apropriação em que a terra e seus recursos naturais tornaram-se parte de um estoque de capital em posse de um número relativamente pequeno de pessoas³⁴⁴. Tal posse possibilitou a dominação da

³⁴¹ Frequentemente caracterizadas como prêmios de “meio de carreira”, as Bolsas *Guggenheim* eram direcionadas para pesquisadores com comprovada qualificação para produção acadêmica.

³⁴² DEAN, Warren. Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (Eds), *Essays on Frontiers in World History*, op. cit., 1981, p. 59.

³⁴³ Id. *Ibid.*, p. 79.

³⁴⁴ Id. *Ibid.*, p. 76.

sociedade da fronteira, sem uma preocupação em melhorar a qualidade de vida das pessoas, conforme concluiu:

Em resumo, o destino da fronteira em São Paulo era ter seus recursos naturais despojados, seus ecossistemas severamente danificados e seus habitantes nativos praticamente exterminados. Quem realizou esse processo, no entanto, considerava a sua obra como uma conquista brilhante (tradução nossa)³⁴⁵.

A exploração do oeste paulista não havia produzido um desenvolvimento das “potencialidades humanas” para os colonos, porque a empresa reproduzia as desigualdades da própria sociedade conquistadora, a portuguesa. Embora a cafeicultura tenha proporcionado a elevação dos padrões materiais, o resultado final para a região foi uma base agrícola enfraquecida.

Apesar dos esforços e do comprometimento dos “descendentes dos colonos originais” em gerir os recursos restantes dessa fronteira, Warren Dean apontou para um processo em expansão, que já havia atingindo o Paraná, Mato Grosso, Goiás, e seguiria adiante na direção da Amazônia³⁴⁶.

Esse texto também pode ser considerado uma espécie de “plano piloto” da sua monografia. Em estudos posteriores, as premissas e tendências identificadas na análise da fronteira no oeste paulista seriam generalizadas, testadas em outros contextos e regiões da Mata Atlântica. Alguns dos temas seriam aprofundados e novos surgiriam, como o que foi apresentado pelo autor na reunião do *Seminar Brazil* da Columbia University do dia 15 de abril de 1982.

Nesta ocasião, discorreu sobre o tema “The environmental history of the Brazilian littoral”, baseado no texto: “Indigenous Populations of the Sao Paulo/Rio de Janeiro Coast Trade, Aldeamento, Slavery And Extinction (16th Century), que seria publicado em 1984 na *Revista de História* de São Paulo, além de compor os capítulos 2 (A primeira leva de invasores humanos) e 3 (A segunda leva de invasores humanos) do livro³⁴⁷. O interesse por essa temática remete aos estudos antropológicos, à sociologia de Florestan Fernandes –

³⁴⁵ DEAN, Warren. Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (Eds), *Essays on Frontiers in World History*, op. cit., 1981. p. 81. Tradução de: In summary, the fate of the Sao Paulo frontier was to have its natural resources despoiled, its ecosystems severely damaged, and its native inhabitants virtually exterminated. Those who accomplished this process nevertheless regarded their work as a brilliant achievement.

³⁴⁶ Id. Ibid., p. 82.

³⁴⁷ DEAN, Warren. Indigenous Populations of the São Paulo-Rio de Janeiro Coast: Trade, Aldeamento, Slavery and Extinction. *Revista de História*, São Paulo, n.117, p. 3-26, 1984.

notadamente seu ensaio sobre os Tupinambás – à arqueogeografia de Carl Sauer e à ecologia histórica de William Baleé³⁴⁸. Porém, predominou a influência da demografia histórica, particularmente o debate ocorrido nas décadas de 1970 e 1980 sobre as populações pré-colombianas. Dentre os autores, o principal foi William Denevan³⁴⁹.

Denevan realizou uma série de estudos na América Latina sobre solos antrópicos, estratégias agrícolas e populações pré-colombianas. Constatou, por exemplo, que os habitantes indígenas das savanas da Bolívia foram capazes de modificar a paisagem para alimentar populações relativamente grandes. Para a reconstituição desse ambiente, interpretou relatos históricos dos colonizadores e artefatos arqueológicos. Com base nessas pesquisas, elaborou a tese de que a população indígena na América Latina antes da chegada dos europeus era muito maior do que se pensava e que as conseqüências fatais do contato (genocídio e doenças) tinham levado à extinção de cerca de 90% dos habitantes nas terras baixas do continente nos primeiros 100 anos após esse encontro. O suposto espaço vazio que os conquistadores encontraram não passava, segundo Denevan, de um “mito prístino”³⁵⁰. Warren Dean se basearia enormemente desses achados, como podemos notar na sua crítica:

É surpreendente que a realidade de um Novo Mundo densamente povoado, castigado por doenças subitamente introduzidas, foi negada não só por aqueles que a testemunharam, mas também por todos os seus descendentes, por mais de 400 anos, em interminável cadeia de cumplicidade que permitiu aos neo-europeus arrogarem-se herdeiros de uma terra vazia, uma “fronteira” ilimitada³⁵¹.

Aproximou-se, portanto, de estudos relacionados a valores culturais e a questões de desenvolvimento e mudança cultural. Neste sentido, buscou apoio na antropologia para entender o relacionamento do homem com o meio ambiente em sociedades mais tradicionais.

³⁴⁸ Sobre a Ecologia História: BALÉE, William. The Research Program of Historical Ecology. *Annual Review of Anthropology*, 35, p. 75-98, 2006. Em 1981, Warren Dean organizou o livro *Reflections on the Brazilian Counter-Revolution: Essays by Florestan Fernandes*, na intenção de apresentar o pensamento do intelectual brasileiro para o público norte-americano. Como forma de retribuir a amizade e de reconhecimento do seu espírito democrático, o deputado Florestan Fernandes enviou para Warren Dean, com dedicatória, um cópia da Constituição brasileira de 1988. A cópia encontra-se no arquivo instalado na sala *Warren Dean*, no departamento de história da NYU.

³⁴⁹ DENEVAN, William M. *The Native Population of the Americas in 1492*. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1976.

³⁵⁰ MATHEWSON, Kent, SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, op. cit., 2008. p. 82.

³⁵¹ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 80.

Os antropólogos conhecem as populações cuja maneira de viver persiste em ambientes mais ou menos intocados, ou pelo menos estáveis³⁵².

O estudo tratou, *grosso modo*, da relação entre demografia e degradação ambiental, buscando compreender o impacto das populações indígenas no meio ambiente da região sudeste do Brasil, no contexto dos primeiros contatos com os europeus. Tratou da “evolução” da floresta (fontes, perspectivas e problemas – o estudo do funcionamento da natureza no passado), empregando informações de outras áreas do conhecimento, como a arqueologia e a ecologia, no estudo das relações homem-natureza antes dos registros escritos e das crônicas e relatos de viajantes e naturalistas. Indagou se os primeiros humanos que habitaram a Mata Atlântica poderiam ser considerados entre os que conseguiram um equilíbrio com seu meio natural. Investigou, além disso, se a primeira visão dos europeus que aqui chegaram foi de uma paisagem alterada ou original. O foco recaía, novamente, sobre a transição nas relações cultura-floresta “antes e depois dos europeus”, comparando-se a densidade demográfica e os efeitos culturais sobre a floresta.

Uma diferença relevante em relação ao seu estudo sobre a fronteira é o alargamento da escala espacial de análise, do oeste paulista para a região sudeste do país, abarcando, principalmente, os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

No ano seguinte, em 1983, publicaria um capítulo sobre o desmatamento, intitulado “Deforestation in Southeastern Brazil”, para o livro *Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy*, organizado por Richard Tucker e J. F. Richards. Nesse texto, dois aspectos merecem destaque.

Sob a influência do ambiente intelectual do NYBG, a floresta como categoria de análise, deslocava-se para o centro da problemática, tornando-se “protagonista”. Warren Dean começava a lançar um novo olhar sobre a floresta, conforme o excerto: “The forest under study represents an especially serious case of biological loss since it was undoubtedly very complex and presented a high degree of endemism”³⁵³. Ela passava a ser valorizada por sua função ecológica, especialmente por sua complexidade e endemismo. Esse entendimento mais amplo divergia, portanto, daquele no qual a floresta figura como um simples capital natural, uma reserva de madeira ou um espaço inóspito e sem valor que não o econômico.

Outro aspecto que chama a atenção é a generalização da análise buscando-se compreender a maior parte da cobertura da Mata Atlântica. Os temas examinados inicialmente

³⁵² DRUMMOND, José Augusto; GOMES, Ângela de Castro. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, op. cit., 1990, p.109.

³⁵³ DEAN, Warren. Deforestation in Southeastern Brazil. In: TUCKER, Richard and Richards, J. F., eds. *Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy*, op. cit., 1983. p. 50.

no texto sobre o oeste paulista, além desta alteração na escala espacial, foram aprofundados e um conjunto maior de dados, agregado. Os “ciclos de exportação” (Mineração, Cana-de-açúcar e Café) receberam destaque. Como novidade, ainda, apresentou um histórico dos esforços de preservação das florestas.

Em meados da década de 1980, Warren Dean empenhou-se no tema do conservacionismo no Brasil. Em 1985, por exemplo, ministrou o curso “História e Ecologia: história do conservacionismo no Brasil”, uma disciplina no Departamento de História da USP, no programa de Pós-Graduação de História Social³⁵⁴. Sobre esse assunto publicou o artigo “Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955”, o qual formou partes dos capítulos 10 (Especulação e conservação) e 11 (Nomadismo industrial, industrialismo predatório) do livro.

Nesse texto, Warren Dean advertiu que o século XX foi suficientemente informado sobre o grau e a irreparabilidade dos prejuízos que foram impostos à sua base de recursos. Isto porque a perda de floresta primária não foi um tema importante em relatórios do governo ou científico antes de 1930. Até então, a atenção burocrática foi direcionada para questões de recursos ou para conseqüências sociais da agricultura itinerante, hostis aos interesses da coroa. O primeiro sinal de interesse ao uso mais racional dos recursos surgiu nas memórias publicadas pelo diretor do Jardim Botânico Real, Domenico Vandelli, em 1789. José Mariano Conceição Veloso, botânico brasileiro, reiterou as advertências de Vandelli em uma série de relatórios de pesquisa no final de 1790.

Um outro exemplo mencionado diz respeito à decisão do conselho municipal do Rio de Janeiro, na década de 1860, de levar a cabo um programa de reflorestamento Tijuca, a fim de sanar a falta de água na sede do governo. Já no século XX, mereceu destaque o estabelecimento de reservas legais (Itatiaia, Mantiqueira, Serra do Mar), trechos de floresta que começavam a receber proteção como estações de pesquisa biológica. Warren Dean observou que a conservação e a preservação, apesar do amplo debate público, não atingiram a base política do governo até os anos de 1970. Mas não surtiria efeito, pois o desmatamento

³⁵⁴ Programa do curso: 1 – Conceitos de ecologia-ecossistemas, energia, produtividade, reciclagem, evolução e clima; meio ambiente natural e a evolução cultural humana; 2 – Ecologia e história, interações do homem e natureza, alguns enfoques na historiografia recente; 3 – História e meio ambiente natural brasileiros, origens da problemática ecologista; 4 – História das crises ambientais contemporâneas; ecossistemas, economia e sociedade de classes; 5 – Governo, estado e nação na formulação da política ambiental; modelos e programas nacionais; 6 – Comunidade, democratização, liberação e a sobrevivência da natureza; a convergência de propósitos.

Agradeço ao professor Nilson Cortez Crócia de Barros, que participou como aluno deste curso, pelo fornecimento de informações, inclusive o plano de aulas.

continuaría em um ritmo ainda mais rápido com a introdução de caminhões a gasolina e o diesel alimentando a moto-serra³⁵⁵.

O último tema-chave, já mencionado no capítulo anterior, trata-se da domesticação e aclimação de plantas, da história das origens e dispersões biológicas e culturais pelo mundo tropical, um ramo da botânica econômica, mas que também encontrava pesquisadores engajados na historiografia e na geografia norte-americanas³⁵⁶.

Em 1989, realizou uma conferência sobre esse assunto no *Instituto de Estudos Avançados* da USP, intitulada “A Botânica e a Política Imperial”, posteriormente publicada em duas revistas brasileiras³⁵⁷. Estudou os efeitos na natureza tropical provocados pela colonização portuguesa do Brasil sob a perspectiva do “imperialismo ecológico”, termo cunhado por Alfred Crosby. Isto é, a introdução de espécies de plantas e animais na colônia americana, já domesticados e aclimatados em outras partes do império português. Era de seu interesse, então, o estudo da adaptação dos europeus ao regime agrícola extremamente exigente de reservas florestais, a sua intensificação por meio do uso de instrumentos de ferro, a coleta na floresta de produtos silvestres exportáveis, a transferência de espécies exóticas capazes de substituir os produtos florestais e a introdução de espécies vegetais para o abastecimento do mercado mundial.

Consistiram essas, portanto, nas principais portas de entrada utilizadas por Warren Dean para investigar as causas do desmatamento na história do Brasil³⁵⁸. O livro “A ferro e fogo” foi estruturado a partir desse conjunto de temas, questionamentos e abordagens, o que permitiu ao autor percorrer a história da Mata Atlântica, paralela à história do Brasil, ressaltando as relações *sociedade-natureza* na perspectiva da degradação da floresta e do ideário conservacionista. A obra pretendia também ser uma resposta à iminência da extinção das florestas tropicais, com vistas às suas implicações para a evolução cultural humana e para a própria sobrevivência. Acreditava ser útil “o registro da destruição de uma floresta

³⁵⁵ DEAN, Warren. Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955. *Environmental Review*, v. 9, n. 1, p. 55-69, 1985. Uma tradução foi publicada em 1995: A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 103-116.

³⁵⁶ Conforme estudado no capítulo anterior, dois autores de referência nessa temática foram Alfred Crosby e Carl Sauer.

³⁵⁷ DEAN, Warren. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, 1991, pp. 216-228. Publicado também como “A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial”. In: *Revista do Instituto de Estudos Avançados*, op. cit., 1992.

³⁵⁸ Antes de seu falecimento, Warren Dean participou ativamente do processo de revisão e edição do livro, restando apenas alguns detalhes, cujo trabalho ficou a cargo de Jeffrey Lesser. Veja-se o relato de Lesser em WARREN DEAN (1932-1994): an appreciation. Vários Autores. *Occasional Papers*, n. 48. Fevereiro, 1996. Para a edição brasileira, José Augusto Drummond, importante historiador ambiental brasileiro, foi contratado para fazer a revisão técnica da tradução.

específica, por vergonhoso e condenatório que seja”, para esclarecer noções de preservação e responder às preocupações quanto ao aniquilamento do bioma da floresta³⁵⁹. Estava de acordo, uma vez mais, com Jean Dorst, que escreveu:

O desmatamento constituiu, e constituiu ainda, em inúmeras regiões do globo, o primeiro estágio da destruição dos meios primitivos e da degradação dos solos. (...) Infelizmente o homem não soube ler as lições da história. No passado, o machado e o fogo estão na origem de um processo infernal, pois o desflorestamento gera uma erosão acelerada³⁶⁰.

Warren Dean confiou no potencial transformador da história ambiental, até mesmo no seu papel “educativo”. É o que se depreende, por exemplo, da sua crítica à falta de consciência no Brasil, de modo geral, para o problema da degradação da Mata Atlântica, e da sua indagação:

(...) não deveria esse holocausto produzido pelo homem ser relatado de geração para geração? Não deveria o manual de história aprovado pelo Ministério da Educação começar assim: “crianças, vocês vivem em um deserto; vamos lhes contar como foi que vocês foram deserddadas”?³⁶¹

Seu trabalho, além disso, soava um alerta às autoridades brasileiras e aos planejadores do desenvolvimento a respeito do que poderia acontecer com a floresta amazônica, caso a história da destruição da Mata Atlântica continuasse a ser desconsiderada.

“A ferro e fogo” foi escrito durante a década de 1980 e finalizado no início da seguinte, período marcado no Brasil por debates político-ambientais que influenciaram as reflexões do autor. Passemos, então, a investigar como esse contexto reverberou em sua obra, ajudando a definir conceitos, inspirando a seleção de abordagens e enfoques e, em última análise, ajudando a forjar a própria concepção de história ambiental de Warren Dean.

3.3 – O uso do conceito de “Mata Atlântica”

A história ambiental do impacto humano sobre a natureza exige o conhecimento das configurações iniciais do ambiente posto em foco pelo pesquisador. Dos três níveis de atuação do historiador ambiental, destacados por Donald Worster, em termos epistemológicos, vimos que a reconstituição da floresta no passado foi a primeira e a principal dificuldade enfrentada

³⁵⁹ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 24.

³⁶⁰ DORST, Jean. *Antes que a natureza morra: por uma ecologia política*. op. cit., 1973. p. 143.

³⁶¹ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 380.

por Warren Dean. Sabe-se que o chamado Domínio da Mata Atlântica é um bioma complexo, composto por um mosaico de tipologias de florestas diversas, cada uma com características e funções ecológicas próprias. O que restou preservado da sua composição original foram trechos isolados, os quais permitem apenas especular sobre como teria sido o grande domínio da floresta tropical atlântica brasileira em seu conjunto.

A adversidade na pesquisa decorre da própria necessidade de utilização, pelo historiador, de um conceito que defina com um maior grau de precisão possível, como aquele ambiente se configurava no tempo que se dispôs a analisar. Em suas pesquisas sobre esse processo de degradação, Warren Dean utilizou um determinado conceito de Mata Atlântica (*brazilian atlantic forest*), que remete ao conjunto de características naturais que confrontou com as ações humanas em uma perspectiva histórica. Dada a relevância dessa escolha para os resultados da pesquisa histórico ambiental, convém indagar: quais as implicações do uso desse conceito como categoria de análise? Quais sentidos podem ser atribuídos à definição da escala de análise pelo historiador ambiental?

Esses questionamentos tornam-se relevantes, pois é justamente a escala de análise que coloca o pesquisador diante do seu objeto de estudo, surgindo daí a escolha do seu arcabouço metodológico e interpretativo. Segundo Bernard Lepetit, “escolher uma escala consiste então em selecionar um nível de informação que seja pertinente com o nível de organização a ser estudado”³⁶².

Nosso ponto de partida é a crítica ao conceito de “Mata Atlântica” utilizado por Warren Dean, elaborada por Christian Brannstrom, no seu texto “Repensando a Mata Atlântica brasileira: Cobertura vegetal e valor da terra no Oeste Paulista, 1900 a 1930”³⁶³.

Esse geógrafo norte-americano centrou suas pesquisas nas relações *sociedade-natureza* numa perspectiva da geografia histórica e gestão de recursos, particularmente na América Latina. O foco de seu interesse, que coincide com o de Warren Dean, é o tipo de história ambiental que se inicia com evidências das mudanças ambientais em um tempo e lugar específicos, criando um argumento causal para explicá-las. Esse tipo de pesquisa exige o conhecimento das características dos elementos naturais no passado, para se mensurar, por exemplo, as alterações nos padrões de usos do solo, o desmatamento de vegetação nativa e a

³⁶² LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998, p. 90.

³⁶³ Cf. BRANNSTROM, Christian. Repensando a Mata Atlântica brasileira: cobertura vegetal e valor da terra no Oeste Paulista, 1900 a 1930. *Varia história*, Belo Horizonte, n. 26, p. 58-76, Jan., 2002. Christian Brannstrom publicou outros trabalhos nos quais dialoga diretamente com o conceito de Mata Atlântica e a metodologia usada por Warren Dean. Para outras publicações desse autor, consultar o item “referências bibliográficas”.

extinção de animais. A questão epistemológica para este tipo de estudo refere-se a que tipo de dados, obtidos de quais fontes, em que escala cartográfica, irão fornecer as informações para se fazer uma necessária base biofísica³⁶⁴.

Entre 1994 e 1995, Brannstrom esteve na Faculdade de Ciências e Letras, Unesp/Assis (FCL-Assis) realizando pesquisa para o seu doutoramento. Estudou a base de vegetação do início do século XX no oeste paulista, usando dados obtidos no Acervo do Fórum da Comarca de Assis, como os processos de divisão e medição de terras e inventários *post mortem*, arquivados no Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, CEDAP, da Faculdade. Criou, então, uma metodologia para este tipo de documentação jurídica com vistas ao seu emprego na história do impacto humano sobre o ambiente florestal. Ajustando a escala de análise para um recorte regional, estudou as bacias hidrográficas e as propriedades físicas e químicas do solo. O autor observou a presença de um outro tipo de floresta no interior da Mata Atlântica, isto é, um mosaico de floresta composto pelas tipologias: estacional semidecidual, cerrado e cerradão. Colocou em xeque o uso do conceito da grande “Mata Atlântica”, utilizado por Warren Dean no seu livro “A ferro e fogo”, uma área de 1,2 milhões de km², com base no mapa publicado em 1988 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A busca por explicações do porquê Warren Dean teria optado pelo uso do conceito de Domínio de Mata Atlântica, em detrimento de uma escala mais reduzida, que lhe permitiria conhecer um maior número de detalhes, pode ser útil.

Antes de passarmos ao exame desse questionamento, convém fazer uma ressalva. No primeiro estudo que realizou para o livro que seria publicado em 1995, Warren Dean abordou a região do oeste paulista, a mesma analisada por Brannstrom. Nesse texto, “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”, publicado em 1981, é possível perceber não só que o autor tinha consciência da dificuldade da reconstituição da floresta no passado, como também, que essa dificuldade resultava justamente da diversidade da formação vegetal da região, como descobriria Brannstrom mais tarde em seus estudos³⁶⁵. É o que podemos depreender dos seguintes trechos:

A vegetação nativa do oeste paulista foi dividida em três tipos: floresta estacional semidecidual; campos (campos abertos, ou seja, pastagens não utilizados ou pradaria), e campos cerrados (campos "fechados" ou pastagens,

³⁶⁴ BRANNSTROM, Christian. Repensando a Mata Atlântica brasileira: Cobertura vegetal e valor da terra no Oeste Paulista, 1900 a 1930. *Varia história*, op. cit., 2002. p. 74.

³⁶⁵ DEAN, Warren. Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (Eds), *Essays on Frontiers in World History*. op. cit., 1981, p. 58 a 61.

em contraste com "variedade aberta"), mais vagamente chamado cerrados. O cerrado tem a aparência física de ser intermediário entre os outros dois. Gradações são reconhecidas localmente entre cerrado e campo, o chamado de campo sujo, e entre cerrado e floresta, o chamado cerradão (tradução nossa)³⁶⁶.

Ainda sobre esse problema do ponto de vista da pesquisa histórica, afirmou:

A floresta, o cerrado e o campo representam diferentes conjuntos de recursos. A extensão original desses recursos tem de ser primeiramente determinada. O problema é particularmente difícil em relação ao oeste paulista porque consistia em uma zona de transição, em que todos os três tipos atingiram seu alcance máximo. Não é possível, em nosso estado atual de conhecimento, determinar em que momento histórico os tipos estavam avançando e recuando. (...) O estado ecológico original do oeste paulista é difícil de descrever, porque a presença humana está presente há talvez 10 mil anos de idade, um período que pode ter incluído mudanças climáticas substanciais (tradução nossa)³⁶⁷.

Apesar da dificuldade em reconstituir o “estado ecológico original”, o interesse principal de Warren Dean foi apreender os efeitos provocados pelas sucessivas culturas humanas que interagiram com aquele ambiente. A história da Mata Atlântica que pretendeu escrever era, antes, um estudo da relação entre a floresta e o homem e não uma história natural. Resultou daí que em suas pesquisas subseqüentes, alargaria a escala de análise, buscando analisar as mesmas premissas identificadas em âmbito regional, para uma cobertura maior da “Mata Atlântica”, ao invés de se dedicar ao estudo das particularidades.

Esta ressalva remete-nos a uma primeira explicação para o fato de Warren Dean ter optado pelo uso do conceito amplo de Mata Atlântica, que diz respeito aos objetivos iniciais da pesquisa, a amplitude pretendida pelo autor e as dificuldades que uma investigação minuciosa, como propõe Brannstrom, demandaria.

Descrevendo o ecossistema Mata Atlântica, Warren Dean reconheceu a multiplicidade da formação dessa floresta ao dizer: “graças a seu tamanho avantajado, sua complexidade e

³⁶⁶ DEAN, Warren. “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (Eds), *Essays on Frontiers in World History*. op. cit., 1981. p. 58. Tradução de: The native vegetation of the Paulista West has been divided into three types: tropical semideciduous forest; *campos* (open fields, that is, unused grasslands or prairie), and *campos cerrados* (“closed” fields or pasture in contrast to ‘open range’), more loosely called *cerrados*. The *cerrado* has the physical appearance of being intermediate between the other two. Gradations are locally recognized between *cerrado* and *campo*, called *campo sujo* (“dirty field”), and between *cerrado* and forest, called *cerradão*.

³⁶⁷ Id. *Ibid.*, p. 60-61. Tradução de: The forest, *cerrado*, and *campo* represent different arrays of resources. The original extent of these resources must first be determined. The problem is especially difficult in relation to the Paulista West because it was a zone of transition in which all three types reached their furthest extent. It is not possible, in our present state of knowledge, to determine which types in historical times were in advance and which in retreat. (...) The original ecological state of the Paulista West is difficult to describe because human presence there is perhaps ten thousand years old, a period which may have included substantial climatic changes.

variabilidade, os bio-geógrafos e ecologistas tatearam em busca de designações comuns para seus componentes, mas seu caráter distinto é indiscutível”. Empreendeu um recorte espacial, excluindo-se do foco da sua pesquisa dois trechos da floresta: o extremo norte e o segmento montanhoso ao sul. Pela justificativa que deu fica evidente a sua opção:

Trata-se de limites justificáveis apenas em termos práticos; *ars longa, vita brevis*. (...) Talvez estas omissões estimulem outros historiadores a pesquisar esse vasto domínio natural de uma maneira mais local e minuciosa. Enquanto isso, o leitor não incorrerá em grande erro ao tomar esta região central pelo todo; ela contém mais de sete décimos da área da Mata Atlântica e quase todos os aspectos de sua história de assentamento humano são típicos também na área restante³⁶⁸.

A decisão de manipular uma escala maior, em detrimento de um recorte limitado, vai além dos percalços da própria pesquisa. As observações feitas por Arthur Soffiati, em comentário crítico ao livro de José Augusto Drummond, contribuem com outro tipo de explicação. Segundo Soffiati, o uso do tempo longo, a narrativa de destruição e a avaliação do uso dos recursos pelos humanos, consistiam em particularidades do tipo de história ambiental compartilhado por Drummond e Warren Dean, por exemplo, que se explicariam pela relativa juventude dessa modalidade historiográfica e dos vastos campos novos que ela incorpora como novo objeto. De acordo com o autor, “o eco-historiador parece comportar-se ainda como um pioneiro que sacrifica os pequenos recortes espaciais e temporais, que lhe permitiriam análise aprofundada, por vãos extensos, que o levam a reconhecer terreno e abrir caminho a outros pesquisadores”³⁶⁹. Christian Brannstrom também afirmou que a generalização pode servir “para uma primeira aproximação ao tema, e para uma política ambiental de oposição”³⁷⁰.

Seguindo esses argumentos, podemos afirmar que a definição da escala de análise de Warren Dean está relacionada a uma opção metodológica, mas, sobretudo, a uma determinada concepção de história. A história, sob a perspectiva ecológica, era para ele um instrumento de ação e transformação da realidade, ao apresentar novas perspectivas para a construção de uma outra sociedade, conforme revelou em entrevista:

Quando os historiadores tentam aplicar a problemática ecológica ao passado, eles têm em mente um programa social e político. Eles tentam mostrar às

³⁶⁸ DEAN, Warren. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. op. cit., 1996. p. 28.

³⁶⁹ SOFFIATTI, A.: Destruição e proteção da Mata Atlântica no Rio de Janeiro: ensaio bibliográfico acerca da eco-história. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. IV, n- 2, 1997. p. 311.

³⁷⁰ BRANNSTROM, C. Repensando a Mata Atlântica brasileira: Cobertura vegetal e valor da terra no Oeste Paulista, 1900 a 1930. *Vária história*, op. cit., 2002. p. 75.

peças que a História pode ser relevante de uma maneira diferente; (...) A História, nesse sentido, pode dar lições. (...) Os historiadores que se interessam sobre o problema do relacionamento do homem com o meio ambiente estão tentando mostrar não só as lições do passado, mas também indicar situações, como por exemplo, a dos índios do Novo Mundo que tinham um relacionamento mais estável com o meio ambiente. Há várias maneiras de se ter uma perspectiva, um programa para uma sociedade futura mais racional, mais justa, ao se aplicar a Ecologia à História³⁷¹.

Desde a década de 1960, a ecologia tornou-se um fato político e, como tal, atingiu diversos públicos no mundo ocidental. Ela passou a influenciar um determinado tipo de pensamento, que luta por transformações radicais na ordem social, política e econômica. Partia-se da premissa que a tendência de se produzir e consumir o máximo possível no menor tempo, atentava contra a própria expectativa de sobrevivência da humanidade³⁷².

No plano internacional, essas novas lutas engendradas no seio do ecologismo político não diziam mais respeito apenas ao conservacionismo, à simples resistência à devastação, mas à crítica ao modelo de sociedade forjado pela revolução industrial, baseada no produtivismo e no consumismo. De acordo com Alfredo Sirkis, um dos fundadores do Partido Verde brasileiro, essa nova visão de mundo estava relacionada a uma ecologia política, a uma determinada concepção de luta social:

Um território onde a defesa do meio ambiente se interpenetra com a democratização radical do estado, da sociedade, da cultura, com causas sociais e comportamentais que são indispensáveis à reivindicação do paraíso, à vida melhor³⁷³.

A fim de contribuir com essas novas noções, Warren Dean pretendeu que o registro histórico do processo de devastação da Mata Atlântica ajudasse a encontrar formas de inibir a perda definitiva da biodiversidade, transformando essa problemática em uma questão de política pública no Brasil. Daí que o uso do conceito de Domínio de Mata Atlântica também está relacionado ao quadro histórico mais amplo, formado nos anos 80, de tentativas de salvaguardar os remanescentes dessa floresta a partir da criação de instrumentos legais e de campanhas de conscientização ecológica.

O contexto do surgimento dos movimentos ecologista e constituinte no Brasil deram impulso às iniciativas de organizações associativas em favor de uma agenda ambiental mais

³⁷¹ ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. “Entrevista com Warren Dean. *Revista de História*, op. cit., 1995. p.102.

³⁷² SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Coord.). *Ecologia e sociedade: uma introdução às implicações sociais da crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 1978, p. 17.

³⁷³ SIRKIS, Alfredo. Posfácio: enquanto isso na terra do pau brasil. In: MCCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. op. cit., 1992. p. 218.

efetiva ao conjunto da Mata Atlântica³⁷⁴. Como reação a essas novas exigências de conservação da biodiversidade, as políticas públicas brasileiras passaram a se fundamentar em leis ambientais e no conhecimento técnico-científico³⁷⁵. A aprovação, na Constituição Federal de 1988, de um capítulo específico destinado ao meio ambiente foi um marco importante, reconhecendo a Mata Atlântica como patrimônio nacional³⁷⁶. O princípio da preservação passou a nortear os instrumentos legais de gestão dos recursos naturais, buscando garantir a integridade dos remanescentes da Mata Atlântica.

Foram criados além de um conjunto de leis ambientais, outros mecanismos técnicos, científicos e institucionais para servir de orientação a uma política de conservação e uso dos recursos deste bioma. Tais esforços consistiam em ações da sociedade civil, instituições acadêmicas, setor privado e governamental, a fim de compor um acervo de informações mais completo sobre a Mata Atlântica. Para a elaboração de um plano de ação e proteção dessa floresta foi necessário, antes de tudo, estabelecer uma conceituação. Este foi um dos resultados da reunião nacional sobre os ecossistemas naturais da Mata Atlântica ou, como ficou conhecida, Workshop Mata Atlântica, realizado em Atibaia, em 1990, que reuniu diversos pesquisadores e especialistas em conservação no Brasil³⁷⁷. Nesse encontro, coordenado pela Fundação SOS Mata Atlântica, muitos concordavam com a visão mais ampla da formação da floresta atlântica, embora com áreas de circunscrição distintas e nomenclaturas próprias. A área geográfica do bioma dentro de um conceito *latu sensu* ficou definida pelos participantes do evento da seguinte forma:

A área geográfica da Mata Atlântica deve tomar como base o Mapa de Vegetação do IBGE de 1988 no que diz respeito à área territorial, que ali abrange a Floresta Ombrófila Densa, Ombrófila com Araucária, Florestas Estacional Decidual e Semidecidual, não se atendo à nomenclatura específica adotada pelo IBGE, incluindo também ecossistemas associados

³⁷⁴ Para um estudo mais aprofundado sobre o movimento ecologista e político no Brasil ver, dentre outros, PÁDUA, José Augusto (Org). *Ecologia e Política no Brasil*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987 e HOCHSTETLER, Kathryn e KECK, Margaret E. *Greening Brazil: environmental activism in state and society*. Durham (NC): Duke University Press, 2007.

³⁷⁵ Para um panorama da evolução dos instrumentos legais de proteção da Mata Atlântica, ver o Caderno 13 – *Diretrizes para a política de conservação e desenvolvimento sustentável da Mata Atlântica*, publicado pelo Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (CNRBMA), março de 2003.

³⁷⁶ Constituição Federal de 1988, Art. 225 §4º, onde se lê: “A Floresta Amazônica brasileira, a Mata Atlântica, a Serra do Mar, o Pantanal Mato-Grossense e a Zona Costeira são patrimônio nacional, e sua utilização far-se-á, na forma da lei, dentro de condições que assegurem a preservação do Meio Ambiente, inclusive quanto ao uso dos recursos naturais”.

³⁷⁷ Diversos outros eventos se seguiram a este. Para ler um resumo dessas iniciativas, ver o Caderno 15, *Mata Atlântica – ciência, conservação e políticas: workshop científico sobre a Mata Atlântica*, publicado pelo CNRBMA.

como ilhas oceânicas, restingas, manguezais, florestas costeiras e campos de altitude³⁷⁸.

O delineamento da conceituação da Mata Atlântica pelos conservacionistas partiu do mapa do IBGE, o mesmo que serviu de base a Warren Dean. A opção pelo uso desse conceito mais abrangente, estava de acordo com o objetivo de preservar um maior número possível de áreas vegetais e remanescentes dentro desse Domínio da Mata Atlântica, colocando-as sob a proteção legal. Em outras palavras:

A utilização do conceito Mata Atlântica *sensu strictu*, para fins de conservação, implica em não reconhecê-la como um mosaico de tipologias vegetacionais integradas. Para se conceituar Mata Atlântica para efeito de conservação não se pode entrar no mérito terminológico [sic], mas sim buscar uma visão global que norteie a prática da conservação, principalmente em virtude do alarmante índice de degradação a que tem sido submetida³⁷⁹.

Podemos afirmar que foi dentro desse espírito que Warren Dean definiu o uso do conceito de Domínio de Mata Atlântica a despeito do conhecimento das tipologias vegetacionais.

A comparação com o Domínio da floresta amazônica também servia aos mesmos propósitos conservacionistas da Mata Atlântica. Nas décadas de 1970 e 1980, ressurgiu com força o interesse pela Amazônia em âmbito mundial em meio ao crescente movimento ambientalista e o apelo pela conservação do mundo natural que ele inspirava. Os métodos de exploração dos recursos naturais das florestas tropicais úmidas, maior fonte de biodiversidade do planeta, e o modelo de desenvolvimento para este domínio natural, ganhavam centralidade nesse debate. Apesar de a floresta amazônica constituir-se igualmente por um mosaico de diferentes formações vegetais, cuja característica principal é a continuidade, o critério utilizado pelos movimentos ambientalistas nacional e internacional foi o de Domínio de floresta Amazônica. Em relação à defesa da Mata Atlântica, os conservacionistas reunidos em Atibaia decidiram admitir esse mesmo critério:

A Mata Atlântica originalmente também apresentava esta continuidade, que foi seccionada pela ação antrópica. Sendo assim, pelo mesmo critério, os remanescentes da Mata Atlântica existentes nas regiões interioranas, independentemente das diferenças fisionômicas existentes entre eles, fizeram originalmente parte de uma mesma formação florestal contínua,

³⁷⁸ CNRBMA, Caderno 15, p. 16.

³⁷⁹ Id. Ibid., p. 16-17.

definida pela legislação atual como Domínio da Mata Atlântica, o que deve ser mantido³⁸⁰.

Em suma, podemos dizer que diante de um quadro histórico no qual o conservacionismo ganhava relevância política, a utilização do conceito de Domínio de Mata Atlântica como categoria de análise por Warren Dean no seu livro “A ferro e fogo” remete-nos à sua própria percepção de História. As circunstâncias em que seu pensamento foi forjado revelam as novas orientações pelas quais um grupo de historiadores norte-americanos se deixaram influenciar ao longo da segunda metade do século XX. A crítica ao modelo de sociedade engendrado pelo capitalismo industrial, sob a perspectiva ecológica, conduziu Warren Dean ao campo da história ambiental, com o qual contribuiu desenvolvendo um modelo de pesquisa e análise baseado na história da degradação de uma floresta. Este tipo de história lhe pareceu um eficiente instrumento de denúncia e engajamento, sobretudo para alguém simpático às causas conservacionistas e a uma ética biocêntrica.

³⁸⁰ CNRBMA, Caderno 15, p. 22.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Peter Burke escreveu, há mais de 20 anos, sobre o desafio imposto pela questão ambiental aos historiadores, afirmando que “no futuro, é provável que o movimento ecológico tenha cada vez mais influência sobre a forma como a história é escrita”³⁸¹. De fato, alguns historiadores norte-americanos enfrentaram esse desafio ainda na década de 1970, sob o impacto crescente do ambientalismo, dos anseios que as preocupações ecológicas evocavam e também da necessidade de escrever a história sob novas perspectivas. Foi quando se estabeleceu o campo da chamada história ambiental naquele país. Warren Dean torna-se, neste cenário, uma figura central. Como brasileiro, propôs uma aproximação da história, ciência política e a problemática ecológica, escrevendo e publicando trabalhos que estão na base da formação desse campo no Brasil.

O seu percurso historiográfico, que procuramos traçar neste trabalho, colocou em evidência os pressupostos de um modelo de história ambiental pautado por uma narrativa histórica da devastação e pela intenção de intervenção e transformação da realidade. Esse modelo aponta, sob uma espécie de ética biocêntrica e uma determinada visão de mundo, para os desequilíbrios ecológicos provocados pela ação humana ao longo do tempo. A definição desse modelo encontra-se no campo da história cultural, na perspectiva de análise da difusão de elementos culturais e de seus efeitos sobre o meio ambiente.

O utilitarismo, expresso no enunciado “história relevante”, com um viés “presentista”, agiu na definição de temas e abordagens. A função precípua da história, neste sentido, é “organizar o passado em função do presente”, tornando-se um instrumento de luta política, expressão do posicionamento no debate social. O rigor objetivista dá lugar à intencionalidade, à vontade de transformação social. O historiador ambiental preocupa-se em mostrar, a partir do quadro atual, as origens da degradação e crises ambientais, permitindo que o conhecimento contribua para a criação de uma nova sociedade, em base ecologicamente mais equilibrada. O objetivo final é atenuar o impacto na sociedade no futuro. Warren Dean oferecia, desse modo, uma interpretação do passado refletindo sobre os problemas colocados pelo seu presente, a partir dos temas do “desenvolvimento econômico” e da “degradação ambiental”.

Em síntese, podemos dizer que a história ecológica do autor é o resultado de uma trajetória intelectual dedicada à história econômica do Brasil, com ênfase na fase moderna, do

³⁸¹ BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. op. cit., 1992. p. 20.

capitalismo industrial. Ao longo de sua trajetória, preservou-se fiel à crítica do modelo de desenvolvimento econômico engendrado na revolução industrial e do tipo de sociedade que se formou a partir dela. Permaneceu cético perante o que Eric Hobsbawm definiu como “anos dourados” ou a “Era de ouro”, o período entre 1950 e 1970, ao mesmo tempo em que seguiu apoiando os movimentos sociais e políticos que objetivam a construção de uma sociedade centrada nos princípios da solidariedade e da democracia³⁸².

Na sua fase intelectual madura, Warren Dean revelou ainda um descontentamento quanto ao valor atribuído à idéia de desenvolvimento sustentável definida na Rio 92, cuja concepção sobre o mundo natural, classificou de “mesquinha”. A expressão estaria eivada por pressupostos e prescrições mais materialistas e continuava escondendo a falsa idéia de que o crescimento econômico poderia ser sustentado indefinidamente. Orientado por uma ética biocêntrica, reconheceu e menosprezou esse viés antropocêntrico refletido em cálculos econômicos e que vêem a floresta apenas como um recurso, um fator de produção, que pode ser explorada indefinida e exclusivamente para o imediato benefício humano. Esse modelo econômico, conforme constatou, ao invés de gerar desenvolvimento, revelou-se como uma economia de pilhagem. A sua defesa da natureza é também uma luta contra a ganância e a futilidade de tomar o enriquecimento privado como progresso da sociedade.

Neste trabalho, buscamos inicialmente atribuir um sentido à trajetória de Warren Dean, conhecendo suas experiências de vida e profissionais, que ajudaram a conformar a sua “visão de mundo”. A obra desse brasileiro, vista em conjunto, retratou fases, transições, permitindo conhecer suas vinculações com o próprio contexto histórico e o amadurecimento intelectual do historiador. Nesta perspectiva, a sua produção historiográfica elucidou as transformações pelas quais passou o próprio universo acadêmico e a historiografia norte-americana. Esta opção se refletiu na ordem da exposição dos capítulos.

No primeiro capítulo, apontamos para a tomada de consciência ecológica de Warren Dean, que ocorreu paralela ao desenvolvimento de trabalhos na área de história econômica e social, por volta de 1970, no contexto dos preparativos para conferência de Estocolmo. A combinação das preocupações do cidadão com a do intelectual engajado, definiram a centralidade da temática do desenvolvimento econômico e da degradação ambiental em sua obra. Acompanhou *in loco* o processo de desmatamento no interior do Brasil, em especial do estado de São Paulo, onde passou a estudar a temática da Fronteira sob a perspectiva

³⁸² HOBBSAWM, Eric J. In: *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. op. cit., 1995, p. 255.

ecológica. Rio Claro e a região do Pontal do Paranapanema, incluindo-se Assis, foram, neste sentido, seus “laboratórios”.

Em termos metodológico e interpretativo, o conceito de brasilianismo empregado neste capítulo permitiu estabelecer o elo entre os universos acadêmicos norte-americano e brasileiro. O seu diálogo com a historiografia brasileira se deu a partir dos critérios estabelecidos pela cultura institucional e acadêmica do seu país, caracteristicamente empírica.

Exploramos esse comportamento acadêmico no segundo capítulo, no qual se privilegiou a compreensão da sua primeira contribuição à história ecológica. A estratégia adotada consistiu em colocar Warren Dean diante de trabalhos que trataram do mesmo objeto, “o ciclo da borracha na Amazônia brasileira”, ressaltando a sua “novidade” historiográfica. O estudo realizado a partir do próprio acervo utilizado por Warren Dean, permitiu compreender o mecanismo da constituição da sua problemática, bem como a escolha das fontes, de métodos, de procedimentos explicativos e de interações com outras áreas de conhecimento. Conhecemos desse modo a forma de trabalhar do historiador ecológico.

A atenção à fase de sua formação complementar realizada no Jardim Botânico de Nova York, durante a década de 1980, com interesse especial pela botânica e ecologia, revelou os passos dados pelo historiador na direção da interdisciplinaridade, como uma necessidade que o historiador ambiental tem na constituição do seu instrumental teórico-metodológico. Nesse ambiente intelectual, compartilhou também uma visão de mundo das ciências naturais, com forte teor conservacionista. Isso se refletiu diretamente na sua perspectiva histórico ecológica. Este estudo mostrou que encontrar um quadro teórico consistente, abrangendo as ciências naturais e as ciências humanas, continuará sendo um dos grandes desafios dos pesquisadores desse campo.

No terceiro capítulo, analisamos a última fase da trajetória de Warren Dean, a mais produtiva do autor e que o consagraria como um pesquisador empírico e, definitivamente, como um historiador ambiental. Essa fase encerra-se com o seu livro *With Broadax and Firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic Forest*, publicado postumamente, em 1995. Buscamos demonstrar que o seu projeto era amplo e ambicioso e que tinha por trás uma intencionalidade marcante, um desejo de transformação da realidade. O estudo do uso do conceito de Mata Atlântica, a ética biocêntrica e a simpatia do autor pelos ideais conservacionistas, cumpriu a função de demonstrar esse engajamento. O acompanhamento do passo a passo das pesquisas que resultaram no livro e da metodologia de trabalho de Warren Dean, permitiu conhecer as rotações na sua perspectiva analítica e a definição de temas e abordagens, elucidando o seu modelo de história ambiental.

Warren Dean revisitou com freqüência assuntos anteriormente estudados. Relançou proposições, explorou diferentes ângulos e reintroduziu seus argumentos de forma modificada. Mesmo depois de ter mudado para outros temas de pesquisa, ele continuou empregando conceitos construídos em seus escritos anteriores. De certo modo, é como se ele tivesse escrito um único livro em sua carreira. No entanto, seus trabalhos de história ambiental apresentaram, ao menos, duas particularidades em relação a suas obras anteriores.

A primeira delas refere-se a um tipo de “pragmatismo presentista”, uma intencionalidade mais clara, refletida na escolha do recorte cronológico, usando a “fórmula” *to the present*. Essa característica denota uma preocupação do autor em escrever um tipo de história ambiental com um sentido pragmático, com uma intenção não de apenas conhecer o passado, mas de intervir na realidade, de contribuir com a criação de políticas públicas voltadas à preservação ambiental no Brasil.

Uma segunda peculiaridade é a mudança no eixo focal, caracterizada por uma expansão na escala de análise. De uma abordagem local/nacional, Warren Dean passou a mirar o domínio internacional/global, a partir do seu livro sobre o ciclo da borracha. Neste sentido, vale destacar ainda que a Conferência de Estocolmo, em 1972, havia propiciado um impulso ao internacionalismo. A questão ecológica irrompia com as fronteiras nacionais, trazendo para o debate uma espécie de ética ecológica-global e advogando em favor de novos termos nas relações entre as nações, nas bases de uma cooperação internacional. Isso se refletiu, por exemplo, no seu estudo da temática da domesticação de plantas, a partir do conceito de “imperialismo ecológico”.

Em suma, cabe reconhecer que Warren Dean legou uma obra precursora, lição de pesquisa e engajamento. Com ela consagrou seu nome na historiografia ambiental brasileira, para a qual contribuiu de forma inovadora. Este trabalho procurou demonstrar que a constante reinvenção da historiografia, atualizada pelas novas questões e problemáticas, é também seu trunfo, para continuar a ser relevante.

LISTA DE FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FONTES:

Arquivísticas:

Archives and Manuscript Collections, The LuEsther T. Mertz Library, The New York Botanical Garden, Nova York, Estados Unidos:

- *Warren Dean Papers (PP) – 1964-1987*
- *Ghilleen T. Prance Records (1963-1988). Series 12: Personal Correspondence*

PRANCE, Ghilleen T. [carta] 25 de setembro de 1984, Maranhão [para] DEAN, Warren, Nova York, 6f. Comentários de um manuscrito sobre a borracha.

PRANCE, Ghilleen T. [carta] 25 de setembro de 1984, Maranhão [para] SHEFFIELD, Ann C. Washington, D.C. Parecer favorável ao pedido de Bolsa de Warren Dean para o estudo da história da floresta Atlântica brasileira ao Woodrow Wilson International Center for Scholars (proposta de pesquisa em anexo).

PRANCE, Ghilleen T. [carta] 12 de dezembro de 1985, Maranhão [para] DEAN, Warren, Nova York, 6f. Comentários de um manuscrito sobre a borracha.

PRANCE, Ghilleen T. *Confidential Report on Applicant for Fellowship*, 26/02/1985. Parecer de encaminhamento de pedido de bolsa referente ao projeto de Warren Dean intitulado: “History of the Brazilian Atlantic Coastal Forest” ao The John Carter Brown Library (proposta de pesquisa em anexo).

- *Educational Services Continuing Education*

Informações do aluno Warren Dean

New York University, Nova York, Estados Unidos:

- *Warren Dean Reading Room e arquivo do departamento de História*

Programas de cursos e colóquios (pós-graduação) ministrados na New York University (1970-1994):

G 57.2800: Latin American Cities in the Twentieth Century. s/d.

G57.1735: History of United States – Latin American relations. s/d

G57.1807: History of Latin America, 1824-1917. s/d.

G57.1807: History of Latin America, 1824-1930. s/d.

G57.1808: History of Latin America, 1930-present. s/d.

G57.2800.01: Topics in Latin American History: “Environment and development, 1945-present”. Inverno de 1993.

G57.2800: Colloquium: Topics in Latin American and Caribbean History: “The land question and frontiers in Latin America”. s/d.

G57.2800: Colloquium: Topics in Latin American and Caribbean History: “Economic Development, 1930-present”. 09/11/1984.

G57.2800: Colloquium: Topics in Latin American and Caribbean History: “Brazil, 1930 to the present”. s/d

G57.2800: Topics in Latin American and Caribbean History: “History of the Amazon Basin, 1900 to the present. Primavera de 1990.

G57.2800: Topics in Latin American History: “Overseas migration to Latin America”. Inverno de 1990.

G65.1051/G57.1818: The human condition in Latin America. Verão de 1988.

- The Elmer Holmes Bobst Library

Manuais com os programas de cursos e colóquios (graduação) ministrados no Departamento de História da New York University (1973-1994):

New York University Bulletin, Vol. LXXIII, Nº 32, august 6, 1973.

New York University Bulletin, Vol. LXXIV, Nº 9, March 4, 1974.

New York University Bulletin, Vol. LXXVI, Nº 3, March 15, 1976.

New York University Bulletin, Vol. LXXVIII, Nº 5, March 27, 1978.

New York University Bulletin, Vol. LXXVIII, Nº 5, March 27, 1978.

New York University Bulletin, Vol. LXXIX, Nº 7, April 16, 1979.

New York University Bulletin, Vol. LXXX. Nº 08, 1980.

New York University Bulletin, Vol. LXXXI. Nº 09, 1981.

New York University Bulletin, Vol. LXXXII. Nº 10, May 3, 1982.

New York University Bulletin, Vol. LXXXIII. Nº 10, May 9, 1983.

New York University Bulletin, Vol. LXXXVI. Nº 2, March 10, 1986.

New York University Bulletin, Vol. LXXXVIII. Nº 3, March 21, 1988.

New York University Bulletin, Vol. XC. Nº 7, April 16, 1990.

New York University Bulletin, Vol. XCII. Nº 8, April 20, 1992.

University Seminars at Columbia University, Nova York, Estados Unidos:

- Seminar on Brazil (1971-1993)
- DELSON, Roberta Marx; RAND, Frances Elizabeth; STERN, Irwin. “Report n the Columbia University Seminar on Brazil (1968-1990)” (não publicado, cópia da autora).

Arquivo permanente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP:

Contratação de Warren Dean como professor visitante junto ao departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Processo nº 539/74. Caixa: 152, Assis, 20 de novembro de 1974.

Documentos pessoais / arquivo familiar de Warren Dean

BENNETT Jr, Ivan L. [carta] 10 de abril de 1980 [para] DEAN, Warren, Faculty of Arts and Science, New York University. 1f. Congratulações pela bolsa de estudos concedida (Guggenheim Fellowship) para o ano de 1980, para desenvolver um estudo sobre a fronteira na história brasileira.

Curriculum Vitae. 1993.

DEAN, Sidney. “Troubles of the country: their cause and cure”. Speech of Hon. Sidney Dean, of Connecticut, in the House of Representatives, July 23, 1856, against the extension of slavery into territory now free. Washington, D.C: Buell & Blanchard, printers, 1856.

DEAN, Warren. [carta] 03 de junho de 1993, Nova York [para] SMITH, Frank, Nova York. Envio de projeto de livro sobre a história ambiental da América Latina para a Cambridge University Press.

DEAN, Warren. [formulário] 19 de setembro de 1993, Nova York [para] National Endowment for the Humanities (NEH), Washington, DC. Formulário de pedido de Bolsa de estudos para o projeto “Democratic Institutions and environmental protection in Latin America”, para o período de 01 de junho de 1994 a 31 de julho de 1994, à agência federal NEH. (Projeto anexo).

DEAN, Warren. [relatório “Annual Report 93”] 23 de março de 1994, Nova York [para] Budget Committee, Nova York. Relatório de atividades, 1993.

DEAN, Warren. [relatório “Final Report, Sabbatical Spring, 1989”] 27 de setembro de 1989, Nova York [para] RICE, Dean C. Duncan, Nova York. Relatório de atividades desenvolvidas durante o período sabático concedido para o ano de 1989.

DEAN, Warren. [relatório “Report of Activities, 1992-1993”] 24 de janeiro de 1994, Nova York [para] OLIVA, Jay, Nova York. Relatório de atividades, 1992-1993, quando Warren Dean foi Kenan Chair in History.

DEAN, Warren. [carta] 02 de junho de 1993, Nova York [para] SANCHES-ALBORNOZ, Nicolas, Madri. Envio de projeto de livro sobre a história ambiental da América Latina para a editora Alianza, para a série editada por Nicolas Sanches-Albornoz.

Histórico escolar da Universidade de Miami

Programa do Serviço de Memorial de Warren K. Dean. Departamento de História da New York University e Família, 16 de setembro de 1994.

The Providence Press Establishment. In: *Ours illustrated*, Providence, R.I, setembro de 1871, p. 7.

Livros e opúsculos escritos por Warren Dean:

Livros:

DEAN, Warren. *The Industrialization of São Paulo*. Austin: University of Texas Press, 1969.

_____. *A industrialização de São Paulo*. Tradução Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Ed USP; Difel, 1971.

_____. *Rio Claro: a Brazilian Plantation System, 1820-1920*. Stanford: Stanford University Press, 1976.

_____; ALDEN, Dauril (Ed.). *Essays concerning the Socioeconomic History of Brazil and Portuguese India*. Gainesville: University Presses of Florida, 1977.

_____. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920*. Tradução Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Estudos Brasileiros, vol. 21).

_____. *Reflections on the Brazilian Counter-Revolution: Essays by Florestan Fernandes*. New York: M.E. Sharpe, 1981.

_____. *As multinacionais: do mercantilismo ao capital internacional*. Tradução José Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. et al. (Ed.) *Diplomatic Claims: Latin American historians view the United States*. Lanham MD: University Press of America, 1985.

_____. *Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. *A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica*. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.

_____.; AMADO, Janáina; NUGET, Walter. *Latin American Program*. Washington, D.C.: Wilson Center, 1990.

_____. *With Broadax and Firebrand: the destruction of the Brazilian Atlantic Forest*. Berkeley: University of California Press, 1995.

_____. *A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira*. Tradução Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

Dissertação e Tese:

DEAN, Warren. *Cuba in the Great Depression*. 1961. Dissertação (*Master of Arts*). University of Florida, Gainesville, 1961.

_____. *São Paulo's industrial elite, 1890-1960*. 1964. Tese (*Doctor of Philosophy*). University of Florida, Gainesville, 1964.

Capítulos, artigos de revistas e coletâneas:

DEAN, Warren. Latin American reactions to the intervention. In: MOUNCE, Gary J.; SUTHERLAND, Anne H. (Eds.) *After Santo Domingo, What? United States Intervention in Latin America: An Inquiry*. Austin: University of Texas, Colloquy on Public Issues, 1966.

_____. The Planter as Entrepreneur: the case of São Paulo. *The Hispanic American Historical Review*, v. 46, n. 2, p. 138-152, May., 1966.

_____. History of Latin América. In: GILL, Clark; CONROY, W. (Coords). *The Social scientists look at Latin América*. Austin: University of Texas, 1967. (Latin American Curriculum Project, Bulletin n.3)

_____. Sources for the Study of Latin American Economic History: The Records of North American Private Enterprises. *Latin American Research Review*, v. 3, n. 3, p. 79-86, Summer, 1968.

_____. Brazil: The Tanks Roll (Regions and Countries). *The Nation*, 208, 6 jan., 1969.

_____. A Slave Autograph, Sao Paulo, 1876. *Luso-Brazilian Review*, v. 7, n. 1, p. 81-83 Summer 1970.

_____. Latifundia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, v. 51, n. 4, p. 606-625, Nov., 1971.

_____. Latin American golpes and economic fluctuations, 1823-1966. Austin: University of Texas, Institute of Latin American Studies, 1971.

_____. Economic development and environmental deterioration. *Studies in Comparative International Development* (SCID), New York, v. 7, n. 3, p. 278-287, 1972.

_____. Confronting the Environmental Crisis in Latin America: a prod to action. *Occasional Papers*, 2. New York: New York University, 1973.

_____. O comércio do café gera a indústria. In: PELÁEZ, Carlos Manuel (Coord.). *Ensaio sobre café e desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1973.

_____. Remessas de Dinheiro dos Imigrantes Italianos do Brasil, Argentina, Uruguai e E.U. da América: 1884-1914. In: *Separata dos Anais de História*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, ano 6, p. 231-237, 1974.

_____. A industrialização durante a República Velha. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III – Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). São Paulo: Difel, 1975. p. 243-283.

_____. El trabajo esclavo en las plantaciones cafetaleras: Río Claro, Brasil, 1820-1880. In: FLORESCANO, Enrique (Coord.) *Haciendas, latifundios y plantaciones en América Latina*. México, Siglo XXI, 1975. (Simpósio de Roma organizado pela CLACSO)

_____. Latifundios y política agraria en el Brasil del siglo XIX. In: FLORESCANO, Enrique (Coord.) *Haciendas, latifundios y plantaciones en América Latina*. México, século XXI, 1975. (Simpósio de Roma organizado pela CLACSO)

_____. Uma autocrítica da CIA. *Movimento*, 1, 24 ago., 1975.

_____. A pequena propriedade dentro do complexo cafeeiro: sitiantes no município de Rio Claro. *Revista de História*. São Paulo, v. 53, n. 106, p. 487-494, abr./jun., de 1976.

_____. A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de Arqueologia Industrial. *Anais de História*, Assis, ano 8, p. 9-25, 1976.

_____. Interesses convergentes: empresariado nacional e empresas multinacionais. *Isto É*, 1 dez., 1976.

_____. Os americanos estão chegando. *Movimento*, 2, 20 ago., 1976.

_____. Os latifúndios e a política agrária brasileira no Século XIX. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. Rio de Janeiro: Apec, 1976, p. 245-257.

_____. São Paulo em 1900. In: MASCARO, Cristiano. et al. *Exposição Vila Penteados*. São Paulo: USP; FAU, 1976.

_____. The USIA Book Program: Latin America. *Point of Contact*, 3, Set./Out., p. 4-14, 1976.

_____. Brazil. In: STEIN, Stanley; CONDE, Roberto Cortes (Eds.). *Latin America: a Guide to Economic History, 1830–1930*. Berkeley: University of California Press, 1977.

_____. O mundo das multinacionais. *Veja*, 22 jun., 1977.

_____. Uma escola para revolucionários. *Educação e Cultura*, v. 1, n 4, 1980.

_____. Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil. In: WOLFSKILL, George; PALMER, Stanley (Eds.). *Essays on Frontiers in World History*. Arlington: Texas A & M University Press, 1981. p. 71-100.

_____. Deforestation in Southeastern Brazil. In: TUCKER, Richard; RICHARDS, J. F., (Eds.). *Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy*. Durham: Duke University Press, 1983. p. 50-67.

_____. Indigenous Populations of the São Paulo-Rio de Janeiro Coast: Trade, Aldeamento, Slavery and Extinction. *Revista de História*, São Paulo, n. 117, p. 3-26, jul./dez., 1984.

_____. Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955. *Environmental Review*, v. 9, n. 1, p. 54-69, 1985.

_____. Las poblaciones indígenas del litoral brasileño de São Paulo a Rio de Janeiro: comercio, esclavitud, reducción y extinción. In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolas. *Población y mano de obra en América Latina*. Madrid: Alianza, 1985. p. 25-51.

_____. The brazilian economy. 1870-1930, In: BETHELL, Leslie. *The Cambridge History of Latin America*, v. V, c. 1870 to 1930. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 685-724.

_____. A floresta como fonte de energia na urbanização e na industrialização de São Paulo: 1900-1950. *Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia*, São Paulo, Eletropaulo, p. 41-55, 1987.

_____. Latin America and the Caribbean in New York City: classroom resources for teaching social studies. *Occasional papers*, Center for Latin American and Caribbean Studies, CLACS, New York University, n. 47, 1987.

_____. O Village já foi brasileiro. *Folha de S. Paulo*, 13 mai., 1987. A-31.

_____. Industriales y oligarquía en el desarrollo de São Paulo. In: CERUTTI, Mario; VELLINGA, Menno. *Burguesías e industria en América Latina y Europa meridional*. Madrid: Alianza, 1989. p. 23-54.

_____. The Green Wave of Coffee: Beginnings of Tropical Agricultural Research in Brazil (1885-1900). *The Hispanic American Historical Review*, v. 69, n. 1, p. 91-115, feb., 1989.

_____. A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial. Conferência proferida no Instituto de Estudos Avançados em 21 de junho 1989. Deu origem ao artigo publicado em: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-228, 1991. Atualmente o texto da Conferência encontra-se disponível em: <<http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/deanbotanicaimperial.pdf>> Acesso 23 jun., 2013.

_____. Frontier in comparative perspectives: the United States and Brazil. DEAN, Warren; AMADO, Janaína; NUGET, Walter. *Latin American Program*. Washington, D.C.: Wilson Center, 1990.

_____. The rubber development schemes of the United States in the Brazilian Amazon, 1939-1956. *Anais – Floresta 90*, Simpósio Internacional de Estudos Ambientais em Florestas Tropicais Húmidas, Manaus, Rio de Janeiro, p. 262-267, 1990.

_____. A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 216-228, 1991.

_____. The last (guaranteed absolutely last) Frontier. *NACLA Report on the Americas*, v. 25, n. 4, Sep., 1991.

_____. A Revolução Ambiental e o papel das Ongs. *Revista do Instituto Florestal*. São Paulo, parte 1, pp. 35-40, 1992. (Anais do 2º Congresso Nacional sobre Essências Nativas, 29 mar., a 3 abr., 1992)

_____. The tasks of Latin American Environmental History. In: STEEN, Harold K.; TUCKER, Richard P. *Changing Tropical Forests*. Historical perspectives on today's challenges in Central & South America. Durham: Duke University Press, 1992. (Proceedings of conference sponsored by The Forest History Society and IUFRO Forest History Group)

_____. A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 103-116, 1995.

_____. Brazil 1808-1889, Forests, Rubber Industry. In: TENENBAUM, Barbara A. *Encyclopedia of Latin American History and Culture*, 5 vols. New York: Scribner's, Macmillan Library Reference USA, 1996. p. 634-636.

_____. The First Wave. In: LEVINE, Robert M.; CROCITTI, John J. (Org.). *The Brazil Reader: History, Culture, Politics*. Durham: Duke University Press, 1999. p. 33-37.

_____. A economia brasileira, 1870-1930. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina*. Tradução Geraldo Gerson Souza. São Paulo: Ed USP, 2002.v. 5. p. 659-703.

Resenhas e comentários bibliográficos:

DEAN, Warren. Resenha de: Alba, Victo. Las ideas sociales contemporâneas en México. *The Hispanic American Historical Review*, v. 42, n. 3, p. 459-460, 1962.

_____. Resenha de: Cardoso, Fernando Henrique. Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico. *Luso-Brazilian Review*, v. 2, n. 2, p. 107-109, 1965.

_____. Resenha de: Furtado, Celso. The Economic Growth of Brazil. *Luso-Brazilian Review*, v. 2, n. 2, p. 105-107, 1965.

_____. Resenha de: Furtado, Celso; Macedo, Suzette. Diagnosis of the Brazilian Crisis. *The Hispanic American Historical Review*, v. 46, n. 4, p. 475-476, 1966.

_____. Resenha de: Levine, Robert M. Brazil: Field Research Guide in the Social Sciences. *The Hispanic American Historical Review*, v. 47, n. 3, p. 446-447, 1967.

_____. Resenha de: Holanda, Sérgio Buarque. História geral da civilização brasileira. Tomo II: O Brasil monárquico. Volume 2: Dispersão e unidade. *The Hispanic American Historical Review*, v. 47, n. 2, p. 299-300, 1967.

_____. Resenha de: Frank, Andre Gunder. Capitalism and Underdevelopment in Latin America. Historical Studies of Chile and Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, v. 48, n. 3, p. 453-455, 1968.

_____. Resenha de: Graham, Lawrence S. Civil Service Reform in Brazil. Principles versus Practice. *The Hispanic American Historical Review*, v. 49, n. 3, p. 596-598, 1969.

_____. Resenha de: Grahm, Richard. Britain and the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*, v. 12, n. 1, p. 149-150, Jan., 1970.

_____. Resenha de: Fausto, Boris. A revolução de 1930. *The Hispanic American Historical Review*, v. 51, n. 2, p. 382-383..

_____. Resenha de: Wirth, John D. The Politics of Brazilian Development, 1930-1954. *The American Historical Review*, v. 76, n. 3, p. 852-853, 1971.

_____. Resenha de: Source, Ronald H Chilcote. Protest and Resistance in Angola and Brazil: Comparative Studies. *The Hispanic American Historical Review*, v. 53, n. 4, p. 667-668, 1973.

_____. Resenha de: Love, Joseph. Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalism, 1882-1930. *The Journal of Developing Areas*, v. 8, n. 1, p. 129-130, 1973.

_____. Resenha de: Galeano, Eduardo. Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent. *The Hispanic American Historical Review*, v. 54, n. 4, p. 691-692, 1974.

_____. Resenha de: McCann, Frank. The Brazilian-American Alliance, 1937-1945. *Luso-Brazilian Review*, v. 11, n. 2, p. 260-262, Spring, 1974.

_____. Resenha de: Eisenberg, Peter. The Sugar Industry in Pernambuco: Modernization without Change, 1840-1910. *The American Historical Review*, v. 80, n. 4, p. 1072, 1975.

_____. Resenha de: Correa, Anna Maria Martinez. A Rebelião de 1924 em São Paulo. *The Hispanic American Historical Review*, v. 57, n. 4, p. 744-746, 1977.

_____. Resenha de: Smith, Peter Seaborn. Oil and Politics in Modern Brazil. *American Historical Review*, v. 82, n. 2, p. 485-486, 1977.

_____. Resenha de: Perlman, Janice E. The Myth of Marginality: Urban Poverty and Politics in Rio de Janeiro. *Political Science Quarterly*, v. 92, n. 3, p. 567-569, 1977.

_____. Resenha de: Duncan, Kenneth; Rutledge, Ian. Land and Labour in Latin America: Essays on the Development of Agrarian Capitalism in the Nineteenth and Twentieth Centuries. *The American Historical Review*, v. 84, n. 1, p. 285-286, 1979.

_____. Resenha de: Merrook, Thomas W.; Graham, Douglas H. Population and Economic Development in Brazil: 1800 to the Present. *The American Historical Review*, v. 85, n. 3, p. 743, 1980.

_____. Comments on "Slavery in a Nonexport Economy" II. *The Hispanic American Historical Review*, v. 63, n. 3, p. 582-584, Aug., 1983.

_____. Resenha de: Leff, Nathaniel H. Underdevelopment and Development in Brazil – volume 1, Economic Structure and Change, 1822-1947; volume 2, Reassessing the Obstacles to Economic Development. *The American Historical Review*, v. 88, n. 3, p. 782-783, 1983.

_____. Resenha de: Weinstein, Barbara. The Amazon Rubber Boom, 1850-1920. *The Americas*, v. 41, n. 1, p. 141-143, 1984.

_____. Resenha de: Foweraker, Joe. The struggle for land: a political economy of the pioneer frontier in Brazil from 1930 to the present day. *The American Historical Review*, v. 89, n. 4, p. 1193, Oct., 1984, p. 1193.

_____. Resenha de: Morner, Magnus; Sims, Jarold. Adventures and Proletarians: the Story of Migrants in Latin America. *Labor History*, v. 27, p. 469, 1986.

_____. Resenha de: Stolcke, Verena. Cafeicultura: Homens, mulheres e capital (1850-1980). *The Hispanic American Historical Review*, v. 68, n. 3, p. 621-622, 1988.

_____. Resenha de: Fritsch, Winston. External Constraints on Economic Policy in Brazil, 1889-1930. *Journal of Latin American Studies*, v. 21, n. 2, p. 346-348, May., 1989.

_____. Resenha de: Hartman, Francisco Foot. Trem fantasma. A modernidade na selva. *The Hispanic American Historical Review*, v. 69, n. 3, p. 607, 1989.

_____. Resenha de: Barman, Roderick J. Brazil: The Forging of a Nation, 1798-1852. *The American Historical Review*, v. 95, n. 5, p. 1663, 1990.

_____. Death and Hype in Amazonia. Resenha de: Revkin, Andrew. The burning Season. *Wall Street Journal*, 12 Jul., 1990.

_____. Resenha de: Coates, Austin. The Commerce in Rubber: The First 250 Years. *Forest & Conservation History*, v. 34, n. 2, p. 96-97, 1990.

_____. Resenha de: Font, Mauricio A.; Tilly, Charles. Coffee, Contention, and Change: In the Making of Modern Brazil. *Journal of Latin American Studies*, v. 23, n. 3, p. 649-650, 1991.

_____. Resenha de: Onis, Juan. The Green Cathedral: Sustainable Development of Amazonia. A Twentieth Century Fund Book. *Environmental History Review*, v. 17, n. 4, p. 117-118, 1993.

_____. Resenha de: Smith, Joseph. Unequal Giants: Diplomatic Relations between the United States and Brazil, 1889-1930. *Pacific Historical Review*, v. 62, n. 1, p. 116-117, 1993.

_____. Resenha de: Foresta, Ronald A. Amazon Conservation in the Age of Development: The Limits of Providence. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 74, n. 1, p. 156-157, 1994.

Entrevistas de Warren Dean

ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. Entrevista com Warren Dean. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 99-102, 1995.

ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. Homenagem ao historiador Warren Dean. História do Conservacionismo. *O Estado do Maranhão*, São Luis/MA, 16 out., 1994. p. 26.

GOMES, Ângela de Castro; DRUMMOND, José Augusto. Warren Dean: um brasilianista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 103-113, 1990.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990. p. 267-281.

SCHUPACK, Debbie. The Legacy of the Rain Forest. *New York University. Alumni News Magazine*. Spring, 1990.

Entrevistas realizadas no âmbito desta pesquisa:

CORRÊA, Anna Maria Martinez. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

MAUTNER, Anna Verônica. Entrevista realizada em 13 de setembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

GALL, Norman. Entrevista realizada em 16 de setembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

WEINSTEIN, Bárbara. Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

DEAN, Elizabeth McArdle. Entrevista realizada em 24 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira. A entrevista teve a participação de Kirsten Schultz.

SCHULZ, John. Entrevista realizada em 09 de setembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

DEAN, Judith. Entrevista realizada em 26 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

BALICK, Michael J. Entrevista realizada em 18 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira. A entrevista teve a participação de Scott A. Mori.

STAM, Robert P. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

DELSON, Roberta e RANDALL, Laura. Entrevista realizada em 25 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

LESSER, Jeffrey. Entrevista realizada em 26 de julho de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

ROLNIK, Raquel. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

PRADO, Maria Ligia. Entrevista realizada por telefone em 24 de novembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

DRUMMOND, José Augusto. Entrevista realizada em junho de 2012, em Villa de Leyva, Colombia. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

FRANCO, José Luiz de Andrade. Entrevista realizada em junho de 2012, em Villa de Leyva, Colombia. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

PÁDUA, José Augusto. Entrevista realizada em setembro de 2010, em Cuiabá. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

MORI, Scott A. Entrevista realizada em janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

DEAN, Thomas. Entrevista realizada em 01 de fevereiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira. A entrevista teve a participação de Judith Dean.

CAVA, Ralph Della. Entrevista realizada em 16 de janeiro de 2012, em Nova York, Estados Unidos. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Outras fontes:

DELSON, Roberta Marx; RAND, Frances Elizabeth; STERN, Irwin. “Report in the Columbia University Seminar on Brazil (1968-1990)” (relatório interno, não publicado; cópia da autora)

ELLISON, Fred P. “Levantamento dos estudos brasileiros na Universidade do Texas, Austin”. Tradução Cristina Argenton Colonelli. In: *Anais do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros*, São Paulo, IEB, 1972, vol. III, p. 87-134.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

NATIONAL directory of latin americanists: biobibliographies of 2,695 specialists in the social sciences & humanities. 2ª edição, Washington: Library of Congress, 1971, p. 149.

NOTICIÁRIO GERAL: Warren Dean, professor visitante em Assis. In: *Anais de História do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis*. Assis, São Paulo, 1975. p. 208-210.

“Letter of Latin American Specialists to President Johnson on the Dominican Crisis”. *New York Times*, New York, 1965 (abaixo-assinado).

“A Protest to the Brazilian Government”. *New York Times*, Letters to the Editor, section on Sunday, 08, março, 1970 (abaixo-assinado).

Sobre Warren Dean e sua obra

ALMEIDA, Marcos Abreu Leitão de; ALMEIDA, Paulo José Abreu Leitão de. Resenha de: Dean, Warren. A Ferro e Fogo: a história da devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo, Cia. Das Letras, 2007. *História Agora*. 19 mar., 2007. Disponível em: <<http://www.historiagora.com/index.php>> Acesso em: 20 jul., 2009.

ALMEIDA, Maria Luisa Nabinger. Homenagem ao Historiador Warren Dean. *O Estado do Maranhão*, São Luis/MA, 16 out., 1994.

BELLOTTO, Heloisa L. Comentário Bibliográfico de: Dean, Warren. The industrialization of São Paulo: 1880-1945. *Anais de História*, Assis, n. 4, p. 193, 1972.

_____. Ensaio Brazilianistas. Resenha de: Alden, Dauril; Dean, Warren. Essays concerning the social economic history of Brazil and Portuguese India. *Ciência e Cultura*, São Paulo, n. 32(7), p. 983-985, 1980.

_____. Resenha de Alden, Dauril; Dean, Warren. Essays concerning the social economic history of Brazil and Portuguese India. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 21, p. 103-105, 1979.

CARVALHO, Ely Berço. Os historiadores e as florestas: dez anos depois de A Ferro e Fogo. *Esboços*, Florianópolis, v. 12, n. 13, 2005.

CHALHOUB, Sidney. Homenagem a Warren Dean. Comentário sobre: Dean, Warren. Rio Claro, um sistema brasileiro de grande lavoura, 1820-1920. *Primeira Versão*, Campinas-SP, n. 61, 1995.

_____. Revisiting Warren Dean's Rio Claro: a Brazilian Plantation System, 1820-1920. Occasional Papers: New York University, Center for Latin American and Caribbean Studies, n. 48, p. 25-31, 1996.

CONRAD, Robert. Resenha de: Alden, Dauril; Dean, Warren. Essays Concerning the Socioeconomic History of Brazil and Portuguese India. *The Hispanic American Historical Review*, vol. 58, n. 3, p. 483, 1978.

_____. Resenha de: Dean, Warren. Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920. *The Hispanic American Historical Review*, v. 57, n. 2, p. 353-354, 1977.

CORREA, Ana Maria Martinez. Resenha de: Dean, Warren. Rio Claro: A Brazilian Plantation System. 1820- 1920. *Anais de História*, Assis, v. 8, p. 187-192, 1976.

CORRÊA, Dora Shellard . Bibliografia: livros, artigos e resenhas produzidos por Warren Dean. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 117-119, 1995.

CUNNIFF, Roger. L. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *The Hispanic American Historical Review*, v. 76 n. 3, p. 600, 1996.

DAURIL, Alden. Resenha de: Dean, Warren. The Industrialization of São Paulo, 1880-1945. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, v. 389, p. 169, May., 1970. (Society and Its Physical Environment)

DEBRUN, Solange. Resenha de: Dean, Warren. A Industrialização de São Paulo: 1880-1945. *Revista de História*, São Paulo, n. 93, 1973.

DIACON, Todd. A. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *Radical History Review*, v. 169, 1998.

DRUMMOND, José Augusto. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *H-Environment, H-Net Reviews*. Jun., 2000. Disponível em: <<http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=4260>> Acesso em: 13 jun., 2011.

_____. Mata Atlântica: a história de uma destruição. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996.

EAKIN, Marshall C. Resenha de: Dean, Warren. Brazil and the Struggle for Rubber: A Study in Environmental History. *The Hispanic American Historical Review*, v. 68, n. 4, p. 869-870, 1988.

FAUSTO, Boris. Warren Dean, Brazilianista Brasileiro. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 91-93, 1995.

GUILLEN, Isabel C. M. Resenha de: Dean, Warren. A ferro e fogo. A história da devastação da Mata Atlântica. *Cadernos de Estudos Sociais da Fundação Joaquim Nabuco*, Recife, v. 13, n. 2, p. 337-339, 1997.

HALL, Anthony. Resenha de: Dean, Warren. Brazil and the Struggle for Rubber: A Study in Environmental History. *Bulletin of Latin American Research*, v. 8, n. 1, p. 134-136, 1989.

HUTTER, L. M. Resenha de: Dean, Warren. Rio Claro. A Brazilian plantation system, 1820-1920. *Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 1977.

JARNAGIN, Laura. Resenha de: Dean, Warren. Rio Claro: A Brazilian Plantation System 1820-1920. *Luso-Brazilian Review*, v. 16, n. 2, p. 257-260, Winter, 1979.

LESSER, Jeffrey. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand. *Occasional Papers*, New York University Center for Latin American and Caribbean Studies, n. 48, 1996. (Warren Dean (1932-1994): an appreciation)

_____. With Broadax and Firebrand: A Memorial to Warren Dean. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *Latin American Studies Association*, Washington, D.C, 1995.

LEVINE, Robert M. Resenha de: Dean, Warren, With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *H-LatAm, H-Net Reviews*, Feb., 1995. Disponível em: <<http://www.h-net.org/reviews/showrev.php?id=21>> Acesso em: 13 mar., 2011.

_____. *Obituary: Warren Dean (1932-1994). The Hispanic American Historical Review*. v. 74, n. 4, p. 689, 1994.

LEWIN, Linda. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *Luso-Brazilian Review*, v. 32, n. 2, p. 125-128, Winter, 1995. (Culture and Ideology in the Americas: Essays in Honor of Richard M. Morse)

MARTZ, John D. Resenha de: Diplomatic Claims: Latin American Historians View the United States. *The Hispanic American Historical Review*, v. 66, n. 2, p. 424-425, 1986.

MCGRATH, David. G. Resenha. Dean, Warren. Brazil and the Struggle for Rubber. *Journal of Historical Geography*, New York, v. 14, n. 4, p. 455-456, 1989.

MEIHY, José Carlos S. B. Warren Dean: Um Brasilianista acima de qualquer suspeita. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 205-211, 1994.

MOREIRA, André de Castro Cotti. Warren Dean e a História Socioambiental Brasileira. *Revista Debates Socioambientais*, São Paulo, v. 5, n. 12, p. 32, 1999.

OLIVEIRA, João Rafael Moraes de. A luta pela borracha no Brasil e a História Ecológica de Warren Dean. *Territórios e fronteiras*, Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, v. 3, n. 2, jul/dez., p. 105-122, 2010.

PRADO, Maria Ligia C. Warren Dean (1932-1994). An Appreciation. *Occasional Papers*, New York University Center for Latin American and Caribbean Studies, n. 48, 1996. (Warren Dean (1932-1994): an appreciation)

_____. Warren Dean. *Revista de História*, São Paulo, n. 133, p. 91-93, 1995.

REIS, Jaime. Resenha de: Dean, Warren. Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920. *Journal of Latin American Studies*, v. 9, n. 2, p. 358-360, Nov., 1977.

SÁ, Magali Romero. Resenha de: Dean, Warren. A ferro e fogo: a história e a devastação da mata atlântica brasileira. *Manguinhos*, v. III, n. 3, Nov., 1996/Fev., 1997.

SOUZA, Okky de. Epopéia na mata. Resenha de: Dean, Warren. A ferro e fogo. A história da devastação da Mata Atlântica. *Veja*, São Paulo, p. 112-114, 30 out., 1996.

TOPIK, Steven. Resenha de: Dean, Warren. Brazil and the Struggle for Rubber: A Study in Environmental History. *Journal of Interdisciplinary History*, v. 19, n. 3, p. 544-546, Winter, 1989.

TRONCA, Ítalo A. Warren Dean e uma esperança malograda. Crítica Bibliográfica. *Revista de História*, São Paulo, n. 95, 1973.

WARREN DEAN (1932-1994): an appreciation. Vários Autores. *Occasional Papers*, nº 48. Fevereiro, 1996.

WEINSTEIN, Barbara. Resenha de: Dean, Warren. With Broadax and Firebrand: The Destruction of the Brazilian Atlantic Forest. *The American Historical Review*. v. 101, n. 3, p. 951, 1996.

_____. Resenha de: Dean, Warren. Brazil and the Struggle for Rubber: A Study in Environmental History. *Agricultural History*, v. 63, n. 4, p. 96-98, Fall., 1989.

Obituários de Warren Dean:

LEVINE, Robert M. Warren Dean (1932-1994). *The Hispanic American Historical Review*, v. 74, n. 4, p. 689-692, 1994.

Warren Dean, 1932-1994. *Jornal do Brasil*, 26 mai., 1994.

Warren Dean, 61, Professor on History of Latin America. *The New York Times*, Obituaries, 25 May., 1994.

WEINSTEIN, Barbara. Warren Dean. *The Americas*, v. 51, n. 2, p. 241-244, 1994.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Capítulos, artigos de revistas e coletâneas, dissertações e teses

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Os estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos: a produção brasilianista no pós-Segunda Guerra. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 27, p. 31-61, 2001.

ALONSO, Angela; COSTA, Valeriano. Ciências Sociais e Meio Ambiente no Brasil: um balanço bibliográfico. *BIB - Revista Brasileira de Informações Bibliográficas em Ciências Sociais*, ANPOCS. n. 53, p. 35-78, 1º. sem., 2002

ALVIM, Paulo de Tarso. Desafio agrícola da Região Amazônica. *Revista do Instituto de Geografia*, São Paulo, p. 1-18, 1973.

AMAZONAS, Maurício de Carvalho. O Pluralismo da Economia Ecológica e a Economia Política do Crescimento e da Sustentabilidade. *Boletim da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica*. n. 20, p. 5-12, 2009. (Edição Especial para o VIII Encontro ECO-ECO)

ANDRADE, Daniel; ROMEIRO, Ademar. Capital natural, serviços ecossistêmicos, e sistemas econômicos: rumo a uma economia dos ecossistemas”. *Texto para discussão: IE/Unicamp*, Campinas, n. 159, 2009.

BALÉE, William. The Research Program of Historical Ecology. *Annual Review of Anthropology*, n. 35, p. 75-98, 2006.

BECKER, Bertha K. Crescimento econômico e estrutura espacial do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 4, p. 101-116, 1972.

BEIGUELMAN, Paula. Cultura acadêmica nacional e brasilianismo. In: BOSI, Alfredo, *Cultura brasileira, temas e situações*. São Paulo: Ática. 1987. p.199-207.

BENGOA, Guillermo. Siete notas sobre historia ambiental, en *Theomai*, n. 1, 2000. Disponível em <www.unq.edu.ar/revista-theomai/artbengoal.htm> Acesso 23 mar. 2013.

BONENTE, Bianca Imbiriba e FILHO, Niemeyer Almeida. Há uma Nova Economia do Desenvolvimento? *Revista de Economia*, Curitiba, v. 34, n. 1 p. 77-100, Jan./Abr. 2008.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996. p. 183-191.

BRANNSTROM, Christian, GALLINI, Stefania, An Introduction to Latin American Environmental History. In: BRANNSTROM, C. (Ed.), *Territories, Commodities and Knowledges: Latin American Environmental History in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. London: Institute for the Study of the Americas, 2004.

BRANNSTROM, Christian. Repensando a Mata Atlântica brasileira: Cobertura vegetal e valor da terra no Oeste Paulista, 1900 a 1930. *Varia história*, n. 26, p. 58-76, Jan., 2002.

BRANT, Vinícius Caldeira. Do colono ao boia fria: transformações na agricultura e constituição do mercado de trabalho na alta sorocabana de Assis. *Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 19, p. 37-91, 1977.

CABRAL, Diogo de Carvalho, Substantivismo econômico e a história florestal da América portuguesa, *Varia história*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 113-133, jan/jun 2008.

_____. Economia do desperdício, ecologia da destruição: historiografia, ambientalismo e o debate político contemporâneo. *Esboços*, Florianópolis, v. 14, n. 18, p. 73-104, 2007.

CAREY, Mark. Latin American Environmental History: current trends, interdisciplinary insights, and future directions. *Environmental History*, v. 14, n. 2, p. 221-252, Apr., 2009.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *O Brasil e os Brazilianistas nos circuitos acadêmicos norte-americanos: Thomas Skidmore e a história contemporânea do Brasil*. 2007. 185f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Geografia Cultural. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 51, n.1, p. 113-122, 1989.

CORREA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Escola de Berkeley - uma apreciação. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001, p. 9-33.

COSTA, Simone S. Thomazi. Introdução à Economia do Meio Ambiente. *Análise*, Porto Alegre, RS, v. 16, n. 2, p. 301-323, Ago./Dez., 2005.

CRONON, William. The uses of Environmental History. *Environmental History Review* v. 17, n. 3, p. 1-22, 1993.

_____. Modes of Prophecy and Production: Placing Nature in History. *The Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 1122-1131, 1990.

CROSBY, Alfred W. The past and present of Environmental History. *American Historical Review*, v. 100, n. 4, p. 1177-1189, 1995.

_____. An Enthusiastic Second. *Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 1107-1110, 1990.

CUNHA, Lúcia Helena de Oliveira. Desenvolvimento *versus* Conservação da Natureza: notas gerais sobre o tema. *Revista Humanas*, Curitiba, n. 9, p. 115-142, 2000.

DAHLMAN, Carl J. The Problem of Externality. *Journal of Law and Economics*, v. 22, n. 1 p. 141-162, Apr., 1979.

DRUMMOND, José Augusto. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

_____. Ciência sócio-ambiental: Notas sobre uma abordagem necessariamente eclética. In: ROLIM, Rivail Carvalho et alii (Orgs). *História, espaço e meio ambiente*. Maringá: ANPUH-PR, 2000. (Coletânea do VI Encontro Regional de História da Anpuh-PR/Maringá,)

_____. Por que estudar a história ambiental no Brasil? Ensaio temático. *Varia História*. Belo Horizonte, n. 26, p. 13-32, Jan., 2002.

DUARTE, Regina Horta. Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin, v. 41, n. 2, p. 144-161, 2005.

FAUCHÈRE, A. Melhoramentos possíveis diante da situação econômica da cultura cafeeira no Brasil. *Boletim da Agricultura - Anno de 1914*, Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo, São Paulo, série 15, n. 4-5, p. 400-404, 1914.

FERREIRA, Leila da Costa e FERREIRA, Lúcia da Costa. Limites ecossistêmicos: novos dilemas e desafios para o Estado e para a sociedade. In: VIEIRA, Paulo Freire e HOGAN, Joseph (Orgs). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1992.

FICO, Carlos, POLITO, Ronald. A historiografia brasileira nos últimos 20 anos – tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir (org.). *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas: Papirus, 1996. p. 189-208.

GALLINI, Stefania. Invitación a la Historia Ambiental. *Cuadernos digitales: Publicación eletrónica en Historia, archivística y estudios sociales*, Universidade da Costa Rica, v. 6, n. 18, Out., 2002. Disponível em: <<http://historia.fcs.ucr.ac.cr/cuadernos/c18-his.html>> Acesso em 12 mar., 2012.

_____. Historia, ambiente, política: el camino de la historia ambiental en América Latina. *Nómadas*, Bogotá, n. 30, p. 92-102, Abr., 2009.

GOERTZEL, Ted. MEC-USAID: Ideologia de desenvolvimento americano aplicado à educação superior brasileira. *Revista Civilização brasileira*, Rio de Janeiro, v. VIII, n. 14, p. 123-137, Jul., 1967.

HERRERA, Guilherme Castro. História Ambiental (feita) na América Latina. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 26, p. 33-45, Jan., 2002.

JAMIESON, Duncan R. American Environmental History. *Choice*, v. 32, n.1, p. 49-60, 1994.

LAHUERTA, Milton. Em busca da formação social brasileira: Marxismo e vida acadêmica. *Perspectivas*, São Paulo, 28, p. 157-186, 2005.

LEFF, Henrique. Construindo a História Ambiental da América Latina. *Esboços*, Florianópolis, v. 12, n. 13, p. 11-29, 2005.

LEFF, Nathaniel H. Economic Retardation in Nineteenth-Century Brazil. *The Economic History Review*, v. 25, n. 3, p. 489-507, 1972.

LEIBHARDT, Barbara. Interpretation and Causal Analysis: Theories in Environmental History. *Environmental Review*, v. 12, n. 1, p. 23-36, 1988.

LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Tradução Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 776-102.

LIMA, Gustavo F. da Costa. O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável. *Revista Política e Trabalho*. João Pessoa, UFPB, n 13, p. 201-222, 1997.

LOVE, Joseph. Ideias e Ideologias Econômicas na América Latina, 1930-1990. In: BETHEL, Leslie. *A América Latina após 1930: Ideias, Cultura e Sociedade*. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. São Paulo: Ed. USP, 2011. p. 161-242.

MACHADO, Luiz Toledo. A teoria da dependência na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 13, n. 35, p. 199-215, 1999.

MACINKO, George. Man and the Environment: a sampling of the literature. *Geographical Review*, v. 63, n. 3, p. 378-391, Jul., 1973.

MAISONNAVE, Fabiano. A Reinvenção do Brasilianismo. *EIAL*, Estudos interdisciplinares de America latina y el Caribe, v. 12, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.tau.ac.il/eial/XII_1/maisonnave.html> Acesso em 14 jun., 2012.

MARTINEZ, Paulo Henrique. Brasil: desafios para uma História Ambiental. *Nômadias*, Bogotá, n. 22, p. 26-35, 2005.

_____. O sentido da devastação: para uma História Ambiental no Brasil. *Esboços*, Florianópolis, v. 12, n. 13, p. 72-83, 2005.

_____. Existe uma Historiografia Ambiental Brasileira? *Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História*. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

MARTINS, Roberto B. A interpretação do crescimento com liderança das exportações: modelos teóricos e a experiência brasileira. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. Rio de Janeiro, Apec, 1976, p. 213-221.

MASSI, Fernanda Peixoto. Brazilianismos, “brazilianists” e discursos brasileiros. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 29-44, 1990.

MATHEWSON, Kent, SEEMANN, Jörn. A geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley: um precursor ao surgimento da História Ambiental. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p. 71-85, Jan/Jun 2008.

MCNEILL, John R. Observations on the Nature and Culture of Environmental History. *History and Theory*, v. 42, n. 4, p. 5-43, 2003.

_____. The state of the field of Environmental History. *Annual Review of Environment and Resources*, n. 35, p. 345-374, 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Decifra-me ou devoro-te: nacionalismo acadêmico x brasilianismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n.7, p. 126-143, 1991.

_____. O interuniversity study Program na Universidade de São Paulo. *Revista da USP*, São Paulo, p. 44-51, mar., 1987.

_____. A visita ao Velho Senhor. *Revista da USP*, São Paulo, p. 119-130, Jul., 1986.

MERCHANT, Carolyn. Gender and Environmental History. *The Journal of American History*, vol. 76, n. 4, p. 1117-1121, 1990.

MOREIRA, Regina da Luz. Brazilianistas, historiografia e centros de documentação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 66-74, 1990.

MORI, Scott A. The rain forests of Latin America: Is there hope for the future? Lecture essay: *11th Annual Ellsworth Lecture at Johnson State College*. The New York Botanical Garden, 1994. Disponível em <<http://www.nybg.org/bsci/staf/ellslec.html>>. Acesso 23 mai., 2012.

MORI, Scott A., BOON, Brian M., PRANCE, Ghilleen T. Distribution Patterns and Conservation of Eastern Brazilian Coastal Forest Tree Species. *Brittonia*, v. 33, n. 2, p. 233-245, 1981.

MOURA, Gerson. Distância e diálogo: história e ciências sociais nos Estados Unidos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 3-28, 1990.

MUNIZ, Vera Lúcia T. História do meio ambiente como objeto da história econômica-sociocultural. *Revista de Economia Política e História Econômica*, Maceió, n.3, p. 51-74, Jun., 2005.

NASH, Roderick F. Environmental history. In: BASS, Herbert J. (Ed.). *The state of American history*. Chicago: Quadrangle Press, 1970, p. 249-260.

_____. The potential of Environmental History. In: _____. *American Environmentalism: Readings in Conservation History*. New York: McGraw-Hill, 1990. p. 1-8.

_____. American Environmental History: a new teaching frontier. *Pacific Historical Review*, v. 41, n. 3, p. 362-372, Aug., 1972.

NICHOLLS, William H. A agricultura e o desenvolvimento econômico do Brasil. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 4, p. 169-206, Out./Dez., 1972.

NIMER, Edmon. A conservação da natureza ante a exploração econômica da Amazônia. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 37, n. 2, p. 44-76, 1975.

NOGUEIRA, Denio e PELAEZ, Carlos Manuel. Introdução: ensaios sobre a economia brasileira, 1822-1972. *Revista Brasileira de Economia*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 11-83, 1972.

O'CONNOR, James. What is Environmental History? Why Environmental History? *Capitalism, Nature, Socialism*, v. 8, n. 2, p. 3-29, 1997.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista FAE*, Curitiba, v.5, n.b2, p. 37-48, Mai./Ago., 2002.

OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. Mata atlântica, paleoterritórios e história ambiental. *Ambiente & Sociedade*, Campinas, v. X, n. 2, p. 11-23, Jul./Dez., 2007.

OPIE, John. Environmental History: pitfalls and opportunities. *Environmental Review*, v. VII, p. 8-16, 1983.

PADUA, José Augusto. As bases teóricas da história ambiental. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 81-101, 2010.

PRADO, Maria Lígia Coelho; CAPELATO, Maria Helena Rolim. A borracha na economia da Primeira República. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. p. 285-307.

PARSONS, James J. Carl Sauer's Vision of an Institute for Latin American Studies. *Geographical Review*, v. 86, n. 3, p. 377-384, Jul., 1996.

PONTES, Heloisa A. “Brasil com z”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n.5, p. 45-65, 1990.

PYNE, Stephen J. Firestick History. *The Journal of American History*, v. 76, n.4, p. 1132-1141, 1990.

RAMOS, Dulce. Levantamento das Pesquisas sobre assuntos brasileiros feitas em universidades norte-americanas (1960-1970). *Revista de História*, São Paulo, v. 49, n. 99, p. 281-308. 1974.

RADKAY, Joachim, Qué es la Historia del Medio Ambiente? *Ayer*, Madrid, n. 11, p. 119-146, 1993.

RAKESTRAW, Lawrence. Conservation Historiography: an assessment. *Pacific Historical Review*, v. 41, n. 3, p. 271-288, Aug., 1972.

RAUMOLIN, Jussi. L'homme et la destruction des ressources naturelles: la *Raubwirtschaft* au tournant du siècle. *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, Paris, v. 39, n. 4, p. 798-819, 1984.

REIS, José Carlos. Apresentação. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 36, p. 251-254, Jul./Dez., 2006.

RIBEIRO, Ricardo Alaggio. A teoria da modernização, a Aliança para o Progresso e as relações Brasil – Estados Unidos. *Perspectivas*, São Paulo, n. 30, p. 151-175, 2006.

RIBEIRO, Wagner Costa. Geografia política e gestão internacional dos recursos naturais. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 69-80, 2010.

RODRIGUES, Arlete Moysés. A questão ambiental e a (re) descoberta do espaço: uma nova relação Sociedade / Natureza? *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo, n.73, p. 35-72, 1994.

RODRIGUES, José Honório. Os estudos brasileiros e os brazilianists, *Revista de História*, São Paulo, v.54. n.107, p. 189-219, 1976

ROME, Adam. “Give Earth a Chance”: The Environmental Movement and the Sixties. *The Journal of American History*, v. 90, n. 2 p. 525-554, Sep., 2003.

ROMEIRO, Ademar Ribeiro. Ciência e tecnologia na agricultura: Algumas lições da história. *Cadernos de Ciência & Tecnologia*, Brasília, v. 4, n. 1, p. 59-95, 1987.

_____. Agricultura e Ecodesenvolvimento. In: MAIMON, Dália (coord.) *Ecologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: APED, 1992, p. 207-233.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. United States scholarly contributions to the historiography of colonial Brazil. *The Hispanic American Historical Review*, v. 65, n.4, p. 683-723, 1985.

SAUER, Carl O. Destructive Exploitation in Modern Colonial Expansion. *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie*, Amsterdam, v.2, p.494-499, 1938.

_____. Theme of Plants and Animal Destruction in Economic History. *Journal of Farm Economics*, v. 20, p. 765-776, 1938.

_____. The Agency of Man on the Earth. In: THOMAS, William L. (Org.) *Man's Role in Changing the Face of the Earth*. Chicago: University of Chicago Press, 1956.

SIEFERLE, Rolf Peter. Que es la historia ecológica. In: MOLINA, Manuel González; ALIER, Joan Martinez. *Naturaleza transformada: Estudios de historia ambiental em España*. Barcelona: Icaria, 2001. p. 31-54.

SILVA, Marcos A. Notícias do brasilianismo: saudades da historiografia brasileira. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.16, n.31/32, p. 76-88, 1996.

SINGER, Paul. O Brasil no Contexto do Capitalismo Internacional 1889-1930. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano; 1º Volume: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930). 4. ed. São Paulo: Difel, 1985. P. 345-390.

SKIDMORE, Thomas E. Studying the History of Latin America: a case of Hemispheric Convergence. *Latin American Research Review*. v. 33, n. 1, p. 105-127, 1998.

SOARES, Glaucio Ary Dillon. Latin American Studies in the United States: a critique and a proposal. *Latin American Research Review*, v. 11, n. 2, p. 51-69, 1976.

SOFFIATTI, Arthur. Destruição e proteção da Mata Atlântica no Rio de Janeiro: ensaio bibliográfico acerca da eco-história. *História, ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. IV, n. 2, p. 309-327, Jul./Out., 1997.

_____. Algumas palavras sobre uma teoria da eco-história. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, n. 18, p. 13-26, Jul./Dez., 2008.

SORLIN, Sverker and Paul WARDE. The Problem of The Problem of Environmental History: A Re-reading of the field. *Environmental History*, v. 12, n.1, 2007. Disponível em: <<http://www.historycooperative.org/journals/eh/12.1/sorlin.html>>. Acesso em 10 mai., 2012.

STEWART, Mart A. Environmental History: profile of a Developing Field. *History Teacher* n. 31, p. 351-368, 1998.

TURNER, Frederick Jackson. O significado da fronteira na História americana. In: KNAUSS, Paulo (Org.). *Oeste americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Tradução Paulo Knauss e Ina de Mendonça. Niterói: Ed. UFF, 2004. p. 23-54.

VIOLA, Eduardo J.; LEIS, Héctor R.A Evolução das Políticas Ambientais no Brasil, 1971-1991: do Bissetorialismo Preservacionista para o Multissetorialismo orientado para o Desenvolvimento Sustentável. In: VIEIRA, Paulo Freire e HOGAN, Joseph (Orgs). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1992. p. 73-102.

WAGLEY, Charles. Os estudos brasileiros na Universidade de Columbia. *Anais do Encontro Internacional de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, v. III, p. 33-58, 1972.

WILLIAMS, Michael. The relations of environmental history and historical geography. *Journal of Historical Geography*, n. 20, p. 3-21, 1994.

WEINSTEIN, Barbara. Diálogos Brasil-Estados Unidos - Entrevista. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 25, p. 224, 232, 2008.

_____. As novas tendências historiográficas nos Estados Unidos e a pesquisa sobre a América Latina. *CEDHAL*, Série Seminários de Pesquisa, São Paulo, Texto 4, 1997.

WHITE, Richard. Environmental History: Watching a Historical Field Mature. *Pacific Historical Review*, v. 70, n. 1, p. 103-111, 2001.

_____. Environmental History, Ecology, and Meaning, *Journal of American History*, v. 76, n. 4, p. 111-1116, mar., 1990.

_____. American Environmental History: The Development of a New Historical Field. *Pacific Historical Review*, v. 54, p. 297-335, 1985.

WICKENS, G. E. What Is Economic Botany? *Economic Botany*, v. 44, n. 1, Jan./Mar., p. 12-28, 1990.

WINIWARTER, Verena. Abordagens sobre a história ambiental: um guia de campo para os seus Conceitos. *Abordagens Geográficas*, v. 1, n. 1, p. 1-21, out./nov., 2010.

WORSTER, Donald. Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na história. Tradução Maria Clara Abalo Ferraz de Andrade. *Ambiente e Sociedade*, Campinas. v. 5-6, n.1-2, p. 23-44. ago/dez-jan/jul., 2002-2003.

_____. Nature and the disorder of History. *Environmental History Review*, n 18, p. 1-15, 1994.

_____. Para fazer história ambiental. Tradução José Augusto Drummond. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 04, n. 08, p. 198-215. 1991.

_____. History as Natural History: an essay on Theory and Method. *Pacific Historical Review*, v. 53, n. 1, p. 1-19, fev.1984.

_____. World Without Borders: the internationalizing of Environmental History. *Environmental Review*, v. 6, no. 2, p. 8-13, 1982.

Livros

ALBAGLI, Sarita. *Geopolítica da biodiversidade*. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, 1998.

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.

ANDRADE, Manuel Correia et alli. *Meio Ambiente, desenvolvimento e subdesenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 1975.

_____. *Latifúndio e Reforma Agrária no Brasil*. São Paulo: Duas Cidades, 1980.

ARNOLD, David. *La naturaleza como problema histórico: el médio, la cultura y la expansion de Europa*. Tradução Roberto Elier, México, DF: Fondo de Cultura Econômica, 2000.

BARBOSA, Rubens Antonio, EAKIN, Marshall C. (Orgs.). *O Brasil dos Brazilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BENCHIMOL, Samuel. *Tendências, Perspectivas e Mudanças na Economia e na Sociedade Amazônicas*. Manaus: Valer: 1980.

BERGER, Mark T. *Under Northern eyes: Latin American studies and U.S. hegemony in the Américas, 1898-1990*. Bloomington: Indiana University Press, 1995.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, o ofício de historiador*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BOTTOMORE, T. B. *Críticos da sociedade: o pensamento radical na América do Norte*. Tradução José Ricardo Brandão Azevedo. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

BRANNSTROM, Christian. (Ed.). *Territories, Commodities and Knowledges: Latin American Environmental Histories in the Nineteenth and Twentieth Centuries*. London: Institute of Latin American Studies, 2004.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. *História e teoria social*. 3. ed. Tradução Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Ed. UNESP, 2012.

CASTRO, Guillermo. *Para una historia ambiental latinoamericana*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Fernando Henrique; MULLER, Geraldo. *Amazônia: expansão do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1977.

CECHIN, Andrei. *A Natureza como limite da economia: a contribuição de Nicholas Georgescu-Roegen*. São Paulo: SENAC, 2010.

CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org). *Sobre Carl Sauer*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2011.

CROSBY, Alfred W. *Imperialismo ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900*. Tradução J.A. Ribeiro e C. A. Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *The Columbian Exchange: biological and cultural consequences of 1492*. Westport: Greenwood Press, 1973.

CURTI, Merle Eugene, NASH, Roderick. *Filantropia, a mola propulsora das universidades norte-americanas*. Tradução Affonso Blacheyre. Rio de Janeiro: Record, 1965.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DAVIS, Shelton H. *Vitimas do Milagre: o desenvolvimento e os índios do Brasil*. Tradução Jorge Alexandre Pontual. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DIAS, Maria Odila L. S (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: história*. São Paulo, Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 2001.

DORST, Jean. *Antes que a natureza morra: por uma ecologia política*. Tradução Rita Buongermino. São Paulo: E. Blucher; Ed. USP, 1973.

DRUMMOND, José Augusto. *Devastação e preservação ambiental no Rio de Janeiro: os parques nacionais do estado do Rio de Janeiro*. Niterói: Eduf, 1997.

DUARTE, Regina Horta. *História & Natureza*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

EHRlich, Paul R.; EHRlich, Anne H. *População, recursos, ambiente: problemas de ecologia humana*. Tradução José Tundisi. São Paulo: Polígono; Ed. USP, 1974.

FEBVRE, Lucien. *Martín Lutero: un destino*. Tradução Tomás Segovia. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1956.

FERNANDES, Florestan (org.). *Marx & Engels: História*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

FOHLEN, Claude. *América anglo-saxônica: de 1815 à atualidade*. Tradução João Pedro Mendes. São Paulo: Pioneira; Ed. USP, 1981.

FREITAS, Marcos César de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

GALBRAITH, John K. *A sociedade afluyente*. Tradução Jaime Monteiro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

GALVÃO, Walnice Nogueira (org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo, Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

GHISOLFI, Juliana do Couto. *Políticas de Educação Superior Norte-americanas*. São Paulo: Cortez, 2004.

GONÇALVEZ, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

GOODLAND, Robert e IRWIN, Howard. *A Selva Amazônica: do inferno verde ao deserto vermelho?* Tradução Regina Regis Junqueira. São Paulo: Itatiaia; Ed. USP, 1975.

GRANDIN, Greg. *Fordlândia: ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na Selva*. Tradução Nivaldo Montingelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

GREEN, James N. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964-1985*. Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

HAYS, Samuel P. *Explorations in Environmental History*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1998.

HEYNEMANN, Cláudia B. *Floresta da Tijuca: natureza e civilização no Rio de Janeiro (século XIX)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

HERRERA, Guillermo Castro. *Carl O. Saber: La Gestión del Hombre en la Tierra y otros ensayos*. Panamá: [s.n.] 2005. (seleção, tradução e apresentação por Guillermo Castro Herrera).

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOCHSTETLER, Kathryn e KECK, Margaret E. *Greening Brazil: environmental activism in state and society*. Durham: Duke University Press, 2007.

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.) *Leopold von Ranke: história*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

_____. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco (Org.). *Caio Prado Junior: história*. São Paulo: Ática, 1982. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

LEFF, Nathaniel. *Underdevelopment and Development in Brazil*. Boston: George Allen & Unwin, 1982. 2v. (vol. 1: *Economic Structure and Change, 1822-1947*. vol. 2: *Reassessing the Obstacles to Economic Development*.)

LENZI, Cristiano L. *Sociologia Ambiental: risco e sustentabilidade na modernidade*. Bauru, SP: Ed. USC, 2006.

LEITE, José Ferrari. *A ocupação do Pontal do Paranapanema*. São Paulo: Hucitec, 1998.

LEONARDI, Victor. *Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira*. Brasília: Ed. UnB; Paralelo 15, 1999.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. Tradução Wilson Martins. São Paulo: Anhembi, 1957.

LINHARES, Maria Yedda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *História da agricultura brasileira: combates e controvérsias*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

MAIMON, Dália (Coord.). *Ecologia e desenvolvimento*. Rio de Janeiro: APED, 1992.

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: Ed USC, 2001.

MALERBA, Jurandir (Org). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo, Contexto, 2006.

_____. *A História na América Latina: ensaio de crítica historiográfica*. Rio de Janeiro: Ed. FVG, 2009.

MALIN, James C. *History & Ecology: studies of the Grassland*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1984. (Editado por Robert P. Swierenga)

MARINS, Carlos Estevan. *Brasil-Estados Unidos: dos 60 aos 70*. São Paulo: Brasiliense, 1975. (CEBRAP. Cadernos: 9).

MARTINEZ, Paulo Henrique. *História Ambiental no Brasil: Pesquisa e Ensino*. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *A dinâmica de um pensamento crítico: Caio Prado Jr. (1928-1935)*. São Paulo: Ed. USP; FAPESP, 2008.

MARTINS, Marcos Lobato. *Historia e Meio Ambiente*. São Paulo: Annablume, 2007.

MASSI, Fernanda Peixoto; PONTES, Heloísa. *Guia bibliográfico dos brasilianistas: obras e autores editados no Brasil entre 1930 e 1988*. São Paulo: Editora Sumaré, 1992.

MAZOYER, Marcel. *História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea*. Tradução Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

McCORMICK, John. *Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista*. Tradução Marco Antonio Esteves da Rocha; Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Relumé-Dumará, 1992.

McNEILL, John R. *Algo nuevo bajo el sol: historia medioambiental del mundo en el siglo XX*. Tradução Jose Luis Gil Aristu. Madrid: Alianza, 2003.

MEADOWS, Donella H. et al. *Limites do Crescimento*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978 (Coleção debates 90).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990.

_____. *Introdução ao nacionalismo acadêmico: os brasilianistas*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MERCHANT, Carolyn. *The Columbia guide to American environmental history*. New York: Columbia University Press, 2002.

MICELI, Sérgio. *A desilusão americana: relações acadêmicas e intelectuais entre o Brasil e os Estados Unidos*. São Paulo: Editora Sumaré; IDESP, 1990.

_____. (Coord.). *A Fundação Ford no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré; FAPESP, 1993.

_____. (Coord.) *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Sumaré; IDESP, 1995. 2v.

MILLS, C. Wright. *Poder e Política*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MISHAN, Ezra. *Desenvolvimento a que preço?*. Tradução Aydano Arruda. São Paulo: IBRASA, 1976.

MOLINA, Manuel Gonzalez; ALIER, Juan Martinez (Eds.). *Historia y Ecologia. Ayer, Revista de la Asociación de Historia Contemporanea*, Madrid, n. 11, 1993. [número temático]

MONZOTE, Reinaldo Funes (Ed.). *Naturaleza en declive: miradas a la historia ambiental de América Latina y el Caribe*. Valencia, España: Fundación Instituto de Historia Social, 2008. (Biblioteca Historia Social, 20).

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Meio Ambiente e Ciências Humanas*. São Paulo: Hucitec, 1994.

MORAES, José Geraldo Vinci; REGO, José Marcio (Orgs). *Conversa com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002.

MOTA, Carlos Guilherme (Org). *Lucien Febvre: história*. São Paulo, Ática, 1978. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

MOURA, Gerson. *História de uma história: rumos da historiografia norte-americana no século XX*. São Paulo: Ed. USP, 1995.

_____. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. 4. ed, São Paulo: Brasiliense, 1986.

MYLLYNTAUS, Timo, SAIKKU, Mikko (Eds.). *Encountering the past in nature: essays in environmental history*. Athens: Ohio University Press, Athens, 2001.

NASH, Roderick. *Wilderness and the American Mind*. New Haven: Yale University Press, 1982

NUSDEO, Fábio. *Desenvolvimento e ecologia*. São Paulo: Saraiva, 1975.

ODÁLIA, Nilo (Org.). *Varnhagen: história*. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

ODUM, Eugene Pleasants. *Ecologia*. Tradução Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi; FERREIRA, Marieta de Moraes; CASTRO, Celso (Orgs.). *Conversando com... Anthony Giddens, Carlo Ginzburg, Eric Hobsbawm, François Furet, Howard Becker, Jacques le Goff, Jacques Revel, Richard Morse, Robert Darnton, Tulio Halperin Donghi, Warren Dean*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

PÁDUA, José Augusto. *Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista, 1786-1888*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *As muitas faces da história: nove entrevistas*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea (Coord.). *A Moderna História Econômica*. Rio de Janeiro: Apec, 1976.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *História e Desenvolvimento: a contribuição da historiografia para a teoria e prática do desenvolvimento brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PURSELL, Carroll (Ed.). *From Conservation to Ecology: the Development of Environmental Concern*. New York: Thomas Y. Crowell Company, 1973.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

RÉMOND, René. *História dos Estados Unidos*. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

REVKIN, Andrew. *Tempo de queimada, tempo de morte: o assassinato de Chico Mendes e a luta em prol da Floresta Amazônica*. Tradução Wilma Freitas Ronald de Carvalho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

RIBEIRO, Wagner Costa. *A ordem ambiental internacional*. São Paulo. Contexto, 2001.

RODRIGUES, Octávio. *Teoria do subdesenvolvimento da Cepal*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

ROETT, Riordan. *O Brasil na década de 70*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SACHS, Ignacy. *A terceira margem: em busca do ecodesenvolvimento*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Rumo à ecossocioeconomia: teoria e prática do desenvolvimento*. São Paulo: Cortez, 2007. (textos organizados por Paulo Freire Vieira)

_____; WILHEIM, José; PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Ecodesenvolvimento: Crescer sem Destruir*. Tradução Eneida Araújo. São Paulo: Vértice, 1986.

SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.

SAUER, Carl. *Agricultural origins and dispersals*. New York: American Geographical Society 1952. (Bowman Memorial Lectures, Series Two)

SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Coord.). *Ecologia e sociedade: uma introdução às implicações sociais da crise ambiental*. São Paulo: Loyola, 1978.

SILVA, Zélia Lopes, FERRERA, Sandra Aparecida (Org.). *A trajetória da Faculdade de Ciências e Letras de Assis nos desafios educacionais do ensino superior: entre o passado e o futuro*. Assis: UNESP-Campus de Assis, 2012.

SIMMONS, I. G. *Environmental History: a Concise Introduction*. Cambridge: Blackwell, 1993.

SOFFIATI, Arthur. *O nativo e o exótico: perspectivas para a história ambiental na ecorregião Norte-Noroeste fluminense entre os séculos XVII e XX*. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1996.

SOUZA, Neli de Jesus. *Desenvolvimento econômico*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

STEIN, Stanley J. *Vassouras: um município brasileiro do café, 1850-1900*. Tradução Vera Bloch Wrobel. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. *Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil, 1850-1950*. Tradução Jaime Larry Benchimol. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

_____; CONDE, Roberto Cortes. *Latin America: a guide to economic history, 1830-1930*. Berkeley: University of California, 1977.

_____; STEIN, Barbara H. *A herança colonial da América Latina: ensaios de dependência econômica*. 2. ed. Tradução José Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba: com referência especial ao município de Vassouras*. Tradução Edgar Magalhães. São Paulo: Brasiliense, 1961.

SWEEZY, Paul M. et al. *Perspectivas da América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

TOCANTINS, Leandro. *Amazônia: natureza, homem e tempo, uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

TOTA, Antonio Pedro. *Os americanos*. São Paulo: Contexto, 2009.

TUCKER, Richard; RICHARDS, J. F. (Eds.). *Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy*. Durham: Duke University Press, 1983.

_____. *World Deforestation in the Twentieth Century*. Durham: Duke University Press, 1988.

VASCONCELOS, José Antonio. *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.

VIEIRA, Paulo Freire e HOGAN, Joseph (Orgs). *Dilemas socioambientais e desenvolvimento sustentável*. Campinas-SP: Ed. UNICAMP, 1992.

WAGLEY, Charles, (Org.). *Social Science Research on Latin América*. New York: Columbia University Press, 1964.

WARD, Bárbara; DUBOS, René. *Uma terra Somente*. Tradução Antônio Lamberti. São Paulo: Melhoramentos; EDUSP, 1973.

WEGNER, Robert. *A conquista do Oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993.

WORSTER, Donald. (Ed.) *The Ends of the Earth: perspectives on modern Environmental History*. New York: Cambridge University Press, 1988.

_____. *Nature's economy: a history of ecological ideas*. New York: Cambridge University Press, 1997.

APÊNDICE A – Quadro de Entrevistas e Consultas feitas no âmbito desta pesquisa

COLABORADORES	DESCRIÇÃO	TIPO DE CONSULTA	INFORMAÇÃO
Alfred W. Crosby	Foi professor na Universidade do Texas. Considerado um dos precursores da História Ambiental nos Estados Unidos.	Consulta por e-mail	Não conheceu Warren Dean pessoalmente nem sua obra. Sem maiores informações.
Ana Maria Martinez Correa	Historiadora, ex-professora da UNESP/Assis. Participou do processo de contratação de Warren Dean como professor visitante na FCL/Assis, em 1975.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita
Anna Veronica Mautner	Psicanalista, foi professora de Psicologia Social na USP. Amiga, hospedou diversas vezes Warren Dean quando em visita ao Brasil.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita
Aziz Ab'Saber	Escreveu o prefácio da edição brasileira do livro “A luta pela borracha no Brasil”, 1989.	Consulta por e-mail	Não conheceu Warren Dean pessoalmente. Sem maiores informações.
Bárbara Weinstein	Ex-aluna de Warren Dean, professora do Departamento de História da NYU e destacada brasilianista. Publicou, em 1985, um importante livro sobre o “ciclo da borracha”. Foi interlocutora de Warren Dean.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita.
Cheryl Oakes	Bibliotecária e arquivista da <i>Forest History Society</i>	Consulta por e-mail	Enviou textos e capítulos escritos por Warren Dean.
Clifford Andrew Welch	Professor de História da América na UNIFESP, Guarulhos.	Entrevista não-gravada	Comentários a respeito do brasilianismo e contatos.
Donald Worster	Professor de História Americana na Universidade de Kansas. Considerado um dos precursores da História Ambiental.	Consulta por e-mail	Esteve algumas vezes com Warren Dean. Sem maiores informações.
Dora Shelard Correa	Historiadora ambiental	Consulta por e-mail	Comentário sobre a

	brasileira. Escreveu um levantamento das publicações de Warren Dean para a Revista de História da USP, em sua homenagem, em 1995. Professora no Centro Universitário Unifieo.		trajetória de Warren Dean.
Elizabeth McArdle Dean	Viúva de Warren Dean. Continua morando no apartamento do casal, em frente a NYU. Conserva boa memória da trajetória de Warren Dean.	Entrevista gravada	Forneceu vários documentos do seu acervo pessoal, tais como cartas, fotografias e projetos de Warren Dean.
Ghillean Prance	Foi diretor do Jardim Botânico de Kew e professor e vice-presidente do Jardim Botânico de Nova York (NYBG); estudioso da Amazônia, foi correspondente e avalista de projetos de pesquisa de Warren Dean, a partir de 1980.	Consulta por e-mail	Informações diversas a respeito da passagem de Warren Dean pelo NYBG.
Herbert S. Klein	Brasileianista norte-americano, frequentou o <i>Seminar Brazil</i> , na Columbia University. Foi professor de História e diretor do Centro para Estudos Latino-Americanos da Universidade de Stanford.	Consulta por e-mail	Sugestão de contatos. Sem maiores informações.
Jack Hammond	Latino-americanista norte-americano. Professor na City University of New York.	Entrevista não-gravada	Não conheceu Warren Dean pessoalmente. Comentários a respeito do brasilianismo. Sugestão de contatos em Nova York.
Jeffrey Lesser	Orientando, corrigiu as provas do livro “With Broadax and Firebrand” antes da publicação, em 1995.	Entrevista não-gravada e consultas por e-mail	Forneceu diversas informações sobre a vida profissional de Warren Dean, seus interesses, relacionamentos e círculos de amizade.
José Augusto Drummond	Historiador ambiental brasileiro, revisor técnico da tradução do livro “A ferro e fogo”. Professor no Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS, da	Entrevista não-gravada e consultas por e-mail	Comentários a respeito da obra de Warren Dean e de encontros pessoais que tiveram.

	UnB.		
John Henry Schulz	Historiador e fundador do <i>Brazilian Business School</i> . Foi amigo de Warren Dean, que participou de sua banca de defesa do doutorado em História econômica em Princeton, sob orientação de Stanley Stein.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita
José Augusto Pádua	Historiador ambiental brasileiro, amigo de Warren Dean. Professor Associado de História do Brasil na Universidade Federal do Rio de Janeiro.	Entrevista não-gravada e consultas por e-mail	Forneceu diversas informações a respeito das passagens de Warren Dean pelo Rio de Janeiro, seus interesses de pesquisa e sobre a sua obra de história ambiental.
José Luiz Andrade Franco	Historiador ambiental brasileiro. Professor no Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS, da UnB.	Entrevista não-gravada	Comentários a respeito da obra de Warren Dean e sobre o tema do conservacionismo nos Estados Unidos.
Judith Dean	Foi casada com Warren Dean de 1958 a 1978. Tiveram dois filhos.	Entrevista gravada	Forneceu diversas informações sobre a vida pessoal de Warren Dean, além de documentos.
Kirsten Schultz	Ex-aluna que cuidou dos papéis, livros etc, de Warren Dean na NYU após sua morte. Professora assistente no Seton Hall University.	Entrevista não-gravada e consultas por e-mail	Diversas informações a respeito da vida e obra de Warren Dean além de contatos de pessoas.
Laura Randall	Latino-americanista, foi diversas vezes co-presidente do <i>Seminar Brazil</i> , na Columbia University. Professora aposentada do Departamento de Economia do Hunter College, City University of New York.	Entrevista gravada	Informações sobre as reuniões do Seminar Brazil e do pensamento econômico latino-americanista.
Linda Lewin	Professora Emérita da Universidade da Califórnia, Berkeley. Foi amiga e interlocutora de Warren Dean desde 1968. Dean participou de sua banca de dissertação.	Consulta por e-mail	Informações a respeito da obra de Warren Dean e seus interesses pelas questões ambientais. Comentou a respeito da possível proximidade de

			Warren com a <i>Berkeley School</i> .
Lisa Mighetto	Diretora da ASEH – Sociedade Americana de História Ambiental	Consulta por e-mail	Informação a respeito da ligação de Warren Dean com a ASEH.
Maria Ligia Coelho Prado	Historiadora da América Latina. Foi amiga de Warren Dean, esteve algumas vezes na NYU a convite de Dean.	Entrevista não-gravada.	Informações diversas sobre a vida e a obra de Warren Dean.
Michael Hall	Historiador norte-americano e Professor titular do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.	Consulta por e-mail	Não conheceu Warren Dean pessoalmente. Sem maiores informações.
Michael J. Balick	Diretor e professor do Instituto de Botânica Econômica do NYBG. Foi professor de Botânica Tropical de Warren Dean em 1981.	Entrevista gravada	Informações sobre o NYBG e do interesse dos pesquisadores dessa instituição pelo Brasil.
Nicolas Sanchez-Albornoz	Amigo de departamento de Warren Dean tanto na Universidade do Texas quanto na NYU.	Consulta por e-mail	Comentários sobre a obra de Warren Dean e informações a respeito da estrutura dos cursos na NYU.
Norman Gall	Amigo e diretor executivo do Instituto Fernand Braudel em São Paulo, do qual Warren Dean foi membro associado. Hospedou diversas vezes Warren Dean quando em visita ao Brasil.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita
Ralph Della Cava	Destacado brasilianista e professor de Ciências Sociais da Universidade de Columbia.	Entrevista não-gravada	Informações diversas sobre a vida acadêmica de Warren Dean e sua obra. Forneceu importantes contatos e me aproximou de outros colaboradores.
Raquel Rolnik	Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, no seu doutorado foi orientada por Warren Dean na NYU.	Entrevista gravada	Entrevista transcrita
Richard Tucker	Professor na Universidade de Michigan. Historiador ambiental das florestas, interlocutor de Warren Dean desde 1978.	Consulta por e-mail	Comentários sobre a obra de Warren Dean e sobre os estudos de história florestal e ambiental nos estados Unidos durante a

			década de 1970.
Robert Stam	Professor de cinema na <i>Tisch School of the Arts</i> , NYU; participou como convidado de alguns eventos organizados por Warren Dean.	Entrevista gravada e consulta por e-mail	Informações sobre a vida acadêmica de Warren Dean.
Roberta Delson	Professora Adjunta de História na Drew University e Pesquisadora Associada do Departamento de Antropologia do Museu de História Natural de Nova York. Fez um curso no NYBG a convite de Warren Dean.	Entrevista gravada	Informações sobre o <i>Seminar Brazil</i> e o interesse de Warren Dean pelas questões ecológicas;
Scott A. Mori	Pesquisador, taxonomista, do NYBG, estudou, dentre outras coisas, a Mata Atlântica na Bahia. Por volta de 1980, proferiu uma palestra sobre conservação no curso de Warren Dean na NYU.	Entrevista não-gravada	Forneceu diversas informações sobre o período de estudos de Warren Dean no NYBG.
Stephen Sinon	Arquivista do NYBG.	Consulta	Informações gerais sobre o acervo <i>Warren Dean paper</i> no NYBG.
Stuart B. Schwartz	Brasileirista norte-americano, professor na Yale University, prefaciou o livro “With Broadax and Firebrand”.	Consulta por e-mail	Respostas de questionário a respeito da obra de Warren Dean, o brasilianismo e o convite para escrever o prefácio da edição brasileira de “A ferro e fogo”.
Susan Fraser	Diretora da Biblioteca do NYBG.	Consulta	Informações gerais sobre o acervo <i>Warren Dean paper</i> no NYBG.
Thomas Dean	Filho do primeiro casamento de Warren Dean com Judith Dean.	Entrevista não-gravada	Forneceu além de documentos, informações biográficas de Warren Dean. Tratou, inclusive, da sua participação na elaboração de mapas no livro “A ferro e fogo”.

APÊNDICE B – Entrevistas transcritas

CORRÊA, Anna Maria Martinez. Entrevista realizada em 11 de outubro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: Anna Maria Martinez Corrêa

Data: 11/10/2011

Local: Cedem – Unesp – Praça da Sé – São Paulo-SP

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Anna Maria Martinez Correa foi professora do departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis - Instituto Isolado de Ensino Superior, inaugurado em 16 de agosto de 1958 e da Faculdade de Ciências e Letras de Assis /Unesp. Em janeiro de 1976, pela Lei 975, cria-se a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, que congregou todos os antigos Institutos Isolados do Estado de São Paulo. Martinez Correa esteve envolvida no projeto de criação do centro de Documentação do departamento de História que remonta a 1973, quando foi instituído um espaço com o objetivo de propiciar as condições necessárias de pesquisa ao curso.

Desde o início da criação da faculdade houve uma possibilidade de realização de trabalhos conjuntos entre os cursos de História, Filosofia e Psicologia, desde a montagem de um currículo, no qual as afinidades pudessem ser concretizadas de maneira efetiva, com a realização de publicações conjuntas, cursos de especialização, cursos de extensão chegando-se a elaborar projeto de pós-graduação. Ao mesmo tempo teve início a formação de um núcleo de apoio à pesquisa, inicialmente desenvolvendo um projeto de História Regional. Foi essa a origem do Centro de Documentação do Departamento de História, posteriormente chamado de CEDRAU e que hoje funciona como um Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), abrangendo todas as áreas em funcionamento no campus.

A professora Anna Maria também participou do processo de contratação de Warren Dean como professor visitante junto ao departamento de História dessa faculdade para o ano letivo de 1975³⁸³. A entrevista girou em torno dessa passagem de Warren Dean por Assis e região (a partir daquele ano) e de seus interesses pelas questões ambientais.

³⁸³ Arquivo permanente da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp. Processo nº 539/74. Caixa: 152. Interessado: Warren Dean. *Contratação como professor visitante junto ao departamento de História* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. Assis, 20 de novembro de 1974. Nesse

Entrevista:

Quem me apresentou ao Warren Dean foi o Gabriel Bolaffi, quando eu estava fazendo minha pesquisa sobre Araraquara e ele me deu aquele texto sobre as grandes propriedades, afirmando ter semelhanças com o meu trabalho. O Gabriel era como um irmão de Warren, as suas famílias eram muito unidas, assim como a da Anna Verônica Mautner.

Com relação aos brasilianistas, a Fulbright sempre nos ajudou, principalmente nos anos de 1970, quando havia um interesse maior dos Estados Unidos pelo Brasil. Os pesquisadores norte-americanos estavam sempre aqui e nós os convidávamos para fazer conferências em Assis, aproveitando o patrocínio da Fulbright. Naquela época, no entanto, nós queríamos um pouco mais do que isto, nós queríamos um curso e um professor colaborador para o programa de pós-graduação em América Latina que estávamos desenvolvendo.

Durante o período da ditadura, havia uma grande dificuldade em se conseguir qualquer informação sobre a América Latina, questões de história ou de fundamento social. Não encontrávamos bibliografia, era praticamente impossível falar nesse tema. Então surgiu a idéia de pedir um professor visitante, para permanecer durante o período correspondente às suas férias. Este foi o caso do Warren Dean, que chegou em maio de 1975 e foi embora em setembro daquele ano, quando começavam as aulas nos Estados Unidos. A passagem dele por Assis foi com esse objetivo.

Warren Dean programou um curso com os textos de historiadores americanos mais em evidência, principalmente da questão racial, a inserção do negro nas sociedades norte e latino-americana, uma questão candente na época. Não era bem isso que queríamos ouvir, mas nos ajudou bastante. Nós queríamos ouvir história dos Estados Unidos, pois não tínhamos informação sobre isto, embora este fosse um assunto do qual Warren Dean não queria falar, por não se tratar da sua linha de pesquisa. Quando ele chegou em Assis, a gente o conhecia pelo livro *A Industrialização de São Paulo*, depois é que ele foi trazendo outros temas. *Rio Claro*, que eu acho um trabalho excepcional e que merecia uma pesquisa maior sobre esse livro, ainda não tinha sido publicado quando ele nos visitou e eu me lembro dele ter levado as provas do livro.

documento/processo pode-se ainda verificar além dos objetivos dos docentes daquele departamento de História, conforme expresso na carta-convite, os temas e interesses de pesquisa de Warren Dean, tanto em seu currículo quanto em carta enviada ao chefe do departamento, ambos os documentos anexados ao processo.

Discutimos ainda sobre metodologia de pesquisa. Ele trouxe uma questão importante que era a história regional, história local, história das famílias, história da vivência nas pequenas cidades, e isso cabia muito bem em Assis. Então nós pensamos na possibilidade de fazer um levantamento da história local. Como o nosso programa era de História da América Latina, nós procuramos conciliar o geral com o particular, relacionar essas duas coisas que parecem ser tão distantes. Warren Dean sugeriu que procurássemos conhecer um pouco melhor o nosso ambiente de trabalho, conhecer a localidade, conhecer as pessoas. Foi então que demos início a um pequeno projeto de história oral, durante o qual chegamos a fazer duas ou três entrevistas, devido o pouco tempo de permanência dele em Assis. Warren conduziu uma entrevista excepcional com Otto Ribeiro, que hoje é nome de rua em Assis, e que era fazendeiro da localidade, uma pessoa que tinha uma vivência muito grande na cidade e com a faculdade. A gente teria, com isto, um fundamento extraordinário para a história local. Não conseguimos. Infelizmente, nós gravamos naquele “gravadorzinho” de fita e essa gravação foi perdida. Tempos depois, Warren Dean me escreveu pedindo a fita, mas não foi possível enviá-la.

Warren Dean já demonstrava uma preocupação muito grande com o ambiente. Ele vinha discutindo isso há muito tempo. Em artigos da década de 70, ele já começava a tratar um pouco do assunto, mas de maneira ainda não tão diretamente como fez depois. Numa viagem que fizemos daqui de São Paulo para Assis, por exemplo, ele foi observando a natureza, comentando a respeito da variedade dos tons de verde, notando a paisagem.

Acredito que é possível encontrar uma fonte preciosa a respeito de Warren Dean em Presidente Prudente. Em Assis, o Warren tinha como objetivo também, já pensando nessa questão ambiental, conhecer a região do Vale do paranapanema e até o Pontal do paranapanema. Por isso, quando ele tinha folga, nos finais de semana, ele visitava aquela região. Chegou a fazer incursões no Morro do Diabo e ficou apaixonado pelo lugar, onde voltou várias vezes³⁸⁴. Ele havia se encantado com o tal mico-leão-dourado, sobre o qual faziam pesquisa naquela época, devido ao risco de extinção³⁸⁵. A base dele seria, então,

³⁸⁴ Em 4 de junho de 1986, pelo decreto 25.342/86, foi criado o Parque Estadual do Morro do Diabo, situado no Pontal do Paranapanema, município de Teodoro Sampaio. Esta unidade de conservação constituía, junto com a Grande Reserva do Pontal do Paranapanema e a Reserva Lagoa São Paulo, um dos maiores trechos de Mata Atlântica do interior de São Paulo. Essas reservas, criadas na década de 1940, estão bastante reduzidas, sendo que o Parque Estadual do Morro do Diabo é a única reserva que não sofreu grandes alterações. Seu ecossistema é constituído por uma das últimas florestas de Mata Atlântica (floresta estacional semidecidual) do interior paulista. [Nota do entrevistador].

³⁸⁵ A professora Anna Maria pode ter confundido o Mico-leão-dourado com o Mico-leão-preto, este, endêmico da região. Em 1983 inicia-se o Programa de Conservação do Mico-Leão-Dourado (GLTCP) por Devra Kleiman (National Zoo, Washington, D.C.) e Coimbra-Filho, na Reserva Biológica de Poço das Antas. Embora com a colaboração inicial da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN), em 1992,

Presidente Prudente, para ficar ali nos arredores. O professor Diores iria ajudar bastante, pois ele também acompanhou o curso de Warren Dean em Assis, onde também foi professor. Ele recebeu o Warren em Presidente Prudente³⁸⁶.

Ele voltou várias vezes para a região depois dessa primeira visita. Todas as vezes que ele vinha ao Brasil ele passava no Morro do Diabo³⁸⁷. Suas visitas ao Morro do Diabo eram por pura curiosidade intelectual, não tinha relações institucionais. Neste sentido, seria interessante pesquisar no Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense, onde ele trabalhou com a preocupação ambiental, sobre a Mata Atlântica, objeto de seu interesse. E também em Assis, nas atas do departamento de história.

o projeto deu origem à sua própria ONG, a Associação Mico-Leão-Dourado. O Mico-Leão foi uma espécie-bandeira de vários projetos e programas conservacionistas. Três reservas biológicas e uma estação ecológica foram criadas especialmente para os micos-leões e os diferentes programas inspirados pelas quatro espécies otimizaram os esforços de conservação regional e local na Mata Atlântica nos estados do Rio de Janeiro, Paraná, São Paulo e Bahia. [Nota do entrevistador].

³⁸⁶ Warren Dean esteve em Porto Epiácio em 1975, conforme atesta uma fotografia arquivada no acervo pessoal de Judith Dean. [Nota do entrevistador].

³⁸⁷ Em 1989, por exemplo, fez uma viagem de campo ao Morro do Diabo, onde encontrou e fotografou o *black lion tamarin* (mico-leão-preto), endêmico dessa região e um dos símbolos da luta pela defesa da Mata Atlântica. Este foi o tema de uma palestra ministrada para o Programa de Educação para a Conservação Ambiental. Nesta ocasião, entrevistou no dia 17 de maio o pesquisador Cláudio Pádua, biólogo que morou e trabalha até hoje na reserva. [Nota do entrevistador].

MAUTNER, Anna Verônica. Entrevista realizada em 13 de setembro de 2011, em São Paulo.
Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: Anna Verônica Mautner

Data: 13/08/2011

Local: São Paulo-SP

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Anna Verônica Mautner é uma psicanalista brasileira, nascida na Hungria. Transferiu-se com sua família para o Brasil quando ainda criança e cresceu em São Paulo. É graduada em Ciências Sociais, com mestrado em Psicologia Social pela USP, e membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Já trabalhou como publicitária e professora universitária na USP, no Instituto Sedes Sapientiae e na FGV. É também cronista do jornal Folha de São Paulo e escritora. Foi amiga de infância de Gabriel Bolaffi, que a apresentou a Warren Dean. Recebeu este último por diversas vezes no Brasil e foi por ele recebida em Nova York.

A entrevista pretendeu investigar aspectos biográficos de Warren Dean, com vistas a conhecer melhor alguns traços de sua personalidade, gostos e interesses.

Entrevista:

Warren Dean apareceu nas nossas vidas aqui em São Paulo através de um homem chamado Gabriel Bolaffi, que faleceu há 15 dias. Warren conheceu Bolaffi quando estava com uma bolsa do Texas, Austin, e se preparando para vir para o Brasil. O Gabi era meu amigo de infância e então nos conhecemos. Nós tínhamos filhos da mesma idade. O Warren teve o Thomy, que tem a idade da minha filha, deve estar com uns 50 anos agora, e a Julie, que é mais nova e faz coisas mais ligadas à arte, artes cênicas, coisa assim. O Gabi tinha filhos mais ou menos dessa idade também. A gente se entrosava. Não eram conversas intelectuais, nós éramos amigos, falávamos sobre supermercado, sobre o dia-a-dia, sobre o jornal. Nós éramos jovens, em torno de 30 anos, professores universitários – eu era professora de psicologia social – e tínhamos uma solidariedade palpável. Foi uma longa amizade, desde a primeira vez que Warren veio até o final.

Warren se hospedou muitas vezes na casa do Gabi, que ficava no Butantã, ao lado da Cidade Universitária, e na minha casa. Eu também passei longas temporadas nos Estados Unidos com ele, com a Judith e as crianças.

Por volta dos anos 60, Warren morou um tempo no México. Até hoje quando eu faço um “mole” eu me lembro dele, porque nós entramos em contato com isso através dele. Faz tudo parte da minha vida. Warren ficou um período em Assis, onde ele deu aula no departamento de História.

Quando o Kennedy morreu, Warren estava aqui, e morava na praça Leopoldo Froes³⁸⁸, num prédio ao lado da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, e eu morava na Barra Funda, no fim da Rua Barão de Limeira. Quando eu ouvi no rádio que tinham matado o Kennedy, saí correndo, porque imaginei que ele estaria desolado, sozinho nesta cidade, embora estivesse com a sua mulher, que ainda era a Judith, a primeira esposa. Lembro-me que nós fizemos o luto do Kennedy juntos. O Warren evidentemente era democrata, era de esquerda, mas não era ativista soviético. Nós éramos uníssonos a este respeito, a gente tinha uma posição, liberal de esquerda, ninguém era “Partidão”.

Eu morei um ano em Nova York (1968). Eu trabalhava na ONU como setorista de diários associados. Estava lá quando subiu o Sputnik, e nós vivenciamos juntos essa que foi a primeira derrocada americana de sua história. Quando o Sputnik subiu era russo, não era americano. Foi uma derrota. Quem é que estava preparado para que os russos chegassem primeiro na corrida espacial? E chegaram. E foi um choque, do mesmo jeito que foi um choque a morte do Kennedy. Vivemos muitas coisas juntos.

Na ocasião eu não estava hospedada na sua casa. Nessa época ele já era professor na New York University, mas ainda não tinha *Tenure*, mas morava num dos prédios na Bleecker Street, onde a Liz³⁸⁹ foi morar. Morava lá com as crianças num apartamento maior do que a Liz tem agora.

Warren não era um homem de entrar num Wildlife, nada de Ongs, o negócio dele era livro e papel. Não teve um ativismo verde, mas é provável que ele tenha contribuído com Ongs, como o Greenpeace, assim como dava dinheiro para os candidatos americanos.

Warren Dean não tinha “cara” de latino-americano; não “fazia de conta”. Era um homem solitário, que não fazia “patota”, não criava conflito. Por exemplo, ele morava em

³⁸⁸ Possivelmente estivesse se referindo à Praça Rotary [Nota do entrevistador].

³⁸⁹ Elizabeth McArdle Dean, a segunda esposa de Warren Dean [Nota do entrevistador].

Nova York e não tinha carro. Não tinha essas coisas de brasileiro “metido à besta”. Era amoroso, cuidava da casa e cozinhava bem.

A mãe dele³⁹⁰, que era uma húngara como eu, fazia crochê divinamente. A minha manta, que eu uso no consultório, foi feita por ela. Sobre o pai, não se fala nesse homem. Não sei. Nunca ouvi falar.

Warren falava como um homem que conhecia o Brasil. Sabe dessas coisas que são tão “enfronhadas” na vida que não tem data? O Warren e o Brasil não têm data. Por isso é muito difícil falar sobre uma pessoa que nunca era estrangeiro. Nós não o sentíamos como estrangeiro. Ele não era estrangeiro em Nova York; não era estrangeiro no Texas. Como será? Como se faz um homem para que ele não seja estrangeiro? Porque tem gente que é estrangeiro na própria casa, e ele não era estrangeiro em lugar nenhum. Ele “fazia parte”. Por exemplo, eu fui uma única vez no departamento dele na NYU, nem sei o porquê. Ele não levava a gente lá. Eu acho que faz parte disso. Como ele era um cara que não era estrangeiro, ele não podia levar estranhos. E se eu fosse lá, eu ia de curiosa, porque não tinha nada que fazer lá, não era aluna, não era nada. Então, ele não galhardeava “estrangeirice”, “estranhice”.

Via o que os outros não viam; inovava, porque enxergava o que o outro não estava enxergando. Querer inovar é uma postura. Inovar é um acontecimento. Ele estava adiante no tempo.

Eu sabia de uma postura, que pra nós era novo, essa coisa ambientalista, esse tipo de preocupação com o ar, a atmosfera, com o qual ele já se interessava. Quando ele trabalhou com *Rio Claro*³⁹¹, ele já foi ver como foi a industrialização aqui no interior.

Era super “caxias”. Estudava todo dia, sempre tinha livros pra ler, sempre estava escrevendo. Porém, em sua casa não tinha livro. Os seus livros estavam na New York University, no lugar de trabalho, não era para estar em casa. Frequentava opera, concerto, mas pouco.

Um professor nos Estados Unidos naquela época não ganhava muito. Eu me lembro do Warren ir ao supermercado e comprar margarina porque manteiga era mais caro. E não que ele fosse “pão-duro”. Não é problema de “pão-durice”, o problema é que é classe media. Tem que pensar para gastar. O professor universitário na Europa não é rico também. Quando vinha

³⁹⁰ Gabrielle Roykavich [Nota do entrevistador].

³⁹¹ *Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920*, publicado nos Estados Unidos em 1976 e no Brasil um ano depois, como *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura – 1820-1920* [Nota do entrevistador].

ao Brasil era sempre a serviço e trazia a família. O Thom, a Julie³⁹² e a Liz estiveram muitas vezes aqui. Mas aí ele já era “Professor” ou qualquer coisa desse tipo.

O contato que ele tinha com intelectuais como Sergio Buarque de Holanda era estritamente de trabalho. Ele ia à casa do Sergio, na casa do Caio Prado, mas eles não eram “de casa”; “de casa” ele era no Gabi, na minha e de um outro amigo nosso, o Vitor, que também já faleceu. Fonte de trabalho era fonte de trabalho. Ele não “misturava”, o que em inglês se fala “mingle”, ou seja, ele “não se mingle”; não fazia de conta, não ficava intervindo nas coisas, não misturava “alho com bugalho”.

Ele morreu no Chile. Eu me lembro que estava sentada numa poltrona igual a esta em casa quando o Thom me telefonou que o pai tinha morrido. Tomou o gás e morreu. Foi uma coisa muito horrorosa, lamentável. O mundo perdeu. E o Brasil perdeu também. A Amazônia perdeu.

³⁹² Thomas e Julie Dean, filhos do primeiro casamento de Warren Dean com Judith Dean. [Nota do entrevistador].

GALL, Norman. Entrevista realizada em 16 de setembro de 2011, em São Paulo. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: Norman Gall

Data: 16 de setembro de 2011

Local: São Paulo

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Norman Gall tem pesquisado a América Latina desde 1961. Nasceu em Nova York em 1933 e frequentou as escolas públicas da Cidade de Nova York e a New York University. Diretor executivo do Instituto Fernando Braudel de Economia Mundial, em São Paulo, desde 1987, é também o editor do Braudel Papers, o jornal bimestral publicado pelo Instituto. Como editor correspondente da revista Forbes, em São Paulo, escreveu sobre o desenvolvimento da economia mundial no Brasil, Japão, Europa, Estados Unidos, México, Venezuela, Peru, Argentina e Chile. Foi amigo de Warren Dean, a quem hospedou algumas vezes em São Paulo e com quem trabalhou no Instituto Braudel.

A entrevista tinha como expectativa conhecer a participação de Warren Dean no Instituto dedicado ao pensamento do historiador francês Fernand Braudel, bem como conhecer a opinião sobre a sua obra de pessoa que esteve tão próxima a ele. A esposa de Norman participou da entrevista e a enriqueceu com informações a respeito da personalidade de Warren Dean.

Muitos nomes de pessoas que conheceram ou trabalharam com Warren Dean foram sugeridos.

Entrevista:

Warren era um grande amigo, somos praticamente da mesma idade. Eu o conheci antes dos anos de 1980, mas não estou certo quando isto ocorreu. Quando começamos no Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial, em 1987, já éramos antigos amigos, ele assinava os cheques da instituição, que foi criada pelo professor Rubens Ricupero, Roberto Macedo e por mim. O Warren entrou logo. Além de ajudar na contabilidade, a sua participação como intelectual se restringiu a uns dois seminários, não passando disso. Naquela

época o livro mais conhecido dele era sobre a industrialização de São Paulo, um texto básico, ainda que sua análise tivesse ido só até os anos 40. Depois é que ele fez o livro sobre Rio Claro e partiu para a história ecológica.

Por que o Instituto levou o nome de Fernand Braudel? Eu tive um amigo na universidade de Princeton, Robert Bilton, que era como um irmão meu. Tivemos aulas no Woodrow Wilson School, ele era meu vizinho e conversávamos muito. Bilton recomendou que eu lesse o Braudel e eu fiquei fascinado. Warren deve ter sido muito influenciado por Braudel, por essas partes ecológicas do *Mediterrâneo*.

Mas eu acho que a chave do pensamento de Warren é ser um homem de grande compaixão humana, um ser muito puro, e isso vai muito além da temática ecológica. O lado humano era muito profundo. Ele era muito inteligente e ao mesmo tempo era muito puro, uma pessoa muito especial. Era crítico, mas não era aquela crítica escancarada. Não era de se meter nas coisas; se interessava pelo lado humano das coisas. Warren era basicamente um historiador econômico, de processo de longo prazo de economia. A ecologia é uma causa que ele abraçou nos anos finais da sua vida. O que o destaca, portanto, é o humanismo muito profundo, que vai além dessas questões, e por isso éramos amigos. A ecologia não era o contexto que eu lembro do Warren, eu me lembro basicamente da sua qualidade humana. Essas preocupações dele com o meio ambiente não eram as minhas preocupações, eu não estava muito aberto a conversas com ele sobre isso. Éramos muito amigos, mas não entrosamos por este lado.

O conservacionismo é um filão da cultura americana. Havia, por exemplo, figuras políticas dos Estados Unidos que eram ligadas a essas questões. O mais notável foi Theodore Roosevelt, que era um “machista”, mas que também teve esse culto conservacionista. O Warren entrou nisso pela sensibilidade do meio ambiente que surgiu na década de 70, e formava parte dos seus instintos de generosidade. Eu nunca fui tão apaixonado como ele pela questão ecológica. Possivelmente isso seja uma falha minha, mas o fato é que havia muita gente escrevendo e trabalhando sobre isso e a minha orientação era a sobrevivência, então eu fiz coisas sobre problemas macro do Brasil e da economia mundial. Por exemplo, acabei de fazer um trabalho sobre o pré-sal e se Warren se dedicasse a esse tema, ele faria análises ecológicas, que é praticamente ao centro do meu trabalho. Se ocorresse um acidente no Brasil como houve no BP Macondo no Golfo do México, em mar aberto e não em um golfo, haveria menos implicações ecológicas. Warren seguramente faria um esboço dos prováveis impactos ecológicos ainda que neste momento fossem difícil de definir, pois está na fase incipiente.

Sua orientação política no contexto americano, que é diferente do contexto latino-americano, era de esquerda. Propunha uma idéia de atuação de compaixão do Estado. Ele era muito crítico do Reagan, por exemplo, era crítico também do Nixon. É certo que ia sempre para Jimmy Carter, mas é mais para a esquerda do partido Democrata, assim como eu também, mas é mais pronunciado em Warren.

Ele estava contra o governo militar. Naquela época ele teve simpatia com o PT. Mas o PT naquele momento não era como o partido de hoje, era um mundo de intelectuais de esquerda, de idealismo. Se estivesse vivo, Warren estaria crítico do Brasil, pois não era uma pessoa que se acomodava facilmente. Ele sempre viu coisas críticas e, obviamente, com razão.

Em relação ao desenvolvimento na América Latina, se preocupava com temas como a desigualdade, o imperialismo, a concentração de renda, coisas que se conversam na época.

Warren Dean estudava muito, mas ele também dispensava muito tempo para os amigos. Gastava tempo, se dispunha a ajudar, era muito generoso. Ele se mostrava muito interessado nas pessoas. Por exemplo, tínhamos uma empregada, Isabel, que hoje trabalha no “Ciclo de Leitura”, do Instituto, uma mulher que começou a trabalhar como doméstica desde 7 anos de idade e nunca aprendeu a ler e escrever. Warren passou horas com ela, na cozinha, ensinando-a. Era uma mulher muito inteligente, mas tinha esse bloqueio. Ele estava aqui numas férias de verão e passou horas com a Isabel. Essa é uma lembrança que eu tenho muito viva do Warren.

Tinha vários amigos aqui no Brasil, e as pessoas gostavam muito dele e que ficasse em suas casas, pois era uma pessoa profundamente agradável. Na hora de comer nós conversávamos de tudo, mas logo depois ele ficava concentrado, ficava invisível, era uma pessoa que sabia entrosar, ou seja, ser social quando precisava, e não incomodava. Eu não me lembro dele ter ficado em hotel, pois ficava na casa das pessoas. Ele vinha ao Brasil com certa frequência e permanecia no país por cerca de um mês. Lembro-me muito bem de tê-lo visitado no Rio de Janeiro, onde ele passou um mês, não mais que isso. Ele sempre ficava ou na nossa casa, na de Anna Verônica, tinha outra pessoa que morava na rua Itacolomi, ou no Rio.

Eu me lembro também que, muitas vezes, quando ele estava de partida para os Estados Unidos, ele gostava de promover um jantar no restaurante francês *La Casserole*, que fica no Largo do Arouche. Ele convidava todos os amigos para se reunirem e se conhecerem. Na frente do restaurante tinha uma casa de flores e ele gostava daquele lugar. Era a forma como

ele retribuía a acolhida das pessoas. Normalmente o grupo era formado por 10 ou 12, não era muito grande.

Os *brasilianists* mais conhecidos eram o Skidmore, Richard Morse, Fishlow. Havia entre os brasileiros um tipo de culto aos brasilianistas quando eles vieram para o Brasil, pois eram figuras midiáticas. Mas Warren era um homem muito reticente, ele não se perfilava.

Muitos deles, que estiveram com Warren, já morreram. Por certo há pessoas com as quais você pode contar para levantar informações. Bob Levine infelizmente também faleceu na mesma época. Bob era uma bela pessoa, professor na Universidade de Miami e membro do nosso Instituto também. Eu imagino que Warren deixou muita correspondência. Poderia ter procurado Richard Morse, mas ele já faleceu.

Primeiramente deve falar com os filhos dele. Vale a pena falar com Jeffrey Lesser, que foi um tipo de filho adotivo de Warren.

Maria Luiza Marcilio apareceu depois em nossa vida. Ela fez um grande livro para o nosso Instituto, sobre a história da escola.

Linda Lewin escreveu um livro muito importante sobre política e parentela na Paraíba, mas eu não tenho certeza se Warren fez a sua apresentação. Ela era de Berkeley, onde, eu acho, ela acaba de se aposentar. Também não sei se Fishlow teve um relacionamento com Warren.

Warren freqüentava um grupo de estudo na Columbia University, que foi originado por Frank Tennemaum, um notável historiador americano e um pioneiro dos estudos latino-americanos. Naquela época eu estava começando a trabalhar sobre o Brasil e conheci esse grupo em Nova York. Em outubro passado eu vi Ralph Della Cava em um seminário em Columbia, ele estava lá ainda. Fay Haussman fez parte desse grupo. Eu acho que você deve levantar essas pessoas que freqüentavam esse seminário sobre a América Latina em Columbia na década de 70, 80.

Ronald Schneider era amigo íntimo meu, ele era um brasilianista, professor em Queens College, um politicólogo e deve ter referências do Warren. Também não sei se Hirschman está vivo ainda. Hirschman estava em Princeton, no Instituto de Estudos Avançados.

Warren foi um admirador de Nicholas Sanches-Albornoz. Os dois eram da NYU. Eu tive através dele contato com Sanches-Albornoz, um historiador demográfico.

Uma pessoa que pode ter referência de Warren é Rubens Ricupero. Porque Rubens tem profunda vocação ambientalista. Eu acho que Rubens leu o livro sobre a Mata Atlântica, do qual ele é crítico.

Por fim, Ghilleen Prance, um biólogo muito distinto que foi diretor do Jardim Botânico do Bronx, depois diretor do Kew Gardens, na Inglaterra, teve relação com Warren.

WEINSTEIN, Bárbara. Entrevista realizada em 23 de janeiro de 2012, em Nova York. Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: Bárbara Weinstein

Data: 23 de janeiro de 2012

Local: King Juan Carlos Center, sala 503, Washington Square South, 53, Nova York, Estados Unidos

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Bárbara Weinstein, professora do departamento de história da New York University e brasilianista da geração posterior a de Warren Dean. Publicou, dentre outros, um importante livro sobre o ciclo da borracha, *A borracha na Amazônia: expansão e decadência 1850-1920*. São Paulo: Hucitec, 1993.

Entrevista:

Conheci o Warren em Princeton, onde ele estava dando um *Seminar*, que é um curso de discussão, sobre a história do Brasil. Naquele momento da minha vida eu estava muito envolvida na política, no movimento contra a guerra, e por isso era sempre um problema conseguir tempo para a militância e os estudos. Então eu não me dediquei suficientemente àquele curso e o Warren logo percebeu isto. Depois me senti envergonhada, pois, para ele, não havia nenhuma contradição entre militância política e dedicação acadêmica e eu, como aluna do terceiro ano de graduação, realmente não tinha aprendido bem sobre isso.

Mas quando eu me defini como historiadora do Brasil ele virou uma figura central na minha vida acadêmica, uma referência importante, especialmente sendo historiador do Brasil pós-independência. Por exemplo, o Stuart Schwartz era uma figura muito importante, mas mais para as pessoas que trabalhavam com a história colonial. No meu caso, o Warren era a figura central entre os historiadores brasilianistas norte-americanos. Obviamente que a minha orientadora, Emilia Viotti, era a maior influência, mas o Warren, dentro do mundo acadêmico norte-americano, além da Emilia, sempre foi fundamental.

O Warren despertava admiração tanto pelo seu trabalho quanto pela pessoa que ele era – refiro-me, sobretudo, àquela história de como ele saiu da Universidade do Texas. Ele não era uma pessoa de fazer cerimônia; desenvolvia seu trabalho movido por puro interesse intelectual e não por galgar alguma glória, avançar na carreira etc. Movia-se por curiosidade

intelectual. O bom trânsito de Warren no universo acadêmico brasileiro, num momento complicado em que os próprios brasilianistas estavam sob suspeitas de serem “agentes do imperialismo”, se deve ao fato de certas amizades bastante fortes que ele nutria no Brasil. As pessoas o reconheciam não só como um excelente historiador, mas como uma figura que não tinha compromisso com nenhum governo norte-americano, pelo contrário.

Eu escrevi a notícia de sua morte na *Hispanic American Historical Review*, o que foi, ao mesmo tempo, uma honra e uma tristeza. Aliás, uma coisa completamente inesperada da minha carreira foi a morte de várias pessoas que eram da geração anterior a minha, na área de história do Brasil: o Warren, o Bob Levine, o John Wirth. Todos eles morreram muito cedo, mas especialmente a morte do Warren foi um choque total. A perda dele foi muito traumática porque ele era uma pessoa muito central. Eu o considerava um modelo de como deve ser um historiador em termos da sua relação com os seus alunos. É impressionante a forma carinhosa e a admiração com que os seus ex-alunos falam dele: a Kirsten, o Sueann, o Jeff, a Déborah Levenson.

Os trabalhos de Warren não se encaixam em nenhuma categoria clara de orientação política ou ideológica. Ele não fazia *history from the “bottom up”*, quer dizer, não era um historiador social. Mesmo em *Rio Claro*, livro em que destacou a atuação dos escravos, esta não era a sua preocupação principal. Este foi o aspecto do livro que os jovens historiadores deram maior ênfase, especialmente no Brasil. Não quero dizer com isto que o Warren descartava essa questão, mas eu acho que este não era o argumento central do seu livro.

O fio comum em todos seus trabalhos é a perspectiva anti-elitista, uma postura clara contra as elites, especialmente as elites não-progressistas. Isso demonstra que ele, apesar de tudo, tinha fé no progresso. Talvez no seu último livro, *With Broadax and Firebrand*, um pouco menos, mas nos primeiros pode-se notar esta característica. Em *Industrialization of Sao Paulo*, por exemplo, a crítica recaiu sobre os industriais paulistas que não eram suficientemente progressistas. Para o Warren, se eles fossem realmente progressistas, teriam uma visão mais “ilustrada” da questão social, da tecnologia, enfim, de tudo. No meu livro *(Re)Formação da classe trabalhadora no Brasil* tratei disto de forma um pouco diferente. Procurei mostrar que a visão poderia ter sido muito progressista, em vários sentidos, mas não necessariamente “ilustrada”, em termos da classe trabalhadora.

No *Rio Claro*, o seu grande projeto era discutir o mito do fazendeiro progressista, mostrando que os fazendeiros eram muito conservadores em relação a questões como a abolição; somente quando eles não tiveram outra opção, voltaram-se para o trabalho livre.

Também nesta abordagem havia nitidamente uma visão antielitista, ao mostrar como a elite era reacionária, conservadora e que uma visão mais progressista poderia ter resolvido o problema de outra maneira.

Warren também criticou as tentativas de cultivar a *Hevea* na Amazônia. No fundo, ele acreditava que a solução para os problemas estava na ciência, na pesquisa. Vale dizer que naquele contexto a borracha não-cultivada era uma “rua sem saída” e Warren buscava mostrar que esse tipo de borracha só era viável como produto econômico com uma subvenção muito grande do governo. Para ele, esse era o jogo da velha elite da Amazônia para conseguir favores do governo federal, para viabilizar uma economia que nunca seria duradoura. De certa forma concordo com essa posição crítica, pois aquele modelo extrativista não é uma coisa que pode se sustentar por um longo tempo.

Além disso, vejo um outro problema naquele livro de Warren, *A luta pela borracha no Brasil*, o fato dele interpretar uma trajetória que não é explicável pelos dados biológicos, ou seja, ele estava fazendo um certo tipo de determinismo biológico, botânico. Há uma série de fatores, variáveis e processos históricos na Amazônia que não são explicáveis exclusivamente pela questão da borracha, cultivada ou não. Do meu ponto de vista, Warren se concentrou num pequeno aspecto da história. Para ele, era a história toda, para mim, não.

Ao mesmo tempo, *A luta pela borracha no Brasil* abriu espaço, uma porta para pensar as questões ecológicas de uma maneira mais séria, muito mais séria, aliás, do que eu fiz, por exemplo, no meu livro sobre o ciclo da borracha, onde a questão ecológica era secundária. Desse modo, o livro de Warren foi muito importante por ter aberto esta conversa, e não tanto pelas suas conclusões.

Francamente, dos quatro livros do Warren, aquele sobre a borracha é o que eu menos gosto. Era um livro interessante, intrigante, mas não contribuiu da mesma forma que os outros três. Inclusive é um livro de difícil caracterização, pois não me parece exatamente uma história ambiental, está mais para a história da ciência. Dos seus livros, o meu predileto continua sendo o *Industrialization of Sao Paulo*. Gosto muito também de *Rio Claro* e acho o livro *With broadax and firebrand* incrível, embora eu tenha as minhas críticas a ele também.

Para a época do auge da carreira do Warren, o brasilianismo talvez seja uma categoria analítica viável, em termos de entender a trajetória das pessoas. Mas não tenho muita certeza. Se pensarmos em alguém como Bob Levine, que de certa forma tinha uma carreira ligada com as universidades norte-americanas etc, mas ao mesmo tempo tinha uma grande amizade com

o José Carlos Sebe. Muito do seu trabalho esteve ligado a esta amizade com o Sebe. Então, é difícil pensar que ele é brasilianista, pois os dois eram historiadores do Brasil.

Por trás da decisão de se tornar um brasilianista, preocupado com as questões do tempo presente, geralmente tem alguma motivação, vamos dizer, política. Digo política num sentido bastante amplo, não estou me referindo a um programa político. Para alguém que mora no Brasil, estudar a história do Brasil é uma coisa natural, ninguém vai dizer: “por que você quer estudar o Brasil?”. Mesma coisa acontece aqui nos Estados Unidos. É natural estudar a história do seu próprio país. Mas optar por estudar o Brasil, sendo norte-americano, não é tão natural, as pessoas perguntam: “mas o que levou você a se interessar pelo Brasil?”. Às vezes é uma coisa aparentemente trivial, alguém que gosta muito do Brasil, gosta da música brasileira, da comida, ou mesmo se apaixonou por um brasileiro. De modo geral, a decisão por estudar a América Latina, e o Brasil em particular, é uma opção motivada pela política.

Nos anos 70 e 80, o público principal do brasilianista era o norte-americano e não o brasileiro, sobretudo por causa das diferenças entre esses dois mundos acadêmicos. Claro, eu não quero exagerar, havia uma preocupação com a recepção do trabalho no Brasil. No meu caso, por exemplo, foi um pouco excepcional, porque eu entrei na área já com uma perspectiva marxista, que era dominante no Brasil. De certa forma eu me senti melhor, mais em casa no Brasil do que nos Estados Unidos, onde a tradição anti-marxista sempre foi muito forte. Mas a grande maioria dos norte-americanos que trabalhava com a história do Brasil tinha um ponto de vista teórico-metodológico diferente dos brasileiros. Em geral, nos Estados Unidos, havia uma tradição mais empírica e menos teórica, e no Brasil era uma tradição mais teórica e menos empírica.

Além disso, temos que pensar no mercado de trabalho, ser práticos. Quando você vai concorrer a uma vaga em História do Brasil em alguma universidade, os historiadores no departamento de história, que em geral não trabalham diretamente na sua área de interesse, precisam ser convencidos da qualidade do seu trabalho. Por exemplo, a questão de gênero demorou a ser uma categoria de análise interessante para os brasileiros, mas aqui nos Estados Unidos já era nos anos 80. Portanto, se você estiver trabalhando com a questão da mulher pode ser que este assunto não vá interessar muito aos seus colegas brasileiros, mas seus colegas norte-americanos irão gostar e você pode conseguir o emprego. O mercado de trabalho de certa forma interfere na decisão sobre qual assunto o pesquisador formará sua carreira aqui nos Estados Unidos.

Atualmente eu diria que esse cenário mudou, não completamente, porque a tradição empírica que antes predominava entre os norte-americanos agora é uma tradição brasileira. Os norte-americanos ficaram mais interessados na teoria e os brasileiros em pesquisas em arquivos, de modo que esta diferença não existe tanto quanto antes.

Hoje a comunidade de historiadores no Brasil é mais parecida com a comunidade de historiadores daqui dos Estados Unidos. Os pesquisadores podem imaginar os projetos sobre o Brasil ou África, América do Norte, Cuba. Por exemplo, eu tenho uma grande amiga no Brasil, a Maria Ligia Prado, por causa dela, e também da Maria Helena Capelato, eu conheço quase todo mundo que trabalha com história da América Latina no Brasil. Esta é uma grande novidade, uma mudança impressionante, dramática, pois na época em que eu comecei a freqüentar as universidades e os seminários no Brasil, não existia esta preocupação com o conjunto da América Latina, era restrito apenas ao Brasil.

A definição da Amazônia enquanto objeto de pesquisa no caso do Warren foi um pouco por acaso. Ele começou a se interessar pelas questões ecológicas e, de certa forma, a Amazônia chamava a atenção por causa de todo o debate sobre a floresta etc., que era muito forte nos Estados Unidos. Aliás, foi muito forte aqui, antes de ser no Brasil. Então eu acho que é um pouco por acaso, por ele ter encontrado um material no *New York Botanical Garden* que o possibilitou escrever um trabalho sobre a região.

No meu caso foi diferente. Quando eu estava me decidindo por uma temática, tive a preocupação de não fazer uma pesquisa que estava duplicando o trabalho de um brasileiro. Então, conversando com a Emília sobre este problema, ela falou o seguinte: “o ciclo da borracha na Amazônia ainda carece de um estudo sério, acadêmico”. Essa era uma pesquisa que poucos brasileiros, especialmente paulistas e cariocas, que naquela época dominavam totalmente o mundo acadêmico, teriam vontade de fazer. Eu achei que podia dar a minha contribuição como uma historiadora vinda do exterior para o Brasil fazendo uma pesquisa sobre uma região que ainda era tão pouco estudada.

Há alguns excelentes historiadores paraenses que escreveram sobre a Amazônia, mas, de certa forma, eles fogem da questão do ciclo da borracha, das questões ecológicas. Eles querem estudar a política imperial, a emancipação dos escravos, ou seja, eles querem trabalhar com os mesmos temas que formam a historiografia de São Paulo, do Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul. Isso é perfeitamente compreensível, eu não critico em nada esta tendência. Este é até um aspecto do meu livro que eu gosto bastante – que é até mais forte do que no livro do Warren – que é a tentativa de mostrar que a Amazônia não estava isolada do

sistema político maior, da narrativa política do Brasil, que ela fazia parte de um sistema, e um grupo de políticos paraenses, como Lauro Sodré, Serzedelo Correa, Justo Chermont, eram figuras muito importantes na época da Primeira República. De certa forma, para os historiadores do Pará, por exemplo, ficar só com o ciclo da borracha seria uma forma de separar a Amazônia do contexto mais amplo.

Atualmente tem vários estudos sobre o ciclo da borracha, como o livro de Seth W. Garfield, que trabalha no Texas, sobre a batalha da borracha na segunda guerra mundial. Mas tem vários outros que foram publicados ultimamente por historiadores brasileiros sobre este episódio. Tem o livro da Cristina Scheibe Wolff, sobre as mulheres da floresta, as mulheres no Acre na época do ciclo da borracha e depois. Percebo que antigamente seria muito difícil imaginar alguém de Florianópolis escrevendo um livro sobre a Amazônia.

Após a morte do Warren eu fiquei responsável junto à *Brazilian Studies* da *Conference of Latin American History* pela criação do prêmio *Warren Dean*. Nós achávamos que a área de história do Brasil nos Estados Unidos não era suficientemente grande para um prêmio anual, então decidimos por oferecer o prêmio a cada dois anos. Inicialmente a idéia era oferecer o prêmio de História Ambiental e não para a História do Brasil, mas infelizmente o número de trabalhos nessa temática sobre a América Latina não era suficiente para sustentar o prêmio. Eu acabei contrariada, porque ficou muito claro para mim que no fim da vida a grande paixão do Warren era a História Ambiental. Mas no fim a mudança foi lógica.

Entre os brasilianistas é difícil pensar na formação de um subgrupo de história ambiental brasileira, pois o grupo dos brasilianistas é bastante limitado. Existem historiadores do Brasil que trabalham com essa temática como Shawn Miller. A própria Lise Sedrez, que é brasileira, mas foi treinada aqui nos Estados Unidos. O Seth W. Garfield neste novo livro trata muito disso. Outro excelente exemplo é o novo livro do Tom Rogers – *The Deepest Wounds: A Labor and Environmental History of Sugar in Northeast Brazil*, colega do Jeffrey Lesser em Emory – que acabou de ganhar o prêmio *Warren Dean*. Trata-se de uma história das fazendas, engenhos e plantações de cana-de-açúcar muito ligada à história ambiental do nordeste. Mas hoje já é difícil desenvolver certos temas no Brasil sem levar em conta a história ambiental.

Enfim, embora seja inevitável que com o passar dos anos a imagem e a memória da pessoa comessem a desaparecer, a influência de Warren vai continuar ainda por algum tempo, porque o seu trabalho é muito importante. Vale a pena dizer que há uma tendência de achar

que a nossa geração está inventando tudo, mas eu sempre digo que é necessário reconhecer as lições deixadas pela geração precedente, que não há novidade sem essa ligação.

SCHULZ, John Henry. Entrevista realizada em 09 de setembro de 2011, em São Paulo.
Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: John Henry Schulz

Data: 09 de setembro de 2011

Local: BBS – Brazilian Business School - São Paulo - SP

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Entrevista:

Eu fui muito amigo do Warren. Nossa amizade começou de uma forma inesquecível porque ele foi o “professor de fora” da minha banca de doutorado na Universidade de Princeton. Fizeram parte da banca, ainda, o Stanley Stein, que foi o orientador e um historiador novo de lá, acho que chamava Peter Smith. O Warren Dean e o Stanley Stein eram muito próximos. O Stein sempre o chamava quando precisava de alguém em Princeton.

Princeton fica distante cerca de uma hora de Nova York, onde Warren estava morando. Para conseguir uma data para ter o Warren na minha banca, acabei indo de carro para Nova York para levá-lo até Princeton. Eu estava acompanhado de um amigo brasileiro da universidade, chamado John Gladson, que escreveu muito sobre Machado de Assis. Durante a viagem até Princeton, o Warren ficou no banco de trás do carro corrigindo trabalhos e não abriu a boca. Ele realmente manteve a distância até a banca. Depois de toda a formalidade que cerca uma defesa de tese, ele foi outra pessoa. Na volta a gente se falou diretamente, ele me convidou para uma bebida e nossa amizade começou nesse instante. Isso foi em 1973. Depois eu morei a maior parte do tempo no Brasil e quando o Warren vinha para cá ele sempre me visitava.

Quando eu entrei, em 1967, Princeton tinha dinheiro do governo americano para qualquer um que quisesse fazer América Latina, por conta da revolução cubana. O governo americano estava muito interessado em aprender sobre a América Latina. Então, precisando ou não de ajuda, o dinheiro estava lá. Dessa forma, meu doutorado foi 100% custeado por Fidel Castro indiretamente. E o terror, do ponto de vista americano, é que a maioria dos professores tinha orientação mais para esquerda, como era o caso do Stein.

Esse pessoal, o Warren, o Stein etc, era muito crítico do modelo de desenvolvimento do Brasil naquela época. Quem olhasse para o Brasil na década de 60 e 70, observaria o

crescimento do PIB, mas sem o dinheiro chegar às pessoas, pois havia uma concentração de riqueza muito grande. Eu diria que o Warren e o Stein eram até cabeças de uma escola de pensamento, mas era bastante comum para quem vinha dos Estados Unidos e da Europa observar a desigualdade, o governo arbitrário, na América Latina. O Stein recusou vir para o Brasil depois do golpe militar. Entre 1964 e 1985 ele não pôs os pés no Brasil.

O Warren Dean tem dois livros fundamentais, um tratando da industrialização e outro sobre o mundo rural, agrário. O livro da industrialização ainda é o melhor sobre a indústria no Brasil. O único livro que eu acho comparável é o da Nícia Vilela Luz, escrito na mesma época inclusive. Esses são os dois clássicos sobre o assunto.

No seu livro, Warren Dean começou basicamente com a década de 80 do século XIX, pesquisando a industrialização especificamente em São Paulo. Vale dizer que até aquela época a cidade do Rio de Janeiro era o lugar mais industrializado do país. Foi a partir de 1880 que São Paulo realmente começou a crescer, a experimentar, ao mesmo tempo, várias mudanças importantes. As ferrovias ganharam importância a partir 1867. O número de imigrantes não era muito significativo até 1886, quando, de repente, dispara, juntamente com a abolição, que criou um mercado de pessoas assalariadas e, conseqüentemente, consumidores para os produtos industrializados. Dessa forma, a década de 1880 marcou o início da industrialização e foi a partir daí que o Warren começou seu livro. Sua pesquisa tratou de responder as perguntas essenciais: quem foram os industriais? De onde tiraram seu capital? Eram fazendeiros? Comerciantes? Imigrantes? Brasileiros? Warren estava muito preocupado em mostrar como foi esse processo de industrialização até 1945. Certamente, um processo bastante concentrador de riqueza que continuara até à época em que ele estava pesquisando, isto é, a década de 1960.

No livro sobre Rio Claro, ele tinha uma grande preocupação de como o escravo, e depois os libertos e imigrantes, foram tratados dentro do sistema, e quais as possibilidades deles ascenderem socialmente. Embora *Rio Claro* seja, sobretudo, um livro de história econômica, demonstra fortes preocupações sociais. Provavelmente tenha sofrido influência de Stanley Stein. Stein, no clássico *Vassouras*, desmistifica aquela idéia de que o tratamento de escravos no Brasil foi diferente. Então, essa preocupação é refletida no Warren Dean, que quando escreveu *Rio Claro*, também estava de olho em *Vassouras*, para ver se São Paulo era ou não muito diferente do Rio de Janeiro.

A preocupação de Warren com o ambiente é um pouco posterior, mas no *Rio Claro*, bem como no próprio *Vassouras*, do Stein, a degradação do meio ambiente já é muito importante, quer dizer, o café exauriu a terra em ambas as situações.

Interessante notar, por exemplo, que no Brasil na década de 80 do século XIX, tinha muita gente consciente do problema da degradação. Isso não é invenção de historiador da segunda metade do século XX. Tem aqueles famosos congressos agrícolas, de 1878, que estão cheios de observações mostrando uma preocupação com o meio ambiente, como uma citação do congresso de Recife, na qual a pessoa diz: “não pode plantar dentro de 30 metros de rios; não deve plantar em cima de morro”. O pessoal tinha plena consciência e a elite inteira ouviu o discurso. Seguir essas orientações era outro problema.

Na época de criança do Warren Dean, certamente ele ouviu muito o termo *conservation*, conservação. Nós fomos criados com essa idéia. Isso era preocupação dos Estados Unidos na década de 30, ou seja, pegou os pais do Warren Dean, inclusive. Parte do *New Deal* foi direcionado para *conservation*. Tinha o *Civilian Conservation Corp*, por exemplo. Então, nós que fomos formados no imediato pós-guerra, ouvimos isso desde criancinha. Com certeza esta era uma preocupação do Warren. Antes, figura em *Rio Claro*, como não poderia deixar de ser, e depois ficou mais central no que ele estava fazendo.

O Warren se formou na Universidade da Flórida, em Gainesville, que sempre foi um importante centro latino-americanista. Como fama em geral é uma universidade estadual mediana, mas particularmente em América Latina sempre foi muito forte, com professores bastante destacados.

Quando Warren começou a pesquisar tinha muito pouca coisa de qualidade escrita sobre o Brasil. Eu comecei um pouco depois dele, mas os livros que estavam disponíveis eram o da Nícia, os livros do Stein, de Caio Prado Jr., Nelson Werneck Sodré, Celso Furtado, *Conciliação e Reforma* de José Honório Rodrigues, mas não muito mais que isto. Lembro-me de argumentar na minha qualificação que eu tinha que voltar para os arquivos no Brasil porque em Princeton não tinha mais nada a fazer. Eu disse: “Se tem 10 livros que valem a pena ler sobre história do Brasil é muito”. Na Inglaterra, para meio século você encontrará cem livros importantes para ler. Então eu vi o Stein e o outro professor sobre o Brasil concordarem comigo.

Exatamente na nossa época, a dependência era o assunto do Brasil. Novamente lembramos do Stein, porque ele escreveu um livro sobre a dependência da América Latina que teve certa influência. Mas tanto para os brasilianistas quanto para os próprios brasileiros,

naquela época, dependência era quase uma “crença agradável” para a esquerda, servia como uma desculpa pelo que estava acontecendo. Funcionava como uma espécie de bengala. Mas eu acho que a historiografia mudou nos últimos 30 ou 40 anos. Agora tem uma corrente muito forte contra a Teoria da Dependência. Tão logo o governo militar acabou, essa teoria não era mais necessária.

Foi o Warren quem me apresentou ao Norman Gall, dizendo: “Você deve conhecer o Norman, um cara muito interessante, esse Instituto (Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial) é muito interessante”. Eu diria que o Warren queria amparar o Instituto, ajudar o Instituto como vários outros, e aí eu me incluo, porque eu vejo como um verdadeiro *think tank* que o Brasil realmente precisa. Merece todo o nosso apoio por ser independente, por correr atrás de assuntos que importam. Mas não acredito que o Warren fosse admirador irrestrito do pensamento de Braudel, nem do sistema capitalista.

Embora prestigiando o *think tank* que o Instituto Braudel virou, isso não quer dizer que ele mudou suas idéias. Naturalmente que começou, em certa altura de sua carreira, a pensar mais globalmente. Aliás, eu acho que esta é uma tendência do historiador quando ele chega numa certa idade. A própria carreira conduz a isso; ele tem que ser o melhor no campo pequeno, monográfico, para fazer seu nome, a partir daí ele pode se dar ao luxo de ampliar o escopo de sua atuação, ir para um âmbito mais global. É pela maturidade que a pessoa consegue assimilar mais complexidade, mas também é uma exigência da carreira. O Warren fez sua carreira na base dos dois primeiros livros, que o estabeleceram como um grande pesquisador e um historiador de primeira grandeza. Depois que a pessoa passa dessa fase mais monográfica, ela começa a fazer coisas menos específicas, é quase que uma exigência da própria profissão. De repente liga alguém da editora de Cambridge pedindo um livro mais geral e a pessoa atende.

Ele está entre os melhores historiadores que trataram o Brasil. Até agora ninguém escreveu nada melhor sobre o que ele pesquisou. A sua visão sobre a industrialização de São Paulo não foi ultrapassada por nenhuma pesquisa nova. Tem certas coisas controversas, como o papel do encilhamento, por exemplo. Warren dá a esse assunto importância praticamente zero, em termos de estimulantes da industrialização. Eu destaco isso porque eu escrevi um livro em 1996 sobre o encilhamento e agora eu estou fazendo uma segunda edição. Destacando mais explicitamente o pensamento do encilhamento de Warren, da Nícia e do Stein, pois ainda acho que são as três autoridades, até o Warren Dean e a Nícia mais do que o próprio Stein.

O encilhamento em Warren Dean passou mais ou menos em branco, quer dizer, existia, mas não tinha nada a ver com nada. O processo começa lá por 1880 e a própria vinda da República não fez tanta diferença; São Paulo crescendo sempre, a abolição, temas importantes, mas o encilhamento, em si, não. A Nícia entra exatamente no pensamento, protecionista ou não, dos líderes brasileiros, mencionando que Rui Barbosa não tinha absolutamente nada de protecionista e nada de pró-industrial, nem antes de entrar no governo, nem no governo, e nem depois. Já o Stein vê os primeiros anos da República como uma época muito boa para a indústria e ele foi até citado como alguém que apoiou o encilhamento. Porém, fazendo uma leitura mais clara, quem ele realmente apóia, é Floriano e seu ministro da Fazenda, Serzedello Correa, que tinha uma política aposta ao encilhamento; ou seja, estabilizar a moeda para o industrial poder calcular seus custos e, no fundo, a maior parte do capítulo que trata dos cinco anos do governo militar é sobre as tentativas de Floriano e Serzedello de ajudar as indústrias. Por isto é um pensamento contra o encilhamento. Nesse debate, estou completamente do lado do Warren.

A respeito da sua fase de historiador ambiental, eu tive algum contato e ele até me deu uma cópia do seu livro em português. Eu sei que ele estava continuando nessa linha, mas realmente não sei. Até devemos ter falado um pouco sobre esse assunto, mas era muito longe das minhas preocupações e não gravei. Então, confesso que ele até me falou e eu achei interessante, mas não me lembro dos detalhes. O que posso dizer é que as idéias sociais, em favor de uma maior distribuição, continuavam muito importantes no pensamento do Warren até a sua morte.

ROLNIK, Raquel. Entrevista realizada em 03 de novembro de 2011, em São Paulo.
Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira.

Entrevista: Raquel Rolnik

Data: 03 de novembro de 2011

Local: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAU-USP

Entrevistador: João Rafael Moraes de Oliveira

Raquel Rolnik é professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP (FAU), onde fez o mestrado sob orientação de Gabriel Bolaffi, um dos grandes amigos de Warren Dean. Por causa desta amizade, inclusive, Rolnik fez o seu doutoramento na New York University (NYU) orientada por Warren Dean. Essa relação de orientação e trabalhos de pesquisa teve início por volta de 1981 e terminou com a morte de Dean, em 1994.

Entrevista:

Eu conheci o Warren Dean via Gabriel Bolaffi, quando eu estava me formando na FAU, em 1978. Após eu ter me formado, logo comecei a fazer meu mestrado, que acabou sendo em História Urbana de São Paulo na passagem do século XIX para o XX. Foi nesse contexto de mudança de área, por volta de 1981, que o Bolaffi me falou do Warren: “Você quer ser historiadora? Você quer aprender a ser historiadora? Então você vai aprender com ele. Ele é quem sabe como é que faz para ser historiadora!”. Ele me apresentou o Warren, que foi muito receptivo e me ajudou em todo processo de aceitação na New York University. Não só fui aceita como ele batalhou para que eu tivesse uma bolsa e não precisasse pagar a escola. Paralelamente eu pedi ao CNPq uma bolsa de doutorado e fui para Nova York para estudar com o Warren no departamento de história. Ele foi uma pessoa fundamental não só para o meu doutoramento lá como para toda a minha adaptação.

Na NYU ele tinha duas pernas institucionais. Era professor no *History Department*, e neste ele era o encarregado de *Latin American History*, linha que era basicamente ele. Havia outras linhas de pesquisa, como *Working Class History*, uma outra linha relacionada aos estudos de gênero - basicamente estudos feministas. - e a *North American History*, que era o maior grupo. Warren também participava no *Latin American Studies Center* (CLACS) da NYU, que era interdisciplinar.

Eu cheguei em Nova York em setembro de 82. Eu fiquei lá de 82 a 84, fiz todas as disciplinas no departamento de História e aí eu voltei para o Brasil para terminar minha pesquisa e preparar a tese. Mas chegando aqui foi absolutamente impossível conseguir terminar, pois eu tinha que trabalhar para viver e então interrompi. Enfim, demorei quase dez anos para retomar o trabalho, em 93 ou 94. Então o Warren novamente me ajudou a retomar. Ele batalhou na Universidade para que eles me aceitassem de volta sem perder o que eu já tinha feito. Eu escrevi um novo projeto de tese e mandei para ele pelo correio. Pouco tempo depois, eu recebo um envelope na minha casa com o meu novo projeto comentado por ele, com suas observações escritas a mão. Neste mesmo dia eu também recebi a notícia da sua morte. Ele me enviara o envelope do Chile. Isso me marcou muito. Eu até acho que essas anotações foram as últimas coisas que ele escreveu.

Warren era extremamente disponível. Não tinha muitos orientandos porque no departamento de história a NYU, a linha *Latin American History* não era muito grande. O grande centro de história latinoamericana nos Estados Unidos era Austin, Texas, de onde o Warren saiu. A NYU tem uma tradição democrata. Nova York é historicamente uma cidade de democratas. Mas não era um lugar de *Latin American History*, nunca foi. Então, sempre teve poucos alunos.

Éramos três colegas trabalhando com o Warren Dean naquela época: o Jeffrey Lesser, a Gloria Lacava, que é uma ítalo-venezuelana que estava estudando *Latin American History* com o Warren Dean. Ela fez uma tese, que resultou num livro, sobre imigração italiana para São Paulo nos anos 30, 40 e 50. Somos grandes amigas até hoje. Hoje ela trabalha no Banco Mundial, em Washington. A Gloria tratando de imigração, o Jeffrey Lesser com a comunidade judaica e eu que na época estava pesquisando território afro-brasileiro no Rio de Janeiro e São Paulo, sobre a tradição afro-brasileira e a inserção dos ex-escravos na cidade. Esse era o meu projeto de doutorado que desenvolvi nos Estados Unidos. O Warren acolheu muito rápido o projeto, que o fascinou. Inclusive, eu o levei juntamente com o Bolaffi em um Candomblé aqui em São Paulo, que ele nunca tinha ido. Quando eu fui retomar o trabalho dez anos depois, mudei de tema e essa questão virou um capítulo da tese, que foi publicada como o livro *A cidade e a lei*. Mas até hoje os trabalhos que escrevi sobre a história dos territórios negros circulam, é impressionante. Tinha uma outra orientanda dele que chamava Débora Levenson, que estudava a Guatemala.

Após a morte do Warren, meu orientador formal foi Thomas Bender, que era chefe do departamento e trabalhava com *American History*, e também *Urban History*. Thomas Bender também gostava muito do Warren. Thomas acabou virando pró-reitor lá da NYU, subindo na

carreira institucional. Esse não era o perfil do Warren, por exemplo. Ele fazia o que precisava fazer. Não era uma pessoa de carreira. Era uma pessoa generosa, tímida e humilde. Uma das mais humildes que eu conheço.

Quando eu conheci o Warren eu já estava totalmente envolvida no grupo, que aqui no Brasil, naquele momento, estava fazendo sociologia urbana. O Lucio Kowarick participou do grupo que publicou *São Paulo crescimento e pobreza*, que forjou a noção de modelo de exclusão territorial, de crescimento periférico e a gente estava totalmente dentro disso, incluindo-se o Gabriel Bolaffi. Era um grupo de estudos sobre sociologia urbana. O Chico de Oliveira escreveu *A crítica a razão dualista*, que nós estudamos muito. Foi nesse cenário intelectual que Warren se movia em São Paulo, um cenário de construção de uma teoria da urbanização, do modelo de exclusão territorial dentro da urbanização, da concentração de renda e poder, essa era a linguagem desse grupo.

O Warren nunca entrou muito nos estudos urbanos. Apesar de seu trabalho sobre o processo de industrialização de São Paulo, ter sido muito usado na época em que esse tema ficou muito em voga no final dos anos 70, quando a Unicamp abriu o centro de Ciências Humanas e se constituiu lá um núcleo de história, o Arquivo Edgard Leuenroth e o centro de memória da classe operária. Lá tinha o Paulo Sergio Pinheiro, também o Michael Hall. Nesse período teve muita gente da Unicamp, entre professores e alunos que trabalharam a passagem do século XIX para o século XX. Foi uma onda. Eu lembro que quando eu estava fazendo isso na FAU tinha um monte de gente fazendo isso na História. O Sidney Chaloub no Rio, o Sergio Silva entre outros.

O Gabriel Bolaffi trabalhou na prefeitura com Planejamento, assim como eu também, mas não me lembro do Warren ter trabalhado lá. Eu trabalhei como estagiária em 1976, quando era aluna do terceiro ano da faculdade. O Cândido Malta Campos Filho, professor da FAU, era o coordenador geral. O Planejamento não era uma secretaria, era uma coordenadoria, chamada COGEP. Foi o Cândido que levou a gente, o Bolaffi, o Lucio Kowarick. Mas eu não lembro do Warren Dean ter trabalhado no COGEP.

Warren era uma pessoa de esquerda, comprometida com as questões sociais. Na época era ligado ao pessoal do Cebrap, que na verdade até rompeu com o Cebrap e constituiu o Cedec. O Gabriel e o Lucio romperam com os “tucanos” e foram para o PT. O Chico de Oliveira, o Otavio Ianni, também romperam. Aliás, Otavio Ianni é um pouco parecido com o Warren em algumas coisas na simplicidade, na absoluta não arrogância... Então o Warren era ligado e também era amigo dessa turma. Mas principalmente amigo. Eu me lembro muito

bem do Bolaffi falando: “O Warren Dean não é um amigo, o Warren Dean é o meu melhor amigo”. Ele amava o Warren Dean. A Clélia Bolaffi também gostava muito dele.

Mas essa turma não tinha uma única palavra sobre a questão ambiental nessa época. Aliás, ainda hoje, no âmbito de uma crítica ao processo de urbanização, a esquerda tem dificuldade de lidar com o tema ambiental. Não é fácil. Isto é muito recente, dos anos 90 em diante. Mas o Warren já estava ligado. Provavelmente, um dos seus fascínios aqui no Brasil era pela natureza. Este é um aspecto que precisa ser explorado com a Clélia, porque eles tinham uma casa na praia do Perequê, em Guarujá. Era um lugar de mato, de cachoeira, um lugar maravilhoso. O Perequê não era o que é hoje. Era uma aldeia de pescadores, de caiçaras, pequena, cercada de matas, de cachoeiras, então, aquela Mata Atlântica maravilhosa. Então, fico pensando que o contato de Warren com a Mata Atlântica veio dali. Eu acho que ele conheceu o “paraíso” ali, mas não tenho certeza. O meu contato com ele por mais tempo foi em Nova York. Quando eu vi o livro *A ferro e fogo* eu levei um susto. Eu não sabia que o negócio dele estava tão profundo, que tinha ido tão longe. Porque as coisas anteriores que eu conhecia dele não tratavam disso. Porque a questão ambiental naquela época nem existia. Eu me lembro que em Nova York nem se falava nisso, não se falava do tema ambiental. Porque é uma coisa dos anos 90. Então, ele é mesmo um precursor.

Quando eu cheguei em Nova York no início dos anos 80 ele estava fazendo um curso no New York Botanical Garden. Ele já estava estudando botânica, começando a desenvolver esse interesse. Certa vez ele me disse que estava querendo dimensionar quanto se queimava de floresta para poder fazer cada uma das atividades urbanas. Ele queria saber quanto de telhas tinha por casa, por unidade, por domicílio, porque ele queria calcular quanta madeira era queimada para fabricar as telhas, para descobrir quanto foi aberto de floresta. Ele já estava preocupado com esta questão. Essa história da telha foi posterior, eu nem estava mais em Nova York. Ele perguntou e eu tentei ajuda-lo a descobrir qual era o tamanho médio da casa no período colonial, discutindo os métodos de construção. Era uma questão de olhar e pensar a partir das imagens, dos desenhos etc, para tentar descobrir.

Quando eu retomei o meu trabalho, estávamos marcando datas, combinando coisas de futuro, fizemos uma programação para os próximos dois anos, todo um cronograma. A morte do Warren foi trágica. Muito prematura. Muito triste!

APÊNDICE C - Cronologia biobibliográfica de Warren Dean e do universo acadêmico dos EUA e Brasil, além dos cenários político e ambiental nacional e internacional.

ANO	Warren Dean; Biografia/Trajatória; Publicações; Cursos	Cenários doméstico, hemisférico e internacional; relações bilaterais entre EUA e Brasil; Universo acadêmico; Questão ambiental
1932	Warren Dean nasceu dia 17 de outubro de 1932, na cidade de Passaic, Estado de Nova Jersey, Estados Unidos.	
1933	-	<p>Eleição de Franklin Delano Roosevelt (1933-1945)</p> <p>Série de Programas governamentais: <i>New Deal</i> - EUA</p> <p>Criação dos <i>Civilian Conservation Corps</i> (CCC), programa do <i>New Deal</i> que empregava homens entre 18 e 25 anos em trabalhos relacionados à conservação e desenvolvimento dos recursos naturais em terras rurais de propriedade dos governos federal, estadual e local. Visava, ao mesmo tempo, gerar emprego em meio à “Depressão” e implementar programas de conservação pelo país;</p>
1934	-	<p><i>Primeira Conferência Brasileira de Proteção à Natureza</i>, Rio de Janeiro;</p> <p>Primeiro Código Florestal brasileiro, marco das ações governamentais no campo das políticas ambientais.</p>
1935	-	Primeiro Comitê de Estudos Latino-Americanos sob chancela do Conselho de Pesquisas em Ciências Sociais norte-americano (<i>Social Science Research Council / SSRC</i>)
1936	-	Criação do <i>Handbook of Latin American Studies</i>
1937	-	Criação do Parque Nacional de Itatiaia, o mais antigo do Brasil e localizado na região sudeste.
1938	-	Carl Sauer publicou “Destructive Exploitation in Modern Colonial Expansion” e “Theme of Plants and Animal Destruction in Economic History”.
1939	-	Biblioteca do Congresso norte-americano criou a <i>Fundação Hispânica</i>
1940	-	<p>Convenção sobre a Proteção da Natureza e Preservação da Vida Selvagem no Hemisfério Ocidental</p> <p>O <i>boom</i> industrial criado pela produção para a Segunda Guerra Mundial estabelece o cenário para a industrialização em grande escala nos próximos anos;</p>

		Início do programa de Língua Portuguesa e Literatura Luso-Brasileira na Univ. do Texas.
1941	-	EUA entram na Guerra – suscita uma série de programas de intercâmbio com diversos países latino-americanos. Estabelecimento do <i>Institute of Latin American Studies</i> na Univ. do Texas. Durante a década de 1950, o Instituto começou a formar um quadro de especialistas latino-americanistas reconhecidos nacionalmente, como Lewis Hanke e Daniel Stanislawski.
1942	-	<i>Joint Committee on Latin American Studies</i> sob o triplice patrocínio do SSRC, American Council of Learned Societies e do National Research Council: - o comitê operava como órgão de consultoria em relação às diferentes agências governamentais envolvidas com a América Latina - de maneira mais independente, promoveria atividades de treinamento, pesquisa e publicação O Comitê subsistiu até 1947 - se incumbiu, neste período, do <i>Handbook / HLAS</i> A controvérsia sobre barragem que inundaria <i>Cook Forest</i> , um parque estadual com florestas nativas da Pensilvânia. Escassez crítica de borracha no mercado mundial leva ao desenvolvimento de novas culturas, como <i>guyule</i> .
1944	-	Acordo de <i>Bretton Woods</i> , primeiro passo para a definição da nova ordem econômica internacional.
1945	-	Fim da Guerra na Europa; Bombas atômicas no Japão; Criação da Organização das Nações Unidas - ONU
1946	Warren Dean mudou-se para Miami, Flórida, com a família, onde trabalhou em diversas ocupações e completou os estudos até à graduação, em 1953.	O presidente Harry S. Truman (1945-1953) assina a Lei 584 (Fulbright Act), criando um programa para os intercâmbios culturais, técnicos e educacionais com outros países; Guerra-Fria; No Brasil, posse do General Dutra, estreita aliança com os EUA.
1947	-	<i>Los Angeles Air Pollution Control District</i> , primeiro departamento de controle de poluição do ar nos EUA;

		Plano Marshall; Criação da ONG <i>Defenders of Wildlife</i> ;
1948	-	<p>A <i>Florida University Press</i> passa a editar, para a Hispanic Division da Biblioteca do Congresso, o <i>Handbook of Latin American Studies</i> (até 1966, quando fica sob a responsabilidade da Universidade do Texas, Austin);</p> <p>A União Internacional para a Proteção da Natureza, rebatizado mais tarde como União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) e pela União Mundial de Conservação, é fundada na França;</p> <p>Publicações: Fairfield Osborne, <i>Our Plundered Planet</i>; William Vogt, <i>Road to Survival</i> – crescimento populacional e degradação ambiental; Aldo Leopold, <i>A Sand County Almanac</i>.</p>
1949	-	<p>A <i>Conferência Científica das Nações Unidas para a Conservação e Utilização dos Recursos</i>, realizada em Lake Success, Nova York;</p> <p>Primeira conferência nos EUA sobre a poluição atmosférica patrocinado pelo Serviço de Saúde Pública;</p> <p>Criação da Escola Superior de Guerra brasileira (modelada no <i>National War College</i> americano).</p>
1950	<p>Junho de 1950, Warren Dean concluiu o Ensino básico na <i>Miami Edison High School</i>;</p> <p>Matriculou-se na Universidade de Miami, Coral Gables</p>	<p>A população mundial é de 2,52 bilhões de pessoas;</p> <p>O Primeiro Colóquio <i>Luso-Brazilian</i> da Biblioteca do Congresso;</p> <p>Testes e acidentes nucleares continuam a liberar radiação. Aumento da poluição do ar de combustão de carvão gera “nevoeiros assassinos” na Europa e nos Estados Unidos. Descargas de resíduos industriais e humanos se tornam um problema sério na região dos Grandes Lagos;</p> <p>A Comissão Conjunta Internacional relata preocupação sobre a quantidade de poluição no rio Niagara. O relatório reconhece que o tratamento de esgoto não acompanhou o crescimento populacional;</p> <p>Guerra da Coreia (25 de Junho de 1950 a 27 de Julho de 1953);</p> <p>Lançamento da <i>Revista de História</i> da</p>

		<p>Universidade de São Paulo – USP;</p> <p>Getúlio Vargas é eleito com apoio dos sindicatos e pelos partidos reformistas.</p>
1951	-	<p>Fundação da Organização conservacionista <i>The Nature Conservancy</i>.</p>
1952	-	<p>Dwight D. Eisenhower é eleito nos EUA (1953-1961);</p> <p>Poluição mata 4 mil pessoas em Londres;</p> <p>Golpe militar de Fulgencio Batista em Cuba (1952-1959). O apoio dos EUA ao golpe foi um dos episódios emblemáticos da Guerra Fria;</p> <p>Acordo militar Brasil-EUA (em vigor até 1977).</p>
1953	<p>Em agosto de 1953 concluiu a Graduação na University of Miami:</p> <p>Campo principal: <i>Government</i> (Ciências Políticas)</p> <p>Campo secundário: <i>Psychology</i> (Psicologia)</p> <p>Grau: <i>Bachelors of Art</i></p> <p>Honra: <i>Magna Cum Laude</i></p>	<p>Poluição mata 200 pessoas em Nova York;</p> <p>Cessar-fogo na Guerra da Coreia. Na guerra morreram cerca de três milhões e meio de pessoas;</p> <p>Primeiro livro de Jacques Cousteau, <i>O Mundo Silencioso</i> vende mais de 5 milhões de cópias. Seu filme de mesmo nome ganhou o Oscar de melhor documentário em 1957;</p> <p>Eugene Odum publica <i>Fundamentos da Ecologia</i></p>
1954	<p>De 10 de junho de 1954 a 09 de junho de 1956 – Warren Dean serviu na Força Aérea. Posto: Primeiro-tenente</p>	<p>Lançamento da <i>Revista Brasiliense</i> (circulou até 1964)</p>
1955	-	<p>O Congresso norte-americano aprova Lei de Controle de Poluição do Ar, um precursor do <i>Clean Air Act</i> de 1963 e legislação subsequente;</p> <p>Início da Guerra do Vietnã; a participação dos EUA no conflito irá movimentar um grande número de críticos e opositoristas da política externa norte-americana;</p> <p>Albert Einstein e Bertrand Russell publicam um manifesto pedindo o fim das armas nucleares;</p> <p>Juscelino Kubitschek eleito para o mandato de 1956 a 1961 – governo desenvolvimentista;</p>
1956	<p>Viajou pela Europa, ao retornar para Nova York, foi contratado para trabalhar no setor de vendas e pesquisa de marketing na loja Bloomingdale's.</p>	<p>Intoxicação por mercúrio generalizada é descoberta na vila piscatória japonesa de Minamata. Descargas industriais entram na cadeia alimentar pelos peixes;</p> <p>Congresso dos EUA aprova o <i>Water Pollution Control Act</i>.</p> <p>Mil pessoas morrem em Londres por poluição;</p>

		<p>O Plano de Metas do governo brasileiro, um programa de industrialização e modernização, visando continuar o processo de substituição de importações que se vinha desenrolando nos dois decênios anteriores; Privilégio ao setor automobilístico;</p> <p>James Malin, “The Grasslands of North America: Its Occupance and the Challenge of Continuous Reappraisals”.</p>
1957	-	<p>A primeira grande usina nuclear em larga escala nos EUA entra em serviço em Shippingport, Pensilvânia.</p> <p>O lançamento do satélite <i>Sputnik</i> pela União Soviética causaria uma revolução na Educação Superior americana, que influenciaria os Estudos Brasileiros.</p> <p>De julho até dezembro de 1958 - <i>Ano Internacional Geofísico</i> é um esforço global para entender a terra e um grande passo para a discussão internacional do tema.</p>
1958	Primeiro casamento.	<p>Em abril e novembro de 1958 o <i>American Council of Learned Societies</i> e a Fundação Hispânica se reuniram para identificar os problemas preementes de estudos latinos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeira menção da necessidade de um esforço orquestrado para estimular estudos luso-brasileiros nos EUA; - Aprovaram a criação de um programa de bolsas para subsidiar trabalhos de campo; <p><i>National Defense Education Act</i> (NDEA), sancionada em 2 de setembro de 1958, a lei aumento bruscamente o financiamento das instituições de ensino dos Estados Unidos, em todos os níveis;</p> <p>Conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar;</p> <p>Campanha pelo Desarmamento Nuclear no Reino Unido e EUA;</p> <p>Brasil: Ligas Camponesas, mais importante movimento pela Reforma Agrária no país.</p>
1959	-	<p>Revolução Cubana. Movimento liderado por Fidel Castro que derrubou o ditador Batista. Esse foi o fator determinante de toda uma reorientação da política externa norte-americana para a América Latina, podendo-se, citar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aliança para o Progresso - No espaço universitário: criação de um

		<p>programa de bolsas individuais para treinamento avançado em Ciências Sociais e humanidades</p> <p>Samuel P. Hays, <i>Conservation and the Gospel of Efficiency</i>.</p>
1960	<p>Inscreveu-se na <i>Graduate School of the University of Florida</i>, campus de Gainesville, para a realização do mestrado no programa de Pós-graduação em História da América Latina;</p> <p>Permaneceu um verão em Havana, Cuba, para a realização de sua pesquisa sobre a história econômica de Cuba;</p>	<p>A população mundial atinge 3 bilhões.</p> <p>A década de 1960 foi marcada pela subvenção da Fundação Ford às universidades atuantes no campo das relações internacionais (International Training and Research Program) subsidiando programas voltados para a América Latina (entre os quais LASA, SSRC, entre outros). A política da Fundação Ford adotou o desafio de equacionar a questão do desenvolvimento “em termos de crescimento econômico, avanço tecnológico e competência gerencial aperfeiçoada”.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Entre 1961 e 1970, bolsas concedidas 169 para as Ciências Sociais - Assuntos e problemas brasileiros foram o tema central de 30% - programa destinado, basicamente, a estudantes de pós-graduação - 83% do total eram homens entre 20 e 30 anos <p>Eleição de John F. Kennedy para o mandato que durou de 1961 a 1963;</p> <p>JK inaugura Brasília, nova capital do Brasil;</p> <p>Eleição de Jânio Quadros.</p>
1961	<p>Warren Dean recebeu o grau de <i>Master of Arts</i> em 12 de agosto de 1961, com a dissertação de mestrado “Cuba in the Great Depression”, pela <i>University of Florida</i>, Gainesville.</p>	<p>A América Latina foi incorporada ao FAFP (<i>Foreign Area Fellowship Program</i>), gerenciado pelo SSRC. O FAFP foi um programa de bolsas para o exterior que passou aos cuidados da SSRC, visando o desenvolvimento das Ciências Sociais nos EUA;</p> <p>Disponibilidade de recursos possibilitou a criação de novos programas de estudos: Entre 1961-1966 foram criados os programas latino-americanos de graduação nas universidades de Miami, Antioch, Virginia, New México e Wisconsin/Milwaukee; de pós-graduação nas universidades de: Califórnia/Los Angeles; Columbia; Florida; Texas; Tulane; Wisconsin/Madison; Yale; Cornell; Illinois; Nova York e Stanford;</p> <p>De decisiva importância para desenvolvimento dos Estudos Brasileiros na Univ. do Texas foi o estabelecimento do Centro Regional e Lingüístico para os Estudos Latino-Americanos</p>

		<p>com fundos do NDEA;</p> <p>Fundação da <i>World Wildlife Fund</i> (WWF);</p> <p>Discurso de Kennedy nas Nações Unidas: “Todos os habitantes deste planeta devem contemplar o dia em que este planeta pode não mais ser habitável (...) As armas de guerra devem ser abolidas antes de abolirem a nós”;</p> <p>Invasão de Cuba (Baía dos porcos), patrocinada pela CIA;</p> <p>“Aliança para o Progresso” nas Américas, proposta pelos EUA, no seguimento do impacto da Revolução Cubana;</p> <p>Jânio Quadros renuncia em 25 de agosto, sob forte oposição dos militares. É instituído o parlamentarismo com João Goulart como presidente e Tancredo Neves como primeiro-ministro;</p> <p>Governo de João Goulart (1961-1964);</p> <p>Temor entre os setores conservadores de uma guinada do Brasil para o socialismo;</p> <p>Parques Nacionais: das Emas, do Tocantins, do Xingu, de Caparão, de Sete Quedas e de São Joaquim;</p> <p>Reservas florestais: de Jarú, Pedras Negras, Gurupi, Juruena, Rio Negro, Gorotire, Mundurucaia, Parimã e Tumucumaque.</p>
<p>1962</p>	<p>Matriculou-se na mesma Universidade para realizar o doutorado, que em Gainesville era oferecido apenas nas áreas de História dos EUA e da América Latina;</p> <p>Obteve um <i>Foreign Area Teaching Fellow</i> para o período de 1962-1963 – Bolsa do programa de pós-graduação na Universidade da Flórida, um Projeto da Fundação Ford que oferecia também um semestre na Universidade de Columbia, Nova York (onde fez o curso do economista Albert Hirschman);</p> <p>Warren Dean realizou o exame de qualificação para o grau de <i>Doctor of Philosophy</i> em 14 de setembro.</p> <p>Neste mesmo ano liderou um grupo de estudantes na luta pelo ingresso dos negros</p>	<p>Publicação do livro da bióloga norte-americana Rachel Carson, “<i>Silent Spring</i>” (A Primavera Silenciosa), que denunciava os perigos do uso dos pesticidas e questionava a confiança cega no progresso tecnológico. A obra é considerada por muitos como o marco introdutório do ambientalismo.</p> <p>A Univ. Texas tornou-se pioneira no ensino do português intensivo para bolsistas pós-doutorados mantidos pelo NDEA, Artigo VI. No verão de 1965 tornaram-se disponíveis pela primeira vez bolsas de graduação para o estudo do português e para cursos de Estudos Brasileiros correlatos;</p> <p>Crise dos mísseis envolveu EUA, URSS e Cuba.</p>

	<p>à universidade. Nessa empreitada, recebeu o apoio de Martin Luther King Jr.</p> <p>Publicou o primeiro texto de que temos notícia. Trata-se de uma resenha do livro <i>Las ideas sociales contemporâneas en México</i>, de Victor Alba. Fundo de Cultura Econômica, México, 1960.</p>	
1963	Warren Dean estava morando em São Paulo neste ano, realizando pesquisa para o seu doutoramento.	<p>John F. Kennedy é assassinado;</p> <p>Grã-Bretanha, Estados Unidos e União Soviética assinam um tratado limitando os testes nucleares na atmosférica.</p>
1964	<p>Em 08 de agosto de 1964 Warren Dean recebeu o grau de <i>Doctor of Philosophy</i>, Ph.D, pela Universidade da Flórida, campus de Gainesville, com a tese “Sao Paulo's industrial elite, 1890-1960”.</p> <p>Neste mesmo ano iniciou uma pesquisa de pós-doutorado “São Paulo’s Industrial Elite, 1890-1950”, que durou até agosto do ano seguinte com uma <i>Foreign Area Teaching</i> – Fundação Ford – Bolsa do programa da Universidade do Texas, Austin.</p> <p>Realizou pesquisa suplementar em Washington, DC, em 1965.</p>	<p>EUA intervêm no Vietnã enviando tropas para a guerra; rompimento de relações diplomáticas com países socialistas;</p> <p>Congresso Americano cria o <i>National Wilderness Preservation System</i>;</p> <p>No dia 13 de março, Comício de João Goulart na Central do Brasil: defesa das Reformas de Base, mudanças radicais na estrutura agrária, econômica e educacional do país.</p> <p>19 de março: Marcha da Família com Deus pela Liberdade, reação conservadora;</p> <p>João Goulart é deposto em 31 de março;</p> <p>Golpe militar alinha Brasil aos EUA;</p> <p>Presidente Castelo Branco (1964-1967).</p>
1965	<p>Warren Dean é contratado como Professor Assistente de História na Universidade do Texas, Austin, onde permaneceu até 1970;</p> <p>Publicações:</p> <p>1 – Resenha: “The Economic Growth of Brazil” de Celso Furtado;</p> <p>2 – Resenha: “Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico” de Fernando Henrique Cardoso</p>	O Ato Institucional (AI) nº 2 extinguiu os partidos políticos tradicionais, o PSD, o PTB e a UDN. Instala-se o bipartidarismo no Brasil: Arena e MDB.
1966	<p>Pesquisa com John Bennett: <i>Political History of Sao Paulo 1889-1932</i>;</p> <p>Pesquisa com Charles O’ Neill: “<i>A comparative study of Latin American Golpes</i>”;</p> <p>Participação no evento <i>Southwest Regional Consultation on University and World Change: Focus on Inter-American Relations</i></p>	<p>Criação da Associação de Estudos Latino-Americanos nos EUA (<i>Latin American Studies Association / LASA</i>);</p> <p>Ralph Nader publicou <i>Unsafe at Any Speed</i>, um livro crítico da indústria automotiva;</p> <p>No Brasil são suspensas as eleições diretas para cargos executivos. Vários deputados federais são cassados. O Congresso, ao protestar, é posto</p>

	<p>- Austin, Texas, de 18 a 20 de Novembro de 1966. Série de conversas públicas em que membros do corpo docente em estudos latino-americanos e pessoas relacionadas com o University Christian Movement (UCM) se reuniram com uma preocupação comum sobre relações inter-americanas e do papel dos Estados Unidos.</p> <p>Publicações:</p> <p>1 – Artigo: “The planter as entrepreneur: the case of São Paulo”, pelo qual recebeu o prêmio James Alexander Robertson Prize. O Instituto de Estudos Latino-Americanos (ILAS) da Univ. do Texas matinha um programa ativo que facilitava a publicação de novas pesquisas em Ciências Sociais e História. As publicações enquadram em 5 categorias: Latin American Monograph Series, Offprint Series, Guides and Bibliographies Series, Hackett Memorial Lecture Series e Special Publications. A publicação de Dean enquadrou-se no Offprints Series.</p> <p>2 – Resenha: “Diagnosis of the Brazilian Crisis”, de Celso Furtado.</p> <p>3 – Texto para discussão: “Latin American Reactions to the Intervention”. In: Gary J. Mounce and Anne H. Sutherland (eds.) <i>After Santo Domingo, What? United States Intervention in Latin America: An Inquiry</i>.</p>	<p>em recesso por um mês;</p> <p><i>Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza (FBCN).</i></p>
<p>1967</p>	<p>Pesquisa: <i>History of a Coffe Municipio in São Paulo State, 1880-1950</i>. Um reexame das preocupações levantadas por Stanley Stein no livro <i>Vassouras</i> (1957). Prazo para finalização: 1969.</p> <p>Publicações:</p> <p>1 – Resenha: “Spain in America”, de Charles Gibson;</p> <p>2 – Resenha: “História geral da civilização brasileira”, Vol. II: O Brasil monárquico. Part 2: Dispersão e unidade, de Sérgio Buarque de Holanda;</p> <p>3 – Resenha: “Brazil: Field Research Guide in the Social Sciences”, de Robert M. Levine;</p>	<p>Estabelecido nos EUA o <i>Environmental Defense Fund</i>;</p> <p>Tratado de Tlatelolco, proíbe armas nucleares no Caribe e na América Latina;</p> <p>Rodrick Nash publica <i>Wilderness and the American Mind</i>;</p> <p>Brasil: Presidente Costa e Silva (1967-1969)</p>

	<p>4 – Texto: “History of Latin America”. In: Clark Gill e W. Conroy (coords) <i>The Social scientists look at Latin América</i>.</p>	
<p>1968</p>	<p>Warren Dean recebeu uma Bolsa de estudos da <i>Social Science Research Council Fellowship (SSRC)</i>. O SSRC oferecia bolsas, principalmente para trabalho no exterior. Seus fundadores acreditavam que as Ciências Sociais deveriam abordar as preocupações do mundo real, questões públicas importantes. Seu foco é mundial, e seu objetivo é mobilizar o conhecimento existente para novos problemas, pesquisas que apontam para a prática e política.</p> <p>Pesquisa em estágio de anotações: <i>The County of Rio Claro, 1820-1920</i>. Estudo social e econômico da cidade de Rio Claro: propriedade da terra, sistema de trabalho, mobilidade social. Termino previsto para 1972.</p> <p>Publicações:</p> <p>1 – Artigo: “Sources for the Study of Latin American Economic History: The Records of North American Private Enterprises”;</p> <p>2 – Resenha: “Capitalism and Underdevelopment in Latin America”, de Andre Gunder Frank.</p>	<p>Manifestações contra a guerra do Vietnã e radicalização do movimento negro nos EUA;</p> <p>Assassinato de Martin Luther King Jr;</p> <p>Conferência da Biosfera, realizada pela UNESCO, em Paris. Conferência Intergovernamental de Especialistas sobre as Bases Científicas para Uso e Conservação Racionais dos Recursos da Biosfera. De acordo com informações de John McCormick, a Conferência deu continuidade ao tema da cooperação internacional em pesquisa ecológica que havia sido inicialmente explorado na UNSCCUR, em 1949. Foi uma conferência sobre uso e conservação racionais da biosfera, a fim de persuadir as nações emergentes quanto às virtudes da conservação. Discutiui-se o impacto humano sobre a biosfera, incluindo os efeitos da poluição do ar e da água, o excesso de pastagens e o desmatamento, destacando-se que a industrialização e a exploração intensiva dos recursos naturais em países menos desenvolvidos pudessem causar danos irreparáveis em ambientes pouco perturbados e ecologicamente frágeis e, assim, inibir o desenvolvimento sócio-econômico. Os delegados concluíram que a deterioração do meio ambiente devia-se aos rápidos crescimento populacional, urbanização e industrialização. Recomendou-se a criação de um novo programa de pesquisa internacional sobre o homem e a biosfera. “Muitas das mudanças produzidas pelo homem afetam a biosfera como um todo”, observou a conferência, “e estão agora confinadas dentro de fronteiras regionais ou nacionais (...) Esses problemas não podem ser resolvidos em nível regional, nacional ou local e portanto requerem atenção numa escala global”.</p> <p>Criação do <i>Clube de Roma</i>, grupo de pessoas que se reúnem para debater assuntos relacionados a política, economia internacional e, sobretudo, o meio ambiente e o desenvolvimento.</p> <p>AI- 5 - restrições de todo tipo de liberdade; endurecimento do regime militar no Brasil;</p> <p>Marcha de 50 mil pessoas repudia o assassinato</p>

		<p>de Edson Luis de Lima Souto; Protestos estudantis;</p> <p>Livro de Paul Ehrlich, <i>The Population Bomb</i>, alerta para as ameaças ecológicas da rápida expansão da população humana. Provoca um intenso debate sobre o consumo da população e os impactos relativos sobre o meio ambiente das nações ricas e pobres.</p>
1969	<p>Publicação do seu primeiro livro, <i>The Industrialization of São Paulo</i>, lançado na categoria <i>Latin American Monograph Series</i> da Univ. Texas Press. O livro recebeu um Robertson Prize: honorable mention</p> <p>Pesquisa: <i>The Latifundia in Brazil: Policy under the Empire</i>. Um estudo da Lei de Terra de 1850.</p> <p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Resenha: “Civil Service Reform in Brazil. Principles versus Practice”, de Lawrence S. Graham.</p> <p>2 – Artigo no jornal <i>The Nation</i>: “Brazil: The Tanks Roll” (Regions and Countries). (Sobre a ditadura no Brasil).</p>	<p>Conferência da UNESCO “Man and his Environment: A View Towards Survival”, realizada em São Francisco.</p> <p><i>National Environmental Policy Act</i> é aprovado pelo Congresso Americano;</p> <p>Fundação dos <i>Friends of the Earth</i>;</p> <p>Costa e Silva é afastado por motivo de saúde. Uma junta de ministros militares assume provisoriamente o governo e promove endurecimento do regime: cassação de direitos políticos de líderes da oposição. A alta oficialidade das Forças Armadas escolhe o general Garrastazu Médici para presidente (1969 – 1974).</p>
1970	<p>Negou a um capitão do Exército, recém-regressado do Vietnã, permissão de assistir suas aulas. Rompimento com a Univ. do Texas e transferência para o <i>Center for Latin American and Caribbean Studies</i> (CLACS) e Departamento de História da <i>New York University</i> (NYU), onde permaneceu até 1994.</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “A Slave Autograph, Sao Paulo, 1876”;</p> <p>2 – Resenha: “Britain and the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914”, de Richard Graham</p>	<p>A população mundial é de 3,7 bilhões.</p> <p>O primeiro <i>Dia da Terra</i> é realizada nos Estados Unidos em 22 de abril, atraindo 20 milhões de pessoas e criando uma das maiores manifestações organizadas na história do país;</p> <p>Os Estados Unidos criam a EPA - <i>Environmental Protection Agency</i>;</p> <p>Assinado o <i>National Environmental Policy Act</i>, e é criado o Conselho de Qualidade Ambiental (CEQ) para assessorar o presidente sobre questões ambientais e analisar declarações de impacto ambiental.</p> <p>O primeiro curso de História Ambiental nos Estados Unidos: “<i>American Environmental History</i>”, Universidade da Califórnia (Santa Barbara);</p> <p>Ditadura Militar no Brasil: cassações nas universidades;</p> <p>Início da construção da rodovia Transamazônica chama a atenção para o projeto de integração da região Norte ao restante do país e para a ameaça</p>

		de destruição da Floresta Amazônica e dos chamados “povos tradicionais”.
1971	<p>Publicação no Brasil: <i>A industrialização de São Paulo</i>. Tradução de Octavio Mendes Cajado. São Paulo: EDUSP/Difel, 1971. O livro causou impacto nos estudos de História Econômica brasileira.</p> <p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “Latin American Golpes and Economic Fluctuations, 1823-1966”;</p> <p>2 – Artigo: “Latifundia and Land Policy in Nineteenth-Century Brazil” (artigo traduzido e publicado no Brasil em 1976).</p> <p>3 – Resenha: “The Politics of Brazilian Development, 1930-1954”, de John D. Wirth;</p> <p>4 – Resenha: “A revolução de 1930”, de Boris Fausto.</p>	<p>Reunião em Founex, na Suíça, em junho de 1971 e publicação do Relatório <i>Founex</i> de Desenvolvimento e Meio Ambiente, ajudaram a definir o cenário para a conferência de Estocolmo no ano seguinte. Reuniram-se em Founex cerca de 30 especialistas, entre os quais o Embaixador brasileiro Miguel Ozório de Almeida, único diplomata entre todos os participantes. Foram apresentados nove <i>working papers</i>, dentre os quais um de autoria de Miguel Ozório intitulado “Economic Development and the Preservation of the Environment”, outro de Enrique Iglesias “Development and the human Environment” e, também, um de Ignacy Sachs “Environmental Quality Management and Development Planning: some suggestions for action”, todos pensando possibilidades de um desenvolvimento planejado para os países do chamado Terceiro Mundo considerando a questão ambiental;</p> <p><i>Greenpeace</i> é criado por um pequeno grupo de manifestantes que navegam a partir de Vancouver para protestar contra testes nucleares subterrâneos no Alaska;</p> <p>A <i>Câmara de Comércio Internacional</i> declara que “proteger o meio ambiente será um dos maiores desafios para todos os países nas últimas décadas do século XX”;</p> <p>DDT é proibido nos EUA;</p> <p>Viagem do Presidente Medici aos EUA: Nixon proclama liderança do Brasil na região, agravando suspeitas de projeto hegemônico;</p> <p>Morte de Carlos Lamarca, líder opositorista do regime militar no Brasil;</p> <p>Em junho de 1971, um grupo de combativos pioneiros, encabeçado pelo engenheiro agrônomo José Lutzenberger, funda em Porto Alegre a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), a primeira associação ecologista a surgir no Brasil e na América Latina. Primeira de uma série de associações civis ambientalistas que viriam à luz nos anos seguintes, as quais seriam responsáveis por muitos dos protestos ambientais que ocorrem na segunda metade da década de 1970 e adentram a de 1980. Essas associações conformariam o movimento</p>

		<p>ambientalista brasileiro.</p> <p>Rede <i>WWF</i> iniciou o seu trabalho no Brasil apoiando os primeiros estudos feitos sobre o mico-leão ameaçado de extinção do Rio de Janeiro.</p>
1972	<p>Reunião do Departamento de História do Dowling College, Oakdale, New York: “Brazil, recents trends”, 19 de outubro de 1972, organizada por Norman Holub. Na ocasião, Warren Dean apresentou o seguinte trabalho: <i>Ecological Dislocations and Brazil's Rapid Industrial Development</i>;</p> <p>Também apresentou um trabalho no XL Congresso internacional de americanistas, 2º Simpósio de História Econômica (CLACSO), em Roma, intitulado: “Slavery on coffee plantations: Rio Claro, Brazil 1820-1880: Population, labor conditions, methods of control, social cohesion”.</p> <p><u>Publicação:</u></p> <p>1 – Artigo: “Economic development and environmental deterioration”. Este foi o primeiro texto publicado por Warren Dean sobre o tema do desenvolvimento econômico e o meio ambiente.</p>	<p>Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, Estocolmo, chefiada pelo canadense Maurice Strong.</p> <p>O Clube de Roma publica “Limites do Crescimento”, relatório alertando para a escassez iminente dos recursos naturais, provocando um grande debate em torno das questões ambientais e desenvolvimento.</p> <p>Barbara Ward e René Dubos publicam “Uma Terra somente”, um relatório não-oficial da Conferência.</p> <p>Alfred Crosby publica <i>Columbian Exchange</i>, que se tornaria um texto de referência para a história ambiental;</p> <p>No Brasil, exército massacra líderes e integrantes da Guerrilha do Araguaia.</p>
1973	<p><i>Seminar Brazil</i>: reunião do dia 20 de setembro. Warren Dean foi o debatedor do texto apresentado por Emilia Viotti da Costa, cujo tema foi: “Trabalho e política agrária no Brasil em meados do século XIX”;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “Confronting the Environmental Crisis in Latin America: A prod to Action”;</p> <p>2 – Capítulo: “O comércio do café gera a indústria”. In: PELÁEZ, Carlos Manuel (Coord.). <i>Ensaio sobre café e desenvolvimento econômico</i>. (republicação do 1º capítulo do livro de 1969);</p> <p>3 – Resenha, “Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalism, 1882-1930”, de Joseph L. Love;</p> <p>4 – Resenha, “Protest and Resistance in Angola and Brazil: Comparative Studies”, de Ronald H. Chilcote;</p>	<p>A Convenção sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas da Fauna e da Flora Selvagens (CITES) é assinado por 80 nações em um esforço para garantir que o comércio internacional de animais e plantas selvagens não ameace a sua sobrevivência;</p> <p>As Nações Unidas promovem a primeira conferência mundial sobre população em Bucareste, Roménia, e a Conferência Mundial da Alimentação, em Roma;</p> <p>Crise do Petróleo. O embargo do petróleo pelos países árabes da OPEP cria uma crise mundial de energia e eleva os preços do petróleo. Isso provoca o maior programa de racionamento de energia na América do Norte desde a Segunda Guerra Mundial. Significou o início de um choque na economia capitalista mundial;</p> <p>Golpe no Chile: Salvador Allende é derrubado por golpistas liderados por Augusto Pinochet, com apoio dos EUA;</p> <p><u>Publicação:</u></p>

	<p>Warren Dean foi produtor e co-roteirista do documentário histórico: “Pancho Villa”, 26 min., preto e branco, 16 mm. Austin, Texas: Department of Radio-Television-Film, 1973.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1973-1974:</u></p> <p>History Of Man’s Relation To Natural Environmental; History Of United States – Latin American Relations; History Of Brazil; History of the Caribbean Area e Seminar: Latin America.</p>	<p>Charles F. Carroll, <i>The timber economy of Puritan New England</i>, importante livro da historiografia das florestas nos EUA e que exerceu grande influência na obra de Warren Dean;</p> <p>Donald Worster, <i>American Environmentalism</i></p> <p>E.F. Schumacher publica <i>Small is Beautiful</i> promovendo o conceito de utilização racional e econômica da natureza.</p> <p><i>Ecologia</i>, de Leon Hirszman (1973) - 1º documentário nacional sobre o tema. Um alerta para os efeitos causados pelo uso e abuso da natureza praticados pela civilização moderna e que estariam comprometendo o equilíbrio ecológico do planeta.</p> <p>Criação, no Brasil, da Secretaria Especial de Meio Ambiente, SEMA, a primeira burocracia estatal especializada em assuntos “propriamente” ambientais.</p>
<p>1974</p>	<p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “Remessas de Dinheiro dos Imigrantes Italianos do Brasil, Argentina, Uruguai e E.U. da América: 1884-1914”.</p> <p>2 – Artigo: “Remittances of Italian Immigrants: from Brazil, Argentina, Uruguay and USA, 1884-1914”</p> <p>3 – Resenha: “The Brazilian-American Alliance, 1937-1945”, de Frank McCann;</p> <p>4 – Resenha: “Open Veins of Latin America: Five Centuries of the Pillage of a Continent”, de Eduardo Galeano;</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU nos anos letivos de 1974-1975 e 1975-1976:</u></p> <p>History of Latin America to 1825; History of Latin America Since 1825; History of Man’s Relation To Natural Environmental; History of United States – Latin American Relations; History of Brazil; History of the Caribbean Area; Seminar: Latin America;</p>	<p>Richard Nixon renuncia após escândalos do Watergate;</p> <p>Cientistas americanos publicam um influente artigo afirmando que clorofluorocarbonos, utilizados para muitos fins, podem destruir moléculas de ozônio e, portanto, era uma ameaça para a camada de ozônio do planeta.</p> <p>Um número da Revista francesa <i>Annales</i> dedica especial atenção ao tema da história ambiental.</p> <p>No Brasil, o General Ernesto Geisel assume a presidência (1974 – 1979) mesmo o MDB tendo obtido vitória expressiva; Distensão lenta, gradual e segura;</p> <p>Golbery do Couto e Silva (“O bruxo”, “o feiticeiro”) foi Chefe da Casa Civil deste e do governo Figueiredo. Golbery destacou-se como um grande teórico do movimento político-militar de 1964.</p> <p>Crise da economia. Em 1974, o ciclo de prosperidade da economia brasileira chegou ao fim. O grande salto desenvolvimentista e o crescimento industrial e produtivo (o chamado “milagre econômico”) duraram enquanto as condições internacionais eram favoráveis.</p>
<p>1975</p>	<p>Entre junho e agosto, Warren Dean desenvolveu, como professor visitante, variada atividade no Departamento de</p>	<p>Fim da Guerra no Vietnã; a derrota dos EUA no conflito provocou, além de outros fatores, mudanças na sua política externa;</p>

<p>História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis. O projeto inicial era ficar 6 meses, mas não foi possível. Realizou palestras e conferências nos cursos de Graduação e de Especialização, abordando, principalmente, a historiografia norte-americana sobre o Brasil. Seminários:</p> <p>4 de junho: Os críticos de “Time on the Cross”</p> <p>10 de junho: Pernambuco – as transformações das fazendas de açúcar</p> <p>18 de junho: As multinacionais entram na História</p> <p>26 de junho: Análise das instituições políticas brasileiras – “Military on Politics”</p> <p>4 de agosto: Ideologia e racismo</p> <p>21 de agosto: Historiografia – classe operária norte-americana</p> <p>28 de agosto: Historiografia – o meio ambiente humano</p> <p>Neste ano, Warren Dean esteve na Universidade de Campinas para um grande evento intitulado “Conferência sobre História e Ciências Sociais e suas relações com a política nacional” e que durou 5 dias. Estiveram presentes muitos dos grandes intelectuais, como Eric Hobsbawn, por exemplo.</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – “Latin America: The Struggle against Poverty”;</p> <p>2 – Capítulo: “A industrialização durante a República Velha”. In: FAUSTO, Boris. <i>História Geral da Civilização Brasileira</i>. Tomo III, vol. <i>Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)</i>;</p> <p>3 – Capítulo: “Latifundios y política agraria en el Brasil del siglo XIX”. In. FLORESCANO, Enrique (Coord.) <i>Haciendas, latifundios y plantaciones en América Latina</i>. (publicado primeiramente em 1971 na HADR e traduzido para o português em 1976)</p> <p>4 – Capítulo: “El trabajo esclavo en las plantaciones cafetaleras: Río Claro, Brasil, 1820-1880”. In. FLORESCANO, Enrique (Coord.) <i>Haciendas, latifundios y plantaciones en América Latina</i>. (texto do</p>	<p>Publicação de <i>Amazon jungle: green hell to red desert?: an ecological discussion of the environmental impact of the highway construction program in the Amazon basin</i>, de Robert Goodland e Howard Irwin (pesquisador e presidente do New York Botanical Garden – NYBG). O livro causou grande impacto no meio acadêmico dos Estados Unidos, chamando a atenção para as questões ecológicas relacionadas com a floresta Amazônica, contribuindo, ainda, para a formação da consciência político-ambiental dos pesquisadores do New York Botanical Garden (NYBG);</p> <p>Anunciada a morte do Jornalista Vladimir Herzog nas dependências do II Exército (SP, Brasil);</p> <p>Pelo decreto nº 76.593 de 14 de novembro criou-se o <i>Pró álcool</i>, um programa do governo brasileiro para o enfrentamento da crise energética que visava a substituição dos combustíveis derivados do petróleo pelo álcool, derivado da cana-de-açúcar.</p> <p>Primeiro <i>Empate</i> na região amazônica do Brasil. Liderados por Chico Mendes, seringueiros resistiam ao avanço do desmatamento da floresta amazônica e lutavam pela defesa do seu modo de vida extrativista.</p>
---	---

	<p>3º capítulo do livro <i>Rio Claro</i>).</p> <p>5 – Resenha: “The Sugar Industry in Pernambuco: Modernization without Change, 1840-1910”, de Peter L. Eisenberg;</p> <p>6 – Artigo: “Uma autocrítica da CIA”, <i>Jornal Movimento</i>, 1, 24 de agosto, 1975.</p>	
<p>1976</p>	<p>Publicação do seu segundo livro: <i>Rio Claro: A Brazilian Plantation System, 1820-1920</i>.</p> <p><i>Seminar Brazil</i>: Participou das reuniões:</p> <p>Do dia 24 de setembro: Palestrante: Joseph Love Jr., “Fiscal Federalism: the use of Budgetary data in Social and Economic History, the case of São Paulo, Brazil, 1889-1937”;</p> <p>Do dia 20 de outubro: Palestrante: Dauril Alden, “The Jesuits in the Colonial Portuguese World”;</p> <p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Capítulo: “Os latifúndios e a política agrária brasileira no Século XIX”. In: PELAEZ, C. M. e BUESCU, Mircea. <i>A Moderna História Econômica</i>. (Trata-se de uma tradução de texto escrito em 1971);</p> <p>2 – Artigo: “A pequena propriedade dentro do complexo cafeeiro: sitiantes no município de Rio Claro”. <i>Revista de História</i>. São Paulo, nº. 106;</p> <p>3 – Artigo: “A Fábrica São Luiz de Itu: um estudo de Arqueologia Industrial”. <i>Anais de História</i>, Assis;</p> <p>4 – Capítulo: “São Paulo em 1900”. In: MASCARO, Cristiano (et. al). <i>Exposição Vila Penteado</i>;</p> <p>5 – Entrevista: “Interesses convergentes: empresariado nacional e empresas multinacionais”. <i>Isto É</i>, 1, dezembro de 1976.</p> <p>6 – “The USIA Book Program: Latin América”. <i>Point of Contact</i>, 3, Set.-Out, 1976, pp. 4-14.</p>	<p><i>Love Canal</i> (próximo as Cataratas do Niágara, EUA) torna-se o maior caso de contaminação na América do Norte. Produtos químicos infiltraram a partir de um antigo depósito de lixo tóxico em Niagara Falls, NY.</p> <p><i>National Academy of Science</i>, relatório sobre CFC, alerta para gases danosos à camada de ozônio.</p>

	<p>7 – Artigo: “Os americanos estão chegando”, <i>Jornal Movimento</i>, 2, 20 de agosto, 1976.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU nos anos letivos de 1976-1977 e 1977-1978:</u></p> <p>History Of Latin America Since 1825; History of Man’s Relation to Natural Environmental; History of United States – Latin American Relations; History of Brazil; The Emergence of Multinational Corporations; History of the Caribbean Area; Seminar: Latin America.</p>	
1977	<p>Publicação, um ano depois da edição Americana, do livro <i>Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura – 1820-1920</i>. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho, Rio de Janeiro, Paz e Terra. Recebeu pelo livro um <i>Hernert Eugene Bolton Memorial Prize</i> (honorable mention) pela <i>Conference on Latin American History</i>, 29 de dezembro de 1977, em Dallas, Texas;</p> <p>Participou das reuniões do <i>Seminar Brazil</i>:</p> <p>Do dia 08 de março: Palestrante: Sylvia-Ann Hewlett “The Brazilain State and Delayed Dependent Development”. Discussão das teorias vigentes sobre o desenvolvimentismo nacionalista. Esteve presente nesta reunião Judith Patarra, a quem Warren Dean concedeu a entrevista “O mundo das multinacionais”, publicada na revista <i>Veja</i>, em 22 de junho de 1977.</p> <p>Do dia 05 de maio: Palestrante: Luciano Martins, Universidade de Paris “State Bureaucracy and State Firms in Brazil”.</p> <p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Editou com Dauril Alden o livro <i>Essays concerning the Socioeconomic History of Brazil and Portuguese India</i>. Gainesville: University Presses of Florida.</p> <p>2 – Resenha: “The Myth of Marginality: Urban Poverty and Politics in Rio de Janeiro”, de Janice E. Perlman;</p> <p>3 – Resenha: “Oil and Politics in Modern Brazil”, de Peter Seaborn Smith;</p>	<p>Mandato de Jimmy Carter, presidente dos EUA: 1977-1981;</p> <p>Criação da <i>American Society for Environmental History</i> (ASEH) e da revista <i>Environmental Review</i>.</p> <p>Conferência das Nações Unidas sobre a Água, em Mar del Plata, Argentina, produz um plano de ação em uma tentativa de lidar com graves problemas hídricos mundiais;</p> <p>Departamento de Energia dos EUA é criado pelo presidente Jimmy Carter.</p> <p>Congresso norte-americano aprova <i>Lei de Conservação do Solo e da Água</i>;</p> <p>Donald Worster publica <i>Nature's Economy</i>;</p> <p>No Brasil, o presidente Geisel fecha o Congresso; a sociedade civil passa a reivindicar efetivamente a recuperação dos direitos democráticos.</p>

	4 – Resenha: “A Rebelião de 1924 em São Paulo”, de Anna Maria Martinez Correa.	
1978	<p>Provavelmente neste ano, Warren Dean trabalhou com pesquisa histórica na Coordenadoria Geral do Planejamento da cidade de São Paulo, a COGEP, com Gabriel Bolaffi, sob chefia do professor Candido Malta Filho, na gestão do prefeito Olavo Setúbal; como o seu visto teria vencido no início do ano seguinte, em fevereiro de 1979, Warren Dean tendo sido substituído na função por Maria Luiza Nabinger.</p> <p>Reunião do <i>Seminar Brazil</i> do dia 09 de fevereiro: Palestrante: Maria Luiza Marcilio, “population and Land use in São Paulo before the expansion of coffee”. Warren Dean foi o comentador.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1978-1979:</u> Latin America To 1825; Latin America Since 1825; History of Multinational Corporations; History of United States – Latin American Relations; History of Contemporary Latin America; History of the Caribbean; Seminar: The individual and society in the Cuban Revolution; Seminar: United States-Latin American Relations; History of the Human Relation To Natural Environmental.</p>	<p><i>Tratado de Cooperação Amazônica</i>, celebrado em Brasília, pelos oito países amazônicos (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela);</p> <p>Movimento revolucionário da Nicarágua põe fim ao período ditatorial que teve início na década de 1930, com a ocupação estadunidense e a morte de Augusto Sandino;</p> <p>No Brasil, João Batista Figueiredo é indicado para presidência para o mandato 1979–1985; Fim do AI-5; abertura política progride lentamente; greves no ABC; fortalecimento do movimento operário;</p>
1979	<p>Bolsa <i>American Council of Learned Societies Travel Grant</i>;</p> <p>Entrevista: “Brazilianista fala do ensino aqui e nos EUA”. <i>Folha de S. Paulo</i>, Primeiro Caderno, p. 17, 31 de março de 1979.</p> <p>Palestra em abril de 1979, no departamento de história da Universidade do Texas, em Arlington, palco do 14º encontro anual sobre Walter Prescott Webb. Resultou no seu artigo “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”.</p> <p>Reunião do <i>Seminar Brazil</i> do dia 27 de setembro: Palestrante: Harriet Klein, “The Indian problem in contemporary Brazil”;</p> <p>Publicação de resenha: “Land and Labour in Latin America: Essays on the Development of Agrarian Capitalism in the Nineteenth</p>	<p>Convenção sobre a Poluição Atmosférica Transfronteiriça. Liderada por nações europeias, a Convenção definiu controles sobre a chuva ácida na Europa e América do Norte. Acordos subsequentes definiriam controles de uma série de poluentes atmosféricos;</p> <p>Conferência Mundial do Clima, em Genebra. Patrocinado pela Organização Meteorológica Mundial, conclui que o "efeito estufa" a partir do acúmulo de aumento de dióxido de carbono na atmosfera exige uma ação internacional urgente;</p> <p>Desastre nuclear na Pensilvânia, provocando uma forte reação contra o desenvolvimento nuclear nos Estados Unidos;</p> <p><i>Earth First!</i> organizado por Dave Foreman, Wolke Howie e Mike Roselle.</p> <p>James E. Lovelock publica <i>Gaia: Um novo olhar sobre a vida na Terra</i>, sugerindo que o</p>

	<p>and Twentieth Centuries”, de Kenneth Duncan e Ian Rutledge;</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1979-1980:</u></p> <p>Latin America To 1825; Latin America Since 1825; History of Multinational Corporations; History of Contemporary Latin America; History of the Caribbean; Seminar: the individual and society in the Cuban Revolution; Seminar: United States-Latin American Relations;</p>	<p>planeta é uma entidade auto-reguladora. A hipótese Gaia de Lovelock propunha que a biosfera e os componentes físicos da Terra são intimamente integrados de modo a formar um complexo sistema interagente que mantém as condições climáticas e biogeoquímicas em equilíbrio.</p> <p>No Brasil: sancionada a Lei de Anistia; intervenção nos sindicatos do ABC paulista; Marcha dos 100 mil e fim do bipartidarismo.</p>
<p>1980</p>	<p>Bolsa: <i>Faculty of Arts and Sciences Travel Grant</i></p> <p>Também recebeu a Bolsa <i>John Simon Guggenheim Foundation Fellow</i>, para desenvolver o trabalho: “Frontier in Brazilian history”. Frequentemente caracterizadas como prêmios de “meio de carreira”, as Bolsas <i>Guggenheim</i> são direcionadas para pesquisadores com comprovada qualificação para produção acadêmica;</p> <p>Participação na reunião do <i>Seminar Brazil</i> do dia 28 de fevereiro. Palestrante: John Wirth “Planters, Politicians and Democratic theory in Brazil during the Old Republic”;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Resenha: “Population and economic development in Brazil: 1800 to the Present”, de Thomas W. Merrick e Douglas H. Graham;</p> <p>2 – Artigo: “Uma escola para revolucionários”, <i>Educação e Cultura</i>, 1, nº 4, 1980.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1980-1981:</u></p> <p>History of Latin America; History of the Human Relation to Natural Environmental; History of Multinational Corporations; History of Contemporary Latin America; History of the Caribbean.</p>	<p>A população mundial é estimada em 4,5 bilhões;</p> <p>Eleição de Ronald Reagan para presidente dos EUA; mandato: 1981-1989; Uma década de neoliberalismo e conservadorismo;</p> <p>A <i>World Conservation Strategy</i>, elaborada pela União Internacional para a Conservação da Natureza, Programa das Nações Unidas e do World Wildlife Fund, promove a idéia de proteção ambiental como interesse da espécie humana. Adverte que a destruição dos recursos naturais elimina futuras fontes de alimentos, remédios e produtos industriais e incentiva formas sustentáveis de desenvolvimento e a conservação dos processos essenciais para a vida em benefício da humanidade, bem como outras espécies. A estratégia é a base para muitos planos nacionais de conservação em países em desenvolvimento;</p> <p>O <i>Global 2000 Report to the President</i>, encomendado por Jimmy Carter. Trata-se de estudo e projetos que simulavam o futuro a partir das tendências e apelava a uma ação para impedir a degradação ambiental. Pede cooperação internacional para resolver os problemas ambientais.</p> <p>No Brasil, agrava-se a crise econômica; aumentam as greves e as manifestações de protesto contra o regime militar; nasceram, além do PDS que sucedeu à Arena, os partidos políticos: PMDB, liderado por Ulysses Guimarães, o PT, por Lula, o PP, por Tancredo Neves, o PTB, previamente entregue a Ivete Vargas e o PDT de Leonel Brizola;</p> <p>Wilson Pinheiro, organizador do sindicato dos</p>

		seringueiros ao lado de Chico Mendes, é assassinado.
1981	<p>A partir deste ano de 1981, Warren Dean faria uma série de cursos oferecidos pelo Programa de Educação Continuada do New York Botânica Garden; Em 1981 fez o primeiro curso <i>Tropical Botany</i>, oferecido pelos professores Ghillean Prance e Michael Balick;</p> <p>Dia 13 de junho esteve em Vitória (ES), ocasião em que entrevistou Fernando Achiamé.</p> <p>Dia 24 de agosto, entrevistou Arlindo de Paula Gonçalves, do Departamento de Silvicultura da Univ. Fed. De Viçosa.</p> <p>Participou da Semana de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, de 26 a 31 de outubro, apresentou um trabalho sobre “a borracha com enfoque ecológico”.</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Editou: <i>Reflections on the Brazilian Counter-Revolution: Essays by Florestan Fernandes</i>.</p> <p>2 – Artigo: “Ecological and Economic Relationships in Frontier History: São Paulo, Brazil”. In: WOLFSKILL, George, and PALMER, Stanley (eds), <i>Essays on Frontiers in World History</i>.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1981-1982:</u></p> <p>History of Latin America; History of the Human Relation To Natural Environmental; History of Multinational Corporations; History of Contemporary Latin America; History of the Caribbean.</p>	<p>Paul Ehrlich publica, <i>Extinction</i>: “A noção de que apenas as metas de curto prazo e da felicidade imediata do Homo sapiens devem ser consideradas na tomada de decisões morais sobre o uso da terra é letal, não só para os organismos não-humanos, mas para a humanidade”.</p>
1982	<p>Bolsa: <i>American Philosophical Society Travel Grant</i></p> <p>Curso no NYBG: <i>Economic Botany</i>, provavelmente oferecido por Ghillean Prance e Michael Balick;</p> <p>Reuniões do <i>Seminar Brazil</i>:</p> <p>Do dia 28 de Janeiro de 1982: Palestrante: Angela Gilliam “The politics of Language</p>	<p>A ONU adota a Carta Mundial para a Natureza, elaborado pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais. A carta passou por uma votação de 111 votos a favor e 1 contra, justamente o dos Estados Unidos;</p> <p>Eleições diretas para governadores e prefeitos, com vitória da oposição em Estados como São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. O PT (Partido dos Trabalhadores) obtem seu registro</p>

	<p>in Brazil”;</p> <p>Na reunião do dia 15 de abril de 1982, Warren Dean foi o palestrante: “The environmental history of the Brazilian littoral”. Na ocasião apresentou o texto: “Indigenous Populations of The Sao Paulo/Rio de Janeiro Coast Trade, Aldeamento, Slavery And Extinction (16th Century);</p> <p>Na reunião do dia 29 de abril foi anunciado que Warren Dean e Diana Brown seriam presidentes do seminário para o ano de 1982-1983. A sessão deste dia teve como palestrante Jose Arturo Giarmotti, “The Brazilian Intellectual experience During The 1960s”;</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1982-1983:</u></p> <p>History of Latin América; History of the Human Relation To Natural Environmental; History of Multinational Corporations; History of Contemporary Latin America; History of the Caribbean.</p>	<p>na Justiça Eleitoral. Sem condições de pagar aos credores externos, o Brasil vai ao FMI.</p>
<p>1983</p>	<p>Publicação do livro: <i>As multinacionais: do mercantilismo ao capital internacional</i>. Título Original: “The origins of the Multinationals”. Tradução de José Roberto Martins Filho. São Paulo: Brasiliense. (Sem referência de publicação nos EUA);</p> <p>Bolsa: <i>Social Science Research Council Travel Grant</i></p> <p>Curso no NYBG: <i>Entomology</i>, Prof. Robert Kennedy</p> <p>Como presidente do <i>Seminar Brazil</i>, Warren Dean idealizou a reunião do dia 10 de fevereiro, cujo palestrante foi Ghillelan T. Prance: “Utilization and Conservation in Amazônia”.</p> <p>Dia 14 de Junho esteve em Santa Tereza (ES), ocasião em que entrevistou Augusto Ruschi.</p> <p>Dia 15 de Junho esteve em Vitória (ES), ocasião em que entrevistou Paulo Fraga.</p>	<p>Um estudo realizado pela Agência de Proteção Ambiental dos EUA e o resultado do <i>National Academy of Sciences</i> são notícias de primeira página no <i>New York Times</i> e <i>The Globe and Mail</i>, e lançam o debate público sobre o que era então conhecido como o efeito estufa e, mais tarde chamado de aquecimento global;</p> <p>Membros anti-ambientais do gabinete do presidente Reagan, James Watt, do Interior, e Anne Goresuch da EPA, renunciam sob pressão do público;</p> <p>Congresso dos EUA aprova <i>Lei de Proteção Internacional do Meio Ambiente</i>;</p> <p>William Cronon publica <i>Changes in the Land: Indians, Colonists, and the Ecology of New England</i>. Warren Dean se baseou neste livro em suas pesquisas de história ambiental;</p> <p>No Brasil, inicia-se uma grande campanha pelas eleições diretas para a presidência da República.</p>

	<p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Capítulo: “Deforestation in Southeastern Brazil”. In: TUCKER, Richard and Richards, J. F., eds. <i>Global Deforestation and the Nineteenth-Century World Economy</i>;</p> <p>2 - Comment “Slavery in a Nonexport Economy.” II.</p> <p>3 – Resenha: <i>Underdevelopment and Development in Brazil</i>. Volume 1, <i>Economic Structure and Change, 1822-1947</i>; volume 2, <i>Reassessing the Obstacles to Economic Development</i>, de Nathaniel H. Leff</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1983-1984:</u></p> <p>History of Latin America; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the Caribbean.</p>	
1984	<p>Warren Dean membro do corpo editorial da revista HAHR;</p> <p>Documento de solicitação de Bolsa ao <i>The Wilson Center</i> para o desenvolvimento do projeto de pesquisa: “History of the Brazilian Atlantic Coastal Forest”;</p> <p>Curso no NYBG: <i>Basic Botany</i>, prof. Leo M. Alves</p> <p><u>Publicação:</u></p> <p>1 – Artigo: “Indigenous Populations of the São Paulo-Rio de Janeiro Coast: Trade, Aldeamento, Slavery and Extinction”. <i>Revista de História</i>, n.117: 3-26, São Paulo.</p> <p>2 – Resenha: “The Amazon Rubber Boom, 1850-1920”, de Barbara Weinstein;</p> <p>3 – Resenha: “The Struggle for Land”, de Joe Foweraker</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1984-1985:</u></p> <p>History of Latin America; Man Against Nature; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the</p>	<p>Fundação nos EUA da <i>Northeastern Association of Brazilianists</i>, a primeira associação profissional de brasilianistas no país;</p> <p>A <i>Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento</i> é criada, dirigida por Gro Harlem Brundtland;</p> <p>No Brasil, uma campanha por eleições diretas para presidente da República agita o país. Emenda à Constituição é votada com esse objetivo, mas não consegue ser aprovada no Congresso. O fim do regime militar é iminente.</p>

	Caribbean.	
1985	<p>Bolsa: <i>John Carter Brown Library</i>, para desenvolver a pesquisa: “History of the Brazilian Atlantic Coastal Forest”</p> <p>Cursos no NYBG: Verão: <i>Plant Forms & Function</i>, prof. Leo M. Alves; Outono: <i>Systematic Botany</i>, prof. Joseph Beitel;</p> <p>Entrevista concedida à Maria Luiza Nabinger. A entrevista só foi publicada na Revista de História em 1995, no Dossiê <i>Warren Dean</i> organizado pela profa. Maria Lígia Coelho Prado;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Coordenador. <i>Et al. Diplomatic Claims: Latin American Historians View the United States</i>. Lanham MD: University Press of America. Neste livro, publicou uma tradução do artigo de L.A. Moniz Bandeira, “Getúlio Vargas and the United States: two confrontations”;</p> <p>2 – Artigo: “Forest Conservation in Southeastern Brazil, 1900 to 1955”. <i>Environmental Review</i>, vol. 9, n. 1 (Este texto foi a base dos capítulos 10 e 11 do livro <i>With Broadax and Firebrand</i>, 1995)</p> <p>3 – Capítulo: “Las poblaciones indígenas del litoral brasileño de São Paulo a Rio de Janeiro: comercio, esclavitud, reducción y extinción”. In: Nicolas Sánchez-Albornoz. <i>Población y mano de obra en América Latina</i>.</p> <p>Disciplina ministrada no Departamento de História da USP, curso de Pós-Graduação – Coordenadora do programa de Pós-Graduação de História Social – Profa. Maria Luíza Marcílio:</p> <p>“História e Ecologia: história do conservacionismo no Brasil”. Programa do curso:</p> <p>1 – Conceitos de ecologia-ecossistemas, energia, produtividade, reciclagem, evolução e climax; meio ambiente natural e</p>	<p>Convenção de Viena para a proteção da Camada de Ozônio;</p> <p>Agentes secretos franceses afundam o navio do Greenpeace, Rainbow Warrior na doca na Nova Zelândia, matando um fotógrafo e desencadeando um protesto mundial;</p> <p>Congresso escolhe Tancredo Neves que morre antes de assumir a presidência; assume o vice José Sarney.</p>

	<p>a evolução cultural humana;</p> <p>2 – Ecologia e história, interações do homem e natureza, alguns enfoques na historiografia recente;</p> <p>3 – História e meio ambiente natural brasileiros, origens da problemática ecologista;</p> <p>4 – História das crises ambientais contemporâneas; ecossistemas, economia e sociedade de classes;</p> <p>5 – Governo, estado e nação na formulação da política ambiental; modelos e programas nacionais;</p> <p>6- Comunidade, democratização, liberação e a sobrevivência da natureza; a convergência de propósitos.</p>	
1986	<p>Neste ano, Warren Dean recebeu um certificado no NYBG em Botânica;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Capítulo: “The brazilian economy. 1870-1930”. In: BETHELL, Leslie. <i>The Cambridge History of Latin America, vol. V, c. 1870 to 1930</i>. (Traduzido e publicado em <i>História da América Latina</i>, Vol. V, Leslie Bethell, 2002);</p> <p>2 – Artigo: “A floresta como fonte de energia na urbanização e na industrialização de São Paulo: 1900-1950”. In: <i>Anais do 1º Seminário Nacional de História e Energia</i>. Eletropaulo, 1986, pp. 41-55. De acordo com Maria Luiza Nabinger de Almeida, Warren Dean já havia pesquisado este assunto em 1979.</p> <p>3 – Resenha: “<i>Adventures and Proletarians: the story of Migrants in Latin America</i>”, de Magnus Morner e Harold Sims;</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1986-1988:</u></p> <p>History of Latin America; Man Against Nature; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the Caribbean; History of Multinational Corporations.</p>	<p>Explosão e incêndio em um reator nuclear em Chernobyl, na Ucrânia, ejeta cerca de sete toneladas de material radioativo para a atmosfera, causando o pior acidente nuclear civil;</p> <p>No Brasil, plano Cruzado fracassou; criação de Centrais Sindicais.</p> <p>Alfred Crosby publica <i>Imperialismo ecológico</i>.</p>
1987	<p>Publica o livro <i>Brazil and the Struggle for Rubber: a study in environmental history</i>. Cambridge University Press;</p> <p><u>Outras publicações:</u></p>	<p>A população mundial atinge 5 bilhões, dobrando em menos de 40 anos;</p> <p>O Relatório Brundtland, <i>Nosso Futuro Comum</i>, publicado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, populariza o</p>

	<p>1 – “Latin America and the Caribbean in New York City: classroom resources for teaching social studies”. Center for Latin American and Caribbean Studies, CLACS, New York University;</p> <p>2 – Artigo: “O Village já foi brasileiro”. In: <i>Folha de S. Paulo</i>, A – 31, 13 de maio de 1987.</p>	<p>conceito de “desenvolvimento sustentável”;</p> <p>No Brasil, novo plano econômico: Plano Bresser.</p>
<p>1988</p>	<p>Warren Dean concede entrevista a José Carlos Sebe Bom Meihy para o livro <i>A Colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica</i>;</p> <p>Warren Dean sugeriu a realização anual do <i>Seminar Brazil</i> na Universidade de Nova York. O primeiro encontro foi em novembro de 1988, no qual Warren Dean e sua aluna de doutorado, Sueann Caulfield, fizeram uma palestra sobre sua investigação conjunta, intitulada “A produtividade nas plantações de café do Oeste Paulista”, discutindo questões como trabalho, capital, a competência administrativa dos proprietários de terras brasileiras e a persistência do latifúndio (6º capítulo do livro <i>Rio Claro</i> e dois capítulos do livro de Thomas Holloway);</p> <p>Reunião do <i>Seminar Brazil</i> do dia 28 de janeiro: palestrante: Bárbara Weinstein “Rubber Tappers and Merchants in the Amazon, 1850 – 1920”. Warren Dean foi o debatedor.</p> <p>Publicação da resenha: “Cafeicultura: Homens, mulheres e capital (1850-1980)”, de Verena Stolcke;</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU no ano letivo de 1988-1990:</u></p> <p>History of Latin America; Man Against Nature; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the Caribbean.</p>	<p>As Nações Unidas criam o <i>Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática</i>;</p> <p>No Brasil, aprovação, na Constituição Federal de 1988, de um capítulo específico destinado ao meio ambiente, um marco importante de reconhecimento da Mata Atlântica como patrimônio nacional.</p> <p>Chico Mendes, seringueiro e ativista brasileiro é morto por fazendeiros.</p>
<p>1989</p>	<p>Publicada a edição brasileira do livro sobre a Amazônia: <i>A luta pela borracha no Brasil: um estudo de história ecológica</i>. São Paulo: Nobel;</p> <p>Conferência no <i>Instituto de Estudos Avançados</i> da USP, no dia 21 de junho: “A Botânica e a Política Imperial”;</p>	<p>O petroleiro Exxon Valdez bate no Alasca, despejando 76.000 toneladas de petróleo no mar, causando o maior vazamento de óleo da América do Norte;</p> <p>O G-7 coloca o meio ambiente na agenda;</p> <p>Congresso americano vota para deter desflorestamento na Tsongass Alaska National</p>

<p>Curso no NYBG: <i>Plant Physiology</i>, prof. Leo M. Alves;</p> <p>De acordo com um relatório de 27 de setembro, enviado à Dean C. Duncan Rice, ao que parece, secretária da NYU, Warren Dean realizou atividades durante o período sabático:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fevereiro: viajou pela Argentina, onde realizou pesquisa na área ambiental; - De março a junho, foi um <i>Senior Fulbright Lecturer</i> na Univ. Federal Fluminense, onde fez palestras sobre história da agricultura, com destaque para a aplicação da ciência na agricultura brasileira; realizou pesquisa de campo (história da introdução e controle de doenças e pestes no café); - Trabalhou na tradução do livro sobre a borracha; - Fez palestras por universidades de SP e RJ; contato com pesquisadores e cientistas interessados em política e história ambiental; - Fez duas viagens de campo para reservas florestais: Itatiaia, no RJ, e Morro do Diabo, interior de SP. Neste, encontrou e fotografou um dos macacos mais raros do mundo, o <i>black lion tamarin</i> (mico-leão-preto), endêmico nesta reserva. Este foi o tema de uma palestra dada para o Programa de Educação para a Conservação Ambiental. - Orientou 4 alunos de doutorado; - Continuou trabalhando no livro sobre a Mata Atlântica. Terminou o quarto capítulo e começou o quinto; - Retornou para os EUA em julho. <p>Reunião do <i>Seminar Brazil</i> do dia 16 de novembro: Palestrante: Herbert Klein, “The integration of European Immigrants in Brazil: 1880-1950”.</p> <p>Entrevista: “Meio Ambiente sofre intervenção da metrópole”. <i>Folha de S. Paulo</i>, Letras, p. 07, 25 de novembro de 1989.</p> <p><u>Outras publicações:</u></p> <p>1 – Capítulo: “Economy”. In: <i>Brazil: Empire And Republic, 1822-1930</i> / Editado por Leslie Bethell.</p>	<p>Forest, a última floresta temperada nos EUA;</p> <p><i>Declaração da Amazônia</i>: assinada pelo Brasil, Bolívia Colômbia, Equador, Suriname, Peru, Guiana e Venezuela, em apoio ao trabalho da Comissão Especial do Meio Ambiente da Amazônia;</p> <p>Queda do muro de Berlim dá início ao fim da Guerra Fria;</p> <p>No Brasil, novo plano econômico: plano Verão (Cruzado Novo)</p>
---	---

	<p>2 – Artigo: “The Green Wave of coffee: beginnings of tropical agricultural research in Brazil (1885-1900)”;</p> <p>3 – Capítulo: “Industriales y oligarquía en el desarrollo de São Paulo”. In: Mario Cerutti y Menno Vellinga. <i>Burguesías e industria en América Latina y Europa meridional</i>;</p> <p>4 – Resenha: “Trem fantasma. A modernidade na selva”, de Francisco Foot Hartman;</p> <p>5 – Resenha: “External Constraints on Economic Policy in Brazil, 1889-1930”, de Winston Fritsch.</p>	
1990	<p>Entrevista publicada: “<i>Warren Dean: um brasileiro</i>”. Ângela de Castro Gomes; José Augusto Drummond. In: <i>Estudos Históricos</i>, Rio de Janeiro, n. 5.</p> <p>Segunda reunião do Seminar Brazil na NYU. Tópico da palestra: "Vinte e Cinco Anos de Música Popular Brasileira Contemporânea: Política, Sociedade e Cultura". Apresentador Professor Charles Perrone, da Universidade da Flórida.</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – "The Frontier in Brazil," in <i>Frontier in Comparative Perspectives: The United States and Brazil</i>, ed. Janaina Amado, Woodrow Wilson Center Latin American Program, paper nº. 188 (Washington, D.C.: Woodrow Wilson International Center for Scholars, 1990), 15-27;</p> <p>2 – Comunicação: “The rubber development schemes of the United States in the Brazilian Amazon, 1939-1956”. In: <i>Floresta 90. Simpósio Internacional de Estudos Ambientais em Florestas Tropicais Húmidas</i>, 1, Manaus. Anais, Rio de Janeiro, pp. 262-267.</p> <p>3 – Entrevista: <i>The Legacy of the Rain Forest</i>. Debbie Schupack. <i>New York University. Alumni News Magazine</i>. Spring, 1990.</p> <p>4 - Resenha: “The Commerce in Rubber: The First 250 Years”, de Austin Coates;</p> <p>5 – Resenha: “Brazil: The Forging of a</p>	<p>A população mundial é estimada em 5,3 bilhões.</p> <p>A Segunda Conferência Mundial do Clima. Relatório das Nações Unidas sobre mudanças climáticas adverte sobre o aumento da temperatura global, recomenda a redução das emissões de CO2 em todo o mundo;</p> <p>Instituto Gallup: 76% dos americanos se dizem “ambientalistas”;</p> <p>No Brasil, Fernando Collor assume como presidente; Novo Plano: Plano Collor (Cruzeiro);</p> <p>Reunião nacional sobre os ecossistemas naturais da Mata Atlântica ou, como ficou conhecida, Workshop Mata Atlântica, realizado em Atibaia, em 1990, coordenado pela Fundação SOS Mata Atlântica. Reuniu diversos pesquisadores e especialistas em conservação no Brasil.</p>

	<p>Nation, 1798-1852”, de Roderick J. Barman;</p> <p>6 – Resenha: “Death and Hype in Amazonia”. In: <i>Wall Street Journal</i>, 12 de Julho de 1990, resenha do livro <i>The burning Season</i>, de Andrew Revkin.</p> <p>Nos anos letivos de 1990 a 1992, Warren Dean foi <i>Chair</i> do Departamento de História da NYU. Cursos: History of Latin America; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the Caribbean.</p>	
1991	<p>Tornou-se um <i>Fellow of the Royal Geographical Society</i>;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “A botânica e a política imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil”;</p> <p>2 – Verbete: “The last (guaranteed absolutely last) Frontier” In: <i>NACLA Reporto n the Américas</i>, Vol. 25, Nº 4, setembro, 1991.</p> <p>3 – Resenha: “Coffee, Contention, and Change: In the Making of Modern Brazil”, de Mauricio A. Font; Charles Tilly.</p>	<p>A Guerra do Golfo leva ao maior derramamento de petróleo do mundo.</p> <p>Tratado de Assunção cria o Mercosul – Mercado Comum do Sul;</p> <p>Fim da URSS;</p>
1992	<p>No Outono deste ano foi concedido um ano sabático, durante o qual Warren Dean morou em São Paulo, com a finalidade de atualizar seu material sobre a história do desmatamento no Brasil e escrever um manuscrito sobre o assunto.</p> <p>Entrevista com Antonio Carlos Macedo, Fundação Florestal, em São Paulo no dia 26 de outubro.</p> <p>Entrevista com o Tenente da Polícia Militar Wagner, 1º Batalhão da Polícia Florestal, em São Paulo no dia 02 de novembro.</p> <p><u>Publicações:</u></p> <p>1 – Artigo: “A botânica e a política imperial: introdução e adaptação de plantas no Brasil colonial e imperial”. <i>Revista do Instituto de Estudos Avançados</i>, USP.</p> <p>2 – Artigo: “Revolução Ambiental e o papel</p>	<p>Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento; Rio de Janeiro – <i>ECO 92</i></p> <p>Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento;</p> <p><i>Declaração sobre as Florestas</i>. Inicialmente visto como uma convenção obrigatória de preservação das florestas, o consenso quebrou quando os EUA tentaram confinar o acordo para as florestas tropicais;</p> <p><i>Agenda 21</i>: um projeto para tornar o desenvolvimento social, econômica e ambientalmente sustentável;</p> <p>Convenção sobre Biodiversidade; Convenção sobre Mudanças Climáticas;</p> <p>“Environmental Justice Act de 1992” de autoria dos congressistas John Lewis e Al Gore, ambos democratas.</p>

	<p>das Ongs”. In: 2º Congresso Nacional sobre Essências Nativas, 29/03/92 – 03/04/92;</p> <p>3 – Capítulo: “The tasks of Latin American Environmental History”. In: STEEN, Harold K, TUCKER, Richard P. <i>Changing Tropical Forests. Historical perspectives on today's challenges in central & south America</i>. Proceedings of conference sponsored by The Forest History Society and IUFRO Forest History Group. USA, Forest History Society.</p> <p><u>Cursos oferecidos na NYU nos anos letivos de 1992-1994:</u></p> <p>History of Latin America; Human Relation to the Environment; History of Contemporary Latin America; History of Brazil; History of the Caribbean; Seminar: Latin América.</p>	<p>No Brasil, Impeachment de Fernando Collor. Assume o vice Itamar Franco</p>
<p>1993</p>	<p>De acordo com relatório anual destinado à “Budget Committee” em 23 de março de 1994, referente ao ano de 1993:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Warren Dean submeteu a monografia “With Broadax and Firebrand” para a Univ. Califórnia Press, que aceitou, contrato assinado, fase de edição; previsão de publicação: janeiro de 1995; - Esboço apresentado à Cambridge Univ. Press, que aceitou, contrato assinado. Fase de pesquisa a ser completada em 1995: “A contemporary Environmental History of Latin América”; <p>Reuniões do <i>Seminar Brazil</i>:</p> <p>Do dia 15 abril: Palestrante: Margaret Keck, “Política Ambiental no Brasil”;</p> <p>Do dia 13 de maio: Palestrante: Ronald Schneider “Brazil in Purgatory”;</p> <p><u>Publicações:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> 1 – Resenha, “Unequal Giants: Diplomatic Relations between the United States and Brazil, 1889-1930”, de Joseph Smith; 2 – Informativo: Inter-American Notes - 	<p>A pior enchente registrada na história afeta os rios Mississippi e Missouri.</p> <p>British Columbia é atingido por grandes protestos contra o desmatamento em florestas nativas.</p> <p>Clinton assina documento de restrição da exploração de madeira em florestas nativas. FCH – ministro da Fazenda / Plano FHC (Cruzeiro Real)</p>

	<p>Warren Dean, V. C. P., J. D. R., Magnus Mörner, Richard Salvucci, Helen Rand Parish, E. J. S., B. A. T., Kendall W. Brown, J. S. S;</p> <p>3 – Resenha: “The Green Cathedral: Sustainable Development of Amazonia. A Twentieth Century Fund Book”, de Juan de Onis.</p> <p>De acordo com o relatório anual entregue ao Budget Committee, Warren Dean ofereceu os seguintes cursos na NYU:</p> <p>Pós-Graduação: Environment and Development in Latin America (o primeiro curso de história ambiental que Warren Dean ofereceu em nível de pós-graduação); History of Latin America; PhD Seminar in Latin American History; PhD Seminar in Latin América;</p> <p>Graduação: Undergraduate Seminar in Latin American History; History of the Human Relationship to the Environment.</p>	
<p>1994</p>	<p>Em relatório, para o Presidente da NYU, Jay Oliva, em Janeiro de 1994, Warren Dean relata que estava começando a trabalhar com a História Ambiental em nível de pós-graduação, tendo trabalhado com este tema num Colloquium.</p> <p><i>NEH Travel Fellowship</i></p> <p>Reuniu-se com outros colegas para uma recepção do presidente Luis Inácio Lula da Silva em Nova York;</p> <p><u>Publicação:</u></p> <p>1 – Resenha: “Amazon Conservation in the Age of Development: The Limits of Providence”, de Ronald A. Foresta.</p> <p>Warren Dean morre no Chile dia 21 de maio, devido a um vazamento do sistema de gás do apartamento onde estava hospedado. Estava no Chile para cumprir a última fase da pesquisa para um livro sobre a História Ambiental da América Latina contemporânea;</p> <p>Em 2003, Warren Dean foi condecorado com a “Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul”, na cerimônia presidida pelo</p>	<p>A <i>World Conservation Union</i> emite uma Lista Vermelha de espécies ameaçadas de extinção.</p> <p>A <i>Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento no Cairo</i>.</p> <p>Eleição de Fernando Henrique Cardoso;</p>

	embaixador brasileiro em Washington, Carlos Augusto Santos Neves.	
1995	<p>Publicação póstuma da obra que o consagraria como um Historiador Ambiental: <i>With Broadax and Firebrand: The destruction of the Brazilian Atlantic Forest</i>. Berkeley: University of California Press;</p> <p>Publicação da tradução: “A conservação das florestas no sudeste do Brasil, 1900-1955”. <i>Revista de História</i>, São Paulo, n. 133, p. 103-116. (Escrito em 1985)</p>	De acordo com Angela Mertig e Dunlap Riley, o ambientalismo é “um dos movimentos contemporâneos de maior sucesso nos EUA e na Europa Ocidental”, publicado no <i>Jornal Internacional de Pesquisa de Opinião Pública</i> (“Aprovação Pública de Proteção Ambiental. <i>IJPOR</i> 7, n° 2, 1995 p.145).
1996	<p>Edição brasileira: <i>A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira</i>. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.</p> <p>O livro ganhou o prêmio <i>George Perkins Marsh Prize</i> da American Society for Environmental History, como o melhor livro do campo de história ambiental publicado durante o biênio 1995-1996;</p> <p>Menção honrosa do Latin American Studies Association no Association’s Bryce Wood Book Award competition.</p> <p>Prêmio <i>Herbert E. Bolton Prize</i>;</p> <p>Foram publicados três verbetes escritos por Warren Dean (“Brazil 1808-1889, Forests, Rubber Industry”) In: TENENBAUM, Barbara A. <i>Encyclopedia of Latin American History and Culture</i>, 5 vols. New York: Scribner's: Macmillan Library Reference USA, 1996.</p>	
1999	Publicação: Capítulo: “The First Wave”. In: <i>The Brazil Reader: History, Culture, Politics</i> . Robert M. Levine, John J. Crocitti (org.). Durham: Duke University Press, 1999, pp. 33-37. (Trechos do capítulo 2 de “A ferro e fogo”).	

ANEXO A – Cursos oferecidos por Warren Dean no Departamento de História da New York University, no período de 1973 a 1994

ANO LETIVO	CURSOS DE HISTÓRIA/ AREA DE HUMANIDADES
1973 – 1974	<p>General:</p> <p>HISTORY OF UNITED STATES – LATIN AMERICAN RELATIONS</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN AREA <u>Ementa:</u> History of the Caribbean from Columbus to Castro. History of island “paradise”; slavery, piracy, plantations, American interventions, emigration, revolutions, Background of current political and economic problems in the West’s oldest colonial area, newest nation states. Special reference to Puerto Rico.</p> <p>Environmental History:</p> <p>HISTORY OF MAN’S RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL. <u>Ementa:</u> The impact of man on the biosphere (and vice-versa) since the discovery of fire. Fundamentals of human experience, such as farming techniques, disease prevention, energy production, demographic growth are explored as background to the present crisis.</p> <p>SEMINARS: American History:</p> <p>SEMINAR: LATIN AMERICA (responsáveis: Warren Dean, Nicholas Sanchez-Albornoz e John E. Fagg);</p>
1974-1975 e 1975-1976	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA TO 1825 (To be given in 1974-1975 and 1975-1976) <u>Ementa:</u> A survey of the colonial period in Latin America with its introduction of Spanish, Portuguese, and other influence culminating in the revolts for independence.</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA SINCE 1825 (To be given in 1974-1975 and 1975-1976) A survey of the growth of nationhood in Latin America. Attention is given to the American and European political and economic and modern efforts to gain full freedom.</p> <p>HISTORY OF MAN’S RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL (To be given in 1975-1976)</p> <p>American History:</p> <p>HISTORY OF UNITED STATES – LATIN AMERICAN RELATIONS (To be given in 1974-1975)</p>

	<p><i>Third World:</i></p> <p>HISTORY OF BRAZIL (To be given in 1974-1975)</p> <p><i>Seminars: Third World:</i></p> <p>SEMINAR: LATIN AMERICA (To be given in 1974-1975 and 1975-1976) - (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p>
<p>1976-1977 e 1977-1978</p>	<p>HISTORY OF LATIN AMERICA SINCE 1825 (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p> <p>HISTORY OF MAN'S RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL</p> <p><i>American History:</i></p> <p>HISTORY OF UNITED STATES – LATIN AMERICAN RELATIONS</p> <p><i>Third World:</i></p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>THE EMERGENCE OF MULTINATIONAL CORPORATIONS</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN AREA</p> <p><i>Seminars</i></p> <p>SEMINAR: LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p>
<p>1978-1979</p>	<p><i>Introductory Courses:</i></p> <p>LATIN AMERICA TO 1825 <u>Ementa:</u> Beginning with a survey of the Indian civilizations and the historical evolutions of Spain and Portugal, the course covers the discovery and conquest of America. Institutions and social conditions come under analysis, and changes in the imperial structure receive treatment causes and course of the Wars of Independence conclude the course. One midterm, a take-home examination, and a final examination. (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p> <p>LATIN AMERICA SINCE 1825 <u>Ementa:</u> After treating the political, social and economic problems of the new nations in the fifteenth century, the course focuses on the national histories of the major nations in the twentieth century. International affairs receive considerable emphasis as intervention and investments affect the nations of Latin America. (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p> <p>HISTORY OF THE HUMAN RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL</p> <p><i>American History:</i></p> <p>HISTORY OF UNITED STATES-LATIN AMERICAN RELATIONS</p> <p><i>Third World:</i></p>

	<p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg); <u>Ementa:</u> Aspects of Latin American history and society from 1930 to the present. Context of world economic and political change: decolonization, cold war, emergence of third world blocs. Internal changes: rapid population growth, urbanization, social structural change. The drive for economic development. Revolutionary movements and counterrevolution, economic and political dependency.</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN <u>Ementa:</u> The Antilles and the Guianas, from Columbus to the present. A survey emphasizing economic and social structures and the problem of colonialism. The objective is to provide understanding of present-day struggles of decolonization, economic development and social revolution. Midterm and final or term paper. If class size warrants, will play simulation.</p> <p>Seminars:</p> <p><i>American:</i></p> <p>SEMINAR: UNITED STATES-LATIN AMERICAN RELATIONS <u>Ementa:</u> A different theme is proposed each time a course is offered. (e.g. Latin America in World War II, Impact of Cold War, Drive for Economic Development). Students study aspects of the theme, in a seminar setting, and present individual or joint papers. Research in primary sources is encouraged. Use of the library as a research tool and presentation of research results are given to students who have completed two courses in Latin American history or area studies.</p>
1979-1980	<p><i>Introductory Courses:</i></p> <p>LATIN AMERICA TO 1825 (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p> <p>LATIN AMERICA SINCE 1825 (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg);</p> <p>Advanced Lecture Courses</p> <p><i>European History:</i></p> <p>HISTORY OF MULTINATIONAL CORPORATIONS <u>Ementa:</u> History of international trade and investment from East India Company to the present. Include history of the corporate form, tariff policy, patents, finance, relationship to the development of the nation-state and to the problem of imperialism.</p> <p><i>Third World:</i></p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e John E. Fagg)</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN <u>Ementa:</u> The Antilles and the Guianas, from Columbus to the present. A survey emphasizing economic and social structures and the problem of colonialism. The objective is to provide understanding of present-day struggles of decolonization,</p>

	<p>economic development and social revolution. Midterm and final or term paper. If class size warrants, will play simulation.</p> <p>Seminars:</p> <p>SEMINAR: THE INDIVIDUAL AND SOCIETY IN THE CUBAN REVOLUTION <u>Ementa:</u> Studies the Marxist critique of bourgeois social relationships and the Marxist theory of a “new socialist man” in post-revolutionary society. The idea that the abolition of class distinctions and private property would enable men and women to experience their fullest human essence to “return to themselves”, is the underpinning of Marx’s humanism, and appears in his earliest writings: “This communism, as fully developed naturalism, equals humanism, and as fully developed humanism, equals naturalism; it is the genuine resolution of the conflict between man and nature and between man and man – the true resolution of the strife between existence and essence, between objectification and self-confirmation, between freedom and necessity, between the individual and the species”. This affirmation has been of central importance to the Cuban experience which has observed the relevance of individual self-realization to the economic success and political development of the revolution. Indeed, the Cuban Revolution may be regarded as a remarkable experiment in the self-conscious application of moral and philosophical principles to every area of human endeavor, with lessons to be derived concerning human potentialities and needs, and the proper environment for their realization. Students read the classic texts of Marxist philosophical and social analysis, and those of the Cuban nationalist revolutionary tradition. They then read Cuban and other commentators who have debated the application of Marxist principle in the Cuban Revolution.</p> <p>SEMINAR: UNITED STATES-LATIN AMERICAN RELATIONS <u>Ementa:</u> A different theme is proposed each time a course is offered. (e.g. Latin America in World War II, Impact of Cold War, Drive for Economic Development). Students study aspects of the theme, in a seminar setting, and present individual or joint papers. Research in primary sources is encouraged. Use of the library as a research tool and presentation of research results are given to students who have completed two courses in Latin American history or area studies.</p>
1980-1981	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA This is an introductory survey. The lectures will deal with the whole range of Latin American history, from 1492 to the present. Emphasis will be given to social organization, systems of production, power structures, and their transformations. There are no prerequisites and no prior knowledge of the area is assumed.</p> <p>HISTORY OF THE HUMAN RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL.</p> <p>General History:</p> <p>HISTORY OF MULTINATIONAL CORPORATIONS</p> <p>Third World:</p>

	<p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
1981-1982	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>HISTORY OF THE HUMAN RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL.</p> <p>General History:</p> <p>HISTORY OF MULTINATIONAL CORPORATIONS</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
1982-1983	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>HISTORY OF THE HUMAN RELATION TO NATURAL ENVIRONMENTAL.</p> <p>General History:</p> <p>HISTORY OF MULTINATIONAL CORPORATIONS</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
1983-1984	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>Third World</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p><u>Ementa:</u> Historical interpretations of the social and political realities of one of the world's largest nations. Brazil represents a melding of Amerindian, European, and African cultures. Its diversity, uniqueness, vivacity of spirit, and economic dynamism have always powerfully attracted the world's attention and its</p>

	<p>contemporary crises are of immense world-wide significance. Students are introduced to Brazilian diplomatic, intellectual, journalistic, artistic, cinematic, culinary, and other representatives in New York.</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
1984-1985	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>MAN AGAINST NATURE: <u>Ementa:</u> The history of the human relation to the environmental and the impact of man on the biosphere (and vice-versa) since the discovery of fire. Fundamentals of human experience, such as farming techniques, disease prevention, energy production, demographic growth are explored as background to the present crisis.</p> <p><u>Observação:</u> houve uma alteração no título do curso de história ambiental;</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
1986-1988	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>MAN AGAINST NATURE</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p> <p>General History:</p> <p>HISTORY OF MULTINATIONAL CORPORATIONS</p>
1988-1990	<p>Introductory Courses:</p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>V57.0090 MAN AGAINST NATURE</p> <p>Third World:</p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p>

	<p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
<p>1990 -1992</p> <p>Warren Dean foi Chair do Departamento</p>	<p><i>Introductory Courses:</i></p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p><i>Third World:</i></p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA (Responsáveis: Warren Dean e Nicholas Sanchez-Albornoz);</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p>
<p>1992-1994</p>	<p><i>Introductory Courses:</i></p> <p>HISTORY OF LATIN AMERICA</p> <p>HUMAN RELATION TO THE ENVIRONMENT</p> <p><i>Third World:</i></p> <p>HISTORY OF CONTEMPORARY LATIN AMERICA</p> <p>HISTORY OF BRAZIL</p> <p>HISTORY OF THE CARIBBEAN</p> <p><i>Seminars:</i></p> <p>SEMINAR: LATIN AMERICA <u>Ementa:</u> Discussion centers on the economic and social history of Latin America (colonial and independent period). Students write a paper on a specific aspect chosen after consultation with the instructor. The paper is summarized in class and then discussed by seminar participants. The broad areas from which the topics may be selected are: population trends and movements, racial and class divisions, labor systems, basic productive activities, trade, transportation, economic role of the Church.</p>

ANEXO B – Curso interdepartamental oferecido na New York University:

Cursos de natureza multidisciplinar que abrangem assuntos significativos e que, normalmente, podem ser estudados em mais de um departamento. Esses cursos não exigiam pré-requisitos e a progressão não refletia grau de dificuldade.

ANO LETIVO	CURSO INTERDEPARTAMENTAL
1975	<p>MAN AND NATURE: AN INTRODUCTION TO THE SCIENCES</p> <p>Oferecido pelos departamentos de Biologia (incluindo-se Geologia), Química e Física.</p> <p><u>Ementa:</u> An exploration of the universe and man as a part of it. A novel course designed for those whose previous encounter with science was not necessarily a happy one, but who enjoy learning through first-hand investigation and from each other. Workshops, films, lectures, and discussions develop the student's awareness and immediate sensory experience of the earth and its living things by exploring such questions as: How many years does a mountain exist before it is washed to the sea? What do we know about rhythms in nature? How should life be defined? Is the universe finite in space and time? Why do we believe in atoms? What are the ecological limits of the earth? What are the limits of scientific knowledge?</p>